BRYAN CHAPELL

Pregação Cristocêntrica



Restaurando o sermão expositivo
Um guia prático e teológico para a pregação bíblica

"O melhor livro que já li sobre esse assunto."
R. C. SPROUL



Pregação Cristocêntrica

Restaurando o sermão expositivo
Um guia prático e teológico para a pregação bíblica

Uma perspectiva completa dos alvos e métodos do sermão expositivo, com seções sobre sermões para casamentos, funerais e ocasiões evangelísticas - recursos difíceis de encontrar. O livro expõe aos alunos o propósito redentivo de toda a Escritura enquanto comunica o método expositivo de pregação.

"Ferramenta extraordinária para o curso de homilética. O melhor livro que já li sobre esse assunto."

R.C. Sproul

"Pregação Cristocêntrica é um guia profundo, equilibrado e útil sobre o que a pregação expositiva já foi e ainda pode se tornar. A última parte, discutindo uma teologia de mensagens Cristocêntricas, é uma contribuição nova e muito necessária."

James Montgomery Boice

"O plano da obra é lógico, o esboço é claro, a percepção da comunicação é inteligente e eu gosto da teologia e da preocupação prática que transparecem no livro todo. A pregação confortadora segundo o padrão apresentado aqui certamente será edificante."

J. I. Packer

Bryan Chapell (Ph.D., Southern Illinois University) tornou-se professor de Homilética após dez anos de ministério pastoral. É também professor e presidente do Covenant Theological Seminary. Prega e ensina regularmente em todo o mundo.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Junior, 382/394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 3207-7099 – Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br
0800-141963

ISBN 858688647-5
9 788586 886478

Homilética/Doutrina/Estudo bíblico

À minha esposa, Kathy,
pelo amor, família, lar e amizade
que a graça do Senhor nos permitiu compartilhar.

Pregação Cristocêntrica © 2002, Editora Cultura Cristã. © 1994, Brian Chapell. Originalmente publicado em inglês com o título *Christ-Centered Preaching,* pela Baker Books, uma divisão da Baker Books House Company, Grand Rapids, Michigan, 49516, USA. Todos os direitos são reservados.



Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira, Aproniano Wilson de Macedo, Fernando Hamilton Costa, Mauro Meister, Ricardo Agreste, Sebastião Bueno Olinto.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Junior, 382/394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 3207-7099 – Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br
0800-141963

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

ÍNDICE

Prefácio 09
Agradecimentos 13

PARTE 1 PRINCÍPIOS PARA A PREGAÇÃO EXPOSITIVA

1 Palavra e Testemunho 17
2 Obrigações do Sermão 37
3 A Prioridade do Texto 55
4 Os Componentes da Exposição 83

PARTE 2 PREPARAÇÃO DE SERMÕES EXPOSITIVOS

5 O Processo de Explicação 107
6 Esboço e Estrutura 137
7 O Modelo de Ilustração 177
8 A Prática da Aplicação 217
9 Introduções, Conclusões e Transições 247

PARTE 3 UMA TEOLOGIA DE MENSAGENS CRISTOCÊNTRICAS

10 Uma Abordagem Redentora da Pregação 285
11 Desenvolvendo Sermões Redentores 313

APÊNDICES

1 Oratória, Vestuário e Estilo 341
2 Divisões e Proporções 359
3 Métodos de Preparação 361
4 Métodos de Apresentação 363
5 Leitura da Bíblia 367
6 Mensagens Nupciais 371
7 Mensagens Fúnebres 375
8 Mensagens Evangelísticas 379
9 Recursos de Estudo 383
10 Forma de Avaliação de Sermão de Prova 391

Bibliografia 393
Índice 405

Lista de Figuras

1.1 Componentes de uma Mensagem do Evangelho 27
4.1 Uma Informação Prioritária da Mensagem 84
4.2 Uma Exposição Prioritária da Mensagem 85
4.3 Exposição Equilibrada da Espiral Dupla 92
4.4 Variações dos Componentes da Exposição 93
5.1 Esquema Mecânico Tradicional de 2Tm 4.1,2 116
5.2 Esquema Mecânico Alternativo de 2Tm 4.2 117
6.1 Exemplos de Esboço com Erro Coexistente 171
6.2 Pontos Secundários 171
7.1 Perspectiva da Ilustração Espiral Dupla 177
8.1 O Sermão como Alavanca da Aplicação 219
8.2 Aplicação como Alvo da Exposição 220
8.3 Desenvolvimento da Aplicação do Ponto Principal 231
8.4 Aplicação Ampliada 232
8.5 Focalizando a Aplicação com Especificidade Situacional 233
8.6 A Aplicação do Ponto de Ruptura 237
9.1 A Corrente da Introdução 254
9.2 Um Padrão Comum para Início Eficaz do Sermão 262
9.3 Perspectiva de Transição da Espiral Dupla 277
11.1 O Salto Imaginativo para Cristo 318
11.2 Exposição Cristocêntrica 321
11.3 Problemas dos "Três Pontos Mais" 325
11.4 Pregação Direcionada para a Graça 325
A1.1 Uso do Microfone 346
A3.1 Uma Preparação de Sermão em Forma de Pirâmide 362

Lista de Tabelas

4.1 Termos-chave do Antigo Testamento 96
4.2 Termos-chave do Novo Testamento 97

9.1 Análise de uma Introdução de Sermão 255
9.2 Exemplo de uma Introdução à Escritura 261
10.1 Como Determinar o Foco da Condição Decaída (Revisão) 286
A2.1 Proporções e Discussões do Sermão 359
A9.1 Bíblias de Estudo 383
A9.2 Léxicos Auxiliares 384
A9.3 Manuais Léxicos Auxiliares 386
A9.4 Gramáticas das Línguas Originais 387
A9.5 Concordâncias 388
A9.6 Dicionários da Bíblia e Enciclopédias 390

Lista de Gráficos

5.1 Exemplos de Esboços Gramaticais 115
9.1 Gráfico da Intensidade do Sermão 266

PREFÁCIO

As duas palavras que poderiam conter a totalidade deste trabalho são *autoridade* e *redenção.*

Nos tempos atuais, dois poderes antagônicos desafiam a exposição eficaz da Palavra de Deus. O primeiro inimigo comprovado do Evangelho é a erosão da autoridade. As filosofias do subjetivismo caminham de mãos dadas com os céticos da verdade transcendente para forjarem um clima cultural antagônico a qualquer forma de autoridade. No entanto, como o apóstolo Paulo percebeu há muito tempo, este repúdio aos padrões bíblicos inevitavelmente torna as pessoas escravas de suas próprias paixões e vítimas do egoísmo de cada um.

Nossa cultura e a igreja estão desesperadas em busca de verdades fidedignas que proclamem ao mundo dilacerado esta perda crescente de autoridade. Nem todas as respostas que a igreja proporciona por meio dos seus pregadores proclamam boas-novas. Algumas simplesmente abandonaram toda esperança de encontrar uma fonte da verdade que tenha autoridade. Outras, conscientes da aversão da cultura a todos aqueles que se apresentem como tendo respostas definitivas e que restrinjam o comportamento, evitam a autoridade. Caso tenham um desejo de realizar curas, esses pregadores, muito freqüentemente, decidem por uma readaptação de aconselhamento ou administração de teorias em discursos altissonantes de cunho religioso. Ao confortar com respostas humanas, devido à mudança operada pela recente onda de livros amplamente divulgados, tal pregação mais dissimula do que cura o sofrimento da alma.

A pregação expositiva, que interpreta de modo preciso o que a Palavra de Deus afirma acerca dos acontecimentos do nosso tempo, os interesses da nossa vida e o destino de nossa alma, fornece uma alternativa. Tal pregação apresenta uma voz de autoridade que não procede do homem e assegura respostas não sujeitas a fantasias culturais. Tão óbvia quanto esta solução possa ser, sua ampla difusão enfrenta grandes desafios. Nestas duas últimas gerações, o sermão expositivo tem sido estigmatizado (nem sempre injustamente) como representante de um estilo de pregação que se degenera em recitações estéreis de trivialidades bíblicas ou que indevidamente faz defesas dogmáticas de características doutrinárias distantes da vida comum.

Chegou o tempo de restaurar o sermão expositivo – não apenas para reivindicar sua necessária voz de autoridade, mas também para resgatar os métodos expositivos de profissionais despercebidos (ou descuidados) de forças culturais, condições essenciais para comunicação, e instrução bíblica que farão deles eficientes veículos do evangelho. Este livro pretende fornecer uma abordagem que satisfaz essa reivindicação. Inicialmente, o texto oferece instrução prática que ligará o sermão às verdades da Escritura, ao mesmo tempo em que promoverá seu livramento de posições atadas à tradição e práticas de comunicação ingênua que têm desnecessariamente oprimido tanto os pastores como os membros da igreja.

O segundo inimigo que se opõe à eficaz comunicação do evangelho, que este livro pretende confrontar, surge freqüentemente como um incompreendido efeito secundário do primeiro. Pregadores evangélicos, reagindo à secularização da igreja, bem como da cultura, podem erroneamente fazer da instrução moral ou da reforma da sociedade o foco *primário* de suas mensagens. Ninguém deve culpar esses pregadores por pretenderem desafiar os males da época. Quando o pecado está perto, pregadores fiéis têm o direito, a responsabilidade e o desejo de dizer: "Pare com isso!"

Todavia, se a cura dos males do pecado, de fato ou percebida, desses pregadores, constituir-se em correção do caráter humano ou crítica à cultura, eles inadvertidamente apresentam mensagem contrária ao evangelho. A Bíblia não diz como *nós* podemos melhorar a *nós mesmos*, a fim de obter a aceitação de Deus. Fundamental e amplamente, as Escrituras ensinam a insuficiência de todo e qualquer esforço estritamente humano para garantir a aprovação divina. Somos absolutamente dependentes da graça de Deus para ser o que ele deseja e fazer o que ele requer. A graça governa!

Contudo, o ensino do sermão pode ser bem-intencionado e biblicamente enraizado, mas, se a mensagem não incorporar a motivação e aptidão inerentes a ela, numa apreensão própria da obra de Cristo, então o pregador proclama mero farisaísmo. Pregação que é fiel à totalidade da Escritura não apenas estabelece as reivindicações de Deus, mas também ilumina as verdades redentoras que tornam possível a santidade. A tarefa parece ser impossível. Como fazer para que toda a Escritura esteja centrada sobre a obra de Cristo quando uma vasta porção sequer a menciona? A resposta consiste em aprender a ver toda a Palavra de Deus como uma mensagem unificada da necessidade humana e da provisão divina.

No ato de investigar como o evangelho permeia toda a Escritura, este livro também estabelece princípios teológicos para resgatar o sermão expositivo do

bem-intencionado, porém mal concebido, legalismo que caracteriza grande parte da pregação evangélica. A pregação cristocêntrica substitui fúteis arengas por um intenso esforço humano mediante exortações à obediência a Deus na dependência da sua obra. Verdadeira pureza, confiança espiritual e permanente alegria provêm desta precisa e poderosa forma de exposição bíblica.

AGRADECIMENTOS

Escrevo este livro com profunda apreciação por aqueles cuja contribuição foi significativa para meu próprio pensamento e a minha vida.

Agradecimentos são devidos especialmente ao Dr. Robert G. Rayburn, meu professor de homilética, firme na busca exclusiva da excelência ao longo do tempo em que ensinava ser a glória de Deus o único foco da tarefa da pregação, e ao Dr. John Sanderson, professor de teologia bíblica, que abriu meus olhos à necessidade da focalização central de Cristo em toda exposição digna de fé.

Sou profundamente devedor à família Rayburn, especialmente a Sra. LaVerne Rayburn e a seu filho, Dr. Robert S. Rayburn, por permitir-me o acesso aos escritos e notas não publicados do Dr. Robert S. Rayburn. Ser objeto da confiança ao compartilhar alguns discernimentos do Dr. Rayburn é um grande privilégio.

Embora a pesquisa e a reflexão por trás desta obra tenham atravessado duas décadas, escrevi a maior parte dela durante um período proporcionado pelo Covenant Theological Seminary. Expresso meus agradecimentos ao Conselho de Curadores por ter me concedido essa esplêndida oportunidade de escrever. Trabalhar em uma instituição regida por princípios religiosos é uma bênção pela qual serei para sempre grato.

Sou especialmente reconhecido ao Presidente Paul Kooistra, do Covenant Seminary, cujo incentivo, ministério e muitas horas de conversa ao longo de nossa lenta caminhada acerca do papel da graça na pregação, moldou e fortaleceu minha mente.

Sou grato pelo ministério e amizade do Reverendo James Meek, deão designado junto aos acadêmicos no Covenant Seminary, cuja dupla função durante o tempo em que estive ausente das aulas permitiu-me continuar este trabalho.

Como sempre, devo mais do que as palavras podem expressar ao incansável e jubiloso trabalho da Sra. June Dare, cuja habilidade como secretária sempre me fez parecer melhor do que eu realmente acho que sou.

PARTE 1

PRINCÍPIOS PARA A PREGAÇÃO EXPOSITIVA

CONTEÚDO DO CAPÍTULO 1

A NOBREZA DA PREGAÇÃO
O PODER NA PALAVRA
- O Poder de Deus Inerente à Palavra
- O Poder da Palavra Manifestado em Cristo
- O Poder da Palavra Aplicado à Pregação
  - *A Pregação Expositiva Apresenta o Poder da Palavra*
  - *A Pregação Expositiva Apresenta a Autoridade da Palavra*
  - *A Pregação Expositiva Apresenta a Operação do Espírito*

A EFICÁCIA DO TESTEMUNHO
- Distinções Clássicas
- Corroboração da Escritura
  - *1 Tessalonicenses 2.3-8 e 11,12*
  - *2 Timóteo 2.15, 16 e 22-24*
  - *Tito 2.7,8*
  - *2 Coríntios 6.3,4*
  - *Tiago 1.26, 27*
  - *Tiago 3.13*

IMPLICAÇÕES DO ETHOS
- Preserve Seu Caráter
- Ame a Graça
- Seja um Grande Pregador

OBJETIVO DO CAPÍTULO 1

Comunicar o quanto importante é a pregação e o que é verdadeiramente importante na pregação

1

PALAVRA E TESTEMUNHO

A NOBREZA DA PREGAÇÃO

O pregador inglês Ian Tait zomba de quem estuda a Bíblia somente para adquirir mais informações, crendo que sua mente esteja se desenvolvendo quando, de fato, apenas seus ouvidos estão inchando. Conhecer simplesmente por amor ao conhecimento "ensoberbece" (1Co 8.1). As riquezas da Palavra de Deus não são tesouros privativos de ninguém, e quando compartilhamos esses valores estamos participando de seus mais elevados propósitos. Esta é a razão pela qual Robert G. Rayburn ensinou, por mais de um quarto de século, aos estudantes seminaristas: "Cristo é o Único Rei dos seus estudos, mas a rainha é a homilética."[1] Quer sejam seus estudos num seminário, num instituto bíblico ou num programa de leitura particular, serão melhor recompensados quando você visualiza a maneira como cada elemento o prepara para pregar com precisão e autoridade. Cada disciplina bíblica atinge o propósito mais elevado, quando a usamos não simplesmente para dilatar nossa mente, mas para propagar o evangelho.

Elevar a pregação a um pedestal tão sublime pode intimidar até mesmo o mais leal estudante da Escritura. Provavelmente, nenhum pregador cuidadoso tenha incorrido em erro ao questionar se a tarefa é maior do que o servo. Quando encaramos pessoas reais dotadas de uma alma eterna, equilibrando-se entre o céu e o inferno, a nobreza da pregação nos amedronta mesmo quando revela nossa insuficiência.

Sabemos serem insuficientes nossas habilidades para uma tarefa de tão amplas conseqüências. Reconhecemos que nosso coração não é puro o bastante para guiar outros à santidade. Uma honesta avaliação de nossa perícia inevitavelmente nos leva à conclusão de que não temos eloqüência ou sabedoria capazes de levar as pessoas da morte para a vida. Esta pode ser a causa

1. Robert G. Rayburn foi o presidente fundador do Covenant Theological Seminary, e seu primeiro professor de homilética de 1956-1984. Citação de suas notas de classe, não publicadas.

de jovens pregadores fugirem de sua primeira pregação, imposta como tarefa que precisa ser cumprida, e ainda de experimentados pastores sentirem-se desalentados quando no púlpito.

O PODER NA PALAVRA

Em face das dúvidas relativas à eficiência pessoal numa época que questiona a validade da pregação[2] precisamos de uma lembrança do desígnio de Deus para a transformação espiritual do ser humano. No final das contas, a pregação cumpre seus objetivos espirituais não por causa das habilidades do pregador, mas por causa do poder da Escritura proclamada. Os pregadores exercerão seu ministério com grande zelo, confiança e liberdade quando compreenderem que Deus retirou de suas costas as artimanhas da manipulação espiritual. Deus não está confiando em nossa destreza para a realização dos seus propósitos. Por certo, Deus pode usar a eloqüência e deseja esforços adequados à importância do assunto em questão, porém sua própria Palavra cumpre o programa de salvação e santificação. Os esforços pessoais dos maiores pregadores são ainda demasiado fracos e manchados pelo pecado para serem responsáveis pelo destino eterno das pessoas. Por essa razão Deus infunde sua Palavra com poder espiritual. A eficácia da mensagem, mais que qualquer virtude do mensageiro, transforma corações.

O PODER DE DEUS INERENTE À PALAVRA

Não podemos saber precisamente como a verdade de Deus transforma vidas, mas devemos discernir a dinâmica que nos dá esperança em nossa própria pregação. A Bíblia torna isto claro – que a Palavra não é somente poderosa, ela é inigualável. A palavra de Deus

Cria: "Disse Deus: Haja luz; e houve luz" (Gn 1.3). "Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou e tudo passou a existir" (Sl 33.9).

Controla: "Ele envia as suas ordens à terra, e sua palavra corre velozmente;

2. David L. Larsen, *The Anatomy of Preaching: Identifying the Issues in Preaching Today* (Grand Rapids: Baker, 1989), 11-12; Byron Val Johnson, "*A Media Selection Model for Use with a Homiletical Taxonomy*" (Diss. de doutorado, Southern Illinois University at Carbondale, 1982), 215.

dá a neve como lã e espalha a geada como cinza. Ele arroja o seu gelo em migalhas... Manda sua palavra e o derrete (Sl 147.15-18).

Persuade: "... mas aquele em quem está a minha palavra fale a minha palavra com verdade... diz o Senhor. Não é a minha palavra fogo, diz o Senhor, e martelo que esmiúça a penha?" (Jr 23.28, 29).

Cumpre seus propósitos: "Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que reguem a terra... assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a designei" (Is 55.10, 11).

Anula os motivos humanos: Na prisão, o apóstolo Paulo se regozijava, porque quando outros pregavam a Palavra, "quer por pretexto, quer por verdade", a obra de Deus seguia adiante (Fp 1.18).

A descrição da Escritura acerca da sua potência desafia-nos a lembrar sempre que a Palavra pregada, antes mesmo da pregação, cumpre os propósitos do céu. Pregação que é fiel à Escritura converte, convence e amolda o espírito de homens e mulheres, pois ela apresenta o instrumento da compulsão divina, e não que pregadores tenham em si mesmos qualquer poder transformador.

O PODER DA PALAVRA MANIFESTADO EM CRISTO

Deus manifesta plenamente o poder dinâmico da Palavra do Novo Testamento ao identificar seu Filho como o divino *Logos*, ou Palavra (Jo 1.1). Por meio da identificação do seu Filho como sua Palavra, Deus revela que a mensagem do Filho e a pessoa do Filho são inseparáveis. A palavra o incorpora. Isso não quer dizer que as letras e o papel da Bíblia são divinos, mas que as verdades que a Escritura sustenta são veículos de Deus, de sua própria atividade espiritual.

A Palavra de Deus é poderosa porque ele está presente nela e opera por meio dela. Por meio de Jesus "todas as coisas foram feitas" (Jo 1.3) e ele continua "sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hb 1.3). A Palavra emprega sua palavra para levar a cabo todos os seus desígnios.

O poder redentor de Cristo e o poder da sua Palavra unem-se ao Novo Testamento com *Logos* (a encarnação de Deus) e *logos* (a mensagem acerca de

Deus), tornando-se termos tão reflexivos como que para formar uma identidade conceptual. Da mesma forma como a obra da criação procede da Palavra que Deus articula, assim também a obra da nova criação (i.é, redenção) nos vem pela Palavra viva de Deus. Tiago afirma: "ele [i.é, o Pai] nos gerou pela palavra da verdade ..." (Tg 1.18). A expressão *palavra da verdade* se aplica como um trocadilho que reflete a mensagem sobre a salvação e o único que opera o novo nascimento. O mesmo jogo de palavras é empregado por Pedro: "pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus" (1Pe 1.23). Nessas passagens, a mensagem acerca de Jesus e o próprio Cristo se harmonizam. Ambos são a "viva e eterna Palavra de Deus", pela qual nascemos de novo.

Assim, não é algo meramente prosaico insistir que o pregador deve servir ao texto,[3] pois se a Palavra é a presença mediadora de Cristo, o serviço é devido. Paulo instrui corretamente o jovem pastor Timóteo a ser um obreiro "que maneja bem a palavra da verdade" (2Tm 2.15), pois a Palavra de Deus é "viva e eficaz" (Hb 4.12a). A verdade da Escritura não é objeto passivo para nossa investigação e apresentação. A Palavra nos examina. "[Ela] é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12c). Cristo permanece ativo em sua Palavra, levando a efeito tarefas divinas que o apresentador da Palavra não tem o direito ou a capacidade pessoal de assumir.

Essas perspectivas sobre a Palavra de Deus culminam no ministério do apóstolo Paulo. O estudioso missionário que não se tornou conhecido pela habilidade no púlpito, no entanto, escreveu: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê" (Rm 1.16). Como os estudantes do grego elementar logo aprendem, a palavra "poder" nesse versículo é *dunamis*, da qual nos vem o termo *dinamite* em português. A força do evangelho transcende o poder do pregador. Paulo, em suas habilidosas comunicações, prega sem envergonhar-se, pois a Palavra que ele anuncia quebra a dureza do coração humano de tal forma que nenhum progresso técnico pode competir com ela.

De certo modo, o processo como um todo parece ridículo. Pensar que o destino eterno sofrerá mudança só por que anunciamos conceitos de um texto antigo, desafia o bom senso. Quando Paulo elogia a loucura da pregação – não pregação louca – ele reconhece a aparente insensatez de tentar transformar atitudes, estilos de vida, perspectivas filosóficas e compromissos de fé, com meras palavras (veja 1Co 1.21). No entanto, a pregação persiste e o evan-

3. Herbert H. Farmer, *The Servant of the Word* (Nova York: Scribner, 1942), 16-17.

gelho se expande porque Deus confere aos débeis esforços humanos a força de sua própria Palavra.

A cada ano repito aos novos estudantes do seminário sobre uma ocasião em que a realidade do poder da Palavra atingiu-me com força excepcional. A obra do Senhor dominou-me quando entrei na classe de novos membros da igreja. Sentadas juntas na primeira fila estavam três jovens mulheres – todas primas. Embora estas tivessem se comprometido a ir, o fato de estarem ali me surpreendeu.

No ano anterior, cada uma delas, com sérios problemas, havia buscado a nossa igreja à procura de socorro. Tomei conhecimento da situação da primeira depois que, frustrada, deixou o marido por causa do alcoolismo dele. Era ele um membro ocasional da igreja e não escondia seu desinteresse por "religião", mas com o abandono da esposa ele buscou nossa ajuda. Afirmou que faria qualquer coisa para tê-la de volta. Vieram juntos para o aconselhamento. Ele tratou da embriaguês. Reconciliaram-se, e agora ela desejava fazer parte da nossa família da fé.

A segunda prima tinha também abandonado o casamento antes que viesse pedir auxílio por sugestão da primeira. Tinha sido vítima de abusos do marido, e procurou consolo na companhia de outro homem. Embora não tivéssemos alcançado nenhum desses dois homens, nosso ministério voltado para essa mulher aqueceu o seu coração diante de Deus. Mesmo depois de o marido ter-se juntado com outra mulher, ela deixou seu amante, submetendo sua vida à vontade de Deus.

A última das primas era também casada, mas trabalhava como vendedora viajante e vivia com vários homens, como se cada um deles fosse seu marido. Um acidente que feriu seu sobrinho levou nossa igreja para dentro de sua vida. Tendo testemunhado o cuidado dos crentes pela criança e por ela (a despeito de sua hostilidade inicial para conosco), descobriu um amor que seus envolvimentos sexuais não poderiam fornecer. Agora ela também vinha para ser parte da família de Deus.

A presença dessas três primas na condição de membros de uma classe da Igreja era um milagre. Quão tolo seria pensar que meras palavras que eu tinha dito – algumas consoantes e vogais saídas da boca por uma pequena explosão de ar – poderiam ser responsáveis pela decisão que elas haviam tomado. Nenhuma soma de persuasão humana poderia transformá-las do egoísmo da busca do prazer ou o estilo de vida autodestrutivo, para um comprometimento eterno com Deus. Corações antes hostis à sua Palavra, agora sentiam necessidade de comunhão com ele.

Deus havia arrancado três almas de um redemoinho infernal de confusão familiar, traição conjugal e pecado pessoal. No entanto, por mais improváveis que esses acontecimentos pareçam ser, eles são prontamente explicados. O Senhor empregou sua verdade para mudar o coração delas. Nos termos da Escritura: "deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro, e aguardardes dos céus o Seu Filho", não devido a alguma habilidade do pregador, mas por causa do poder da Palavra (1Ts 1.9,10).

Quando os pregadores percebem o poder que a Palavra possui, a confiança em seu chamado cresce, da mesma forma como o orgulho em seu desempenho murcha. Não precisamos temer nossa ineficácia quando falamos das verdades que Deus revestiu de poder para a realização dos seus propósitos. Ao mesmo tempo, trabalhar como se nossos talentos fossem os responsáveis pela transformação espiritual, torna-nos semelhantes a um mensageiro que reivindica mérito por ter posto fim à guerra por haver ele entregue a declaração escrita de paz. O mensageiro tem uma nobre tarefa a realizar, mas porá em risco sua missão e depreciará o verdadeiro vitorioso se atribuir a si façanhas pessoais. Mérito, honra e glória com relação aos efeitos da pregação pertencem apenas a Cristo, pois somente a Palavra produz renovação espiritual.

O PODER DA PALAVRA APLICADO À PREGAÇÃO

A Pregação Expositiva Apresenta o Poder da Palavra

O fato de que o poder para a transformação espiritual baseia-se na Palavra de Deus, argumenta em defesa da pregação *expositiva*. A pregação expositiva tenta apresentar e aplicar as verdades de uma passagem bíblica específica.[4] Outros tipos de pregação que proclamam a verdade bíblica são por certo válidos e valiosos, mas para o pregador principiante e como um sistema de pregação congregacional regular, nenhum outro tipo é mais importante.

A exposição bíblica liga o pregador e as pessoas à única fonte de transformação espiritual verdadeira. Considerando que os corações são transformados quando as pessoas deparam com a Palavra de Deus, os pregadores expositivos ficam comprometidos a dizer o que Deus diz.[5] Não estamos inte-

4. Haddon Robinson, *Biblical Preaching: The Delivery of Expository Messages* (Grand Rapids: Baker, 1980), 20. Mais adiante desenvolveremos a definição.

5. Sidney Greidanus, *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature* (Grand Rapids; Eerdmans, 1988), 15.

ressados em propagar nossas opiniões, filosofias alheias ou reflexões especulativas. O interesse do pregador expositivo deve ser a verdade de Deus proclamada de tal maneira que as pessoas possam ver que os conceitos emanam da Escritura e aplicam-se à vida pessoal de cada um. Tal pregação põe as pessoas em contato imediato com o poder da Palavra.

A Pregação Expositiva Apresenta a Autoridade da Palavra

A pregação, em sua essência, fala do eterno problema humano com relação à autoridade e ao sentido. Embora vivamos em época hostil à autoridade, a luta diária por sentido, segurança e aceitação, leva cada pessoa a perguntar: "Quem tem o direito de me dizer o que fazer?" Essa pergunta tipicamente colocada como um desafio é, de fato, um apelo por socorro. Sem uma autoridade suprema em defesa da verdade, toda luta humana não tem valor fundamental, e a própria vida torna-se fútil. Tendências modernas de pregação que negam a autoridade da Palavra[6] em nome da sofisticação intelectual, conduzem a um subjetivismo desesperador em que as pessoas fazem o que é direito a seus próprios olhos – situação cuja futilidade a Escritura já anunciou claramente (Jz 21.21).

A resposta ao relativismo radical de nossa cultura com as incertezas que o acompanham é a reivindicação bíblica de autoridade. Paulo elogia os crentes tessalonicenses porque eles aceitaram sua mensagem "...não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a Palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes" (1Ts 2.13). A afirmação da Escritura e a premissa da pregação expositiva é que Deus falou. Nossa tarefa é transmitir o que ele já confiou à Escritura. Tais esforços não se constituem em cega adesão a dogmas fundamentalistas, mas um compromisso ao que tanto a fé como a razão confirmam ser a única base de esperança humana.

Sem a autoridade da Palavra, a pregação torna-se uma infindável busca de assuntos, terapias e técnicas que granjearão aplausos, provocam aceitação, desenvolvam uma causa ou aliviem preocupações. A razão humana, as agendas sociais, o consenso popular e as convicções morais pessoais, transformam-se em recursos da pregação que carecem da "convicção histórica de que o que a Escritura diz, Deus diz".[7] As opiniões e emoções que formulam o conteúdo da pregação destituída da autoridade bíblica são as mesmas forças

6. David Buttrick, *Homiletic: Moves and Structures* (Filadélfia: Fortress, 1987), 408.
7. J. I. Packer, *God Speaks to Man: Revelation in the Bible* (Filadélfia: Westminster, 1965), 18.

que podem negar a validade desses em cultura diferente, em geração subseqüente ou num coração rebelde.

Quando pregadores tratam a Bíblia como a própria Palavra de Deus, as questões acerca das coisas que temos o direito de dizer desaparecem. Deus pode dizer ao seu povo o que eles devem fazer e no que devem crer, e ele o faz. A Escritura constrange os pregadores a se certificarem de que as outras pessoas entendam o que Deus diz. Não temos autoridade bíblica para dizer nada além disso. É certo que as nossas expressões são culturalmente condicionadas, mas a transcendência da sua verdade e os privilégios que a nossa natureza desfruta por trazer a imagem divina tornam-nos possível receber e transmitir sua Palavra.

Apenas pregadores comprometidos em proclamar o que Deus diz têm o *imprimatur* da Bíblia sobre sua pregação. Desse modo, a pregação expositiva se empenha em descobrir e propagar o significado preciso da Palavra. A Escritura exerce domínio sobre o que os expositores pregam, pois eles esclarecem o que ela diz. *O significado da passagem é a mensagem do sermão.* O texto governa o pregador. Pregadores expositivos não esperam que outros reverenciem suas opiniões. Tais ministros aderem às verdades da Escritura e esperam que seus ouvintes tenham o mesmo cuidado.

A Pregação Expositiva Apresenta a Operação do Espírito

As expectativas dos pregadores expositivos estão, elas mesmas, baseadas nas verdades da Bíblia. Se nenhuma soma de eloqüência e oratória pode ser levada em conta com respeito à transformação espiritual, quem, unicamente, pode mudar corações? Os Reformadores responderam: "O Espírito Santo que, pela Palavra e com a Palavra, testifica em nossos corações."[8] A Palavra de Deus é a espada do Espírito (Ef 6.17; cf. At 10.44; Ef 1.13). O meio extraordinário, porém normal, por cujo intermédio Deus transforma vidas, é a participação conjunta de sua Palavra com o poder regenerativo e persuasivo do seu Espírito.

Quando anunciamos a Palavra, trazemos com ela a obra do Espírito Santo para produzir frutos na vida de outras pessoas. Nenhuma verdade confere maior incentivo à nossa pregação e nos dá mais motivos para esperar resultados dos nossos esforços. A obra do Espírito está inseparavelmente unida à pregação, como o calor está para a luz que a lâmpada emite. Ao apresentarmos a luz da Palavra de Deus, seu Espírito cumpre os propósitos divinos de aquecer, moldar e conformar corações à sua vontade.

8. *Confissão de Fé de Westminster*, 1.5.

O Espírito Santo usa nossas palavras, mas é o trabalho dele e não o nosso que produz efeito no íntimo oculto da vontade humana. Paulo escreveu: "Deus... resplandeceu em nosso coração para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós" (2Co 4.6, 7). A glória da pregação é que Deus realiza sua vontade por intermédio dela, mas somos sempre humilhados e ocasionalmente confortados com o conhecimento de que ele age além das nossas limitações humanas.

Essas verdades desafiam todos os pregadores a conduzirem sua tarefa com um profundo senso de dependência do Espírito de Deus. Ministério eficaz requer devotada oração pessoal. Não devemos esperar que nossas palavras façam com que outras pessoas conheçam o poder do Espírito, se não desfrutamos ainda do encontro com ele. Pregadores fiéis rogam a Deus que opere e ao mesmo tempo proclamam sua Palavra. O sucesso no púlpito pode ser a força que leva um pregador para longe de uma vida piedosa de dependência do Espírito. Elogios congregacionais em razão da excelência no púlpito podem levar à tentação de depositar demasiada confiança em talentos pessoais, habilidades adquiridas ou num método pessoal de pregação. Sucumbir a tais tentações torna-se evidente, não tanto por uma mudança de opinião religiosa, como por uma mudança na prática. A negligência em orar é indicativa de sérias deficiências no ministério, mesmo que outros sinais de sucesso não tenham diminuído. Devemos sempre lembrar que aplauso popular não é necessariamente o mesmo que eficiência espiritual.

As dimensões espirituais da pregação expositiva desautorizam muito do que você pode ser tentado a crer a respeito deste livro, isto é, se você aprende a falar muito bem, pode ser um grande pregador. Não é verdade! Por favor, não deixe que ênfases necessárias deste livro, comentários de outros, ou desejos do seu próprio coração o desencaminhem. Grandes dons não o tornam grande pregador. A excelência técnica da mensagem pode repousar nas suas habilidades, mas a eficácia espiritual da sua mensagem reside em Deus.

A EFICÁCIA DO TESTEMUNHO

Confiança na operação da Palavra e do Espírito de Deus não significa que você vive sem responsabilidade. O antigo pastor americano John Shaw certa vez pregou um sermão de ordenação:

> É verdade, como se observa, que Deus pode trabalhar mediante qualquer meio: por um escândalo, domínio, pregador interesseiro; contudo, este não é o seu modo habitual de agir. Raposas e lobos não são instrumentos da natureza para gerar ovelhas. Quem jamais conheceu o que de bom foi feito às almas por qualquer pastor que não aqueles que vivem no poder do amor, que laboram sob uma luz clara e convincente e são conduzidos por uma seriedade santa e viva? Você precisa de fogo para acender fogo.[9]

Não é necessário conjeturar sobre a bondade de Deus. Conquanto o poder inerente na Palavra possa trabalhar além de nossas fraquezas, não há motivo de intencionalmente colocar obstáculos em seu caminho. Boa pregação, num sentido, significa sair do caminho para que a Palavra possa fazer seu trabalho. Os comentários de Shaw lembram-nos que sair do caminho geralmente significa pregar e viver de tal modo a tornar a Palavra clara e digna de crédito.

DISTINÇÕES CLÁSSICAS

Embora não sejam certamente inspiradas, as clássicas distinções retóricas de Aristóteles podem auxiliar os pregadores a considerar suas responsabilidades básicas e a atenção que cada uma merece. Embora o apóstolo Paulo tenha ensinado acerca da inerente eficácia da Palavra, também relatou sua resolução pessoal de não colocar "pedra de escândalo" ao evangelho no caminho de quem quer que fosse (2Co 6.3).

Na retórica clássica três elementos compõem cada mensagem persuasiva:

Logos – o conteúdo verbal da mensagem incluindo sua arte e lógica.

Pathos – os traços emotivos da mensagem incluindo paixão, fervor e sentimento, que o orador transmite e os ouvintes experimentam.

Ethos – o caráter percebido do orador; determinado mais significativamente pelo interesse expresso pelo bem-estar dos ouvintes. Aristóteles acreditava que o *ethos* era o componente mais poderoso da persuasão.

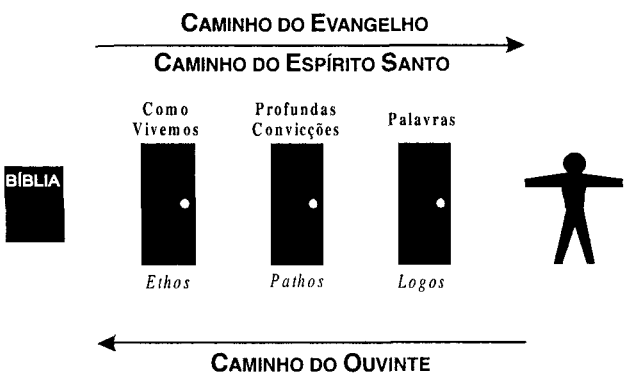
Os ouvintes avaliam automaticamente cada um desses aspectos na mensagem de modo a pesarem as verdades que o pregador apresenta. Essa percepção

9. John Shaw, *"The Character of a Pastor According to God's Heart"*, sermão reimpresso (Ligonier, PA: Soli Deo Gloria, 1992), 3-4.

adverte os pregadores que desejam criar livre acesso à Palavra que transforma corações a se esforçarem seriamente para tornar cada aspecto de sua mensagem uma porta e não uma barreira.

Paulo pondera a importância de cada um desses componentes em sua primeira carta aos tessalonicenses (veja fig. 1.1). Embora seus termos não sejam os de Aristóteles, eles repercutem traços das categorias clássicas do professor de retórica e nos lembram que a arte não é o bastante para tornar poderosa a mensagem, se o coração e o caráter não validarem suas verdades. Paulo torna claro que, embora o Espírito Santo molde o caminho do evangelho, os ouvintes avançam para uma confrontação com a Palavra através das portas que o pregador abre com a mensagem. Paulo cita, significativamente, sua própria vida como afetando a receptividade da mensagem, dando assim credencial bíblica à noção de que o *ethos* é uma força poderosa no processo ordinário da persuasão espiritual.

FIGURA 1.1
Componentes de uma Mensagem do Evangelho



"Porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em **palavra** (*Logos*) mas, sobretudo, **em poder**, no Espírito Santo e em **plena convicção** (*Pathos*), assim como sabeis ter sido o **nosso procedimento** (*Ethos*) entre vós e por amor de vós" (1Ts 1.5).

Paulo menciona sua conduta e sua compaixão não apenas como evidência de sua "profunda convicção", mas também como fontes integrais do "poder" de sua mensagem. Embora este livro de método homilético enfoque os elementos do *logos* e do *pathos* na pregação, a própria ênfase bíblica nos lembra que o caráter pastoral permanece como o fundamento do ministério. A glória da pregação pode ser a eloqüência, mas a batida do coração é a fidelidade.

A observação de Phillips Brooks, tantas vezes citada, de que a pregação é a "verdade transmitida por meio da personalidade" reflete princípio bíblico bem como bom senso. Nossos pais ensinaram: "Suas ações falam tão alto que não ouço o que você diz." Os jovens hoje em dia nos dizem: "Não converse a conversa, se você não caminha o caminho." Cada máxima simplesmente reflete uma sabedoria superior que constrange o líder cristão a "conduzir-se de modo digno do evangelho" (cf. Fp 1.27). Nossa pregação deveria refletir o caráter único de nossa personalidade, mas nosso ser deveria refletir a semelhança de Cristo, de modo que sua mensagem se espalhe sem embaraço.

CORROBORAÇÃO DA ESCRITURA

Não há falta de registros nas Escrituras que confirmam a importância do *ethos* para a proclamação mais eficiente. Começando aqui com as passagens preeminentes sobre teologia pastoral, e com ênfase acrescentada, estão textos que ligam a qualidade da pregação à qualidade do caráter e conduta do pregador:

1 Tessalonicenses 2.3-8 e 11, 12

Pois a nossa exortação não procede de engano, nem de impureza, nem se baseia em dolo; pelo contrário, visto que fomos aprovados por Deus, a ponto de nos confiar ele o evangelho, assim falamos, não para que agrademos a homens e, sim, a Deus, que prova o nosso coração. A verdade é que nunca usamos de linguagem de bajulação, como sabeis, nem de intuitos gananciosos. Deus disto é testemunha. Também jamais andamos buscando glória de homens, nem de vós, nem de outros. Embora pudéssemos, como enviados de Cristo, exigir de vós a nossa manutenção, todavia, nos tornamos carinhosos entre vós, qual ama que acaricia os próprios filhos; assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos não *somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a nossa própria vida*; por isso que vos tornastes muito amados de nós.

E sabeis, ainda, de que maneira, como pai e seus filhos, a cada um de vós, exortamos, confortamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória.

2 Timóteo 2.15, 16 e 22-24

Procura apresentar-te a Deus *aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar*, que maneja bem a palavra da verdade. Evita igualmente os falatórios

inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior. Foge, outrossim, das paixões da mocidade. Segue a justiça, a fé, o amor e a paz com os que, de coração puro, invocam o Senhor. E repele as questões insensatas e absurdas, pois sabes que só engendram contendas. Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente.

Tito 2.7, 8

Torna-te, pessoalmente, *padrão* de boas obras. No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível para que o adversário seja envergonhado...

2 Coríntios 6.3, 4

Não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não seja censurado. Pelo contrário, *em tudo recomendando-nos a nós mesmos como* ministros de Deus...

Tiago 1.26, 27

Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a sua língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã. *A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta*: visitar os órfãos e as viúvas nas sua tribulações, e a si mesmo guardar-se incontaminado no mundo.

Tiago 3:13

Quem entre vós é sábio e entendido? *Mostre* em mansidão de sabedoria, mediante condigno proceder, as suas obras.

IMPLICAÇÕES DO *ETHOS*

Preserve Seu Caráter

A influência do testemunho do pregador sobre a aceitação do sermão requer que nossa vida esteja posta sob o domínio da Escritura. Com franca sinceridade, João Wesley certa vez explicava a um esforçado protegido por que razão faltava poder ao seu ministério: "Seu temperamento é irregular;

falta-lhe amor ao próximo; você se enraivece facilmente; sua língua é áspera demais – assim, as pessoas não o ouvirão."[10] A honestidade de Wesley espelha a exortação da Escritura e desafia cada um de nós a cuidar do nosso caráter, se almejamos eficiência com a Palavra.

Não se pode esconder o verdadeiro caráter, embora ele possa ser temporariamente disfarçado. O caráter mostra-se em nossas mensagens. Da mesma forma, como as pessoas se revelam a nós na troca de idéias, pelas palavras e nos maneirismos, também nós, constantemente em nossa pregação, revelamo-nos aos outros. Com o tempo, nossa linguagem, os assuntos que discutimos e nosso tom de voz desvendam nosso coração, apesar da satisfação de imaginar o isolamento em que fomos capazes de encerrar as verdades mais íntimas, para que não fossem expostas publicamente. O interior está sempre à vista. Os ouvintes percebem mais do que podem provar, pelo modo como nos apresentamos nas situações mais inocentes ou intencional.

Com o discernimento de muitos anos de experiência na pregação, Haddon Robinson sintetiza:

> Tanto quanto pudéssemos desejar que isso fosse diferente, o pregador não pode separar-se da mensagem. Quem não ouviu algum piedoso irmão orar antes do sermão: "Esconde nosso pastor por detrás da cruz para que vejamos não a ele, mas a Jesus somente." Recomendamos o espírito de tal oração... ainda que não haja lugar algum onde um pregador possa se esconder. Mesmo um púlpito espaçoso não pode escondê-lo da vista... O homem afeta sua mensagem. Pode estar proferindo enfaticamente uma idéia da Escritura e, mesmo assim, permanecer tão impessoal quanto uma gravação telefônica, tão superficial quanto um comercial de rádio, ou tão manipulador quanto um vigarista. O auditório não ouve o sermão, ele ouve um homem.[11]

Nenhuma verdade apela mais fortemente à santidade pastoral do que a ligação do caráter do pregador à absorção do sermão. Devo admitir que se tivesse de retornar às igrejas em que exerci o pastorado, é improvável que as pessoas se relembrassem de muitas coisas específicas que eu disse. Poderiam lembrar uma ilustração especificamente vívida, o modo como um versículo produziu efeito num momento crítico da própria vida, ou a impressão que uma mensagem particular lhes deixou na mente. No entanto, ninguém se recordaria de uma dúzia de pala-

10. Citado em James L. Golden, Goodwin F. Berquist e William Coleman, *The Rhetoric of Western Thought*, 3ª ed. (Dubuque: Kendall-Hunt, 1978), 297.
11. Robinson, *Biblical Preaching*, 24.

vras entre as milhares que proferi ao longo dos anos. As pessoas não se lembrariam do que eu disse, mas de *mim*, e se minha vida comunicou ou não veracidade à mensagem da Escritura.

Tanto deve o ministério eficaz depender confiantemente do caráter do ministro, que o teólogo John Sanderson aconselhava os estudantes a jogarem beisebol leve [com bola maior e macia] com os candidatos ao ministério, quando suas igrejas estivessem entrevistando novos pregadores. "Então, num lance próximo à segunda base", dizia Sanderson em sua voz arrastada, "provoque-o quando ele se sentir realmente seguro. Depois, veja o que acontece!"

Por certo, ninguém reflete o caráter de Cristo tão puramente como ele deseja. Eis a razão por que Deus não torna os efeitos de sua Palavra dependentes de nossas ações. Mas, como afirmava o ministro George Campbell, no século 18: "Quando a prática está de acordo com a teoria, nossa eficiência triplica."

Talvez a maioria de nós tenha experimentado a influência do caráter pastoral nos sermões ao visitar uma igreja, a convite de algum amigo para ouvir "as maravilhosas mensagens" do pregador e, em vez disso, ter de ouvir apenas mediocridade. O amor dos nossos amigos e a confiança em seus pastores produzem a estima pelo sermão e ocultam suas fraquezas. O caráter e a piedade do ministro determinam mais a qualidade da mensagem ouvida do que as características da mensagem pregada.

Ame a Graça

A ênfase sobre o caráter do pregador é fútil e incorreta se não ressalta a graça que amolda o caráter e a mensagem à vontade de Deus. O esforço humano não produz santidade. Justiça própria e amor sacrificial jamais são autoinduzidos. Tentativas de moldar o caráter por meio de nossas ações às exigências de Deus são tão arrogantes quanto ao esforço de salvar almas pelos nossos talentos. Os pregadores poderosos precisam tornar-se bem familiarizados com a graça que o seu caráter requer.

Não importando quão extraordinária seja sua habilidade, é impossível levar pessoas a se aproximarem de Deus, se o seu coração não refletir o trabalho constante do Salvador em sua vida. Um ministério centrado na graça reconhece a contrição que nossas orações devem constantemente expressar, reconhece a ajuda divina que garante o fortalecimento de nossas resoluções, obedece a Deus em gratidão pelo perdão que Cristo oferece, expressa a humildade própria de um pobre pecador, transpira a alegria da salvação pela fé somente,

e reflete o amor que reivindica nossa própria alma e aceita nossos serviços sem mérito algum de nossa parte. A pregação sem a centralidade da graça concentra-se sobre os meios de obter o favor divino, provas da retidão pessoal e fazer contrastes com aqueles que são menos santos que nós.

A necessidade da graça numa pregação equilibrada, direciona inevitavelmente tanto o pregador quanto o membro da igreja à obra de Cristo, como único e adequado centro de nossos sermões. A pregação cristocêntrica não é simplesmente evangelística, nem confinada a uns poucos relatos do evangelho. Abrange o todo da Escritura como revelação do plano redentor de Deus, e anuncia cada passagem dentro do seu contexto – um modelo que Jesus mesmo nos apresenta (Lc 24.27). Oportunamente, algo mais será dito a este respeito. O que é crítico neste ponto, ao iniciar a consideração dos componentes estruturais do sermão, é compreender o que a Bíblia exige de nós na elaboração das mensagens, de modo a revelar a graça que é o foco supremo de cada texto, a capacitação máxima para cada ensino, e a única fonte de verdadeira santidade.

Sem a compreensão da nossa constante dependência da graça, temos pouca esperança de espelhar o caráter que defende a integridade de nossas mensagens. Ao descobrir o contexto redentor de cada texto, é-nos permitido usar a Bíblia toda para discernir a graça necessária para pregar e viver de modo a conduzir pessoas a uma comunhão mais íntima com o Senhor. Joseph Ruggles Wilson, ministro presbiteriano do século 19, pai de Woodrow Wilson, advertia: "Tornem-se o que vocês pregam e, então, preguem Cristo em vocês."[12] Suas palavras relembram-nos que o Redentor, aquele que nos santifica e que nos amolda a si mesmo para o apoio à sua mensagem, não pode ser negligenciado em nossos sermões. Palavra e testemunho estão profundamente ligados na digna pregação do evangelho de Cristo.

Sem o enfoque redentor podemos acreditar estar fazendo exegese da Escritura, quando estamos simplesmente traduzindo suas partes e analisando gramaticalmente seus termos sem qualquer referência ao papel que desempenham no plano eterno de Deus. João Calvino afirmou: "Deus ordenou sua Palavra como instrumento pelo qual Jesus Cristo, com todas as suas graças, é dispensado a nós."[13] Progresso algum se alcança quando passagens da Palavra são arrancadas do seu contexto redentor, como se fossem meros exemplos morais e diretrizes

12. Joseph Ruggles Wilson, "In What Sense Are Preachers to Preach Themselves", *Southern Presbyterian Review* 25 (1874) 360.

13. Citado em Larsen, *The Anatomy of Preaching*. Compare com as *Institutas* de João Calvino, 2.9.1; 4.1.6.

comportamentais. A graça mantém verdadeiro o nosso caráter perante Deus, e nossas mensagens verdadeiras para a Escritura. Confiança nesta graça resulta em sermões autorizados por Deus, pois somente ele é responsável pela santidade e verdade que suprem a força espiritual da pregação.

Seja um Grande Pregador

A consciência da capacitação de Deus deve estimular todos os pregadores (inclusive pregadores principiantes) a se lançarem de todo o coração ao seu chamado. Embora o grau de habilidade homilética possa variar, Deus promete cumprir seus propósitos por meio de todos quantos fielmente proclamam sua verdade. Ainda que suas palavras mal se arrastem pelos beirais do púlpito, o amor pela Palavra e pela vontade de Deus e pelas pessoas assegura um eficiente ministério espiritual. Pode ser que você jamais ouça elogios do mundo, ou seja pastor de uma igreja com milhares de membros, mas uma vida de piedade associada a uma clara explanação da graça salvadora e santificadora da Escritura garantem o poder do Espírito para a glória de Deus.

Se o seu alvo é a honra de Cristo, você pode ser um grande pregador pela fidelidade a ele e à sua mensagem. Paulo oferece o mesmo incentivo a Timóteo, com promessas que agora lhe são aplicadas:

> Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza. Até à minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino.
> Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes [1Tm 4.12,13,15,16].

PERGUNTAS PARA REVISÃO E DISCUSSÃO

1. Por que os pregadores expositivos estão comprometidos a fazer do *significado da passagem a mensagem do sermão*?

2. Somente quem, ou o quê, tem poder para transformar eternamente os corações?

3. O que são *logos*, *pathos*, e *ethos*? Qual deles afeta com maior intensidade a persuasão da mensagem?

4. Por que todo sermão deve ter um ponto de convergência redentor?

5. De que uma grande pregação deve depender mais?

EXERCÍCIOS

1. Localize e comente passagens bíblicas que confirmam o poder inerente da Palavra.

2. Localize e comente passagens bíblicas que ligam o caráter do mensageiro aos efeitos da mensagem.

CONTEÚDO DO CAPÍTULO 2

A VERDADE NÃO É UM SERMÃO
UNIDADE
- AS RAZÕES PARA A UNIDADE
  - *Os Pregadores Precisam de Foco*
  - *Os Ouvintes Precisam de Foco*
- A NATUREZA DA UNIDADE
- O PROCESSO DA UNIDADE
- O OBJETIVO DA UNIDADE

PROPÓSITO
- CONSIDERANDO O FCD
- DETERMINANDO O FCD

APLICAÇÃO
- A NECESSIDADE DA APLICAÇÃO
- AS CONSEQÜÊNCIAS DA NÃO-APLICAÇÃO

OBJETIVO DO CAPÍTULO 2

Identificar as obrigações que um pregador tem para desenvolver um sermão bem-elaborado

2

OBRIGAÇÕES DO SERMÃO

A VERDADE NÃO É UM SERMÃO

Por que uma mensagem elaborada em torno das seguintes afirmações provavelmente não figuraria nos anais de pregação dos maiores sermões?

1. O muros de Babilônia mediam 350 pés de altura e 80 pés de largura.
2. A heresia gnóstica em Colossos continha elementos extremos de hedonismo e ascetismo.
3. A palavra grega para designar o conceito de "esvaziar" de Filipenses 2.7 é *kenosis*.

Essas afirmações são claras, verdadeiras e bíblicas. Por que elas não formam um sermão?

Primeiro, falta unidade a elas. Nenhum fio condutor mantém essas declarações juntas. Sem um tema unificador, os ouvintes simplesmente não terão como compreender os numerosos conceitos do sermão.

Segundo, as afirmações parecem não ter objetivos. São apenas fatos que não se podem comparar, extraídos com dificuldade dos elos bíblicos que comunicam sua causa e conseqüência. Sem um claro objetivo em vista, os ouvintes não têm motivo para ouvir o sermão.

Finalmente, as afirmações não sinalizam qualquer aplicação. Não apresentam evidente relevância entre si e nem para a vida das pessoas a quem são dirigidas. Por que razão deveriam passar tempo prestando atenção a algo que não lhes diz respeito?

Afirmações de verdades, mesmo de verdades bíblicas, não se convertem automaticamente em mensagem para o púlpito. Sermões bem-elaborados requerem unidade, objetivo e aplicação.

UNIDADE

Conceito-chave: Com quantas coisas o sermão se preocupa? Uma!

Sermões exaustivamente elaborados apresentam numerosos conceitos teológicos, materiais ilustrativos e fatos corroborativos. Este grande número de componentes, contudo, não significa que o sermão se ocupa com muitas coisas. Cada aspecto de uma mensagem bem trabalhada reflete, esclarece, aperfeiçoa e/ou desenvolve uma idéia maior. Esta idéia maior, ou tema, fixa a mensagem em seu conjunto e firma seus aspectos na mente dos ouvintes. Todas as características do sermão completo devem sustentar o conceito que unifica o todo.

AS RAZÕES PARA A UNIDADE

Construir uma mensagem de tal sorte que todas as suas características essenciais sustentem a idéia principal, requer disciplina. Fervilhar estranhos pensamentos e cristalizar idéias para que a mensagem no seu todo funcione como uma unidade, têm posto à prova muitos pregadores. Alguns se rendem à pressão e administram suas idéias com a seqüência, ênfase e a estrutura que mais prontamente lhes venha à mente. Outros argumentam que não podem dizer tudo o que querem acerca de um texto, caso precisem relacionar pormenores ao todo. Assim, por que empenhar-se pela unidade?

Os Pregadores Necessitam de Foco

As palavras de um antigo hino não raras vezes se ajustam aos nossos sermões tanto quanto à nossa vida espiritual. Somos "inclinados a vaguear". Pregação sem disciplina da unidade tipicamente leva o pregador a apenas andar a esmo, perdido em seus pensamentos. Tais mensagens raramente comunicam bem. Os ouvintes logo se cansam de perseguir idéias e histórias através de paisagens teológicas, no empenho de descobrir para onde seu pastor está indo.

Precisamos de unidade de modo a convergir as infinitas possibilidades exegéticas para uma mensagem controlável. Quase literalmente centenas ou talvez milhares de páginas de comentários e de análise gramatical poderiam ser escritas sobre qualquer texto bíblico (e em muitos casos isso tem sido feito). A profundidade da Palavra nos supre com sugestão de sermões para um longo período, o que nos desafia a encontrar alguns meios de manter os nossos ouvintes e a nós mesmos livres da ameaça de afogamento em suas complexi-

dades. A unidade pode, em princípio, parecer limitativa, porém ela verdadeiramente liberta os pregadores das ciladas no labirinto da linguagem e possibilita-lhes o esclarecimento.

Os Ouvintes Precisam de Foco

Sermões são para ouvintes, não para leitores. O grau de pormenores e divagações aceitável num ensaio ou romance, não pode ser controlado num ambiente de ouvintes que não podem voltar uma página, reler um parágrafo, devagar, ou pedir ao orador que faça uma pausa para que eles possam alcançá-lo. Os ouvintes têm menos inclinação e oportunidade de decifrar um sermão que os leitores de um manual ou um comentário. Se as partes do sermão não se relacionarem de modo óbvio a um tema claro que dê às partes da mensagem forma e objetivo, então torna-se improvável que os ouvintes concentrem sua atenção sobre o assunto por muito tempo.

Toda boa comunicação reclama um tema. Se o pregador não confere um conceito unificador à mensagem, os ouvintes o farão. Instintivamente eles encontraram algum pensamento no qual prenderão as idéias do pregador, sabendo que, se assim não o fizerem, nada conservarão para si mesmos. No processo de determinar esse pensamento, os ouvintes poderão perder pensamentos que o pregador já tenha mencionado. Nem mesmo existe qualquer garantia de que os pensamentos escolhidos pelos ouvintes sustentarão todas as idéias adicionais que o pregador deseja inculcar na consciência deles. Se esposa perguntar ao marido qual foi o tema do sermão, a resposta *oração* é demasiado genérica para ter conseqüência na vida real. Como resultado, a resposta à mensagem, com toda a probabilidade, será mais confusão do que desejava o pregador ou o membro da igreja.

Os ouvintes mais prontamente agarrarão idéias que tenham sido formadas e trabalhadas juntas. É mais fácil segurar uma bola de beisebol do que um punhado de areia, ainda que ambos tenham o mesmo peso. O fato de que as palavras do pregador são pesadas não significa que os ouvintes responderão a elas, quando o próprio orador não conseguiu transmitir uma idéia coerente.

A Natureza da Unidade

Como já constatamos, na pregação expositiva o sentido da palavra produz o tema da mensagem. Isso significa que o conceito unificador do sermão deve pro-

ceder do próprio texto. Haddon Robinson pede-nos para determinar a "Grande Idéia" das nossas mensagens, perguntando, primeiro: "A respeito de que o autor (da passagem) está falando?" e, depois, "O que ele está dizendo acerca do que está falando?"[1] São essas as questões básicas do sermão expositivo. Obrigam-nos a examinar os vários aspectos da passagem e a discernir como o escritor bíblico os emprega para chegar aos seus próprios objetivos.[2] Somente desse modo saberemos como unificar os detalhes do texto conforme as perspectivas e prioridades do autor.

Na pregação expositiva, a unidade ocorre quando os elementos da passagem são demonstrados a fim de apoiar uma única idéia principal que serve de tema ao sermão. Queremos que nosso tema seja o tema da Bíblia. Não quer dizer que somente o tema principal da passagem pode servir de tema ao sermão expositivo. Um sermão sobre um tema secundário da passagem pode também ser expositivo, contanto que o pregador demonstre que há material exegético suficiente na passagem que dê apoio ao tema apresentado *e* que este tema ainda reflita de modo exato a verdade da passagem em relação ao contexto.

O tema, objetivo, ou foco do escritor bíblico, deve prender nossas mensagens e colocá-las ao seu serviço, pois a verdade de Deus controla nossos esforços. Nosso comprometimento com a eficiência única da Escritura significa que desejamos estar seguros de estar dizendo o que a Bíblia diz. Assim como as características de um texto desenvolvem seu assunto, assim as características de nossos sermões devem, todos eles, contribuir para o seu tema. É raro os escritores bíblicos simplesmente exporem uma amostragem de idéias sem conexão (e quando o fazem, há um propósito mais amplo que a perspicácia do intérprete pode descobrir). Os componentes de uma passagem, todos, indistintamente, contribuem para o objetivo do autor. Esta é a maneira em que nossos sermões devem funcionar. Apesar de muitas idéias e características comporem um sermão, todas elas devem contribuir para um tema. Cada sermão possui apenas um tema.

O PROCESSO DA UNIDADE

Depois que o pregador determina a importância da unidade, a pergunta que surge é: como posso obtê-la? O processo não é complicado; o caso é que muitas

1. Haddon Robinson, *Biblical Preaching: The Development and Delivery of Expository Messages* (Grand Rapids: Baker, 1980), 41-44.
2. Jay Adams, *Preaching with Purpose: A Comprehensive Textbook on Biblical Preaching* (Grand Rapids: Baker, 1982), 31-33.

vezes é ignorado, pois exige algum trabalho. Entretanto, o trabalho livrará o pregador de muito labor adicional e os ouvintes de muita confusão. Siga estes passos simples para conseguir unidade nos seus sermões:

I. Leia e assimile a passagem para determinar:
   A. A idéia principal que o escritor transmite por meio das características do texto (isto é, discernir qual conceito maior os pormenores sustentam ou desenvolvem); ou,
   B. Uma idéia na passagem que apresenta material suficiente no texto para desenvolver o assunto principal de uma mensagem.

II. Associe, numa declaração concisa, essa idéia que os aspectos da passagem sustentam ou desenvolvem.

Você saberá que está de posse da unidade quando puder demonstrar que os elementos da passagem sustentam a idéia que você quer transformar no tema de sua mensagem *e* você puder exprimir essa idéia numa forma bem simples, para passar no "Teste das três horas da madrugada".

O Teste das três horas da madrugada requer que você imagine sua esposa, seu pai ou um membro da igreja, acordando-o de um sono profundo com esta simples pergunta: "Sobre o que é o sermão de hoje, pastor?" Se você for incapaz de dar uma resposta incisiva, saberá que o sermão provavelmente está incompleto. Pensamentos que você não consegue juntar às três da madrugada por certo não serão apreendidos pelos outros a qualquer hora.

Às três da madrugada você sabe que isto não funcionará como tema:

> Quando a pecaminosa nação israelita foi levada para o exílio, sua esperança e visão messiânicas foram erradas e deslealmente reduzidas, pois, anterior a Esdras e Neemias, as provas do plano soberano, propósito e intenções de Deus em favor do seu povo foram obscurecidas nas circunstâncias de encarceramento e opressão na Babilônia, condições que não puderam ser aliviadas, até a liberação persa e posteriores revelações pactuais no avanço da história redentiva.

Isto funcionará:

> Deus se mantém fiel ao seu povo.

Quando cristalizamos o pensamento do foco da passagem, a organização e a aplicação da mensagem tornam-se claras ao pregador e ao ouvinte. Pregadores que desenvolvem afirmativas de um tema conciso e correto, podem discorrer com mais pormenores sem fazer com que a congregação se perca num nevoeiro de detalhes que não têm nenhum conceito limitante.

OBJETIVOS DA UNIDADE

A unidade se empenha em comunicar a verdade bíblica, e não apenas em descobri-la e afirmá-la. A unidade organiza a mensagem num único impulso em vez de uma torrente de pensamentos desconexos. Um sermão não pode discorrer sobre a origem da força de Sansão, como determinar a vontade de Deus, e o modo correto de batizar. Seminaristas muitas vezes tropeçam em suas primeiras experiências de pregação ao tentar concentrar tudo o que estão aprendendo em um único sermão. Pregadores mais experientes reconhecem que têm esta semana, e a próxima, e ainda a seguinte, para transmitir as verdades de Deus. Para este dia é melhor um único pensamento que pode ser retido do que uma dúzia que se escoará da compreensão.

Com a unidade, o sermão dispõe da capacidade de focalizar o assunto em profundidade. Fragmento das Escrituras sem unidade e, como resultado, sem o poder transformador, fica reduzido a estilhaços. Os pregadores são particularmente susceptíveis a seguir pensamentos tangenciais e vaguear pelos assim chamados rastos de coelho de fatos incidentais que fazem parte dos pontos mais importantes da mensagem porque os esboços de nossos sermões são freqüentemente mais organizados do que o seu desenvolvimento.[3] Mesmo as idéias secundárias devem contribuir para o tema geral, uma vez que os pontos principais que elas sustentam compõem a força singular da mensagem.

Uma mensagem bem construída poode ter três pontos (ou mais, ou menos), porém não a respeito de três coisas. Um sermão cujos pontos principais afirmem (1) Deus é amor, (2) Deus é justo, e (3) Deus é soberano, não está no ponto de ser pregado até que o pregador determine que o assunto do sermão não são essas três coisas, mas sim "A Natureza de Deus". A idéia única conterá o restante e, por iluminar seu objetivo, aprofundará seu impacto.

Lembra-nos uma antiga máxima: "A principal coisa é manter a coisa principal."* A regra é batida, mas o pregador cujas mensagens causam maior impacto a adotaram no coração.

---

3. Consideraremos como organizar pontos principais e secundários nos capítulos subseqüentes.

* Tradução literal do inglês "The main thing is to keep the main thing" cujo sentido deve ser

PROPÓSITO

*Conceito-Chave: O Foco da Condição Decaída (FCD)***

CONSIDERANDO O FCD

Quando o pregador discerne o que o escritor bíblico está dizendo, a tarefa de determinar o tema de um sermão apenas começou. É-nos impossível entender plenamente o assunto até que tenhamos determinado sua razão ou causa. A consideração do tema de uma mensagem, enfim, nos obriga a perguntar: "Por que esses assuntos tão importantes chamam a atenção? O que causou essa importância, esses fatos, ou o registro dessas idéias? Qual foi o intento do autor? Visando a que propósito o Espírito Santo incluiu essas palavras na Escritura?"

Até que tenhamos definido o objetivo da passagem, não devemos pensar que estamos prontos para pregar suas verdades. No entanto, por mais evidente que seja este conselho, ele é freqüentemente negligenciado. Pregadores muitas vezes pensam que estão preparados para pregar quando vêem o assunto na passagem, ainda que não tenham descoberto o propósito do texto. Por exemplo, tão-somente reconhecer que uma passagem revela características que sustentam a doutrina da justificação pela fé somente, não prepara adequadamente o pastor para pregar. Um sermão não é somente uma lição sistemática. Por que o escritor bíblico apresentou o assunto da justificação nesse ponto? Em que consistiram as lutas, os interesses, ou as fraquezas das pessoas a quem o texto foi originalmente endereçado? Estavam as pessoas clamando por salvação fundamentadas em suas realizações, estavam elas duvidando da suficiência da graça, ou estavam temerosas da rejeição de Deus devido a algum pecado? Temos que determinar o propósito da passagem antes de conhecer realmente o assunto do nosso sermão.[4]

Não devemos conjeturar se existe um propósito para o texto. A Bíblia nos assegura que há uma razão para cada passagem nela contida, e ela claramente nos afirma a natureza básica desse propósito. O apóstolo Paulo escreve: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito

assim expresso: O fato de que manter a coisa principal consiste em manter esta coisa principal, resultará, por sua vez, na coisa principal. (N. do T.)

** Em inglês "The Fallen Condition Focus" (FCF). (N. do T.)

4. Adams, *Preaching with Purpose*, 27.

e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (2Tm 3.16, 17). Paulo indica que Deus quer, por meio de sua Palavra, "completar-nos".[5] Esta é a razão por que a Almeida Revista e Atualizada interpreta o verso 17 da passagem como "que o homem de Deus seja *perfeito*". Deus pretende por meio de cada passagem da sua Palavra (isto é, "toda Escritura") tornar-nos mais semelhantes a ele mesmo.[6]

Uma vez que Deus destinou a Bíblia para nos tornar completos, seu conteúdo indica necessariamente que em algum sentido somos incompletos. Nossa falta de inteireza é a conseqüência da condição decaída em que vivemos. Aspectos desta decadência que são refletidos em nossa própria condição pecaminosa e nosso mundo arruinado mostram a necessidade da instrução e construção da Escritura. Paulo escreve: "Pois tudo quanto, outrora, foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rm 15.4). O estado corrupto de nosso mundo e do nosso ser clamam pelo auxílio de Deus. Ele responde com sua Palavra, centralizando sua atenção sobre alguma faceta de nossa necessidade em cada porção dela. Nossa esperança reside na certeza de que toda a Escritura tem um Foco da Condição Decaída (FCD). Deus se recusa a abandonar seus filhos, frágeis e pecadores, sem guia ou defesa num mundo antagônico ao bem-estar espiritual deles. Nenhum texto foi escrito e destinado às pessoas do passado somente; Deus pretende em cada texto da Escritura dar-nos a "paciência e o incentivo" de que hoje necessitamos. *O FCD é a condição humana recíproca que os crentes contemporâneos compartilham com aqueles ou aquele a quem o texto foi escrito que requer a graça da passagem.*

Visto que um FCD resplandece por trás de toda Escritura, uma pregação ciente desse fato luta tenazmente para desvendar esse propósito em cada passagem. É evidente que pode haver mais de um propósito em um texto, mas a unidade do sermão exige do pregador que seja seletivo e geralmente concentrado no principal propósito de cada passagem da Escritura. O FCD indica o real assunto da mensagem, desde que é o verdadeiro propósito para a passagem.[7] Em última

5. Veja o termo grego *artios* no versículo 17.

6. Alguns exegetas entendem a expressão o "homem de Deus" em 2 Timóteo 3.17 como referindo-se ao ministro cristão, caso em que a "obra" para a qual a Palavra habilita diz respeito ao *ministério* antes que à *santificação* dos crentes. Essa interpretação *não* altera a conclusão de que Deus pretende que "toda a Escritura" "complete" os crentes, uma vez que os deveres do ministro de "ensinar, repreender, corrigir e educar na justiça" procedentes de "toda Escritura" comunicarão a perspectiva de Deus sobre a inerente necessidade que o ouvinte tem da finalidade da verdade bíblica.

7. Sindey Greidanus, *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 128-29.

análise, o sermão é sobre como os cristãos de hoje devem lidar com o FCD. Diversas subdivisões e dimensões do FCD podem ser desenvolvidas enquanto o sermão se desenrola, mas o tema principal deve permanecer claro. Esse modo de proceder faz sentido quando lembramos que o conteúdo do texto é a resposta de Deus para um aspecto de nossa condição decaída. O FCD ajusta o tom, determina a abordagem e organiza a informação no sermão.

DETERMINANDO O FCD

A compreensão própria de uma passagem e a formação de um sermão exige um claro FCD. Sem determinar um FCD não podemos saber, de fato, com que a Escritura se preocupa, mesmo se já conhecemos muitos fatos verdadeiros acerca da passagem.[8] O FCD revela o próprio objetivo do Espírito para a passagem, e não devemos ter a ousadia de pregar, a menos que tenhamos identificado sua vontade pela sua própria Palavra. Precisamos perguntar: "Qual foi o FCD que requereu o registro desse texto?" antes de expor corretamente o seu significado. O FCD nos habilita a interpretar de maneira adequada a passagem, comunicar seu conteúdo a dar à congregação o motivo para ouvir, procedente do próprio Espírito Santo.

Quanto mais específica a declaração do FCD na abertura do sermão, mais poderosa e comovente será a mensagem. Um FCD de "Não Ser Fiel a Deus" não é nem de longe tão firme para prender a atenção quanto: "Como Posso Manter Minha Integridade Quando Meu Patrão Não Tem Nenhuma?" Afirmativas genéricas do FCD dão ao pregador pouca orientação para organizar o sermão, e à congregação pouca razão para ouvir. A especificidade tende a produzir interesse e poder pela demonstração de que as Escrituras falam de coisas reais.

Pecados específicos são freqüentemente o FCD da passagem, mas um pecado nem sempre tem de ser o FCD do sermão. Aflição, doença, desejo intenso pelo retorno do Senhor, a necessidade de saber como compartilhar o evangelho e o desejo de ser melhor pai, não são pecados, mas são necessidades que nossa condição decaída impõem e para qual as Escrituras chamam a atenção. Assim como a ganância, a rebelião, a luxúria, a irresponsabilidade, a administração improdutiva e o orgulho são assuntos próprios de um sermão, também são o desejo de criar filhos piedosos, identificar a vontade de Deus e entender os próprios dons. Um FCD não precisa ser alguma coisa da qual somos culpados. Simplesmente precisa ser um aspecto da condição humana que pede a instrução, admoestação e/ou conforto da Escritura.

8. *Ibid.*, 173.

A personalidade do pregador, as circunstâncias da congregação, e a ênfase de um sermão em particular podem fazer com que a declaração do FCD varie grandemente. Uma passagem cujo foco central seja a confiança na providência de Deus pode igualmente bem indicar a necessidade de descansar em Deus nas horas difíceis, a responsabilidade de ensinar os outros a respeito do cuidado constante de Deus, ou o pecado de duvidar da provisão de Deus. Não existe uma maneira própria de formular o FCD de uma passagem para um sermão. Isso pelo fato de os pregadores poderem pregar de modo notável sermões diferentes baseados numa mesma passagem, sem que qualquer deles aparente ser menos fiel ao texto. O pregador precisa ser capaz de demonstrar que o texto indica o FCD da mensagem, não que este FCD do sermão seja o único possível para esse texto.

Visto que o FCD pode variar grandemente de texto para texto, e pode variar nos sermões pregados sobre um mesmo texto, os pregadores precisam estar certos de que o propósito dos seus sermões permaneça sendo o propósito da passagem. O seu FCD permanecerá fiel ao texto e identificará propósitos poderosos para seu sermão se você fizer três perguntas:

1. O que o texto quer dizer?
2. De que interesse(s) o texto tratou (no seu contexto)?
3. O que os ouvintes têm em comum com aqueles a quem (ou acerca de) o texto foi escrito, ou a pessoa por quem foi escrito?

Ao identificar a semelhança da condição dos nossos ouvintes com a do escritor bíblico, do assunto, e/ou do auditório, determinamos por que o texto foi escrito, não apenas para os tempos bíblicos, mas também para o nosso tempo. Podemos imaginar, porém, que o Espírito Santo não apresenta um FCD simplesmente para nos informar a respeito de um problema. Paulo disse a Timóteo que Deus inspirou toda Escritura para habilitar-nos para seu trabalho (veja 2Tm 3.16,17). Deus conta conosco para agirmos a respeito dos problemas que o Espírito revela.

APLICAÇÃO

Conceito-chave: O "E daí?" da pregação.

Nenhuma passagem relata um comentário neutro sobre nossa condição decaída. Texto algum comunica fatos apenas para informação. A própria Bíblia nos diz que suas páginas instruem, repreendem e corrigem. Deus conta com as verda-

des bíblicas para transformar seu povo. A pregação fiel faz o mesmo. O pregador que identifica o FCD de uma passagem para sua congregação automaticamente a equipa para considerar as soluções e instruções da Bíblia para a vida contemporânea. Portanto, a pregação bíblica que traz um FCD à superfície, também reconhece a necessidade de aplicação.

Memorável nos meus treinamentos homiléticos foi o coronel da força aérea que se tornou professor do seminário, que pedia a seus alunos que, onde quer que viessem a pregar nos anos futuros, que o imaginassem sentado na parte de trás do santuário. Com uma graciosa carranca o professor esbravejava: "Com os olhos da mente olhem para mim, sempre que tiverem proferido a conclusão da mensagem. Meus braços estão cruzados, minha face retém um olhar de censura, e esta pergunta pesa nos meus lábios: 'E aí? O que você quer que eu faça?' Se você não for capaz de responder, então você não pregou."

As pessoas têm o direito de perguntar: "Por que você me contou isso? O que eu tenho de fazer com essa informação? Muito bem, entendo o que você pensa – e daí?" A pregação mais saudável não supõe que os ouvintes automaticamente vêem como aplicar as verdades de Deus à própria vida. Ela apresenta a aplicação de que as pessoas necessitam.[9] Se até o próprio pregador não pode dizer (ou não tem a preocupação de determinar) como as verdades do sermão se relacionam com a vida, então, torna-se improvável que as pessoas façam a conexão e, além disso, se perguntarão por que se dariam ao incômodo de ouvir.

A Necessidade da Aplicação

O ensino e o modelo da Bíblia indicam a importância da aplicação na pregação. Quando Paulo diz a Tito: "Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina" (Tt 2.1), os estudantes da Bíblia daquela época provavelmente ecoariam o estribilho de entusiásticos "améns", expressão tão presente nas vozes dos seminaristas atuais. Porém, Paulo, com essa ordem, não quis dizer que era para Tito simplesmente ensinar proposições teológicas. Na sentença seguinte o apóstolo começa a explicar o que a referida "sã doutrina" envolve:

> Quanto aos homens idosos, que sejam temperantes, respeitáveis, sensatos, sadios na fé e na constância.

9. Veja no capítulo 8 uma discussão mais ampla sobre a aplicação na pregação.

> Quanto às mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias em seu proceder, não caluniadoras, não escravizadas a muito vinho; sejam mestras do bem, a fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem ao seu marido e a seus filhos, a serem sensatas, honestas, boas donas de casa, bondosas, sujeitas ao marido, para que a Palavra de Deus não seja difamada.
> Quanto aos moços, de igual modo, exorta-os para que, em todas as coisas, sejam criteriosos (Tt 2.2-6).

Paulo conta com a "doutrina" de Tito para dar às pessoas de sua congregação, direção específica para o dia-a-dia da vida delas. Tal instrução não caracteriza apenas essa única passagem; ela reflete o padrão das cartas de Paulo. O apóstolo inicia tipicamente cada epístola com uma saudação, dirige-se para a instrução doutrinal e, depois, aplica a doutrina a uma variedade de circunstâncias. Paulo recusa-se a deixar que a verdade bíblica permaneça na estratosfera da abstração teológica. Ele concretiza sua mensagem nos interesses das pessoas a quem se dirige.[10] Nossa pregação não tem objetivo mais alto do que este.

A pregação bíblica se move da exposição doutrinária para a instrução de vida. Essa pregação tanto exorta como expõe, pois reconhece que o próprio alvo da Escritura não consiste apenas em compartilhar informação acerca de Deus, mas conformar seu povo à semelhança de Jesus Cristo. Pregar sem aplicação pode satisfazer a mente, porém pregar com aplicação exige serviço prestado a Cristo. A aplicação faz de Jesus o centro da exortação do sermão, bem como o foco de sua explanação.

Clara articulação de um FCD dirige uma aplicação da mensagem e garante que o sermão seja cristocêntrico. O FCD põe em ordem as feições do sermão diante de objetivo específico e, portanto, auxilia o pregador a ver como aplicar a informação contida no texto. Ao mesmo tempo, o fato de que a mensagem é focalizada sobre um aspecto de nossa condição decaída, impede soluções simplistas centralizadas no homem. Se pudéssemos resolver o problema com nossos próprios esforços em nossas próprias forças, então não seríamos verdadeiramente decaídos. A aplicação que identifica um FCD necessariamente conduz as pessoas à presença e ao poder do Salvador da forma com elas procuram servi-lo.

As primeiras afirmativas do FCD no sermão abrem a porta para aplicação por diversos meios. O pregador pode abrir uma ferida espiritual ou emocional

10. John R. W. Stott, *Between Two Worlds: The Art of Preaching in the Twentieth Century* (1982); reprint (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 140.

de modo a prover cura bíblica; identificar uma aflição, de modo a oferecer o conforto de Deus; mostrar um perigo, de modo a assegurar a autoridade da Escritura; ou condenar um pecado, de modo a oferecer purificação ao pecador. Em cada caso, a declaração do FCD gera forte desejo no ouvinte pela Palavra ao identificar as necessidades bíblicas que a passagem indica.[11] A aparência externa de tais necessidades compele ao pregador a "fazer alguma coisa" a seu respeito. Esta compulsão torna-se o imperativo espiritual que leva o pregador a discernir as respostas e instruções do texto. Quando estas se cristalizam, aplicações que são verdades para o objetivo, o foco e o contexto do texto se desenvolvem naturalmente.

AS CONSEQÜÊNCIAS DA NÃO-APLICAÇÃO

Por melhor selecionado que seja o alimento sólido do sermão, a mensagem permanece incompleta, sem uma aplicação séria e verdadeira em relação ao texto. Essa parte mais importante não é tão rara assim na pregação evangelística, como Walter Liefeld afirma:

> Nos primeiros anos (não mais, espero) muitas vezes eu fazia exegese no púlpito, pois estava consciente do anseio profundo e difundido pelos ensinos da Palavra de Deus. Finalmente eu compreendi que se pode ensinar e, no entanto, falhar na missão de nutrir ou inspirar. Penso (e de novo espero) que meus sermões sejam hoje menos informativos, porém muito mais úteis.
>
> Pregação expositiva não é simplesmente um comentário contínuo. Com isso eu quero dizer uma cadeia de pensamentos livremente conectados, ocasionalmente ligados à passagem, sem estrutura homilética ou aplicação adequada...
>
> Pregação expositiva não é um exame de uma passagem com um título. Com isso quero dizer o típico: "1. A Convicção de Saulo; 2. A Conversão de Saulo; 3. A

11. Nota: uma "necessidade bíblica" pode ser ou não uma "necessidade experimentada". Em anos recentes, muita crítica tem surgido sobre pregação centralizada nas necessidades sentidas, de modo a tornar o evangelho atraente (veja Terry Muck, "The Danger of Preaching to Needs" [Jackson, MS.; Reformed Theological Seminary Ministries, cassetes, 1986], respondendo a trabalhos tais como Charles H. *Kraft's Communicating the Gospel God's Way* [Pasadena, CA: William Carey Library, 1979]. Tal crítica corretamente admite que um constante regime de pregação centrada sobre necessidades sentidas pode tornar a fé e a adoração em assuntos puramente de auto-interesse. Ao mesmo tempo, o evangelho muitas vezes ajuda as pessoas a verem suas necessidades bíblicas sentidas (Jo 4.4-26; At 17.22, 23). Os pregadores não devem recear ajudar outros a verem suas necessidades bíblicas, de modo que tais pessoas possam discernir suas obrigações bíblicas.

> Comissão de Saulo". (At 9.1-19). Em meus círculos pessoais julgo ter ouvido mais sermões desse tipo que qualquer outro. Eles soam muito bíblicos porque estão baseados numa passagem da Escritura. Porém, sua falha básica é que tendem a ser descritivos antes que pastorais. Carecem de um alvo claro ou de aplicação prática. A congregação é deixada sem nenhuma visão verdadeira sobre o que o texto está falando e sem que tenha recebido qualquer ensino claro acerca de Deus ou de si mesma.[12]

Lição de gramática não é sermão. Um sermão não é um resumo textual, um discurso sistemático ou uma preleção sobre História. Meras preleções são *pré-sermões* porque fornecem informações sem aplicação relevante que focalize o ouvinte nas suas obrigações para com Cristo e o ministério que ele lhe deu.[13]

Uma mensagem permanece como pré-sermão até que o pregador organize suas idéias e os aspectos do texto para aplicar a um FCD único, principal. Podemos representar o conceito desta maneira:

Informação Textual (pré-sermão) ——>Identificação de um FCD + Aplicação Relevante = SERMÃO.

Uma mensagem que demonstre meramente que "Deus é bom" não é um sermão. Entretanto, quando o mesmo discurso lida com a dúvida que possamos ter sobre se Deus é bom quando enfrentamos sofrimento, e demonstra, a partir do texto, como devemos lidar com nossa dúvida a respeito da bondade de Deus, então o pregador tem um sermão. Uma mensagem do pré-sermão apenas expõe o texto. Tal "discurso" pode ser correto, biblicamente alicerçado e erudito, mas a congregação percebe que não se trata de um sermão, mesmo que o pregador não.

Um antigo aluno recentemente me telefonou pedindo ajuda porque sua congregação parecia estar se tornando cada vez menos responsiva à sua pregação. "No domingo passado", ele disse, "eles apenas olhavam para mim como se fossem pessoas insensíveis. Não obtive retorno algum. O que estou fazendo de errado?"

---

12. Walter L. Liefeld, *New Testament Exposition: From Text to Sermon* (Grand Rapids: Zondervan, 1984), 20, 21.

13. Adams, *Preaching with Purpose*, 51; e, repetido até com mais ênfase pelo mesmo autor em *Truth Applied: Application in Preaching* (Grand Rapids: Zondervan, 1990), 33-39.

Pedi-lhe que descrevesse seu sermão para mim. Respondeu dando-me os principais pontos do seu esboço:

"Noé era sábio."
"Noé era destemido."
"Noé era fiel."

"Isso soa bem", eu disse. "Mas, por que você disse isso a eles?"

Houve uma longa pausa do outro lado da linha. Então, ele suspirou, "Ah, sim. Eu me esqueci!"

"Informação sem aplicação gera frustração." Esse velho adágio é verdadeiro tanto para os pregadores quanto para os membros da igreja. Pregadores incapazes de responder ao "e daí?", pregarão a um "que interessa?" Somente quando pudermos demonstrar que as verdades da Escritura foram registradas com um propósito e tiveram aplicação prática na vida do povo de Deus é que nossos sermões vão ter a garantia de que serão ouvidos. Isso não é simplesmente devido ao fato de as pessoas não terem motivo para ouvir o que não tem clara relevância para a vida delas. Sermões que não explicam os objetivos e aplicações para os quais foram escritos, de igual modo vão falhar em cumprir a vontade de Deus, determinada por sua Palavra.

Não somos simplesmente ministros de informação; somos ministros da transformação de Cristo. Ele quer restaurar seu povo com sua Palavra, e ele não é grandemente servido por pregadores que não compreendem a transformação que a Escritura requer, nem comunicarão os meios que ela oferece.

Capítulos adiante discutiremos como o pregador se mantém verdadeiro às Escrituras e cumpre essas tarefas exegéticas e de comunicação. Para o momento, o essencial é a conclusão de que a unidade, o propósito e a aplicação ajudarão os pregadores a se manterem fiéis à sua vocação divina e ao desígnio da Palavra.

PERGUNTAS PARA REVISÃO E DISCUSSÃO

1. Sobre quantas coisas é o sermão? Por quê?

2. Que é o Foco da Condição Decaída (FCD) de um sermão?

3. Em última análise, qual é a única coisa de que trata o sermão?

4. Quais são os três passos para determinar o FCD de um sermão?

5. Quais são as indicações de que a mensagem é um "pré-sermão"?

EXERCÍCIOS

1. Quais são os possíveis temas unificadores para cada um dos seguintes grupos de pontos principais?

Deus é bom
Deus é fiel
Deus é soberano

Os pais devem disciplinar
Os pais devem sacrificar-se
Os pais devem amar

O pecado sempre contradiz a vontade de Deus
O pecado algumas vezes oculta a vontade de Deus
O pecado jamais impede a vontade de Deus

2. Aliste cinco pecados específicos que podem ser o FCD de um sermão.

Aliste cinco "não-pecados" específicos que podem ser o FCD de um sermão.

CONTEÚDO DO CAPÍTULO 3

COMECE POR AQUI
CONSIDERAÇÕES PARA ESCOLHER UMA PASSAGEM
- EXTENSÃO DA PASSAGEM
- EXTENSÃO DO SERMÃO
- INTERESSES
- CATALISADORES
  - *Séries*
  - *Contextos*
- PRECAUÇÕES

RECURSOS PARA INTERPRETAR UMA PASSAGEM
PRINCÍPIOS PARA INTERPRETAR UMA PASSAGEM
- USE O MÉTODO GRAMATICAL-HISTÓRICO
- OBSERVE O CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURA E LITERÁRIO
- DETERMINE O CONTEXTO REDENTOR

OBJETIVO DO CAPÍTULO 3

Explicar os recursos e regras básicas para selecionar e interpretar textos

3

A PRIORIDADE DO TEXTO

COMECE POR AQUI

Uma trilha natural, que minha família aprecia, serpenteia por entre florestas, segue ao longo de uma correnteza e circunda um lago em direção a arvoredos e rochas identificados por placas, que dão explicação sobre cada sinal demarcatório. As explicações nos ajudam a entender e desfrutar os aspectos da floresta ao nosso redor. Mas, por mais interessantes que sejam as placas, nenhum outro sinal é mais importante para nós do que aquele no começo da trilha, onde vários atalhos muito parecidos, distantes do ponto de estacionamento, penetram no interior da densa mata. A placa mostra uma seta e estas simples palavras: *Comece por Aqui*. Saber por onde começar facilmente leva-nos até às explicações de que precisamos.

O mesmo é verdade quanto à pregação. Conhecer os marcos que caracterizam uma boa pregação não nos conduzirá automaticamente à excelência. Precisamos, primeiro, partir do atalho certo. A pregação expositiva sinaliza aos pregadores do texto bíblico com a instrução *comece por aqui*. Isso não significa que os pregadores não possam ter uma opinião antecipada sobre a trilha, ou que eles não devam ter qualquer idéia do que desejam ver antes de começar a percorrer o caminho estreito da Escritura. Muitas vezes almejamos começar a preparação do sermão pela procura da afirmação bíblica acerca de um interesse particular ou tópico. Além disso, o próprio texto é a fonte das verdades que, por fim, apresentamos. No púlpito somos expositores, não autores. O sermão elucida o que a Bíblia afirma. Isso significa que a primeira tarefa expositiva do pregador é escolher a porção bíblica sobre a qual vai pregar.

CONSIDERAÇÕES PARA ESCOLHER UMA PASSAGEM

A Extensão da Passagem

Ainda que esta não seja a primeira consideração do pastor na escolha de uma passagem, o que se pode cobrir no tempo destinado ao sermão deve afetar a

decisão. Quando eu estava treinando para pregar, os instrutores gostavam de empregar o termo *unidade expositiva* para a porção da Escritura que um sermão expositivo cobria.[1] O termo tem forças e riscos.

De uma perspectiva positiva, o conceito de unidade estimula os pregadores a verem as passagens bíblicas como coleções empacotadas de pensamento unificado antes que ordenação de versículos desconexos.[2] O conceito funciona notadamente bem quando pregamos sobre passagens didáticas (epístolas, sermões bíblicos, literatura profética, etc.), que podem ser analisadas parágrafo por parágrafo. Um parágrafo de reflexão em tais passagens tipicamente cobre cinco ou dez versículos, contém uma idéia principal com conceitos de sustentação, e facilmente presta-se a ser desenvolvido de modo expositivo num sermão de tempo razoável.

O conceito de uma unidade expositiva tem ainda vantagens sobre o plano de pregar parágrafos da Escrituras, pois algumas vezes um sermão expositivo cobrirá passagens mais extensas ou mais curtas do que um parágrafo. Tanto *destilar* a essência de uma longa passagem quanto *explodir* as implicações de uma simples frase são tarefas homiléticas legítimas.

O conceito de unidade estimula o pregador a não sentir-se constrangido pelo parágrafo ou pelas divisões de uma tradução particular. A maioria das divisões textuais nos livros de nossas Bíblias modernas foi simplesmente acrescentada para fins de melhor compreensão, de modo que o pregador não precisa indicar a passagem da mesma forma como os tradutores a dividiram, se a intenção que está sendo desenvolvida sobrepõe-se às divisões da tradução. A prudência aconselha os pregadores a não ignorarem completamente as divisões em parágrafos e versículos em nossas Bíblias – especialistas têm comumente aconselhado os editores a indicarem as divisões sobre o princípio fundamental das transições do pensamento que eles observam no texto. Entretanto, as divisões não são divinas, e não podem forçar o pregador a dividir a passagem exatamente do modo como um editor o fez.

De uma perspectiva negativa, a terminologia acerca das unidades expositivas pode limitar a visão do pregador, se ele simplesmente as tornar sinônimas de "um parágrafo de reflexão". Há poucos anos, preguei na igreja de um amigo

1. Veja como Andrew Blackwood arranjou a terminologia em *The Fine Art of Preaching* (1937; reimpresso, Nova York: Macmillan, 1943), 34-35; também Robert G. Rayburn em *Expository Preaching* (edição posterior à morte do Dr. Rayburn).

2. Jay E. Adams, *Preaching with Purpose: A Comprehensive Textbook on Biblical Preaching* (Grand Rapids: Baker, 1982), 26.

que freqüentou o seminário comigo. Preguei sobre uma das narrativas do Evangelho que era composta de vários parágrafos. Mais tarde, meu amigo me confidenciou que raramente pregava sobre tais narrativas, já que tinha sido treinado para pregar apenas sobre unidades expositivas. Com isso, ele queria dizer que pregava quase que exclusivamente apenas sobre um ou dois parágrafos de cada vez. Ele não notava a nuança do termo. Uma unidade expositiva é uma maior ou menor porção da Escritura, da qual o pregador pode demonstrar uma única verdade espiritual com o apoio de fatos ou conceitos que se encontram dentro desse texto.

Os pregadores dificilmente podem transmitir algumas verdades importantes em narrativas como a do dilúvio ou a do filho pródigo, se não cobrirem o relato integral.[3] Mensagens extraídas de porções poéticas da Escritura devem algumas vezes tratar com temas que são repercutidos e desenvolvidos em inúmeras linhas à frente. Um escritor bíblico pode tratar de um assunto e pô-lo de parte para uma discussão parentética, antes de voltar ao pensamento original novamente várias sentenças ou até mesmo vários capítulos depois. Certos sermões devem cobrir diversos capítulos de uma vez, a fim de narrar um conceito bíblico; outros se empenharão para capturar o significado de um livro inteiro (por ex., Jó ou Rute) ou para extrair a verdade que corre ao longo de uma família de livros (por ex., remanescente ou reino).[4] Embora pregadores principiantes sejam aconselhados a aprender seu ofício pregando apenas sobre um parágrafo ou dois da Escritura de cada vez, seria melhor que eles considerassem como poderiam, em última análise, expor passagens de vários tamanhos, uma vez que as verdades bíblicas são relatadas por meio de uma grande variedade tanto de meios literários quanto de extensão.[5]

Extensão do Sermão

O tempo de que o pregador dispõe para apresentar a mensagem influencia a escolha da passagem. Fui educado numa tradição em que a pregação começava às nove horas de domingo, era interrompida para a refeição do meio-dia, e

3. Gordon D. Fee e Douglas Stuart, *How to Read the Bible for All its Worth* (Grand Rapids: Zondervan, 1982), 77.

4. Na parte do capítulo 9 sobre introduções à "Escritura," discutiremos como o pregador pode apresentar e expor longos trechos da Escritura.

5. David L. Larsen, *The Anatomy of Preaching: Identifying in Preaching Today* (Grand Rapids: Baker, 1990), 90-91.

então prosseguia até o cair da tarde. É desnecessário dizer que essa prática deixava aos pregadores uma extensão de tempo muito grande para a escolha dos seus textos. Entretanto, fora do comum como foi tal pregação em minha juventude, agora é quase impossível para a maioria dos cristãos norte-americanos aprofundarem-se. Assim como espiamos pelos canais de televisão, com os dedos pousados sobre o controle remoto, a fim de interromper a mais leve insinuação de enfado, o pensamento de ouvir um sermão por horas praticamente paralisa.

Diferenças culturais, eclesiásticas e congregacionais ainda fazem com que a extensão dos sermões varie grandemente. Em regiões da África e do Caribe, um pregador que termina o sermão antes que se passe uma hora, falha no cumprimento de suas obrigações pastorais. Em muitas igrejas inglesas e americanas, onde a autoridade da Palavra tem-se deteriorado, uma homilia de dez minutos sobre um tema cultural tem substituído até mesmo explanações superficiais do "Assim diz o Senhor". Ao mesmo tempo, proponentes do movimento de crescimento da igreja evangélica nos Estados Unidos, muitas vezes advogam *sermões de dezoito a vinte minutos como recurso para alcançar os ouvidos* dos afastados da igreja em nossa cultura apressada. Comprimento de sermão não é medida automática de ortodoxia, no entanto sermões compridos o bastante para explicar o que a passagem significa, e curtos o suficiente para manter o interesse dos ouvintes, indicarão muito acerca da vitalidade de uma congregação e da sabedoria do pastor.

Por razões ao mesmo tempo certas e equivocadas, as igrejas que eu tenho freqüentado como adulto, tendem a esperar que os sermões sejam de vinte e cinco a trinta minutos.[6] Isso parece uma norma evangélica na América do Norte, se bem que haja muitas exceções de ambos os lados do cronômetro. Congregações com boa formação escolar e biblicamente instruídas podem, em geral, deleitar-se mais demoradamente na Palavra do que outras pessoas. Ainda que alimentar-se em demasia é sempre possível, contudo, alimentação forçada é caracterís-

6. George Sweazey oferece esse elegante resumo: "Nos círculos mais familiares, um sermão de quinze minutos parece um prólogo, vinte minutos é tido como curto, vinte e cinco minutos é normal, e trinta minutos é longo, em *Preaching the Good News* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1976), 145. Entretanto, é provavelmente correto dizer que desde que Sweazey escreveu essas palavras, a extensão dos sermões nas igrejas das principais denominações, com as quais ele está mais familiarizado, continuou a encurtar. Stott não contesta a análise de Sweazey, e escreveu: "Nenhuma regra estrita deve ser formulada a respeito da extensão do sermão, a não ser talvez que dez minutos é muito pouco e quarenta minutos é tempo demais", em *Between Two Worlds: The Art of Preaching in the Twentieth Centure* (1982); reeditado (Grand Rapids: Eerdemans, 1988), 294.

tica de pregadores inexperientes ou insensíveis. John Stott habilmente evita a questão sobre o tempo ideal do sermão, afirmando que "todo sermão deveria parecer ser de vinte minutos, mesmo que tenha sido mais longo."[7]

Entretanto, seja qual for a norma de uma congregação particular, o pregador deve ter sempre a prudência de escolher passagens de tal extensão e/ou consistência que possam ser interpretadas nos limites do tempo disponível. A ocasião, o preparo da congregação, o ministério da igreja e os objetivos da missão, os parâmetros do culto de adoração, e mudanças que a igreja apresenta relativas à idade, níveis educacionais ou maturidade espiritual, podem afetar decisivamente a escolha da passagem e a dimensão da mensagem. Os pastores devem considerar cada um desses fatores ao determinar o espaço de tempo para a pregação, e estimular expectativas mediante cuidado e paciência somente.

Sempre há um outro versículo que se pode comentar e uma outra palavra que pode ser proferida, mas os ministros prudentes devem selecionar passagens que lhes permitam parar antes que a congregação o faça. O pastor bem-preparado sempre tem mais a dizer do que tempo para dizê-lo. Parte do tormento da preparação do sermão é a disciplina de pôr à parte, para outra ocasião, o que não se dispõe de tempo para ser dito nesta mensagem. Nós simplesmente falaremos mais do que será ouvido, se pregarmos menos do que sabemos. No púlpito, menos pode muitas vezes significar mais.

Talvez a extensão da passagem e a extensão correspondente da mensagem sejam determinadas com maior precisão quando os pregadores se lembrarem do propósito dos seus sermões: habilitar as pessoas a honrar a Cristo. As mensagens não devem ser tão curtas, como se quiséssemos fazer parecer acidental a Palavra de Deus, nem tão longas a ponto de tornar a adoração um fardo. Um ou outro desses extremos tira de Cristo a glória que ele merece e a doce aguilhoada que sua Palavra deve produzir na consciência humana.

Interesses

Pregar sobre passagens que tenham significado pessoal ou que sejam de seu interesse é um grande meio de aprender a expor textos. Aquilo que o apaixona ou o comove é o que provavelmente despertará a paixão de outros ou os comoverá. Até mesmo expositores experientes muitas vezes escolherão textos

7. *Ibid.*

porque falam de um interesse pessoal específico.[8] Mensagens incendiadas pela zelosa convicção do pastor tendem a acender o interesse da congregação bem como o entusiasmo pastoral. Entretanto, pastores que escolhem textos para transmitir seus interesses pessoais precisam precaver-se pelo menos em dois sentidos. Primeiro, assegurarem-se de que não estão impondo seu interesse ao texto. Uma exposição sólida deve demonstrar que a passagem realmente fala ao problema que você quer considerar, e que seu entusiasmo na consideração de um assunto particular não prejudica a intenção original do autor. Segundo, esteja ciente de que um ministério que se aplica exclusivamente aos interesses pessoais do pregador pode tornar-se bastante limitado quanto à visão das necessidades da congregação. O pastor pode acabar concentrando-se somente em temas de seu interesse ou inconscientemente enfatizar conflitos pessoais e negligenciar outras verdades importantes necessárias a uma congregação plenamente informada e amadurecida.

Os interesses da congregação devem, ainda, influenciar o que o pastor decide pregar. Um pastor será considerado como distante e/ou insensível caso imponha um programa de sermões que ignore o dilema de empregos da comunidade, o falecimento de um líder na igreja, um acidente local, um plano de construção, a decisão de um jovem que aspira ingressar no campo missionário, problemas morais com que o jovem se defronta, interesses de saúde que a idade avançada enfrenta, ou uma multidão de assuntos similares relevantes à vida da igreja. O mundo não deve estabelecer a agenda para nossa pregação, mas o ministro que ignora o mundo que a congregação confronta não passa de um impostor santarrão.

Pastores experientes geralmente dedicam um período de cada ano para olhar para trás e para a frente – para trás ao que foi pregado e o que a congregação enfrentou, e para a frente para saber sobre o que pregar tendo em vista as necessidades da congregação – sobre o que ela precisa saber ou sobre o que provavelmente irá vivenciar. Esforços para educar e preparar uma congregação para os desafios espirituais da vida irão conduzir o pastor a uma ampla variedade de tópicos e a manter-se afastado do sermão rotineiro.

Muitos pregadores tentam aproveitar os meses menos quentes do verão para planejar o programa de pregação do ano eclesiástico, sabendo que a qualidade de cada sermão crescerá grandemente, se eles souberem com antecedência sobre quais passagens e tópicos irão falar. Planejamento antecipado ca-

8. Haddon Robinson chama isso de "exposição tópica" em *Biblical Preaching: The Development and Delivery of Expository Messages* (Grand Rapids: Baker, 1980), 57.

pacita o pregador a organizar um arquivo de pré-sermões, que evitará que a preparação do sermão degenere-se na pressa nervosa da tarde de sexta-feira, ou na agitação febril da noite de sábado, cujos efeitos angustiam pregadores e congregações igualmente.

Uma pasta reservada para cada sermão a ser proferido, no arquivo de pré-sermões, funcionará como um ímã que atrairá idéias das suas leituras gerais e das suas experiências diárias. Lampejos de percepção, anotações de real interesse, recortes de jornais, descobertas exegéticas, ilustrações e esboços podem ir sendo colocados dentro do arquivo por várias semanas e lhe proporcionarão amplos recursos para a preparação do sermão na semana em que será pregado.[9] Mesmo que você não use todas as informações do arquivo, a simples presença delas atenuará em muito a pressão exterior que envolve o preparo semanal do sermão, pois não haverá necessidade de consumir horas preciosas na investigação minuciosa de livros, revistas e comentários, à procura daquelas citações lidas meses atrás, que se ajustam perfeitamente à mensagem, mas que não foram retidas totalmente na memória. Admita que pastores sem o arquivo destinado aos pré-sermões, tipicamente retornam aos clichês, por não disporem de tempo para encontrar as idéias que são memoráveis durante os restritos momentos semanais que podem devotar à elaboração do sermão.

Muitos pastores jovens temem que depois de poucos meses ficarão sem recursos para a pregação tópica, mas uma vez que começam a compreender melhor a congregação, suficiente o bastante para sentir a profundeza e a quantidade de suas carências, dúvidas, aflições, pecados e desafios concernentes às rápidas mudanças de rumo, admitem o quanto pode ser transmitido, dado o tempo permitido à pregação. Princípios doutrinários que conferem às pessoas a perspectiva de que necessitam para lidar com uma variedade de problemas, tanto quanto de interesses particulares que reclamam instrução direta, também necessitam da atenção do púlpito. Ao mesmo tempo, precisamos ter o cuidado de que nosso ministério não se torne prisioneiro dos desejos correntes da congregação. Um ministério pode ser desvirtuado tanto por prestar demasiada atenção às coisas que as pessoas querem ouvir, como por dar excessiva importância ao que o pregador deseja pregar (2Tm 4.3).

Diferentes tradições da igreja têm empregado meios para alternar a ênfase da pregação num local estabelecido. As igrejas Católica Romana, Ortodoxa,

9. Para idéias suplementares sobre a preparação de arquivos de pré-sermões, veja *Using Illustrations to Preach with Power*, do autor (Grand Rapids: Zondervan, 1993), 178-86.

Luterana e o ramo principal das igrejas nos Estados Unidos freqüentemente usam um lecionário junto com o calendário litúrgico, que orienta os ministros a abrangerem a variedade de textos pré-selecionados para cada ano. As igrejas Reformadas resistem particularmente ao uso do lecionário, por várias razões: o princípio de *sola scriptura* defende que somente a Escritura pode ditar o que deve ser pregado; a prática da *lectio continua* oposta à *lectio selecta*, ou seja, a apresentação seqüencial de textos (por ex., pregação em série de um livro também conhecida como "pregação consecutiva")[10] em vez de escolher diversas seleções semana a semana, que se admite induzir a ênfases humanas; a tradição de não se considerar nenhum dia como superior a outro, em reação à observância dos dias santos da Católica Romana, que eram vistos como perfeitos ao sacramentalismo; e a atenção dada à autonomia do púlpito local, na suposição de que o Espírito Santo dispensará ao pregador a unção e o discernimento para o cumprimento da tarefa à mão.

A distância das batalhas da Reforma e uma crescente conscientização da necessidade de falar diretamente à situação cultural, tornaram a igreja Reformada mais desejosa de abordar assuntos sazonais, porém, sem impor um calendário litúrgico. Batistas, carismáticos e muitas igrejas de tradição independentes seguiram o mesmo caminho nas décadas recentes. Todas essas tradições reconhecem que a saúde da congregação não pode ser mantida sem um compromisso ministerial de pregar "todo o conselho de Deus" (At 20.20,27). Se um lecionário, uma agenda pessoal, uma comissão de adoração, um livro de seqüência, ou as pressões da comunidade, influenciam os textos que você selecionou, deve-se tomar o cuidado de preparar as pessoas para os assuntos que elas querem que você transmita *e* para aqueles que jamais cogitariam escolher. Tanto o congregacional quanto o pastoral precisam ser controlados e refinados para que esse objetivo seja atingido ou então uma dieta constituída somente de bolo de chocolate poderá deixar todos subnutridos.

CATALISADORES

Séries

O que ajudará a manter bem completa sua seleção de textos? Práticas já consagradas e abordagens novas. Entre as práticas mais consagradas está a prega-

10. John A. Broadus refere-se a isso como "exposição contínua", em *On the Preparation and Delivery of Sermons*, org. por J. B. Weatherspoon (Nova York: Harper and Row, 1944), 146-47.

ção de textos em série. O método *lectio continua* confere significativos benefícios para o pastor pregar em seqüência todo um capítulo ou um livro, porque

- assuntos dentro do texto obrigam o pregador a tratar de um maior número de questões que imediatamente vêm à mente;
- assuntos delicados podem ser tratados sem que pareça que um dedo está apontado para certas pessoas ou problemas na igreja (os assuntos simplesmente aparecem na seqüência do texto e evitá-los seria mais óbvio);
- muita cogitação e muita hesitação podem ser poupadas, uma vez que o pregador não tem que passar pelo desgastante período de tempo para decidir o que pregar na semana em curso – a parte seguinte do texto é a escolha evidente;
- muito tempo de pesquisa pode ser poupado (especialmente para o jovem pastor) uma vez que cada novo sermão dispensa um estudo completamente novo do autor, ambiente, contexto e origem do livro ou da passagem;
- a congregação aprenderá a ver os temas e esquemas organizados da Bíblia, em vez de percebê-la como um emaranhado impenetrável de máximas, lições de moral e histórias;
- a congregação e o pastor podem facilmente controlar o progresso não apenas do seu percurso ao longo de um livro, como também de sua interpretação dos importantes temas bíblicos e doutrinários. Este último ponto será especialmente importante quando o pastor e a congregação forem decidir qual será o assunto da pregação seguinte.[11]

A pregação em série apresenta seu maior risco quando os pregadores falham na tentativa de tornar o desenvolvimento eficaz ou apropriado. Martin Lloyd-Jones pode ter pregado sobre Romanos por cerca de quatorze anos, porém, sem suas excepcionais habilidades, essa extraordinária prática provavelmente teria levado à morte o interesse e o entusiasmo da congregação. A antiga prática de limitar as lições da escola dominical ao período de doze semanas expressa em grande parte a necessidade de que as pessoas sentem de mudança. Pesquisas recentes que têm convencido muitos editores a empacotar estudos

11. Stott recomenda uma "parceria" entre o pastor e os membros da igreja para determinar o que e como os assuntos devem ser apresentados (*Between Two Worlds,* 198-200). Com esse conselho ele não advoga que os pregadores desistam de seu chamado divino, mas que eles usam comitês e conversas com líderes e outros na igreja para tomar a temperatura da congregação para definir o tipo e a dosagem de remédio escritural que precisa ser administrado. Um pastor que não toma a temperatura da congregação é um médico de almas medíocre.

indutivos da Bíblia em sete a oito períodos semanais, dizem ainda mais acerca da tolerância que até mesmo cristãos absolutamente leais em nossa cultura têm pela rotina. Embora exímios expositores sejam exceções, normalmente é melhor que os sermões em série durem alguns meses, no máximo. As pessoas querem estudar a Bíblia em profundidade, mas à semelhança de excursionistas que desejam mais que uma vista do Grand Canyon, eles preferem seguir adiante. Quando o pregador declara pela quinta vez consecutiva: "Abram comigo a Bíblia para darmos seqüência à nossa série em Eclesiastes 2.15d", os roncos poderão não ser audíveis, mas os gemidos certamente serão.

As séries podem também causar problemas se o pregador pretende fazer com que cada sermão dependa das mensagens precedentes. Muitas vezes, um tema ou passagem serão melhor trabalhados numa série de sermões, porém cada um deles deverá ser compreensível, sem qualquer código que se refira às mensagens anteriores. Da mesma forma, muitas referências a "Como nós descobrimos na última semana...", ou " Três semanas atrás vimos que..." farão com que os presentes nas primeiras mensagens sintam-se falhos por não se lembrarem da referência, e com que os ausentes se reconheçam incapazes de sentir o pleno impacto da mensagem, pois não compareceram na pré-estréia. Os que são novatos na congregação podem sentir que jamais alcançarão ou terão os requisitos necessários para entender uma série iniciada há cerca de três meses e que promete prolongar-se por mais três, se o pastor não tiver o cuidado de fazer com que a maior parte de cada sermão permaneça sobre os próprios pés antes que sobre os ombros das mensagens passadas.

Uma série ajuda em muito a preparação e o objetivo do assunto que o pastor tem em vista. Ainda mais, geralmente funciona melhor quando sua duração é razoável, seus sermões são autônomos e seus assuntos e/ou abordagens diferem significativamente da série mais recente. A pregação sobre Filipenses irá estimular muitas mensagens expositivas excelentes. Contudo, uma série sobre a família cristã, ou as marcas de uma igreja saudável, pode levar o pastor a uma seqüência de textos e diferentes livros que podem, também, ser manejados expositivamente.

Contextos

Se a seqüência de uma série não assinalar a escolha de um texto, o que, então, ajudará o pastor a decidir sobre que pregar? Seguem-se algumas possibilidades baseadas na vida do pastor, na igreja ou nos contextos culturais:

Habilidades pessoais. Ainda que você aspire ao crescimento de seu conhecimento e aptidões, não existe boa razão que justifique o salto para uma série expositiva em Ezequiel ou Apocalipse, caso não tenha ainda a base para tratar acuradamente seus conteúdos. Trate do que você conhece melhor, enquanto desenvolve as habilidades que o auxiliarão a lutar com passagens mais desafiadoras.

O calendário. Na maioria de nossas igrejas pode-se evitar de falar dos pais no Dia dos Pais, porém, ai do pregador que não mencionar a mãe no Dia das Mães. Nenhuma menção da ressurreição na páscoa será um mistério maior que o túmulo vazio para aqueles assentados nos bancos da igreja, e o Natal sem o menino Jesus ofende a maioria dos corações.

A situação. Às vezes, as Escrituras trabalham como uma teia, capturando temas para nossa consideração, como se viajássemos pelas suas galerias. Outras vezes, nossa situação nos compele a prosseguir como num safári, pela Bíblia, com nossos próprios interesses suspensos como redes para capturar o texto que tratará de nossas necessidades. Preocupação da comunidade sobre o abuso de drogas na escola secundária local, uma greve numa grande empresa, uma tragédia ou um sucesso, tudo isso pode incitar o pregador a localizar passagens relevantes da Escritura. Preocupação congregacional acerca da escolha de um funcionário, sobre vandalismo, sobre fraude, e uma multidão de outros temas, de igual modo estimulam a seleção de passagens.

Os assuntos mais freqüentemente abordados são os que refletem situações cotidianas da pessoa que se assenta no banco da igreja. Um pastor que vive no meio das pessoas conhecerá suas lutas com o patrão severo, um filho pródigo, a culpa, a depressão, um parente não-salvo, parentes intolerantes, esposos que não se toleram, ambições irresponsáveis, paixões incontroláveis e muitos outros semelhantes. Questões como essas deveriam ser FCDs em muitos sermões e servirão como roteiro a muitos textos apropriados. Esses temas e textos devem ter precedência na pregação, pois somente quando as pessoas sabem como viver fielmente em circunstâncias normais é que estarão bem preparadas para agir em situações extraordinárias.

Acontecimentos em curso. Pessoas cristãs necessitam de orientação bíblica para refletir sobre a pobreza, o aborto, os desastres, a dissensão, as crises militares, os problemas políticos, epidêmicos e econômicos, a proteção à saúde, e outras questões do nosso tempo, com as quais havemos de encontrar ou teremos de confrontar. Os evangélicos podem não gostar de que o sábio conselho de preparar os sermões com a Bíblia em uma das mãos e o jornal do dia na outra tenha sido

dado por Karl Barth,[12] mas podemos sempre nos consolar com a alegria de que Charles Spurgeon fez a alusão primeiro.[13]

Eventos em curso tendem a pôr pastores em dificuldade, quando os sermões começam a argumentar contra ou a favor de posições políticas específicas, candidatos ou programas. Embora haja momentos para exceções, os compromissos e a perícia do pregador devem limitar-se a referir-se aos princípios bíblicos que os cristãos, em postos de responsabilidade, devem aplicar, na medida em que usarão a Palavra de Deus para apoiar suas vocações profissionais e julgamentos éticos. Naturalmente, onde existem evidentes padrões bíblicos acerca de um assunto, os pregadores devem falar com ousadia e clareza. Temos de reconhecer, porém, que o pastor percebido como um animal político, é aquele que comumente perde sua autoridade espiritual.

Hinários. A hinologia da igreja revela de modo intenso o que existe de mais caro à congregação e à tradição da igreja. Ambas são campos maduros, dos quais se colhem sugestões do texto.

Confissões, Catecismos e Credos. As afirmações doutrinárias da igreja precisam de interpretação bíblica, a fim de que a congregação saiba que suas crenças são mais que opiniões tradicionais. Os pastores podem achar difícil comunicar mensagens elevadas ao abordarem em suas igrejas doutrinas sobre o batismo, a disciplina bíblica, o inferno, a Trindade ou a inspiração da Escritura, porém textos relativos a esses assuntos precisam ser explorados, desse modo informando e preparando plenamente a congregação para os desafios espirituais que todos enfrentam.

Mensagens alheias. Sermões que você ouve e assuntos que lê podem se constituir em extraordinários catalisadores para os seus próprios sermões. Aprender dos grandes do passado e do presente, recolher os respigos da literatura de ficção, e servir-se dos significantes pensamentos de outras pessoas para dar origem a idéias sobre o que você pode ou deve dizer a sua própria congregação. Dê o crédito, caso tome por empréstimo o trabalho de outros, mas reconheça que os grandes pregadores sempre mantêm abertos olhos e ouvidos para colher idéias, citações, ilustrações, esboços, critérios exegéticos, fraseologia memorável e temas de colegas operosos na obra do evangelho.[14] Nenhuma norma da

12. Arthur Michael Ramsey e Leon-Joseph Suenens, *The Future of the Christian Church* (SCM: Londres, 1971), 13-14.

13. Charles Raddon Spurgeon, *Lectures to My Students,* 3ª série (1894, reimpresso, Grand Rapids: Zondervan, 1980), 54.

14. Stott, *Between Two Worlds,* 219.

pregação diz que você deve ser o originador de toda a verdade que os membros da igreja recebem. Um arquivo para depositar artigos de interesse e idéias de outros para a elaboração de futuros sermões é uma necessidade para a maioria dos pregadores.

O Espírito Santo. Nenhum catalisador para a escolha de um texto é mais importante que a sensibilidade da direção do Espírito de Deus. A oração com interesse piedoso pelo bem do próximo e para a glória de Cristo vai conduzi-lo diretamente nas escolhas que deve fazer dentre os catalisadores para a seleção do foco do sermão. Pregar no poder do Espírito é o clímax de um processo sob a direção do Espírito. A convicção de que o Espírito Santo concedeu a Palavra produz um compromisso de buscar sua direção e a audácia para falar mais acerca do que ele já tem dito do que nós ou nossa congregação imaginamos. No coração em que o Espírito queima, brilham as chamas que refinam as questões sobre quais textos devemos pregar, e iluminam o caminho para o qual nossos pensamentos devem se voltar.

Precauções

Nos meus primeiros anos de ministério eu dava mais valor à exploração de textos obscuros. Pensava que o esforço mostraria o quanto eu era sincero acerca do todo das Escrituras e acreditava que, manejando bem tais passagens, estaria mostrando minhas qualificações para pregar. Pregava sobre assuntos complexos e textos pouco conhecidos como se estivesse exibindo meu diploma. Posteriormente, aprendi a amar mais irradiar luz sobre os textos importantes ou dar nova vida aos textos familiares. Concentrando-me sobre a "vistosa edição" da Bíblia eu dava às pessoas a impressão de que não eram capazes de ler a Bíblia sem o meu concurso. A Bíblia tornou-se um livro opaco, pois ela transbordava de confusões gramaticais e nós lógicos, que eu tinha de desembaraçar toda semana. Assim, ao escolher textos nas densas florestas da Bíblia, eu negava às pessoas a luz solar que ela mais regularmente oferece e as tornava menos dispostas a se aproximarem de suas veredas. Algumas pessoas podem ter apreciado, e muito, minhas capacidades intelectuais de manejar a Palavra, porém a maioria perdeu a confiança na própria capacidade de fazer o mesmo.

Somos compelidos a lidar com passagens difíceis de vez em quando, mas devemos também lembrar o exemplo do ministério de Cristo. Ele pregou sobre assuntos familiares: Davi e o pão da proposição, Jonas e o grande peixe, pássaros

e flores, os provérbios e a oração. O apóstolo Paulo, enquanto cuidava de algum problema complexo, não se envergonhava de falar acerca de Adão e Eva, da praça do mercado, da armadura do soldado, e até mesmo de como as sementes crescem. A importância de inserir as pessoas na realidade da Palavra nos termos que elas conhecem, admoesta-nos a lembrar as diretrizes básicas na escolha de textos para nossos sermões.

Não evite textos familiares. Passagens bíblicas tipicamente familiares são bem-conhecidas por terem sido de grande valor para a igreja no decorrer dos tempos. Conseqüentemente, negar à congregação essas passagens é privá-las de alguns dos mais ricos tesouros da Escrituras. Spurgeon, o príncipe dos pregadores, falou vezes sem conta sobre Zaqueu, Josué e o filho pródigo. João Wesley apreciava pregar sobre Jesus Cristo como nossa "sabedoria, e justiça, e santificação e redenção" (1Co 1.30). Paulo dizia singelamente: "Jamais deixei de pregar coisa alguma proveitosa para vós" (At 20.20).

Não procure textos de significação obscura. Há uma grande responsabilidade em expor textos que muitos entendem mal, e esclarecer passagens que se revelam naturalmente em uma seqüência expositiva, mas há pouco valor na explicação por amor à explicação. A pregação deve edificar, não ser um mostruário de erudição. Mesmo que você conheça o sentido de "o batismo pelos mortos" e os nomes de todos "os filhos de Paate-Moabe", considere se existem assuntos mais essenciais que pessoas doentes pelo pecado e abatidas pela vida precisam neste domingo. Textos obscuros ocasionalmente pregados podem habilitar o pregador a realçar um resultado que se tornou evidente pelos entrelaçamentos peculiares ou pelas características pouco comuns de tais passagens, porém, não devemos confundir o prazer da congregação proporcionado por um sabor ocasional do exótico com a necessidade de uma dieta do mesmo.

Não evite propositadamente texto algum. Devemos distinguir a prudência que sabiamente passa por alto alguns textos, da incredulidade que propositadamente evita outros. Quando Paulo declarou aos presbíteros de Éfeso: "Porque jamais deixei de vos anunciar todo o desígnio de Deus" (At 20.27), suas palavras envolvem a audácia que tal proclamação requeria. Sabedoria e tato conduzem nossa apresentação de problemas difíceis para uma congregação específica enfrentar, mas se a igreja nunca enfrenta suas faltas e fraquezas, então o pastor fracassou ao pregar tudo quanto ela precisa ouvir.

Não empregue textos espúrios. A preocupação por aquilo que a congregação precisa ouvir não deve jamais induzir o pastor a proclamar como textos autoritativos aqueles que o Espírito Santo não inspirou. Comentários dos escribas

e erros que inadvertidamente tenham sido incluídos em algumas traduções[15] não devem ser apresentados como Palavra de Deus. Onde ocorre o raro problema para determinar se uma passagem específica é espúria, é prudente verificar se a mesma verdade, procedente de uma passagem absolutamente incontestável, pode ser pregada ou resumidamente prover a congregação com suas justificativa para usar o texto (visto que as notas marginais, na maioria das traduções modernas, estarão questionando a autenticidade da passagem).

A convicção de que o Espírito Santo sabia o que estava fazendo ao inspirar a Palavra nos preservará confiantes na suficiência da Escritura à parte dos textos espúrios. Podemos manter as pessoas a quem pregamos certas da autoridade da Bíblia, fazendo-as lembrar quão raramente ocorrem tais problemas quando surgem no curso normal da pregação. Os eruditos questionam a validade textual de menos que uma palavra entre milhares em nossas melhores traduções. Como resultado, temos pouca dúvida sobre quais declarações ocorrem nos manuscritos originais. O debate evangélico com as teologias modernas concentra-se não sobre o que a Escrituras diz, mas se cremos e obedecemos ao que ela diz. A inspiração divina do Espírito Santo e a providencial preservação da Escritura é um milagre constante do cuidado amorável de Deus pela nossa alma. Uma boa Bíblia de estudo preparada pelos eruditos que aceitam a plena autoridade da Bíblia, proporcionará aos pregadores amplos sinais de advertência de um texto questionável e nos concederá a confiança de que estamos pregando de acordo com o *imprimatur* do Espírito.

RECURSOS PARA INTERPRETAR UMA PASSAGEM

Uma vez escolhida uma passagem (ou como parte de um processo seletivo), precisamos nos assegurar de que a estamos interpretando corretamente. Um conjunto de bons recursos é proveitoso para assegurar aos pastores a confiança de que estão pregando o que o Espírito Santo determina. Nenhum deles substitui uma sólida educação bíblica, porém, mesmo aqueles dotados de extenso treinamento, dependem de instrumentos de estudo para confirmar, aprofundar e aclarar suas interpretações. Especifico uma lista de recursos que os pregadores comumente empregam para auxiliá-los na interpretação de textos (a ordem

15. Na versão King James, 1 João 5.7, temos um primoroso exemplo, e em Marcos 16.18, um exemplo triste (considerando a atitude de alguns que o usaram como um teste de espiritualidade).

desta lista indica uma seqüência de recursos que os pregadores usam ao prepararem sermões).[16]

Bíblias de Estudo. Nenhum instrumento é mais acessível e barato em relação ao benefício que oferece do que uma boa Bíblia de Estudo. Inúmeros pregadores nem mesmo chegam a imaginar que a própria Bíblia que usam é um instrumento de estudo, uma vez que empregam seus recursos de um modo sistemático e instintivo. Uma boa Bíblia de Estudo, com versículos anotados nos índices remissivos, resumos de livro, dicionários técnicos, concordâncias, notas explicativas, mapas, resumos da natureza da Bíblia, e outros recursos formam uma resumida biblioteca de informações ao alcance do pregador (veja exemplos selecionados na tabela 1, apêndice 9). Outros instrumentos abrangem detalhes em maior profundidade do que a Bíblia de Estudo, porém nada está mais próximo ou é mais eficiente para de imediato informar ao pregador se uma interpretação está assentada sobre os trilhos, ou se está adentrando um cipoal de espinhos.

Dicionários, gramáticas e auxílios analíticos. Pregadores que se empenham na tradução de passagens (ou de suas partes principais), a fim de determinar o significado preciso das línguas originais, conservam à mão os dicionários. Os léxicos explicam os sentidos dos termos originais por trás das nossas traduções inglesas. Léxicos mais completos oferecem definições do termo original juntamente com variados empregos da palavra, os sentidos da raiz, exemplos de onde ocorre, e possível orientação de como suas variações gramaticais podem alterar seu significado (veja exemplos selecionados na tabela 2, apêndice 9).

Recursos gramaticais ajudam os pregadores a perceber como o modo, caso, número, emprego, ou contexto de uma palavra, podem afetar o sentido. Exemplos e explicações de cada aspecto gramatical com extensos índices caracterizam as melhores gramáticas (veja exemplos selecionados na tabela 4, apêndice 9).

Recursos exegéticos (i.e., análise da linguagem) ajudam o pregador a examinar o modo, o caso e o número da palavra de tal forma que os aspectos gramaticais específicos possam ser identificados ou pesquisados, em gramática auxiliar

16. Embora muitos desses verbetes estejam datados, *The Minister's Library,* de Cyril J. Barber (Grand Rapids: Baker, 1974, com seus suplementos subseqüentes) permanece um excelente modelo de recursos de que você necessita para pesquisa escritural e obras pastorais. Para excelentes modelos sobre como fazer pesquisa exegética sobre uma passagem bíblica, veja: *Old Testament Exegesis: A Primer for Students and Pastors,* de Douglas Stuart, 2.ª ed. (Filadélfia: Westminster, 1984); a obra semelhante de Gordon D. Fee, *New Testament Exegesis: A Handbook for Students and Pastors* (Filadélfia: Westminster, 1983); e *New Testament Exposition: From Text to Sermon* (Grand Rapids: Zondervan, 1984) de Walter Liefeld.

ou dicionário. Estudantes de Seminários e Escolas Bíblicas que estimulam o estudo nas línguas originais, estão familiarizados com os recursos que o mercado oferece atualmente (veja exemplos selecionados nas tabelas 2 e 5, apêndice 9). Muitos deles já estão disponíveis em *software* a preços razoáveis. Pastores que se têm mantido longe do treinamento das línguas originais podem imaginar o quanto esses recursos podem familiarizá-los com essa valiosa linha de estudo. Além disso, grande número de novos recursos impressos tem encontrado espaço no mercado de pesquisa das línguas originais. Esses recursos impressos e computadorizados analisarão, por você, os verbos de cada versículo, identificarão o número e o caso de cada substantivo e indicarão qual a raiz de cada palavra. Já vai longe o tempo quando nossos dedos folheavam maciças gramáticas, cada vez que uma palavra ou sua desinência gramatical não era lembrada. Para informação sobre quais recursos se ajustarão melhor a seus objetivos, consulte os guias aos léxicos listados na tabela 3, apêndice 9 deste livro.

Concordâncias. Uma vez iniciado o trabalho com um texto, freqüentemente você imaginaria como algumas de suas palavras são empregadas noutras partes da Escritura, ou então se lembrará de um texto em que ocorra um termo similar ou idéia que você mesmo emprega para conduzi-lo a um ponto cuja referência não se lembra. As concordâncias ajudam a localizar a referência ao listar todos os lugares onde a palavra que está estudando (ou lembrando) é encontrada na Bíblia. Concordâncias modernas de igual modo o conduzirão aos significados e usos da língua original dos tempos bíblicos. Um grupo desses recursos agora dispõe de sistemas numéricos que remetem a citação de uma palavra para outras fontes de consulta. Determinadas concordâncias computadorizadas dispõem, também, de capacidade para fornecer informação exegética sobre o lugar em que as Escrituras empregam a palavra.

Bíblias Temáticas. Às vezes usamos concordâncias apenas para encontrar o lugar onde o tema é abordado na Bíblia, por meio de consultas às informações de palavras-chave relativas àquele assunto. As Bíblias Temáticas encurtam esse processo, arrolando os versos e/ou passagens pertencentes ao tema sob títulos em ordem alfabética.[17] Pastores que desejam pregar sobre assuntos específicos, amiúde usam Bíblias Temáticas para examinar rapidamente as passagens e decidir qual delas se relaciona melhor com o tema, no momento em que desejam transmiti-la.

Traduções da Bíblia. Os pregadores freqüentemente podem discernir nuanças no texto original, ao compará-lo com as traduções que os peritos, de maneira

17. *Nave's Topical Bible* é o exemplo mais conhecido.

diferenciada, têm feito do texto.[18] Um antigo aforismo diz: "A King James Version é traduzida para linguagem dos tempos dos primeiros colonos puritanos, a New International Version (NIV) é traduzida para a linguagem do nosso tempo, e a New American Standard Bible (NASB) é traduzida na linguagem de nenhum tempo", o que é injusto, pois falha em reconhecer a força de cada versão. Amamos a King James pela beleza da sua linguagem, embora seus eruditos tenderam a traduzir passagens que ecoam, teológica e terminologicamente uma em relação à outra, de tal forma que as reverberações permanecem nítidas. A NVI, atualmente mais vendida que qualquer outra, é a mais cuidadosa tradução que se empenha por facilitar a leitura, ao traduzir frases originais em seu "equivalente dinâmico" no nosso idioma. A NASB sacrifica a legibilidade da leitura por uma tradução tão rigorosamente equivalente que, às vezes, a faz parecer mais enfadonha, embora seja mais exata.

A Bíblia Viva e outras paráfrases ajudarão a examinar minuciosamente um conjunto considerável de anotações de modo a recolher seus pontos principais. A Ampliflied Bible e a tradução de J. B. Phillips concentram-se mais em comunicar as nuanças por trás de declaraçõs específicas. Existe vigor na maioria das traduções populares que são leais à autoridade da Escritura, e elas podem ser usadas, desde que se consiga discernir o propósito dessas traduções particulares.

Dicionários da Bíblia, enciclopédias e manuais. Dentre os principais editores, diversos oferecem livros de consulta com definições, explanações, pano de fundo, linhas de tempo, e/ou descrições dos caracteres da chave bíblica, termos, conceitos, lugares ou práticas. As versões variam de um único para vários tomos, porém uma concorrência entre esses livros, que podem economizar ao pregador muitas horas de sonolentas pesquisas, tem forçado a retirada das livrarias as fontes de estudo de qualidade secundária. Estime o valor do seu livro de bolso, os prováveis objetivos que você tem em vista, e adquira uma publicação recente de algum conceituado editor evangélico. Você terá uma obra de qualidade que lhe servirá por longos anos (veja exemplos selecionados na tabela 6, apêndice 9).

Comentários. Os melhores comentaristas têm usado os recursos já descritos com o propósito principal de auxiliar os pregadores a compreenderem o que uma

18. Várias obras impressas e para o computador oferecem múltiplas traduções, o que permite que o pregador possa comparar as traduções linha por linha no processo de preparar sermões normais (p.ex.: *The Layman's Parallel Bible* e *Comparative Study Bible*, ambos publicados pela Zondervam; e vários programas de concordância para o computador, listados no final deste capítulo, que oferecem a possibilidade de se comparar várias traduções).

passagem específica afirma. Em geral, os comentários destinam-se à análise de um único livro da Bíblia, mas existem também excelentes comentários em um só volume que abrangem a Bíblia toda, cujos breves verbetes despertam o pregador para os mais elevados interesses. Especialmente nas etapas iniciais do ministério, nenhum pregador bem-preparado considera completa a elaboração do sermão sem a consulta a um comentário atualizado.

Os comentários da Bíblia variam grandemente em sua extensão, qualidade, tipo e preço. Os editores, com freqüência, oferecem comentários em volumosas coleções que abrangem todo o Antigo e o Novo Testamentos. As coleções são normalmente mais econômicas e se constituem no modo mais adequado de cobrir todo o Testamento, mas aqueles que dispõem de tempo para pesquisar precisam consultar os meios que avaliem a qualidade de cada volume da coleção.[19] Pode-se habitualmente formar a biblioteca de comentários da mais alta qualidade, selecionando os melhores volumes de uma variedade de coleções.

A técnica que os comentários impõem sobre uma passagem particular é sua maior vantagem e, ao mesmo tempo, seu maior perigo. Essa mistura de vantagens e desvantagens é evidente nos dois tipos de pastores que jamais se tornarão grandes pregadores. O primeiro é aquele que não se dispõe a ouvir o que outros dizem, o outro é o que diz somente o que os outros dizem. O pregador que se recusa a dar qualquer atenção aos talentosos estudiosos que descobrem ser verdadeiras e/ou incorretas interpretações de um texto, confunde arrogância pessoal com erudição. Deus não dispensa todas as suas habilidades de percepção a somente uma pessoa. Ao mesmo tempo, o pregador que afirma somente a conclusão a que o comentarista chega, está tentando pregar por procuração.

Você mesmo deve tirar suas conclusões do que as Escrituras dizem para que fique apto a expor de maneira apropriada e aplicar significativamente o que os comentadores afirmam. Nenhum comentarista tem espaço para anotar todas as implicações, percepções e verdades apresentadas num texto. Nenhum educador distante ou um erudito que morreu há muito tempo, pode compreender sua situação ou os interesses de sua congregação. Não é sábio correr habitualmente ao comentário como o primeiro passo da preparação do sermão, para que seus pen-

19. Além das obras citadas na tabela 3, apêndice 9, por Tremper Longman, Gordon Fee, Frederick Danker, Brevard Childs e David Scholer, consultar *A Guide to Selecting and Using Bible Commentaries*, de Douglas Stuart (Dallas: Word, 1990). Alguns professores de seminário têm também publicado guias para auxiliar seus alunos a formar boas bibliotecas sobre pregação. Tenho conhecimento de tais guias no Covenant Theological Seminary, no Dallas Theological Seminary, no Trinity Evangelical Divinity School e no Westminster Theological Seminary.

samentos não se habituem a recorrer automaticamente a alguém que não conhece as necessidades que você deve tratar.[20]

Os comentários se prestam mais a ser usados para conferir do que como um guia.[21] Desenvolva a exposição e o esboço tentativo mediante emprego de instrumentos básicos e, em seguida, consulte os comentários para nutrir, aperfeiçoar e, se necessário, revisar suas idéias. Esforce-se por não pregar um sermão sem vida ou alienado das pessoas. Spurgeon admoestava: "O gabinete particular é a melhor sala de estudo. Os comentaristas são bons mestres, mas o autor, ele mesmo, é muito melhor...".[22] Deus convocou você para essa situação. Ele não quer ninguém mais no universo para preparar essa mensagem destinada a esse momento além de você. Joseph Ruggles Wilson nos lembrou quão singular é o desafio de cada pregador:

> Em outras palavras, pregação não é um exercício *imitativo.* Todo pregador deve considerar-se um expositor original e executor dos termos da salvação humana; um canal da mensagem graciosa, distintivamente diferente de todas as demais. ... Tentamos mudá-la do jeito que quisermos, o resultado final permanece sempre inalterado diante de nós, a mensagem do pregador é tão-somente outra forma *de si mesmo*, i.e., se ele põe em prática *seu próprio* pensamento; se não manifesta emoções que de fato não *sente*; e apresenta a verdade divina, não como um pacote de opiniões com que a ortodoxia está de acordo, porém, muito mais como o sangue de vida destinado a correr em *suas* veias, e, por conseguinte, toma a forma de sua própria *vida* cristã. São estes homens *vivos* a quem Deus soberanamente chama, homens que *têm comido* a palavra, à semelhança do que fez o profeta, e para quem ele a transferiu a fim de ser um perpétuo tremor no coração delas; dessa forma, mesmo quando de novo sair, ela prosseguirá avante por causa da sua mensagem, transmitindo calor às suas mais profundas experiências; aquelas experiências em que são delineadas as meditações que hão de prolongar-se até que encontrem alívio no fogo somente; o fogo que queima também outras almas, derrete o que queima, e remodela o que derrete.[23]

Que o Espírito Santo opere em seu coração e mente para desenvolver a mensagem que um comentarista possa aprovar, não projetar. Interesse pela preci-

20. Edward F. Marguart, *Quest for Better Preaching* (Minneapolis: Augsburg, 1985), 101, 106.
21. Arndt Halvorson, *Authentic Preaching* (Minneapolis: Augsburg, 1982), 52.
22. Citado por Helmut Thielicke, *Encounter with Spurgeon* (Grand Rapids: Baker, 1977), 116.
23. Joseph Ruggles Wilson, "In What Sense Are Preachers to Preach Themselves?" *Southern Presbyterian Review* 25 (1874): 355-57.

são não deve obrigá-lo a ponto de negar-lhe ou ao seus ouvintes as possibilidades de percepção que Deus lhe garante em sua Palavra.

PRINCÍPIOS PARA INTERPRETAR UMA PASSAGEM

O interesse em usar recursos para interpretar passagens bíblicas reflete o nosso compromisso básico de sermos fiéis à Bíblia. A pregação expositiva solenemente obriga o pregador a representar o significado preciso do texto tal como foi pretendido pelo autor original, ou igualmente iluminado por outra fonte inspirada. Por mais banal que possa parecer tal rubrica, a história da homilética indica como é passível de mudança tal modelo e como deve ser cuidadosamente guardado. As incursões da igreja primitiva e medieval à interpretação alegórica, induziram os antigos pregadores à convicção de que a "interpretação literal" do texto era a menor recompensa da pregação.[24] Ressurgimentos modernos do método alegórico normalmente ocorrem quando pregadores assumem que o Espírito Santo os credenciou a discernir algo além ou diferente do texto, além do que era dito pelo escritor bíblico, ou que nós podemos demonstrar aquilo que o divino Autor tornou evidente dentro do cânon das Escrituras.[25] As interpretações dos pregadores permanecem consistentes com as Escrituras, quando seguem comprovados procedimentos interpretativos de notável honradez, que expõem a intenção original da Bíblia.

Os pregadores devem considerar o contexto como parte de qualquer texto. O contexto limita e revela a pretensão do autor. Não podemos manter a integridade de qualquer afirmação bíblica sem considerar as realidades adjacentes. Nossa tarefa inicial como expositores, é empregar os melhores recursos disponíveis para interpretar com exatidão o que as afirmações do autor bíblico significam em seu contexto.

---

24. Moisés Silva, *Has the Church Misread the Bible: The History of Interpretation in the Light of Current Issues*, vol. 1 of Foundations of Contemporary Interpretation, org. por Moisés Silva (Grand Rapids: Zondervan, 1987), 41; Bernard Ramm, *Protestant Biblical Interpretation*, 3ª ed. rev. (Grand Rapids: Baker, 1970), 38.

25. Embora o conceito do *sensus plenior* permaneça polêmico em círculos conservadores, os pregadores regularmente fazem interpretações baseadas sobre questões como a freqüência em que uma palavra é usada por toda a Escritura, o que nem sempre foi evidente aos escritores originais.
Às vezes a Bíblia também requer que interpretemos textos sobre a base de como um escritor bíblico posterior usa uma afirmação anterior da Escritura com somente conexões frouxas em relação ao significado do contexto original. O potencial e os limites do conceito *sensus plenior* requer uma explicação extensiva.

USE O MÉTODO GRAMATICAL-HISTÓRICO

Descobrir o "sentido literal" não significa que devemos negligenciar os recursos figurativos, poéticos, coloquiais, metafóricos ou espirituais, por meio dos quais os escritores bíblicos se comunicavam. A interpretação literal ocorre quando explicamos o que o escritor bíblico quer dizer, não o que suas palavras devam conotar fora do seu contexto. A intenção original é algumas vezes chamada o "significado do discurso" do texto.[26] Tal designação nos ajuda a compreender que não temos de interpretar uma referência bíblica ao nascer do sol como se a terra houvesse literalmente saltado de sua órbita de tal maneira que o sol passasse por sobre ela. Interpretamos as palavras no seu contexto lingüístico, como se estivéssemos ouvindo alguém falando hoje. Empregamos, às vezes, termos figurativos, metafóricos ou coloquiais para possibilitar a comunicação, assim como fizeram os escritores bíblicos.

Nossa tarefa como pregadores é discernir o que os escritores originais queriam dizer ao analisarmos o pano de fundo e os aspectos gramaticais do que eles disseram. Empregar gramática e História para entender o significado do texto, é designado como método gramático-histórico.[27] Este método deixa que as Escrituras falem por si mesmas, em vez de permitir ao intérprete determinar o significado ao texto. Algumas vezes, este último aspecto pode não parecer tão perigoso quando o pregador é comprometido com as verdades históricas da fé. Em tais casos, mal pestanejamos quando nos é dito que a rocha de Moisés representa a água eterna de Cristo, ou que o verme que levou Jonas a proferir palavras afrontosas é o pecado que corrói o coração do crente. A despeito da ausência de declarações bíblicas que confirmem essas interpretações, elas soam razoáveis, pois refletem figuras bíblicas e verdades que decididamente aparecem em qualquer outra parte. Todavia, se alguma coisa na Escrituras pode significar tudo o que nossas fantasias sugerem de preferência ao que a Bíblia determina, então nossas opiniões tornam-se tão cheias de autoridade quanto as declarações de Deus.

Se permitirmos que nossa imaginação determine o que a Bíblia diz, então a água que jorrou da rocha pode representar o batismo, a água que escorreu do lado

26. Peter Cotterell e Max Turner, *Linguistics and Biblical Interpretation* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1989), 69.

27. Ver Walter C. Kaiser, Jr., *Toward an Exegetical Theology: Biblical Exegesis for Preaching and Teaching* (Grand Rapids: Baker, 1981), 87-88, e William J. Larkin, *Culture and Biblical Hermeneutics: Interpreting and Applying the Authoritative Word in a Relativistic Age* (Grand Rapids: Baker, 1988), 115.

de Cristo, a água sobre a qual pela fé Pedro andou, o mar de cristal em que os salvos estarão congregados, ou a fonte que jorra no vestíbulo de descanso do novo santuário. Se a Escritura não determina o sentido, em última análise a Escritura não tem sentido.

Ocasionalmente, pode haver uma linha sutil entre "isto significa" e "isto pode significar", mas pastores biblicamente precisam reconhecer a diferença. Podemos conjecturar que a água e o sangue que escorreram do lado de Cristo representam o batismo e a ceia da comunhão do Novo Testamento, mas seria melhor não fazer esse tipo de observação sobre tal base. Jamais devemos ligar deveres bíblicos com nossas especulações pessoais.

Os reformadores protestantes empregavam o princípio da "analogia da fé" (algumas vezes identificada como a "a analogia da Escritura") para orientar suas interpretações, e ela deve orientar também as nossas.[28] Esse padrão exige pregadores que usem somente a Escrituras como base de suas exortações. Nada do que podemos estabelecer além do que a própria Escrituras autentica deve ser o foco de nossa pregação. Pregadores expositivos apontam com precisão as verdades bíblicas dirigidas às pessoas indicadas pelo texto e, então, identificam similaridades em nossa atual situação que exigem precisamente a aplicação das mesmas verdades. Isso significa que as formas de aplicação podem variar, mas a interpretação do conteúdo central do texto, jamais. Por exemplo, a ordem de Paulo para não "considerar somente o que é propriamente seu, mas também os interesses dos outros" em Filipenses 2.4 deve ser aplicada no tocante à pouca consideração pelas necessidades do próximo, às ambições que causam divisão ou ao desrespeito pelos dons alheios, mas a raiz da idéia da "abnegação baseada no exemplo do Cristo" precisa ser mantida na pregação que é fiel ao propósito original do texto.

Observe o Contexto Histórico, Cultural e Literário

Interpretações corretas requerem de nós não apenas que determinemos o que os termos específicos estão dizendo, mas também que observemos como eles funcionam no seu contexto mais amplo. A razão pela qual "cada herético tem o seu versículo" é devido ao fato de a Escritura ser torcida com a finalidade de confirmar quase tudo, caso os intérpretes ignorem os contextos. Atenção ao contexto histórico e cultural ajudará a explicar o "escândalo" da cruz (Gl 5.11), e indicará que os leprosos curados não foram necessariamente mais gratos só por

28. Ramm, *Protestant Biblical Interpretation,* 55.

que foram ao templo antes de irem para casa (Lc 17.14). Determinamos o contexto literário pela análise dos conceitos que cercam a declaração bíblica *e* pela identificação do tipo de literatura em que a declaração ocorre.

Os pregadores devem examinar o que capítulos e versículos próximos da passagem dizem, de modo as determinar precisamente o que o escritor bíblico pretende transmitir por meio de palavras específicas na parte da pregação. Se você não ler Romanos 14 para estabelecer o contexto conceptual provavelmente concluirá que aqueles chamados "fracos" em Romanos 15 são precisamente o oposto do que Paulo tenciona dizer. Não obstante João e Tiago freqüentemente empregarem a palavra *crer*, os contextos indicam que estão comunicando conceitos absolutamente diferentes do termo (cf. Jo 3.16 e Tg 2.19).

A tentação de tirar os versos do seu contexto talvez seja mais evidente no modo como a cultura popular cristã usa a Escritura com pouca consideração pelo intento original. Um hino sobre temperança na passagem do século, cita "Não toques, não proves, não manuseies" (Cl 2.21, KJV) para condenar o uso do álcool. Entretanto, pelo contexto, o apóstolo condena aqueles que empregam essas palavras. Em certas cerimônias de casamento, radiantes noivas citam aos reconhecidos noivos: "Pois aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus" (Rt 1.16), ainda que essas palavras originalmente tenham sido dirigidas por uma mulher à sua sogra. Correntes de amizades, pendentes e peças imantadas na porta da geladeira, calorosamente transpiram: "Vigie o Senhor entre mim e ti quando estivermos separados um dos outro" (Gn 31.49), que no contexto apresentava a constante ameaça de Labão para ferir a Jacó, caso retornasse ao território do seu tio – algo semelhante ao nosso carinhoso "cruze esta linha e eu corto sua garganta".

O estudo dos contextos da passagem exige também que os pregadores identifiquem o gênero, ou tipo de literatura em que a declaração bíblica ocorre. Mais que um erro é cometido ao interpretarem-se provérbios como promessas, profecia como História, parábolas como fatos e poesia como ciência.

Por exemplo, provérbios são truísmos, declarações tão tendentes a serem verdade que o sábio os leva ao coração. Um provérbio moderno sobre educação infantil diz: "Pau que nasce torto, não tem jeito, morre torto." O equivalente antigo é: "Educa a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele" (Pv 22.6). Ambas as declarações tendem a ser verdadeiras, mas nenhuma delas é sempre verdadeira – esta é a natureza dos provérbios. Provérbios são prescritivos, não proféticos. Deus ordena que seu povo observe seus provérbios, mas não que os interprete como promessas. Enormes danos

serão causados aos propósitos da Escritura, bem como à consciência dos cristãos se confundirmos as distinções.

Em contraste, as profecias evidenciam-se na função de predizer e precisam ser interpretadas com essa perspectiva em mente. Se não indicarmos o princípio fundamental do (conforto) de Israel em Isaías 40, restringiremos o ministério de Cristo. Idêntico dano pode ocorrer se empregamos apenas detalhes com o objetivo de dar uma forma de parábola (tal como o abismo físico entre Lázaro e o Rico em Lucas 16), como base de formulação doutrinária (tal como céu e inferno separados por barreiras físicas). Caso usemos linguagem poética que descreve as asas de Deus (Sl 91.4) como argumento bíblico para designar a forma real de Deus, então nossa teologia rapidamente se definha.

Determine o Contexto Redentor

Determinamos o significado de uma passagem ao observar não só como as palavras são empregadas no contexto de um livro ou de suas passagens, mas também como a passagem funciona no objetivo amplo da Escritura. Uma interpretação exata compele-nos a perguntar: "Como este texto desvenda o significado ou a necessidade da redenção?" Não fazer essa pergunta ou não respondê-la leva-nos a pregar de modo altamente moralista ou legalista, pois a pregação focalizará os comportamentos que uma passagem em particular ensina, sem mostrar como o escritor bíblico relacionava esses modos de ação com a obra do salvador.[29]

Consideração pelo contexto pede que consideremos um texto imediato à luz do seu objetivo na mensagem redentora que se estende por toda a Escritura. Considere como as instruções do apóstolo Paulo honravam a centralidade de Cristo ao longo de toda a Palavra. Paulo pregou acerca das relações conjugais, educação infantil, qualificações dos oficiais da igreja, mordomia, como lidar com a cólera, conduta no trabalho, respeito às autoridades governamentais, além de tantos outros temas de natureza prática, e ao mesmo tempo escreveu: "Mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios... Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado" (1Co 1.23; 2.2).

De certo modo, ainda que Paulo considerasse muitos assuntos da vida de cada dia, ele cria que estava sempre pregando acerca da pessoa e do trabalho de

29. As razões e os meios para determinar o contexto redentivo são discutidos de modo mais amplo nos capítulos 10 e 11 deste livro.

Jesus. Este deve ser o alvo da pregação expositiva: os pormenores de uma passagem precisam estar relacionados acima de tudo com o propósito da Escritura.

Nas últimas partes deste livro, devotaremos considerável espaço para descobrir como os pregadores expositivos podem escavar o ouro do evangelho de cada passagem bíblica, sem nada acrescentar ao texto além do que ali já está registrado, uma vez que pregar fora dos contextos redentores é uma grande fraqueza na pregação evangélica contemporânea. Para o momento, basta notar a necessidade de os pregadores interpretarem porções bíblicas à luz da Escritura inteira. Isso inevitavelmente nos constrange a considerar como uma passagem específica opera em revelar, preparar ou reagir no trabalho de Cristo, que é a suprema mensagem de toda a Escritura.

PERGUNTAS PARA REVISÃO E DISCUSSÃO

1. Quais são as vantagens e os riscos de selecionar textos para pregação que tratam de interesses pessoais e/ou congregacionais?

2. Quais são as vantagens e os riscos da pregação em séries?

3. Que precauções o pregador precisa tomar quando estiver lidando com textos espúrios?

4. Por que deve o pregador ser cauteloso quanto a recorrer ao comentário como o primeiro passo da preparação do sermão?

5. De que modo o método de interpretação alegórica difere do método expositivo?

6. De que formas o contexto pode influir na interpretação de um texto?

EXERCÍCIOS

1. Use seus recursos de pesquisa para indicar com precisão o termo grego que João e Tiago empregam para *crer* em João 3.16 e Tiago 2.19; indique os vários modos em que eles usam a palavra.

2. Aplique sua compreensão de um provérbio para interpretar Provérbios 15.1 e 26.4,5.

3. Use o contexto para indicar quem são os "fracos" em Romanos 15.

CONTEÚDO DO CAPÍTULO 4

O OBJETIVO
O PADRÃO
OS COMPONENTES
O EQUILÍBRIO
  UMA ABORDAGEM GENÉRICA
  UMA ABORDAGEM HABITUAL
  UMA ABORDAGEM SAUDÁVEL
AS ATITUDES
  UMA AUTORIDADE DIVINA
  UM MODO BÍBLICO
  UMA OUSADIA HUMILDE
  UMA SEMELHANÇA DE CRISTO

OBJETIVO DO CAPÍTULO 4

Identificar os componentes históricos homiléticos e de atitudes das mensagens expositivas

4

OS COMPONENTES DA EXPOSIÇÃO

O OBJETIVO

Após a crueldade e o egoísmo de ter expulso de casa sua esposa e seus filhos, um homem de 37 anos suplicou em desespero a minha ajuda para tê-los de volta ao lar. Eu lhe disse que tentaria ajudá-lo caso ele concordasse em receber aconselhamento para seus problemas. O homem concordou e dias mais tarde compareceu ao escritório da igreja. Trazia consigo a Bíblia. Não pude deixar de notar o quanto era estranho ver aquele homem desqualificado portando uma Bíblia debaixo do braço. Eu o tinha visto inúmeras vezes antes. Até mesmo chegou a freqüentar ocasionalmente a igreja, mas nunca o vi com uma Bíblia. Porém, naquele estado, na hora mais sombria da sua vida, achou que poderia encontrar sabedoria e socorro em um livro escrito há milhares de anos. Sem dúvida, seu pensamento estava animado pelo desejo de impressionar-me, e, além disso, evidentemente tinha pouco do verdadeiro conhecimento para discernir o que a Bíblia na realidade estaria exigindo dele. No entanto, como fazem todos os pregadores expositivos, compartilhei com ele a crença instintiva do homem de que a Bíblia pode atender à mais profunda das necessidades da vida.

Os pregadores expositivos e as pessoas que se assentam diante dele a cada semana estão convencidos de que as Escrituras podem ser escavadas com o objetivo de extrair a sabedoria de Deus e o poder para a vida diária. Uma pregação pobre pode ocasionalmente lançar alguma dúvida, porém a pregação que verdadeiramente revela o que a Bíblia diz vem mantendo viva essa convicção por centenas de gerações. Nosso objetivo como pregadores expositivos é manter viva esta fé, demonstrando semana após semana o que a Palavra de Deus afirma com respeito às preocupações que nós e nossos ouvintes enfrentamos.

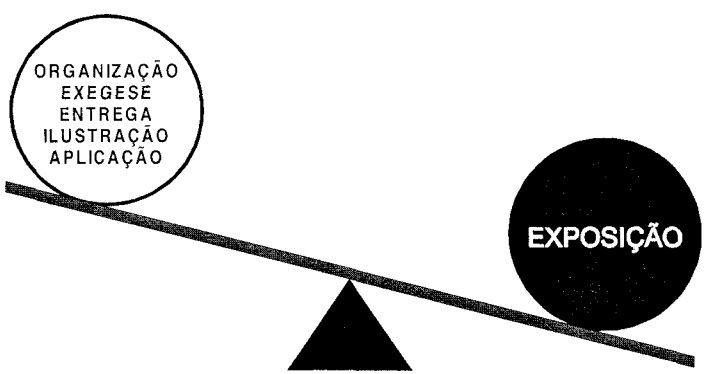
Este objetivo nos lembra que a maioria das pessoas não quer ou não necessita de dissertação acerca dos fatos bíblicos. Elas querem e necessitam de um sermão que demonstre como a informação bíblica se aplica à vida delas. A pregação expositiva não somente constrange o pregador a interpretar o que a Bíblia diz,

obriga-o a explicar o que a Bíblia significa na vida das pessoas hoje.[1] A aplicação é tão necessária para testar a exposição como é a explicação. De fato, o real sentido de um texto permanece oculto até que compreendamos como suas verdades podem governar nossas vidas.[2] Isso significa que exposição completa não pode ser limitada a uma apresentação de informação bíblica. O pregador deve ajustar cada detalhe explicativo do sermão a fim de que seu impacto sobre a vida do ouvinte seja evidente.

Essa perspectiva da verdadeira natureza da exposição desafia a noção que algumas pessoas têm da pregação expositiva. Muito da crítica ao sermão expositivo se deve à suposição de alguns pregadores de que o alvo fundamental do sermão é expor aos ouvintes informações acerca da Bíblia. Sermões que essencialmente espalham informação parecem distantes, irrelevantes, e até mesmo desprezíveis. Sermões que organizam informação textual e atendem a interesses imediatos também expressam a sensibilidade da congregação se permanecem plenamente bíblicos.

Se pensarmos no objetivo do sermão como um rochedo a ser removido, admitiríamos que alguns consideram o sermão expositivo como aquele que emprega todos os seus recursos e aspectos essenciais como uma alavanca para introduzir informação na mente do ouvinte. Tal modelo de sermão pode assemelhar-se à figura 4.1.

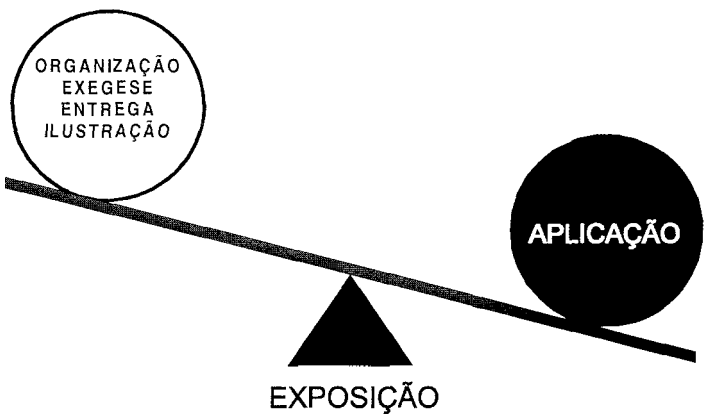
FIGURA 4.1
Uma Informação Prioritária da Mensagem



1. John Stott, *Between Two Words: The Art of Preaching in the Twentieth Century* (reeditado, Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 141, 145-50.
2. D. Martyn Lloyd-Jones, *Darkness and Light: An Exposition of Ephesians 4.17-5.17* (Grand Rapids: Baker, 1982), 145-50; ver também John Frame, *Doctrine of the Knowledge of God* (Phillipsburg, NJ: Presbiterian and Reformed, 1987), 93-98.

Entretanto, uma autêntica mensagem expositiva emprega todos os recursos para mover a aplicação.[3] Os aspectos essenciais do sermão se tornam uma alavanca para impelir a compreensão e ação bíblicas estabelecidas sobre sólida exposição nas circunstâncias da vida dos ouvintes, bem como informação na mente deles (veja figura 4.2).

Figura 4.2
Uma Exposição Prioritária da Mensagem



A figura 4.2 está mais em harmonia com a compreensão de John A. Broadus, o pai da moderna pregação expositiva. No seu clássico, *On the Preparation and Delivery of Sermons*, este magistral professor e pregador conclui que num sermão expositivo "a aplicação do sermão não é meramente um apêndice para discussão, ou parte subordinada dele, mas é a principal coisa a ser feita".[4] A conclusão de Broadus tem amplo precedente bíblico. A exposição assume o dever de exortar o povo de Deus a aplicar as verdades reveladas na Escritura, não devido às opiniões dos eruditos, mas pela instrução da Palavra de Deus.

3. David L. Larsen, *The Anatomy of Preaching: Identifying the Issues in Preaching Today* (Grand Rapids: Baker, 1989), 96.
4. John A. Broadus, *On the Preparation and Delivery of Sermons,* org. por J. B. Weatherspoon (Nova York: Harper and Row, 1944), 210.

O PADRÃO

As indicações dos deveres de nossa pregação emergem nas descrições da Bíblia das palavras de Cristo, enquanto caminhava com dois discípulos na estrada de Emaús. Lucas registra: "E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras" (Lc 24.27). A palavra traduzida *expunha* quer dizer desvendar o significado de alguma coisa, ou interpretar.[5] Mais tarde, os dois discípulos comentam as palavras de Cristo dizendo: "Porventura, não nos ardia o coração, quando ele pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras?" (Lc 24.32). Essa exposição das Escrituras expressa o conceito de revelar as completas implicações de algo (como em abrir completamente a porta para que se veja o interior).[6]

Desvendar e abrir o sentido da Palavra de Deus caracterizam a tarefa do expositor, não apenas sobre a base do exemplo de Cristo, mas igualmente sobre a base do antigo precedente bíblico, que define também as qualidades essenciais de exposição. É provável que a melhor descrição da antiga exposição ocorra na avaliação de Neemias quanto ao reconhecimento de Israel a respeito da Palavra de Deus, após o retorno do exílio da Babilônia, onde tinha esquecido a lei de Deus e a língua que lhe fora dada:

> Esdras abriu o livro à vista de todo o povo, porque estava acima dele; abrindo-o ele, todo o povo se pôs em pé. Esdras bendisse ao Senhor, o grande Deus; e todo o povo respondeu: Amém! Amém! E, levantando as mãos, inclinaram-se e adoraram o Senhor, com o rosto em terra.
>
> E Jesua, Bani, Serebias, Jamim, Acube, Sabetai, Hodias, Maaséias, Quelita, Azarias, Jozabade, Hanã, Pelaías e os levitas ensinavam o povo na lei; e o povo estava no seu lugar.
>
> Leram no Livro da Lei, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia (Ne 8.5-8).

Aqui a exposição da Palavra envolveu três elementos: apresentação da Palavra (foi lida); explicação da Palavra (tornando-a clara e dando seu significado)[7] e exortação fundamentada na Palavra (os termos hebraicos indicam

5. Grego - *diermenueo.*
6. Grego - *dianoigo.*
7. De *bin*: Hiph'il particípio masc. Pl. = "causa compreensão" (v. 7); e, de *parash*: Pual particípio masc. Plural = "tornada distinta ou clara" (v. 8).

que os sacerdotes levaram o povo a entender, de tal maneira que eles puderam usar a informação que fora comunicada).[8] A própria Palavra, a explicação do seu conteúdo, e a exortação para aplicar suas verdades compuseram o padrão de proclamação.

Esses três elementos da proclamação do Antigo Testamento reaparecem de modo consistente na prática do Novo Testamento.[9] Lucas registra que quando Jesus explicou seu ministério na sinagoga pela primeira vez, antes de tudo ele leu a Escritura (4.11-19), interpretou o que havia lido (4.21) e, então, tornou claras as implicações – ainda que não fosse do agrado dos seus ouvintes que a evidente aplicação tinha em vista tributar honras a Jesus (4.23-27).

A apresentação da Palavra, a explicação e a exortação permanecem proeminentes no modelo de proclamação do Novo Testamento. Embora os elementos nem sempre obedeçam a mesma ordem, eles permanecem presentes. Considere o modo como estas instruções paulinas a um jovem pregador se desenvolvem:

1 Timóteo 4.13

"Aplica-te... à leitura pública da Escritura	**Apresentação da Palavra**
à pregação	**Exortação da Palavra**
(o termo é *paraklesei*, com sentido de exortar ou rogar. Procede da mesma raiz de *Parakletos*, o nome dado por Jesus ao Espírito, que vem como nosso consolador, ou advogado, ou confortador)	
e ao ensino."	**Explicação da Palavra**

8. De *sekel* com o verbo = "eles deram o sentido" (v. 8); e de *bin*: Consecutivo com Qal imperfeito, terceira pessoa, masc. plural = "de modo que compreenderam" (v. 8). C. F. Keil comenta: "É mais correto supor uma exposição parafrástica e aplicação da lei... não uma recitação diferente adequação às regras estabelecidas... não uma recitação distinta de acordo com as regras fixadas" em *I and II Kings, I and II Chronicles, Ezra, Nehemiah, Esther,* vol. 3, tradução de Sophia Taylor, de C. F. Keil e F. Delitzsch, *Commentary on the Old Testament*, 10 vols. (reeditado; Grand Rapids: Eerdmans, 1976), 230.

9. Após o exílio (embora alguns digam que a forma essencial pertence ao período de Moisés) esses elementos constituem o padrão usual (mas não exclusivo) de sinagoga para a pregação, que na providência Deus preparou a igreja do Novo Testamento para institucionalizar esses meios eficazes de proteger e promulgar a Palavra de Deus. Cf. Alfred Edersheim, *The Life and Times of Jesus the Messiah,* 3ª. ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), 443-46; e W. White, Jr., "Synagogue", em vol. 5 de *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible,* org. por Merrill C. Tenney, 5 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1975), 565-66.

2 Timóteo 4.2

"Prega a Palavra...;	**Apresentação da Palavra**
(aqui a palavra para "pregar" é *kerusso* que significa proclamar ou publicar)	
insta, corrige e repreende com grande longanimidade	**Exortação da Palavra**
e doutrina."	**Explicação da Palavra**

As experiências vividas por Paulo eram consistentes com seu ensino (veja At 17.1-4). Em Tessalônica, o apóstolo entrou na sinagoga e arrazoava com os judeus "acerca das Escrituras". De início apresentou a Palavra ao povo. Depois, Lucas afirma que Paulo estava "explicando e provando" pela Palavra "que Cristo tinha que padecer e ressurgir dentre os mortos". Com essa explicação veio, por fim, uma implícita, se não clara exortação ao compromisso; Lucas a seguir registra que "Alguns judeus foram persuadidos e unidos a Paulo e Silas, bem como numerosa multidão de gregos piedosos e muitas distintas mulheres".

Não pretendo sugerir que esses elementos da exposição formem um único modelo observável no registro da pregação bíblica, nem que cada aspecto seja sempre igualmente manifesto. Entretanto, essas partes essenciais são consistentes o bastante para desafiar os atuais pregadores a considerar se sua exposição da Escritura reflete fielmente estes elementos bíblicos: apresentação de alguns aspectos da própria Palavra, exposição do que significa aquela porção; e uma exortação para agir firmada no que a explicação revela. Tal modelo ao revelar e abrir a Palavra não somente reflete uma lógica simples para a pregação, também se ajusta às instruções de Cristo para nossa proclamação. Certamente é digno de nota que as palavras de despedida de nosso Senhor nos Evangelhos ordenam aos seus mensageiros que manifestem seu ministério no modelo exposto dos profetas e apóstolos:

Mateus 28.19-20a

"Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações...	
ensinando-os	**Explicação da Palavra**
a obedecer	**Exortação da Palavra**
todas as coisas que vos tenho ordenado."	**Apresentação da Palavra**

Embora uma ordem normativa não apareça na Escritura, os aspectos da exposição ocorrem juntos com bastante freqüência para sugerir uma abordagem comum a fim de expor a verdade de Deus: apresentar a Palavra, explicar o que ela diz; e exortar fundamentado no que ela significa. Isso é pregação expositiva.

OS COMPONENTES

A exposição não envolve apenas a transmissão de informação bíblica, pois além disso exige o estabelecimento da base bíblica para uma ação ou convicção que Deus requer do seu povo. Referir-se ao tempo do verbo, à categoria da pessoa, e à história da batalha, não revela de modo satisfatório o significado pretendido do texto. Até que as pessoas vejam como as verdades do texto podem operar na vida delas, a exposição permanece incompleta. Esta é a razão por que explicação, ilustração e aplicação atuam como a prova, a clareza ou a especificação da exortação que o pregador oferece e a transformação que Deus requer.[10] Esta plena compreensão em forma circular do conteúdo da exposição reduz o perigo de um sermão expositivo simplesmente degenerar num ensaio exegético, numa conferência sistemática ou numa instrução histórica. Jerry Vines descreve o perigo:

> Alguns consideram o sermão expositivo como sem vida, sem sentido, sem graça, ao narrar com detalhes uma história bíblica. Posso ainda lembrar-me de um homem muito simpático fazendo um sermão desse tipo calcado em João 10. Contava-nos todos os detalhes particulares acerca de um aprisco. Uma abrangente explicação das características da ovelha nos foi oferecida. Inteiramo-nos dos métodos de trabalho de um pastor oriental. Quando a mensagem chegou ao fim, permanecíamos ainda nos campos pastoris. Não sabíamos absolutamente nada acerca do que João 10 tinha para dizer às nossas necessidades de hoje. Isso não é pregação expositiva.[11]

A pregação expositiva almeja tornar a Bíblia tanto útil quanto informativa. Evocar um claro Foco da Condição Decaída à medida que investiga e desenvolve o sermão, fará com que ele se mantenha bíblica e praticamente no seu

10. Farris D. Whitesell, *Power in Expository Preaching* (Old Tappan, NJ: Revell, 1963), xi; Jay Adams, *Truth Applied* (Grand Rapids: Zondervan, 1990), 42.
11. Jerry Vines, *A Practical Guide to Sermon Preparation* (Chicago: Moody, 1985), 5.

curso. Esta prática preservará idênticos o objetivo dos pregadores expositivos e a intenção dos escritores da Bíblia: para "levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2Co 10.5). Queremos refletir sobre a Palavra de Deus para que isso resulte em obediência a Cristo.

Outrora, os homiléticos dividiam os sermões em três componentes básicos: exposição (aplicações e argumentos para o que o texto diz); ilustração (a demonstração do que o texto diz) e aplicação (implicações do comportamento e atitudes do significado do texto).[12] Essas são distinções úteis para ensinar os estudantes a dissecar sermões alheios e a elaborar os seus próprios. Empregarei essas distinções mais adiante neste livro.[13] Contudo, essas categorias tradicionais podem prejudicar a pregação expositiva caso os pregadores não observarem que explicação, ilustração e aplicação são todas elas componentes essenciais da introdução e do desenvolvimento do significado do texto. A explicação responde à pergunta: o que diz o texto? A ilustração responde a: Mostre-me o que o texto diz. A explicação responde a: O que o texto significa para mim? Normalmente cada componente desempenha um papel vital em estabelecer da parte do ouvinte a plena compreensão de um texto.[14]

Não devemos limitar o sermão às explicações técnicas, simplesmente porque é expositivo. As verdades bíblicas que o pregador não pode ilustrar, dificilmente podem ser consideradas compreensíveis, e detalhes bíblicos que o pregador não deseja aplicar desencorajam a obediência.[15] Expor plenamente a Escritura significa revelar o sentido de um texto de maneira tal que os ouvintes possam confrontar, entender e agir de acordo com suas verdades.[16] Quanto mais você pregar, mais se descobrirá que esta revelação torna os componentes da exposição interdependentes e, às vezes, indistinguíveis. A ilustração por vezes oferece a melhor explicação; a explicação centrada num Foco da Condição Decaída pode assemelhar-se mais a uma aplicação; e a aplicação pode oferecer oportunidade para ambas, ilustração e explicação. À medida que sua habilidade cresce, os compo-

12. Cf. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons,* que divide exposição nas categorias de explanação e argumento separados de ilustração e aplicação (144, 155); e Andrew Blackwood, *The Fine Art of Preaching* (1937; reeditado, Nova York: Macmillan, 1943), 113.

13. Observe, porém, que não limito a "exposição" aos detalhes e argumentos da explanação de texto, mas antes agrupo a explanação, a ilustração e a aplicação sob o título mais amplo da exposição. Todas as três são essenciais para a revelação do sentido de um texto.

14. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons,* 155.

15. Larsen, *Anatomy of Preaching,* 96, 138-43.

16. Sidney Greidanus, *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preachers Biblical Literature* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 182-84.

nentes de exposição vão se combinar e se ligar para impelir as verdades da Palavra de Deus até o íntimo do coração do seu povo.[17]

Numa mensagem expositiva tradicional, cada componente da exposição ocorre em cada ponto principal do sermão, já que não faz sentido explicar algo que não seja nem demonstrado nem aplicado.[18] Há, contudo, boas razões para que se façam exceções a esta tradicional perspectiva: algumas vezes, o sermão emprega uma série de explicações para elaborar uma aplicação ou ocultar implicações para um impacto posterior, mais forte. Todavia, o pregador principiante achará que os ouvintes habitualmente prestam mais atenção a uma mensagem cujas demonstrações e aplicações da verdade ocorrem regular e freqüentemente no sermão. As influências culturais na atualidade tornam pouco razoável que o pregador espere que uma congregação permaneça com a mensagem por 25 minutos, na esperança de que algo relevante será dito nos cinco minutos restantes. As necessidades e capacidades da congregação fazem da antiga regra de incluir explicação, ilustração e aplicação em todos os pontos principais, uma diretriz sensata, mesmo que ela não seja seguida todas as vezes.

O EQUILÍBRIO

Uma Abordagem Genérica

Os mais excelentes pregadores expositivos preparam cada mensagem fazendo a si mesmos esta pergunta, enquanto imaginam a presença real dos seus ouvintes: O que eu devo, mediante a autoridade da Palavra de Deus, exigir de vocês como resultado da compreensão do que este texto significa? O reconhecimento da necessidade espiritual dos ouvintes em discernir particularmente o sentido do texto para a própria vida, antes que simplesmente aceitem as asseverações ou as declarações do pregador, obriga os pastores a avaliarem se suas mensagens são acessíveis tanto quanto informativas, apropriadas e eruditas.

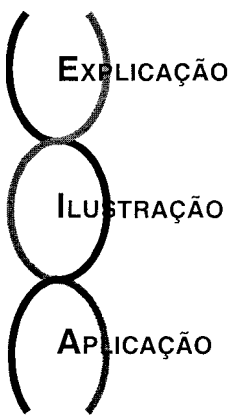
A preocupação pelas necessidades dos ouvintes assim como a informação a ser transmitida podem afetar o equilíbrio dos componentes numa mensagem.

---

17. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons,* 155; Ian Pitt-Watson, *A Primer for Preachers* (Grand Rapids: Baker, 1986), 101; Greidanus, *Modern Preacher and Ancient Text,* 182-84.
18. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons,* 211; Greidanus, *Modern Preacher and Ancient Text,* 182; D. Martyn Lloyd-Jones, *Preaching and Preachers* (Grand Rapids: Baker, 1971), 77; Vines, *Practical Guide to Sermon Preparation,* 133.

Como já observamos, o modelo de exposição pode variar. Todavia, a ordem mais comum em que os componentes da exposição aparecem é explicação, depois ilustração, e, por fim, aplicação.[19] Isso possibilita ao pregador firmar uma verdade e depois demonstrar e esclarecer seus aspectos antes de aplicá-las. Se a cada um desses componentes for dado idêntico espaço de tempo para o desenvolvimento da mensagem e/ou de seus principais pontos, então a forma da mensagem deverá ser uma espiral dupla (ver fig. 4.3). Existe algo destinado a cada um em proporções aproximadamente iguais.

FIGURA 4.3
Exposição Equilibrada da Espiral Dupla



UMA ABORDAGEM HABITUAL

Felizmente não existem congregações genéricas. Embora possa ser útil aos pregadores estudantes preparar sermões que dêem igual atenção a cada um dos componentes do sermão, de tal forma que aprendam a usar os recursos homiléticos, as diferenças entre congregações requerem pastores que diversifiquem as proporções dos componentes da exposição em seus sermões.

A sensibilidade pastoral e o respeito pelo caráter único de cada grupo determinarão se as seguintes descrições são meras caricaturas, ou se elas ajudam a demonstrar os meios pelos quais os pregadores possam variar a composição de suas mensagens.

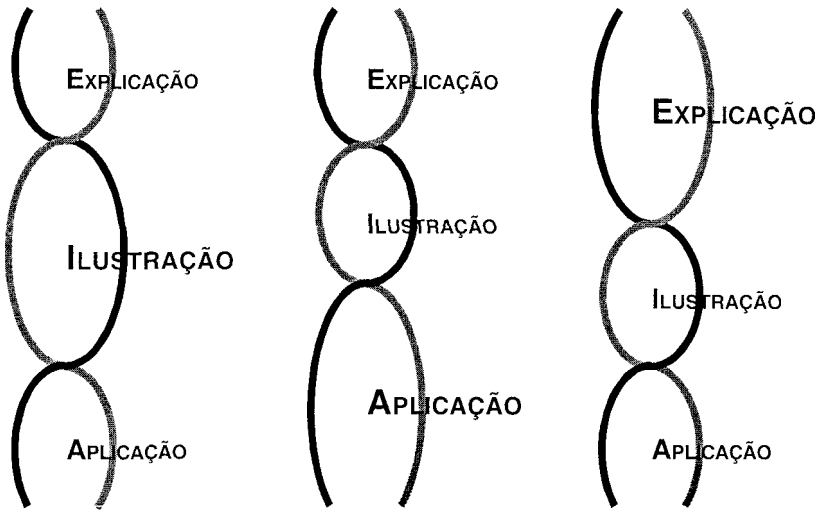
Os pastores jovens em geral aumentam o componente ilustrativo de seus sermões e apresentam a aplicação sob poucos pontos explanatórios bem selecionados (ver fig. 4.4A). Congregações constituídas de operários* freqüentemente desejam explanações sólidas cuja relevância seja mostrada em detalhes mais concretos (ver fig. 4.4B). Quando classes profissionais e administrativas dominam uma congregação, o pastor pode tratar da aplicação de modo mais brando, uma vez que essas pessoas são mais motivadas por aquilo que estão determina-

19. Capítulos adiante explicaremos como e por que esta ordem deve variar, porém observe, por enquanto, esta progressão lógica que é mais comum na pregação expositiva.

* inglês: "*blue-collar congregation*", literalmente "congregação do colarinho azul", referência ao uniforme dos operários em serviço nas fábricas, oficinas, etc.(N. do T.)

das a fazer e não estão habituadas a que outros tomem decisões por elas. Em uma congregação assim pode ser importante apresentar a explicação de tal forma que a aplicação se torne amplamente auto-evidente (ver fig. 4.4C).

Figura 4.4
Variações dos Componentes da Exposição



Exemplo A *Exemplo B* *Exemplo C*

Cada caracterização é quase que pecaminosamente estereotípica, não devendo prevalecer sobre o bom senso. Minha própria experiência tem mostrado que sermões que apresentam uma saudável combinação de todos os componentes de exposição podem ser pregados com impacto em quase todos os lugares com ajustes mínimos. Isso não se deve simplesmente ao fato das congregações de modo geral serem compostas por uma variedade de pessoas, mas porque cada um de nós é uma variedade de pessoas. Nossa mente precisa de explicações sobre o que a Bíblia diz para que saibamos que entendemos os pensamentos e padrões de nosso Deus. Nosso coração precisa de ilustrações que tantas vezes tocam nossas emoções ou incendeiam nossa imaginação para nos convencer de que nosso Deus não é uma fria coleção de idéias abstratas. Precisamos de aplicação para termos ou a confiança de que estamos laborando de acordo com a vontade de Deus, ou a convicção de que precisamos ajustar nossos procedimentos.

UMA ABORDAGEM SAUDÁVEL

Mesmo que os relacionamentos não excluam um ao outro, é muito proveitoso pensar que a explicação prepara a mente, a ilustração prepara o coração e a aplicação prepara a vontade para obedecer a Deus. Essa abordagem adverte os pregadores a evitarem mensagens que não ofereçam porções equilibradas de explicação, ilustração e aplicação. Por exemplo, um sermão que reserve três quartas partes à explicação, uma quarta parte à ilustração e uma frase para aplicação (o clássico sermão do seminário), ou se apresenta uma sentença para a explicação, três quartos para a ilustração e um quarto para a aplicação, é desequilibrado. Uma refeição balanceada da exposição apresenta cada componente em proporção suficiente para nutrir a pessoa em sua inteireza.

Nenhuma regra estrita vai determinar que proporção esses componentes devem apresentar em qualquer sermão específico. O texto, o tema, o objetivo, os dons do pregador, a situação, o modo de ser da congregação, o tempo que deve ser necessário para expressar uma idéia, as vantagens persuasivas ou estruturais de se colocar um componente ao lado de outro durante os vários estágios da mensagem e as forças relativas de cada componente individual da exposição em um sermão específico, todos estes fatores desempenham um papel ao determinar como o pregador deve distribuir a explicação, a ilustração e a aplicação.

Isso não significa que a composição do sermão seja completamente aleatória. Tenho observado um consenso – provavelmente mais um instinto espiritual que os cristãos compartilham do que um modelo de ortodoxia – que, no mínimo, me indica o modo de comunicar a Escritura. Cristãos equilibrados desprezam mensagens cujas ilustrações predominam a ponto de serem motivo de entretenimento, cujas aplicações se estendem até se tornarem críticas acerbas ou cujas explicações se expandem até se tornarem ostentações enfadonhas de erudição acadêmica. Cada extremo revela um pregador com interesses especiais ou pessoais relativos à saúde da congregação. Certa feita, pregadores divulgaram este resumo da tarefa da pregação em seus estudos:

Pregar
alcançar
cada*

* Em inglês: *Preach*
reach
each

Esse resumo ainda é de grande valor.[20] Ele nos adverte a resistir à ênfase do nosso treinamento acadêmico, da pregação popular ou de radicais da congregação que nos desafiam a pregar sem o equilíbrio que alimentará todas as pessoas nos vários níveis do seu ser. As congregações precisam ouvir o que a maioria dos pregadores deseja ouvir: explicação firme, vividamente ilustrada e poderosamente aplicada.

AS ATITUDES

Uma Autoridade Divina

A maneira como a autoridade divina se expressa no púlpito precisa ser discutida antes de examinarmos, nos capítulos subseqüentes, como usar cada componente da exposição. Já examinamos por que os sermões expositivos nos capacitam a pregar com autoridade. Quando afirmamos o que Deus afirma, temos, então, sua autoridade. Essa compreensão deve nos precaver do perigo de impregnar nossos sermões com expressões como: "Eu creio que isto significa...", "Acho que devíamos entender...," ou mesmo, "Eu imagino..." De maneira muito franca, exceto para assuntos periféricos, as congregações astutas biblicamente falando, não estão interessadas no que o pregador pensa. Larsen nos censura: "Não há lugar no púlpito para um pregador titubeante. Todos os que não estão em Cristo vão para o inferno."[21] As pessoas assentam-se nos bancos para ouvir o que Deus confirma na sua Palavra. Se você não consegue dizer: "A Bíblia afirma..." acerca das verdades fundamentais da mensagem, então a congregação não tem a obrigação de respeitar suas conclusões mais do que tem com relação às especulações de qualquer filósofo.

Em obediência aos imperativos bíblicos, um expositor precisa pregar "como alguém que fala as próprias palavras de Deus" (1Pe 4.11). Pregação que carece de autoridade deixa congregação desejando ouvir a voz divina. Vidas desfalecidas pelo pecado, confusas pela cultura e esmagadas pela tragédia, não aspiram a um "sonido incerto". No entanto, precisamos entender que esta autoridade reside na verdade da Palavra, e não em qualquer tom particular que demos às nossas mensagens. É imperativo que saibamos distinguir cuidadosamente entre pregar com autoridade da mera articulação de sons autoritários.

20. As notas de conferência de Robert G. Rayburn indicam que ele ensinou esse resumo com sua mordacidade simples por mais de 25 anos no Covenant Theological Seminary.
21. Larsen, *Anatomy of Preaching*, 81.

Um pastor seguro da verdade bíblica é capaz de pregar com grande vigor ou grande brandura, e ainda assim falar com autoridade. Pregar com autoridade tem a ver mais com a confiança e integridade mediante as quais o pregador expressa a verdade de Deus, do que uma específica inflexão ou postura que o pregador venha a assumir. A autoridade da Palavra nos habilita a proferir as coisas mais desafiadoras a qualquer pessoa sem necessidade de desculpa alguma; contudo, a mesma autoridade nos permite falar ternamente sem comprometer o seu vigor. Com freqüência, pregadores expositivos parecem empacar num procedimento só, dando a impressão de que para pregar com autoridade devem projetar certa aspereza aos seus sermões. Proclamam como se estivesse tentando, por seus próprios esforços, conferir autoridade à Palavra, em vez de confiar no seu poder inerente para sensibilizar a alma.

UM MODO BÍBLICO

Os mesmos princípios de exposição que nos impelem a ponderar o objetivo do autor bíblico nos impulsionam a falar de modo apropriado à verdade que está sendo apresentada e ao contexto em que está sendo dirigida. A grande variedade de termos nas línguas originais que dizem respeito aos pregadores e suas tarefas, confirma quão numerosas precisam nossas expressões (ver tabelas 4.1 e 4.2).

TABELA 4.1
Termos-chave do Antigo Testamento

Termo	Significado	Referência (exemplo)
parash	distinguir ou especificar claramente (possivelmente, traduzir)	Ne 8.7-8
sekel	dar o sentido ou significado	Ne 8.7-8
bin	causar a compreensão (separar mentalmente para uso)	Ne 8.7-8
nabi	aquele que emana ou anuncia sob o impulso divino (ou profeta)	Dt 13.1; 18.20; Jr 23.21 cf. Nm 11.25-29.
hozeh	aquele que queima ou produz calor (vidente ou profeta)	Am 7.12
roeh	aquele que vê (profeta)	1Cr 29.29; Is 30.10
qohelet	aquele que chama ou pregador	Ec 1.1

qara	proclamar	Is 61.1
basar	anunciar boas-novas	Is 61.1; Sl 40.9 (40.10 Hb)
natap	gotejar, despejar palavras	Ez 20.46 (21.2 Hb); Am 7.16; Mq 2.6, 11

Tabela 4.2

Termos-chave do Novo Testamento

Termo	Significado	Referência (exemplo)
Nota: os dois primeiros termos, muito comuns, são empregados principal, mas não exclusivamente, para designar atividade evangelística às pessoas não-cristãs		
kerusso	proclamar como arauto as coisas concernentes ao rei ou aos seus decretos	Rm 10.14-15; 1Co 1.21-23; 2Tm 4.2; (mais de setenta vezes ao todo)
euangelizo	anunciar boas-novas	Lc 4.18; cf At 8.4 (mais de quarenta vezes)
diermeneuo	revelar o sentido de, expor	Lc 24.27-32
dianoigo	abrir, desvendar completamente	Lc 24.27-32
dialegomai	argumentar, discutir, conversar	At 17.2-3
paratithemi	alegar, colocar lado a lado (usado ra indicar o emprego das parábolas de Jesus)	Mt 13.31
logos	uma palavra ou um dito	Mt 13.19-23
rhema	uma palavra ou uma mensagem	Rm 10.17; 1 Pe 1.25
diangello	declarar	Lc 9.60
katangello	proclamar	At 4.2; 13.5
parresiazomai	pregar, falar ousadamente	At 9.27-29
elencho	expor, corrigir, convencer, reprovar	2Tm 4.2; Tt 1.9; 2.15
eritimao epitimao	censurar ou repreender seriamente	2Tm 4.2

parakaleo	incentivar, confortar, defender; lit., chamar para estar ao lado de alguém como um advogado	2Tm 4.2; cf. At 14.22
paramuthia	conforto, ânimo, consolação	1Co 14.3
martureo	dar testemunho	At 20.21; cf. 1Jo 4.14
homologeo	lit., dizer a mesma coisa, concordar com, professar ou confessar a verdade de	1Tm 6.12
homileo	palestrar ou conversar com (empenhar-se em conversação); esta é a palavra grega da qual derivamos o termo *homilética* para o estudo da pregação	At 20.11
laleo	falar	Mc 2.2; cf 1Co 2.6,7
didasko	ensinar	At 5.42
epilusis	soltar, desatar; uma explicação do que é obscuro ou difícil de entender	2Pe 1.20
suzeteo	examinar junto, discutir, disputar	At 9.29
apologia	defesa verbal	At 22.1; 1Pe 3.15; Fp 1.7,16; 2Tm 4.16
metadiodomi	compartilhar o evangelho como uma dádiva	1Ts 2.8; cf. Rm 1.11; Ef 4.28

Essas listas dos termos bíblicos referentes à pregação não são exaustivas, porém indicam as diversas tarefas dos porta-vozes de Deus. Algumas vezes devemos proclamar as alegrias do evangelho ao perdido, ou simplesmente conversar com pessoas interessadas. Outras vezes temos que censurar o regenerado, e ainda outras vezes precisamos confortar o abatido.

UMA HUMILDE OUSADIA

Da mesma forma como palavra alguma pode apreender todas as dimensões da pregação, também nenhum estilo pode refletir suas múltiplas facetas. Isso é ainda mais verdadeiro porque diferentes personalidades expressam autoridade

diferentemente. Para alguns, a expressão mais confiante é proferida com uma intensa contemplação e voz tranqüila. Outros empregam expressões animadas e forçadas para comunicar autoridade. É provável que muitos de nós variemos o modo de expressar autoridade de acordo com as pessoas, as circunstâncias e as questões do momento.

Essas observações parecem iludir muitos pregadores expositivos que assumem um estilo autoritário para cada ocasião sob a falsa impressão de que seu temperamento refletirá sua carência de compromisso bíblico. Infelizmente, uma conduta autoritária consistente reflete a falta de discernimento bíblico:

> Há algo inerentemente terrível acerca dos seres humanos que reivindicam e se esforçam por ostentar autoridade pessoal que não possuem. No púlpito, é particularmente impróprio. Quando um pregador pontifica como um presunçoso demagogo, ou gaba-se do seu poder e glória à semelhança de Nabucodonosor no seu palácio real na Babilônia (Dn 4.28,29), ele acaba por merecer o julgamento que se abateu sobre aquele tirano...
>
> A autoridade com que pregamos não pertence nem a nós como pessoas, nem fundamentalmente ao nosso ofício de pastor ou pregador, nem mesmo à igreja cujos membros e pastores aprovados possamos ser, mas na suprema Palavra de Deus, que expomos...[22]

Não precisamos injetar nossa autoridade na Palavra para torná-la eficaz. Confiança na autoridade de Deus sobre a vida integral nos outorga a coragem de proferir sua Palavra quando e como seja oportuno dizê-la. Essa santa intrepidez não é tanto um estilo particular quanto um compromisso de dizer a verdade em amor pela convicção de que a Palavra de Deus proporciona sabedoria para cada desafio, decisão e necessidade que a humanidade enfrenta (Ef 4.15; 1Pe 3.15; 2Pe 1.3).

Nenhuma abordagem, atitude ou estilo se ajustarão a todas as ocasiões. O mesmo apóstolo que aconselhou o jovem pregador a "repreender com toda a autoridade" (Tt 2.15) aconselhava outro no sentido de que "disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhes conceda não só o arrependimento..." (2Tm 2.25). Nas passagens em que Paulo ordena a esses dois jovens pastores a repreender com autoridade, diz-lhes também que exerçam a mesma autoridade para estimular (2Tm 4.2; Tt 2.15). Nossos embates para co-

22. Stott, *Between Two Worlds*, 58.

nhecer qual a maneira de afirmar em diferentes situações tornam-nos não menos qualificados para pregar a Palavra, se nossas lutas nos fazem mais precavidos da direção espiritual que nós mesmos precisamos. Herbert Farmer escreve:

> Como podemos ter dentro de nós mesmos aquilo que dará à nossa pregação a forma correta de autoridade, a convicção e confiança de que não falta nem o respeito próprio pelo ouvinte, nem a humildade própria de um homem pecador, nem que seja excessivamente dogmático, nem fracamente modesto? Presumo que no fim o segredo se encontra na qualidade de nossa própria vida espiritual e na medida em que nós mesmos estamos andando humildemente com Deus em Cristo.[23]

Nossa própria relação com Cristo nos ensina que devemos tratar as pessoas com compaixão tanto como confrontá-las com a autoridade da Palavra. Da mesma forma como precisamos de uma mão austera em determinados momentos e de um abraço afetuoso em outros, assim também as pessoas que contemplamos do púlpito. A alma torna-se sensível pelo reconhecimento de seu próprio pecado, pela consciência da soberania de Deus, e o milagre do amor do Salvador é o único que melhor se ajusta para controlar a língua no santuário, bem como nas circunstâncias da vida. Pregadores consistentemente agressivos ou combativos maldosamente disfarçam os resistentes esconderijos espirituais do próprio coração.

A vida é demasiadamente complexa, as obrigações da pregação inumeráveis e a mensagem da Escritura é demasiado rica para os pregadores empobrecerem seu ministério com um único estilo de compor sermões. Somente nas piores caricaturas os pregadores falam num mesmo tom, seja a uma família em aflição, na celebração de um casamento, diante de uma multidão cética na faculdade, uma crise ligada à comunidade, uma congregação rebelde, uma igreja exaurida, líderes ansiosos, ou pecadores sequiosos. Somente o mais limitado pregador tentaria confortar, convencer, desafiar, corrigir, incentivar e comandar da mesma maneira. A autoridade da Escritura confere-nos o direito de falar tão prudente e diversamente como ela o faz. Nossas maneiras de ser deve refletir o conteúdo da Escritura. Desde que comunicamos o significado não apenas pelo que dizemos, mas também pelo modo como falamos, uma correta exposição impõe-nos refletir a entonação do texto, assim como definir seus termos. Algumas vezes isso requer uma voz que lembre o trovão do Sinai e outras vezes a voz leve e suave no Horebe.

23. Herbert H. Farmer, *The Servant of the Word* (Filadélfia: Fortress, 1942), 63.

Uma Semelhança de Cristo

O serviço que prestamos ao texto indica que nossa entonação deve ressoar sempre com a humildade de quem fala com autoridade, pois entendemos que estamos sob a autoridade de outrem (2Tm 4.2). Em última análise, nossa percepção da atividade divina que confere poder às nossas palavras define nossa pregação. Como o Espírito de Deus usa nossas palavras para comunicar sua verdade, falamos da parte de Deus.[24] A despeito das fragilidades e dos defeitos de nossas expressões, o Espírito destrói as coisas inúteis de nossa pregação para refinar as próprias palavras de Cristo no coração das pessoas. Martinho Lutero retratou esse ponto mais vividamente além do que podemos julgar confortável admitir: "Agora, que eu e todo aquele que fala a palavra de Cristo, livremente nos orgulhemos de que nossa boca é a boca de Cristo. Estou verdadeiramente certo de que minha palavra não é minha, mas a palavra de Cristo. Assim deve ser a minha boca a boca daquele que a exprime."[25] Essa poderosa imagem deve-nos ajudar a evitar falar num tom que comprometa a autoridade de Cristo, ou contradiga o seu cuidado. Nós o representamos. Portanto, devemos considerar como ele faria, estivesse ele mesmo dirigindo aos nossos ouvintes as verdades confiadas ao nosso cuidado. Se as palavras que estamos proferindo procedessem da boca de Cristo, como ele as diria? Nossas palavras devem refletir seu caráter tanto quanto sua verdade, se nossa pregação a ele permanece fiel.

24. *Breve Catecismo de Westminster,* 89.

25. Citado em *Quest for Better Preaching*, de Edward Marquart (Minneapolis: Aubsburg, 1985), 83-84. Calvino igualmente, em suas *Institutes* (4.1,5): "Entre os dons excelentes com os quais Deus tem adornado a raça humana, é um privilégio singular que ele se digne consagrar a si mesmos aos lábios e línguas dos homens para que sua voz possa ecoar neles."

PERGUNTAS PARA REVISÃO E DISCUSSÃO

1. Quais são os três elementos da exposição que consistentemente aparecem nos exemplos de pregação do Antigo e do Novo Testamentos? O que afirma a consistência desses elementos acerca da natureza da exposição?

2. Quais os três componentes da exposição que habitualmente ocorrem em cada ponto principal? Por que todos eles são importantes?

3. De que maneira a proporção dos componentes da exposição pode variar, de acordo com a natureza da congregação? Por que todos os componentes são ainda importantes para todas as congregações?

4. O que indica a diversidade dos termos bíblicos relacionados com a pregação, acerca da entonação e maneira de ser da pregação expositiva? O que, em última análise, deve dirigir a entonação dos nossos sermões?

EXERCÍCIOS

1. Indique como a explicação, a ilustração e a aplicação são empregadas no Sermão do Monte proferido por Jesus (Mt 5-7) e no discurso de Estêvão perante o sinédrio (At 7.2-53).

2. Determine como e por que a entonação do evangelho varia entre Mateus 23 e Atos 17.16-31.

PARTE 2

PREPARAÇÃO DE SERMÕES EXPOSITIVOS

CONTEÚDO DO CAPÍTULO 5

O LABIRINTO
O CAMINHO DA PREPARAÇÃO
- SEIS PERGUNTAS ESSENCIAIS
- QUATRO PASSOS NECESSÁRIOS
  - *Observar*
  - *Interrogar*
    - EXEGESE DA PASSAGEM (O QUE ELA QUER DIZER?)
    - ESBOÇO DA PASSAGEM (COMO ELA SE AJUSTA AO CONJUNTO?)
    - O PANO DE FUNDO DO TEXTO (ONDE ELE SE AJUSTA?)
  - *Narrar*
  - *Organizar*
    - SEQÜÊNCIA E ORDEM
    - EXAURIR E COBRIR
    - DESTACAR E SUBORDINAR

A LUZ DA APRESENTAÇÃO
- ESPECIFICAR E ESTABELECER
- PROVAR
  - *Reafirmação*
  - *Narração*
  - *Descrição e Definição*
  - *Exegese*
  - *Argumento*
- MAIS LUZ

OBJETIVO DO CAPÍTULO 5

Explicar como preparar e apresentar a parte de explicação de um sermão

5

O PROCESSO DE EXPLICAÇÃO

O LABIRINTO

Nossa convicção de que as pessoas são espiritualmente transformadas somente pela confrontação pessoal com as verdades da Palavra de Deus, complica nossa pregação. Reconhecemos que para a maioria das pessoas em nossa cultura, a Bíblia não passa de um livro opaco com suas verdades ocultas num infindável emaranhado de palavras difíceis, de uma história pouco conhecida, de nomes impronunciáveis e de impenetrável misticismo. Essa situação, assim como nossa vocação, constrangem todo expositor a conduzir as pessoas por esse labirinto de tal maneira que se vejam confrontadas com as palavras de Deus destinadas à vida delas. Todavia, os melhores pregadores orientam seus ouvintes de modo que sejam capazes de descobrir que o labirinto é um mito.

Não existem corredores sombrios através das perplexidades emaranhadas da lógica para a verdade bíblica, que exijam a perícia de uma elite espiritual.[1] Há somente uma trilha batida que qualquer pessoa pode percorrer, se o pregador lançar alguma luz normal ao longo do caminho. Esta é a melhor definição de exposição que eu pude encontrar. A pregação expositiva espalha alguma luz comum no caminho que leva à compreensão do texto. O expositor não somente deve palmilhar a vereda para pessoalmente fazer brilhar sua luz, mas também precisa aprender que, quando a luz que é usada para guiar outras pessoas brilha muito fracamente, ela cria um clarão ofuscante, ou simplesmente exibe o pregador. A correta intensidade de luz diretamente refletida tanto ilumina a vereda para os que nela estão, como também os auxilia a encontrar no futuro seu próprio caminho. Transitaremos por esta vereda, primeiro, esboçando as etapas que o pregador deve seguir na preparação de uma mensagem expositiva e, depois, descrevendo como iluminar a vereda enquanto apresenta a mensagem.

1. John A. Broadus, *On The Preparation and Delivery of Sermons*, org. por J.B. Weatherspoon (Nova York: Harper and Row, 1944), 157.

Os últimos capítulos vão se concentrar na ilustração e aplicação; o restante deste capítulo focalizará o caminho percorrido pela explicação.

O CAMINHO DA PREPARAÇÃO

SEIS PERGUNTAS ESSENCIAIS

Antes de começarmos a marcar a trilha da exposição, teremos que determinar para onde estamos nos dirigindo. A direção do expositor pode ser traçada ao estabelecer-se quais perguntas o pastor pessoalmente necessita responder na preparação da mensagem. Estas perguntas proporcionam uma rápida visão do caminho do expositor. Em última análise, elas determinam que caminho a nossa explicação tomará, e as etapas que devemos percorrer para conduzir as pessoas ao longo da jornada. À primeira vista, as perguntas podem parecer tão óbvias e/ou intuitivas que raramente precisam de identificação, entretanto, importantes perguntas nesta lista infelizmente muitas vezes não são feitas ou não são respondidas quando da preparação do sermão.

Esta lista não pretende aprisionar o pregador num rígido modelo de preparação. As perguntas são arroladas numa ordem lógica, porém a mente pode se saltar e passar por cima ao longo do percurso, de modo que as várias perguntas se misturem ou mudem a seqüência. A maior preocupação do expositor atento não é a ordem em que as perguntas são feitas, mas a necessidade de que todas sejam respondidas.

As primeiras três perguntas referem-se à pesquisa do pregador sobre o significado do texto:

1. O que o texto diz?
2. Como saber o que o texto diz?
3. Que interesses motivaram o registro escrito do texto?

O argumento para a primeira pergunta é o mais evidente: os pregadores precisam empenhar-se ao máximo na pesquisa para concluírem o que o objetivo e os detalhes do texto significam. A segunda pergunta começa por orientar os pregadores na direção dos seus ouvintes. Num sentido, essa pergunta obriga os pregadores a repassarem as etapas que os levaram às suas conclusões sobre para onde o texto estava conduzindo, de modo a identificar pontos de referência

importantes que outras pessoas possam seguir. Não é de todo incomum sentirem-se os pregadores absolutamente confiantes acerca do significado de um texto, sem que sejam capazes de especificar em sua mente o que os levou a tal conclusão. Explicações firmes – e a segunda pergunta – requerem que o pregador identifique o que define o significado de um texto. A terceira pergunta exige que o pregador indique com precisão a causa do texto. Embora esta pergunta esteja relacionada com as duas anteriores (e comumente é necessário que sejam respondidas ao mesmo tempo), é arrolada separadamente porque sua resposta é vital ao desenvolvimento básico do sermão e às perguntas remanescentes do expositor.

As três perguntas seguintes determinam como o pregador narrará o significado do texto:

4. O que partilhamos em comum com:
   a) Aqueles a quem (ou acerca de) o texto foi escrito, e/ou
   b) Aquele por quem o texto foi escrito?
5. Como devem agora as pessoas responder às verdades do texto?
6. Qual a maneira mais eficiente pela qual posso comunicar o significado do texto?

Antes de responder a essas perguntas, o pregador dispõe apenas de informação a respeito do texto, não de um sermão. Embora inúmeros pregadores possam sentir que ao pesquisarem o suficiente para determinar o sentido do texto já estão preparados para pregar, estão enganados. Nesse caso, assemelham-se apenas a uma "pequena locomotiva que poderia", resfolegando, galgar a montanha do pregador, dizendo: "Eu acho que posso pregar. Eu acho que posso..." A resposta a essas restantes perguntas, na realidade, empurra o pregador para o cume da montanha, convertendo um comentário textual ou uma preleção exegética num sermão.[2]

A quarta pergunta leva-nos de volta ao princípio do Foco da Condição Decaída (FCD).[3] Pela identificação compartilhada com os personagens da Escritura, levamos as verdades do texto a um contato imediato com as vidas do nosso povo. Não se trata simplesmente de subtrair da Escritura o impacto que Deus pretende. Tentei demonstrar isso a um estudante que, certa vez, formulou

2. Jay E. Adams, *Preaching with Purpose: A Comprehensive Textbook on Biblical Preaching* (Grand Rapids: Baker, 1982), 51, 52.
3. Veja o capítulo 2 para o desenvolvimento do conceito do FCD.

um ponto essencial desta forma: "Os judaizantes criam em alcançar a salvação por meio de obras." A afirmativa era verdadeira, porém, probremente projetada para ser o ponto básico de um sermão. Ela faria com que os ouvintes perguntassem: "E daí? O que tem isso a ver comigo?"

Pedi ao estudante que tentasse compor o ponto principal de tal forma que possibilitasse tratar o que temos em comum com as pessoas no texto. O estudante replicou: "Mas eu não tenho nada em comum com aquelas pessoas. Não creio que minhas obras vão assegurar minha salvação." "É?", respondi, "eu tenho." Não creio, em sã consciência, que minhas obras me salvarão, mas algumas vezes sinto e até mesmo me deixo levar por este caminho. Sempre sou tentado a crer que no momento em que sou bom, Deus me amará mais. Assim é com todo o mundo. Todos nós temos instantes, ou mesmo anos, em que um aspecto de nós vive a teologia dos judaizantes." Todos nós trazemos vestígios de Babel conosco – como conseqüência da nossa natureza decaída estamos tentando galgar nossos degraus para o céu e assumir responsabilidade em lugar da graça que nos salva. Nosso orgulho luta contra o reconhecimento de que nada de bom existe em nós. Nossa condição pecaminosa incessantemente milita contra nossa total dependência da graça. Somente quando pudermos identificar nossa condição humana que nos liga às lutas daqueles a quem Paulo teve que admoestar com respeito aos judaizantes, é que nós realmente conheceremos a razão por que ele escreveu e o que nós temos de pregar.

Pregar não é fundamentalmente apontar o que ocorreu nas experiências de outras pessoas – a pregação aponta para nós. Precisamos olhar no fundo do nosso coração e no coração daqueles próximos de nós para descobrir o que a Escritura está dizendo no nível da nossa humanidade comum. A verdade assume poder vivo no instante em que o seu significado é compreendido nos contextos vivos para o que foi registrada. Num certo sentido, participamos da culpa de Davi, da dúvida de Tomé, da negação de Pedro (1Co 10.13). Portanto, uma sólida explicação do texto não apenas expõe os fatos contidos num texto, ou expõe a maneira como eles apóiam uma doutrina. Uma explicação completa do significado do texto identifica como seu Foco da Condição Decaída atinge e caracteriza nossa vida.

A quinta pergunta da explicação pode não parecer que faça parte da explicação. Determinar como poderíamos responder às verdades da Escritura, soaria muito mais como aplicação do que explicação. Entretanto, essa pergunta precisa ser feita como parte do processo da explicação, ou torna-se impossível determinar o que estamos explicando. Qualquer texto da Escritura apresenta quase que ilimitadas vias e possibilidades de explicação. Somente quando determinamos o

que o texto requer como conseqüência da condição decaída que o sermão aponta é que podemos saber como focalizar, exprimir e organizar a explicação do texto. Indicar com precisão aos ouvintes o que o texto significa para eles é tão central ao processo da explicação quanto o é a pesquisa da gramática e da História.

Essas últimas perguntas indicam que o sermão não é simplesmente um esboço do texto. É uma explicação de como o texto demonstra que o povo de Deus na atualidade deve responder a uma condição semelhante que dividimos com as pessoas que foram os sujeitos originais e/ou objetos do texto. Uma vez que o sermão, em última análise, responde à pergunta do ouvinte: O que este texto significa para mim?, a explicação tem de ser projetada de tal modo que ela eleve ao máximo o significado para o ouvinte. Dessa forma, uma explicação apropriada reclama acurada compreensão tanto do texto quanto do auditório. Precisamos interpretar nossos ouvintes bem como o texto, para construir um sermão que explique poderosa e corretamente o que o texto quer dizer. É, afinal, bem possível proferir muitas coisas verdadeiras referentes ao texto e, mesmo assim, transmitir um significado altamente inadequado ou inteiramente equivocado, por não se levar em conta as características gerais e a condição da congregação.[4] O que deve ser ouvido, bem como o que deve ser dito, reclamam a atenção enquanto o pregador prepara o caminho da explicação.

Quatro Passos Necessários

Os pregadores proporcionam respostas às perguntas cruciais que definem o caminho da explicação, ao seguirem quatro passos na preparação do seu sermão. Cada passo reflete uma habilidade que o pregador precisa exercitar ao interpretar uma passagem para a prática da congregação. Os pregadores devem aprender a observar e interrogar as partes essenciais do texto, e também relacionar e organizar suas conclusões a respeito do seu significado. Estes quatro passos são discutidos em sua ordem lógica, porém a seqüência muitas vezes se altera e os passos freqüentemente se misturam no processo de preparação da mensagem expositiva.

Observar

O pregador emprega as faculdades de observação para simplesmente determinar o que se encontra aqui. O método é simples: ler, ler e reler o texto. Ler

4. Ian Pitt-Watson, *A Primer for Preachers* (Grand Rapids, Baker, 1986), 23-24.

amplamente o suficiente para ver o contexto. Ler rigorosamente o bastante para identificar a natureza importante ou única do estilo lingüístico. Reler até que o fluxo de pensamentos comece a aparecer. Procure as palavras conhecidas, nomes e lugares a fim de que esteja seguro da compreensão da leitura. Certifique-se de que está familiarizado com as características do texto, mesmo que não tenha captado ainda seu sentido completo. Concentrar-se profunda e cuidadosamente no texto não é questão superficial. Por mais simplista que possa parecer, ao insistir no fato de que o pregador precisa ler cuidadosamente o texto, a instrução nunca é demais. A recomendação freqüentemente citada de Spurgeon provoca repetição, não pela grandiosidade de sua percepção, mas por ser freqüentemente negligenciada: "Sature-se do Evangelho. Sempre constato que posso pregar melhor quando consigo descansar embebido no meu texto. Agrada-me tomar um texto, e descobrir seus significados e propósitos, e assim por diante, e então, após ter-me banhado nele, desfrutar o prazer de submeter-me a ele e permitir que ele me impregne."[5]

Ouça o texto, observa-o, lute com ele, digira-o, mergulhe nele, aspire-o como sopro de Deus, incline-se em coração sobre ele. O maior perigo que você terá de enfrentar é a concentração muito limitada ou demasiado rápida sobre alguns aspectos do texto e, pela negligência dos detalhes ao redor, incorrer em má interpretação. Devo confessar que, às vezes, descubro ao ler a Escritura no meu próprio púlpito momentos antes de pregar o sermão, um aspecto do texto que escapara à minha atenção (o que enfraqueceu minhas conclusões), pois eu havia concentrado o foco exclusivamente apenas sobre uma parte do texto que era alvo do meu interesse. Apreciaria muito poupá-lo do horror de se encontrar numa situação dessas.

A leitura cuidadosa e completa de um texto, normalmente, leva a boas conclusões quanto ao seu significado. Além disso, devemos ser cuidadosos em manter essas impressões iniciais condicionadas a posteriores descobertas das pesquisas. Nossa investigação deveria concretizar a validade das conclusões oriundas de meticulosa leitura do texto, e usualmente isso nos proporciona mais detalhes que ampliarão e aprofundarão nossas percepções. Ocasionalmente, porém, nossa investigação indicará que nossas conclusões iniciais requerem revisão. A exposição de profundidade e precisão exige maior preparação.

Interrogar

O expositor se familiariza com o texto com uma visão da tarefa à frente. John Stott escreve: "Expor a Escritura é descobrir o que há no texto e expô-lo à vista...

5. Charles Haddon Spurgeon, *All Round Ministry* (reeditado; Banner of Truth, 1960), 124.

O contrário de exposição é 'imposição', que significa impor ao texto o que ali não está."[6] Sua obrigação expositiva requer que se façam duas coisas correta e concisamente no púlpito: determinar com precisão o que o texto quer dizer; e mostrar como você sabe disso. Essas obrigações impõem procedimentos definidos durante a preparação do sermão. Durante o estágio da leitura, os pregadores inicialmente perguntam: O que temos aqui? Entretanto, esta pergunta imediatamente leva a outras mais penetrantes: o que isto significa? E por que está aqui? Freqüentemente estas perguntas nos conduzem a descobertas adicionais do que temos aqui. Os pregadores interrogam o texto dessa forma, sabendo que devem conseqüentemente discernir a quais princípios da fé e exortação os argumentos do texto darão suporte, bem como saber como formular as conclusões que são estabelecidas pela informação no texto.

Os pregadores expositivos preparam-se para a explicação do texto formulando as perguntas que seus ouvintes fariam se quisessem descobrir o que ele significa. A maioria dos textos homiléticos alude aos seis "amigos fiéis" dos repórteres, que intuitivamente empregamos na obtenção dos fatos: O quê, Quem, Quando, Onde, Por quê e Como. Além disso, essas perguntas sugerem o que o pregador está tentando descobrir em vez de como chegar lá. O preparo da explicação mostra ao pregador o caminho batido que ele percorre nos estágios que envolvem exegese, esboços, conhecimento experimental e enfoques. Nenhum estágio é independente do outro, e, não poucas vezes, um estágio lançará mais luz sobre as descobertas dos outros estágios (mesmo aqueles já ultrapassados). A natureza da passagem, o objetivo do sermão, ou a habilidade do pregador, sinalizarão também os atalhos ou a seqüência de variações nesses estágios. No entanto, ainda que anos de experiência provavelmente permitam à maioria dos pregadores divagar e perambular inconscientemente por esses estágios de preparação na forma que melhor se ajuste ao estilo de cada um, os sermões expositivos exigem os discernimentos de cada estágio.

Exegese da Passagem (O Que Ela Quer Dizer?)

Para que se conheça o significado da passagem, temos de saber o que as palavras significam e como são empregadas. A exegese é o processo mediante o qual os pregadores descobrem as definições precisas e as distinções gramaticais das palavras num texto. Pregadores com especial conhecimento de grego e hebraico

6. John Stott, *Between Two Worlds: The Art of Preaching in the Twentieth Century* (1982; reeditado, Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 125, 126.

traduzem as passagens admitindo que mesmo as melhores traduções não são capazes de comunicar plenamente as nuanças dos termos nas línguas originais. Os próprios pastores, sem habilidade lingüística, ou sem tempo de traduzir uma passagem inteira, podem empregar os recursos da língua citados no capítulo 3 deste livro, para um desempenho proveitoso de uma exegese altamente precisa.

Por meio de uma exegese precisa o pregador deve consultar os termos não conhecidos, ou examinar mais amplamente as palavras que, por sua colocação, tempo verbal, papel estrutural, repetição, raridade, função, ou relação com outras palavras nessas (ou relacionadas) passagens, demonstram um papel relevante em determinar o sentido do texto. Por exemplo, muitas pessoas se referem aos frutos do Espírito. É significativo que a passagem da qual esta frase é tomada não registra a palavra *fruto* na forma plural (Gl 5.22,23). Indica a gramática que o Espírito traz à existência, em certa medida, todas as características listadas nesses dois versículos. Não se pode dizer: "Não tenho de ser amável porque a bondade listada nessa passagem não é um dos frutos que o Espírito me concedeu." O Espírito tem somente um fruto cujas características incluem a bondade. A exegese autoriza o pregador a requerer bondade de todos aqueles que reivindicam a presença do Espírito.

Nem sempre é mencionada em nossas argumentações de exegese a importância da comparação. Comparar o número de vezes ou as maneiras em que palavras específicas são empregadas (ou não empregadas) em referidos versículos, ou comparar o modo particular em que as palavras são diretamente traduzidas, podem indicar onde os pregadores devem concentrar sua exegese, ou focalizar seus esforços de tradução. Bíblias de referências cruzadas, concordâncias, bons comentários, versões comparadas da Bíblia e satisfatórias habilidades de observação, conduzirão o pregador a importantes percepções interpretativas com base na comparação exegética.

A importância da exegese na língua original não deve desestimular os pregadores quanto ao uso de cuidadosa análise do texto em nosso idioma como recurso exegético fundamental. Uma das graças do Espírito é a clareza geral da Escritura.[7] Conquanto o estudo da língua original acrescente riqueza à nossa exposição, a Bíblia não esconde suas verdades em linguagens confusas. A atenção cuidadosa à gramática, à sintaxe, às palavras relacionadas e ao desenvolvimento lógico numa versão da Bíblia traduzida por peritos leais à autoridade bíblica há de equipá-los com vasta parcela dos seus conhecimentos exegéticos, em palavras

7. *Confissão de Fé de Westminster*, 1,5.

que serão evidentemente compreensíveis aos seus ouvintes.[8] Não queremos convencer nossos ouvintes, nem nós mesmos, de que só após termos vinte anos de grego e hebraico é que podemos entender a Bíblia. Deus não confere profunda compreensão da sua Palavra somente às pessoas com diplomas de seminário, e àqueles que, por outro lado, só aparentam alimentar o próprio ego à custa de outros cuja fé necessita de nutrição. Pregação excelente torna as pessoas confiantes de que a verdade bíblica permanece ao seu alcance, não além de sua compreensão.

Esboço da Passagem (De Que Modo Ela Se Ajusta Ao Conjunto?)

O pensamento do escritor bíblico tipicamente brilha com mais clareza no momento em que o expositor esboça a passagem. Os esboços visualmente exegéticos fazem o pensamento fluir do texto e habilita o pregador a perceber os principais aspectos do seu desenvolvimento. A extensão e natureza da passagem sob consideração determinam que tipo de esboço exegético melhor auxiliará o estudo do pastor.[9]

Esboços gramaticais (ou diagramas) mostram as relações das palavras contidas nas sentenças. Pela identificação do sujeito, verbo, objeto e adjuntos modificadores, pensamentos complexos podem muitas vezes ser decifrados e interpretações mal compreendidas, evitadas. Um típico esboço gramatical esquematiza sentenças de acordo com as convenções gramaticais padronizadas, quer na língua original, quer na língua do pregador (ver gráfico 5.1).

Pela mostragem das relações gramaticais das palavras, um esboço gramatical salienta o desenvolvimento da idéia dentro de uma sentença e freqüentemente ajuda a esclarecer como palavras específicas se relacionam umas com as outras.

Gráfico 5.1
Exemplos de Esboços Gramaticais

Esboço Gramatical
Exemplo Um:
Jesus| Morreu
\pelos
\ímpios

Esboço Gramatical
Exemplo Dois:
Senhor| ouviu| clamor
\o \meu

8. Ver capítulo 3, para discussão sobre o vigor das várias versões inglesas.
9. Estes dois primeiros tipos de esboços exegéticos recebem uma argumentação e uma instrução muito úteis em Haddon Robinson, *Biblical Preaching: The Development and Delivery of Expository Messages* (Grand Rapids: Baker, 1980), 68, 216; e J.Robertson McQuilkin, *Understanding and Applying the Bible* (Chicago: Moody, 1983), 108-21.

Esquemas mecânicos auxiliam o pregador a perceber como frases ou sentenças completas se relacionam entre si. Visto que o esboço gramatical esquematiza as relações das palavras dentro de sentenças, um esquema mecânico se empenha por diagramar as relações entre sentenças e frases. Um simples esboço mecânico pode abranger uma passagem inteira ou sua maior parte.

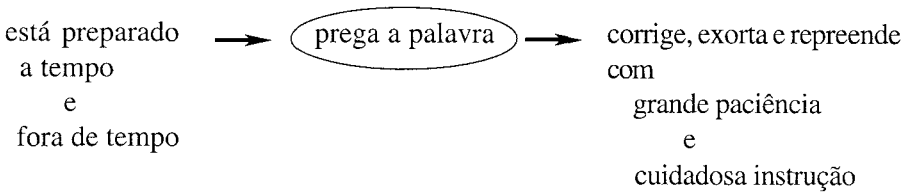
Um esquema mecânico tipicamente identifica cláusulas independentes (ou idéias principais) e depois coloca cláusulas dependentes (ou idéias em processo de desenvolvimento) em posições subordinadas às cláusulas independentes. Não existem convenções estritas para determinar como construir um esquema mecânico. A idéia é colocar frases e conceitos de tal maneira que se possa perceber como elas se correspondem. As idéias principais são normalmente listadas à esquerda com frases e conjunções subordinadas, pretendendo-se com isso indicar suas relações com as cláusulas principais; entretanto, muitas variações poderão ser úteis (ver fig. 5.1, 5.2).

FIGURA 5.1

Esquema Mecânico Tradicional de 2Tm 4.1,2

(v.1) Na presença de
Deus
e
Cristo Jesus
que há de julgar
os vivos
e
os mortos
e
pela sua manifestação
confio-te esta incumbência:
(v.2) Prega a Palavra;
está preparado
a tempo
e
fora de tempo
corrige, repreende e exorta
com grande paciência
e
(com) cuidadosa instrução

Figura 5.2
Esquema Mecânico Alternativo de 2Tm 4.2



O esquema mecânico freqüentemente leva em conta menos a habilidade lingüística do que o esquema gramatical, mas ainda assim obriga o pregador a fazer perguntas acerca da estrutura de uma passagem e a determinar o desenvolvimento da idéia do texto. J. Robertson McQuilkin afirma que o esquema mecânico "manterá (o intérprete) livre da pretensão de que ele compreende o fluxo do pensamento antes que tenha de fato estudado cada parte da sentença e do parágrafo".[10]

Não há necessidade de separar as alternativas do esboço. Muitas vezes o pregador irá aplicar o esquema mecânico a uma porção mais ampla da Escritura, porém fará um diagrama gramatical de uma sentença particularmente complexa dentro da passagem. O esquema mecânico pode realmente auxiliar o foco de concentração das áreas que precisam de um exame gramatical mais preciso. Esquemas mecânicos são aplicados a unidades expositivas mais extensas e esboços gramaticais que necessitem da ajuda de análise microscópica de porções diminutas. Nenhuma alternativa, porém, funciona bem quando a unidade expositiva se torna compacta.

Esboços conceituais servem melhor à preparação de sermões que abranjam muitos versículos ou mesmo vários capítulos. Quando as narrativas ou outras porções da Escritura requerem do pregador a análise de passagens demasiado longas, um esboço que prenda as amplas feições do texto, serve melhor à preparação do sermão. De novo, há múltiplas maneiras de elaborar tal esboço. O objetivo permanece sendo recolocar os pensamentos que servem de apoio em posições subordinadas em relação às idéias principais. Entretanto, num esboço conceitual, as idéias (ou as qualidades e eventos que as representam, em lugar de frases precisas do texto) geralmente formam o esboço exegético.[11] Uma afirmativa listada num esboço conceitual pode resumir muitas sentenças:

10. McQuilkin, *Understanding and Applying the Bible*, 116.

11. O esboço conceitual algumas vezes funciona bem ao empregar frases precisas de uma epístola em que a natureza do parágrafo do pensamento do escritor permite ao pregador identificar as idéias principais e sustentar conceitos nas palavras do texto.

2 Samuel 11–12.23

I. Davi Desobedeceu
   A) Cometeu Adultério (11.1-5)
   B) Cometeu Homicídio (11.6-26)
II. Deus Condenou
   A) Enviou uma Palavra Profética (12.1-6)
   B) Identificou o Pecado do Rei (12.7-12)
   C) Especificou a Punição do Rei (12.11,12,14)
III. Davi se Arrependeu
   A) Confessou o Pecado (12.13)
   B) Demonstrou Tristeza (12.15-17)
   C) Aceitou a Disciplina (12.18-23)
   D) Renovou a Obediência (12.20)

Cada um desses três tipos de esboços exegéticos apresenta vantagens dependendo da extensão da passagem e da natureza das perguntas do pastor com relação ao texto. Quanto mais extensa a unidade expositiva, mais vantajosos são os últimos estilos de esboço. Entretanto, múltiplas abordagens podem perfeitamente servir a uma única preparação de sermão. Note-se, também, que o esboço que abrange extensas porções da Escritura, muitas vezes faz a paráfrase dos pensamentos de um autor e não cita diretamente o texto. Em tais casos, esboçar – em acréscimo ao exame do conteúdo do texto – requer do pastor decisões interpretativas que auxiliarão enormemente a elaboração do sermão.

Quase sempre torna-se importante usar o espaço em torno de um esboço exegético para anotar as percepções que você descobre em seus recursos de estudo, ou que lhe venham à sua mente, enquanto a pesquisa do sermão avança. Anote essas percepções perto da porção do esboço que representa a seção do texto à qual as percepções se aplicam. Conservar evidentes os números do versículo no esboço torna esse tipo de anotação mais fácil e auxilia os pregadores a encontrar rapidamente informações no esboço exegético quando, mais tarde, elaborarem o sermão.

O PANO DE FUNDO DO TEXTO (ONDE ELE SE AJUSTA?)

Leitura cuidadosa, exegese e esboço do texto automaticamente compelem o pregador a consultar palavras, estilo de escrever, citações, referências ou lugares que não lhe sejam familiares, porém a interrogação do texto não se completa até

que o pregador revele o pano de fundo do texto. Estabelecer o pano de fundo do texto localiza a passagem no seu ambiente histórico, lógico e literário. O alvo desse passo preparatório é simplesmente assegurar que o pregador interprete o texto no contexto. Já que o assunto do contexto foi debatido no capítulo 3, não pretendo reiterar sua importância aqui, exceto para observar que a preparação da aplicação exige a pesquisa do contexto.

O pregador estabelece o *contexto histórico* ao ler, pesquisar a cultura, os assuntos importantes e acontecimentos que envolveram e estimularam o registro escrito do texto. O discernimento da situação histórica motivará o pregador a observar a cronologia dos eventos, a biografia das pessoas, os detalhes da cultura e a ocasião do registro da passagem. A leitura exaustiva para constatar o desenvolvimento do argumento ou de outros interesses do escritor bíblico nesta e outra parte relevante das Escrituras, revelará o *contexto lógico* da passagem. As passagens adjacentes, a forma literária (ou o gênero) da passagem, o emprego intencional do texto, o tom narrativo, o papel dessa parte na totalidade do livro ou do objetivo da Escritura, as figuras de linguagem, as passagens paralelas, as repetições e citações de outras referências, ou padrões retóricos, revelam o *contexto literário* da passagem.[12]

O pano de fundo não pode ser isolado dos outros passos preparatórios. Normalmente, o pregador começa a coletar as informações do pano de fundo ao examinar o contexto da passagem, e irá obter maiores informações acerca da função do texto no seu ambiente ao pesquisar os detalhes da passagem. Bíblias de Estudo, Comentários, Manuais Bíblicos, Dicionários Bíblicos e Enciclopédias, assim como os recursos empregados na exegese, iluminam o pano de fundo da passagem. Inúmeros pregadores tomam notas da importância dos detalhes do pano de fundo nas partes convenientes do esboço exegético, ou em outro material a que ele possa de imediato recorrer para escrever o sermão.

Narrar

Reunir informações gramaticais, fluência de idéias e pano de fundo, apenas, não habilitam o pastor a pregar sobre um texto. Os pregadores, na verdade, não são capazes de definir como organizar suas explicações, ou mesmo como exprimir significativamente suas descobertas, até que considerem o impacto que a informação pode exercer sobre a congregação. Enquanto investigam o texto, os

12. Leland Ryken, *Words of Life* (Grand Rapids: Baker, 1987), 21ss.

melhores pregadores fazem a si mesmos perguntas que são do interesse dos seus ouvintes. Tais como: Quem precisa ouvir isto? O que tornará isto perfeitamente compreensível? Que realidade estamos enfrentando que se assemelhe a esta situação bíblica? E de que modo nos parecemos com estes personagens da Bíblia? Essas perguntas ajudarão os pregadores a determinar que aspectos essenciais de suas percepções explanatórias são merecedores de maior interesse.

Posto que tais perguntas pareçam ser mais indicadas ao preparo da aplicação do que para a explicação, uma exposição que seja adequada compele-nos a fazer essas perguntas nessa etapa preparatória do sermão. Jerry Vines esclarece:

> Descobri que é muito útil visualizar certos membros de minha congregação enquanto estudo uma passagem completa da Escritura. Pergunto a mim mesmo constantemente: o que esta passagem tem para dizer ao John Smith, ou a Pam Jones? Ou ao Billy Foster? Horne menciona um costume muito útil adotado por Alexander MacLaren. Durante o tempo em que MacLaren estudava as Escrituras no preparo do sermão, colocava ao lado da escrivaninha uma cadeira vazia. Imaginava uma pessoa ali assentada, enquanto ele preparava seus sermões. Travava um diálogo com a pessoa imaginária. Essa prática seria sempre muito proveitosa para nos manter atentos todas as vezes que estivermos preparando nossas mensagens a pessoas reais.[13]

Observe que esses notáveis pregadores evangélicos não esperavam a conclusão da sua pesquisa da Escritura para, então, começarem a pensar nas pessoas. Explicação preparada abstratamente parece irrelevante. A partir do instante em que cada palavra e cada declaração da mensagem estejam intimamente relacionadas com os interesses das pessoas que precisam aplicá-las na vida pessoal, então a explicação assume forma e poder.

O perigo, naturalmente, é que os interesses de nossa época possam influenciar a interpretação do pregador. O pregador tem de permanecer consciente da tentação de esmorecer ou alterar as verdades do texto à luz da situação da congregação. Ainda mais, o maior perigo de falharmos no desenvolvimento da verdade bíblica pelo uso de palavras e estabelecimento de conclusões que não inspirem os ouvintes, deve afetar nossa preparação do sermão.

Discernir o pano de fundo humano e o foco persuasivo da passagem prepara os pastores a relacionarem o material explanatório às preocupações simila-

13. Jerry Vines, *A Practical Guide to Sermon Preparation* (Chicago: Moody, 1985), 98.

res enfrentadas por uma congregação contemporânea e oferece diretrizes à organização da mensagem. Sem relacionar a explicação do texto às preocupações da congregação, deixam de existir, realmente, barreiras protetoras para cercar as milhares de alternativas explanatórias, exceto os constrangimentos e os interesses pessoais do pregador. Nenhuma destas é mais sagrada do que o desejo de explicar assuntos de tal modo que eles possam e queiram ser ouvidos.

Organizar

Embora o processo de elaboração do esboço do sermão seja tratado de maneira mais pormenorizada no próximo capítulo, alguns princípios gerais são necessários aos pregadores ao organizarem suas pesquisas, a fim de que sua preparação transcorra regularmente. As explicações do expositor devem abranger eficientemente o texto completo. Esta exigência obriga o pregador a dar seqüência ao material explicativo, esgotar o objetivo do texto e subordinar os fatos secundários à informação crítica.

Seqüência e Ordem

Colocar a informação textual numa determinada ordem lógica é o passo inicial comum. É importante também entender por que o esboço exegético da passagem não define automaticamente a seqüência na qual o pregador efetua explicações: (1) o esboço exegético indica o texto imediato. Não proporciona contexto e informação do pano de fundo, nem indica qual ênfase dos vários componentes da passagem deve ser necessária a uma congregação particular. (2) Um esboço exegético não inclui necessariamente aspectos biográficos de uma personagem bíblica, o emprego de um termo em textos paralelos, o argumento prévio de um apóstolo ou inúmeros outros aspectos de uma passagem – pano de fundo, causa ou ênfase. O pregador, a propósito da explicação, deve incorporar esses elementos no sermão. Dessa forma, a profunda compreensão do esboço exegético, o pano de fundo da passagem e o nível atual de discernimento da congregação acerca desses assuntos, devem convergir para o esboço homilético, de tal modo que um sermão competente vá tomando forma. Embora ambos se assemelhem bastante, *o esboço exegético ordinariamente não se identifica com o esboço homilético*. O esboço exegético estabelece o que o texto diz. O esboço homilético estabelece como o sentido do texto é mais bem comunicado à congregação.

O sermão expositivo compele o pregador a apresentar as verdades do texto, porém não necessariamente o modelo da passagem. A seqüência das idéias no

texto pode impedir o pregador de introduzir informação do pano de fundo de maneira eficiente, ou pode fazer com que a verdade do texto não brilhe correta e poderosamente.[14] Por exemplo, um *escritor* muitas vezes diz coisas significativas primeiro, e depois as desenvolve (por ex. Ef 1; Hb 1). Porém, os ouvintes podem captar mais claramente o que o *orador* diz por último. Por essa razão, a fim de que os pregadores revelem mais apropriadamente a verdade que o escritor bíblico deseja reforçar, optam por dizer no fim o que o autor escreveu no início.

O texto pode também refletir um modelo escrito que seja compreensível aos *leitores*, mas que aos *ouvintes* seja demasiado complexo.[15] Por exemplo, alguns salmos são ordenadamente dispostos segundo o alfabeto hebraico. Algumas vezes, o apóstolo Paulo introduz um assunto e, depois, insere um pensamento parentético antes de concluir o tema original. Em cada um desses casos os pregadores exercitam correto juízo crítico ao reorganizarem a informação a fim de que os ouvintes possam compreender o pensamento do escritor. Robinson afirma:

> As vezes, a ordenação de idéias na passagem terá de ser modificada no esboço [i.e., o esboço do "sermão"]. Por causa dos seus leitores, o escritor bíblico pode seguir uma ordem indutiva; entretanto, por causa dos seus ouvintes, o expositor pode optar por um plano dedutivo. Sermões extraídos das epístolas amoldam-se mais facilmente aos esboços do que poemas, parábolas ou narrativas. A menos que o pregador permaneça flexível nos métodos para comunicar passagens, constatará ser impossível cumprir os objetivos de certas passagens perante seu auditório.[16]

As vantagens de se adotar o modelo do texto são óbvias: o modelo do texto tende a refletir o modelo do pensamento do escritor bíblico; e os ouvintes podem mais facilmente acompanhar a estrutura de um sermão que eles podem ver movimentar-se de uma maneira franca e direta ao longo do texto. Isso deve sustentar a credibilidade e a autoridade das explicações do pregador. E ainda confere aos ouvintes a confiança de que podem ler facilmente o texto. Entretanto, estas vantagens de acompanhar a ordem do texto são anuladas quando o modelo do texto é demasiadamente complexo aos ouvintes, quando a parte da Escritura a ser interpretada seja apenas um fragmento de um modelo

14. Adams, *Preaching with Purpose*, 56-58.
15. Sidney Greidanus, *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 128-129.
16. Haddon Robinson, *Biblical Preaching: The Development and Delivery of Expository Messages* (Grand Rapids: Baker, 1980), 128-129.

mais amplo e apresentá-lo numa ordem adequada verdadeiramente deturpa seu sentido, ou quando o modelo deixa de satisfazer eficientemente uma necessidade homilética.

Quanto mais o padrão de uma passagem controla a verdade que o escritor bíblico deseja transmitir, maior é a obrigação do expositor em tornar os ouvintes cientes desse padrão. Além do mais, o pregador tem maior obrigação de tornar os ouvintes certos de compreenderem e aplicarem as verdades da passagem, do que de garantir que eles entendam a passagem na ordem de suas sentenças ou seus versos.

Exaurir e Cobrir

Os expositores não precisam cobrir um texto na ordem dos versos, embora normalmente necessitem cobrir o objetivo do texto. O sermão expositivo induz o pregador a estabelecer os pontos principais e os pontos subordinados da explicação sobre o texto do sermão, sem omitir aspectos importantes da passagem.[17] Um esboço exegético claro indica o material que o pregador precisa escavar, a fim de construir o esboço homilético e permitir-lhe verificar se o sermão inadvertidamente ignora aspectos significativos do texto.

No momento em que o pregador tenha extraído cada parte essencial do esboço exegético e aplicado sua verdade ao esboço homilético, então o texto acaba de ser "exaurido". Exaurir o texto é uma característica da pregação expositiva que constrange o pregador a lidar com a passagem completa.[18] Essa peculiaridade da pregação expositiva não significa que o pregador precisa (ou deve) esgotar toda a verdade contida na passagem; pelo contrário, indica que o pregador explanou todas as seções-chave do texto. Os pregadores expositivos implicitamente afirmam aos seus ouvintes: "Agora, permitam-me dizer-lhe o que este texto significa." Se eles então falham em cobrir a área textual, não terão cumprido obrigação de explicar o que ali se encontra.[19]

17. David L. Larsen, *The Anatomy of Preaching: Identifying the Issues in Preaching Today* (Grand Rapids: Baker, 1990), 32. Robert G. Rayburn faz essa distinção tanto em suas notas de preleções pessoais, como em seu livro inacabado sobre a pregação expositiva.

18. Rayburn popularizou esta terminologia nas suas preleções sobre a pregação expositiva. A terminologia, na verdade, originou-se em Broadus, *On the Preparation and Delivery of Sermons* (114-15), embora ali o conceito se aplica mais a cobrir plenamente o assunto proposto para o sermão do que a pregação em si.

19. Um método válido para assegurar-se de que a área do texto foi coberta consiste simplesmente em observar se você fez referência a todos os versículos do texto do sermão, no caso da mensagem

Entretanto, nem tudo tem de ser tratado de igual modo. Para cobrir a área, o pregador certamente terá de agrupar alguns aspectos do texto, ao mesmo tempo em que examina outros detalhadamente. Por exemplo, um comentário superficial pode cobrir o conteúdo de três versículos, ou dez minutos podem ser despendidos sobre uma só palavra. O Foco da Condição Decaída e a relativa clareza de diferentes partes da passagem poderão sugerir como o pregador organiza o material. Contudo, o pregador necessita trabalhar de algum modo com o texto completo – tomando especial cuidado de *não* negligenciar aqueles aspectos que suscitam problemas ou levantam indagações aos ouvintes. As pessoas devem ser capazes de sair com uma razoável compreensão da passagem inteira.

A opinião pastoral, a sensibilidade da congregação e a experiência decorrente da pregação ajudarão o pregador a desenvolver um senso do que precisa ser elucidado e que quantidade de explicação é requerida, porém, até que esses instintos naturais se desenvolvam, um adequado esboço exegético oferece uma verificação saudável da preparação do sermão. As relações entre palavras e idéias no esboço trazem à tona as idéias principais e sinalizam aquelas partes do texto que precisam de atenção.

DESTACAR E SUBORDINAR

Pelo fato de não haver tempo suficiente para cobrir cada aspecto textual ou cada percepção pastoral, o pregador deve destacar determinadas idéias e, as outras, subordinar.[20] Efetuamos escolhas sobre o fundamento do que melhor representará a instrução do texto concernente ao foco da condição decaída do sermão. Sott registra:

> Temos de ser implacáveis em descartar o irrelevante. Isso é mais fácil de dizer do que fazer. Durante nossas horas de meditação, numerosos pensamentos, abençoados, e idéias brilhantes devem ter-nos ocorrido e docilmente anotados. É tentador despejá-los de qualquer maneira. Resista à tentação! Matéria irrelevante enfraquecerá os efeitos do sermão. Ela será de grande valia num outro momento. Precisamos do vigor da mente para conservá-la até lá.

interpretar uma passagem didática. Verificar se você mencionou os principais personagens ou eventos que determinam o desenvolvimento conceitual de uma passagem em forma narrativa, chegará à mesma conclusão. Nenhum desses procedimentos garantirá que o pregador se ocupou de tudo que era necessário para explicar a passagem, mas pelo menos não omitirá partes inteiras do texto.

20. Arndt L. Halverson, *Authentic Preaching* (Minneapolis: Augsburg, 1982), 179.

> Positivamente, temos de subordinar nosso material ao nosso tema de maneira a iluminá-lo e reforçá-lo.[21]

O esboço homilético refletirá a opinião do pregador sobre o que exige pouca explicação e o que reclama mais explicações. Devemos desenvolver o que se refere ao FCD, promover o que fortalece nossa exortação, eliminar o que obscurece a exposição e refutar o que se opõe às nossas explanações.

Como um método simples e prático, os expositores não devem explicar mais do que é necessário para tornar claros os seus pontos principais, porém não menos do que é necessário para comprová-los. Cristalize tanto quanto possível seus pensamentos. Distribua em partes o que é demasiado extenso. Agrupe o que é por demais numeroso. Torne simples o que é complexo (e não o contrário). Aclare o obscuro. Então modele o todo numa estrutura que torne a base bíblica da sua exortação tão clara e memorável quanto possível.[22]

A LUZ DA APRESENTAÇÃO

Preparar as explicações nem sempre qualifica o pregador para apresentá-las. Profusão de informações e de complexidade pode conduzir à confusão ou à paralisia. Ainda que haja muitas abordagens válidas para apresentar o assunto à congregação, os pregadores estão firmados em terreno seguro ao adotarem estes simples passos:

1. Especifique a verdade.
2. Estabeleça a verdade.
3. Prove a verdade.

Esses passos presumem que as divisões do conceito contidas nos componentes da explicação formam o principal esboço da mensagem, ou seja, as afirmações dos pontos, tanto principais quanto subordinados, sintetizam a convicção do pregador acerca do que o texto diz. Ilustrações e aplicações desenvolvem essas afirmações, mas não se constituem em divisões formais do esboço.[23] Pela conclu-

21. Stott, *Between Two Worlds*, 228.

22. O capítulo 6 particulariza as estruturas e procedimentos do esboço.

23. Em outras palavras, uma ilustração pode esclarecer um ponto importante, "Preparem-se, pois Cristo voltará", mas o ponto principal não é a ilustração em si. Cf. Hugh Litchfield, "Outlining the Sermon", in *Handbook of Contemporary Preaching*, org. por Michael Duduit (Nashville: Broadman, 1992), 173.

são do que o texto diz (com uma afirmação do ponto principal ou subordinado), demonstrando no texto onde aquela verdade se origina, e estabelecendo como o texto apóia a verdade, os pregadores apresentam as descobertas de sua investigação textual em forma perfeitamente compreensível.

A ordem desses passos pode alterar-se. Ocasionalmente, queremos provar a verdade antes de estabelecer nossa conclusão. Outras vezes, será vantajoso retardar a demonstração sobre como o texto apóia nossas conclusões. Para o expositor, a ordem dos passos não é tão crucial quanto a necessidade de considerar cada um deles. Há, naturalmente, outros meios válidos de estruturar o sermão, porém estes modelos "especificar, estabelecer, provar" são os meios mais naturais de elaborar uma mensagem expositiva e tipificar a abordagem da maioria das pessoas que estão aprendendo a pregar.

ESPECIFICAR E ESTABELECER

Se você seguir o modelo mais típico de apresentação, primeiramente deverá especificar o que o texto quer dizer. Essa declaração pode ser o ponto principal ou o subordinado. Em seguida, diga (ou situe em determinado local) de onde no texto você extraiu aquela idéia. Caso você esteja pregando sobre uma parte didática da Escritura (uma epístola, uma profecia, um provérbio ou um salmo), provavelmente dirá: "A Bíblia torna isso evidente para nós no versículo 6", ou mais simplesmente: "Observem que Paulo afirma isso no versículo 9." Então, leia o versículo (ou parte dele) que sustenta a declaração que acaba de fazer. Prender os olhos da congregação ao texto bíblico confere autoridade às suas palavras, assegurando aos ouvintes que suas declarações refletem diretamente o que Deus diz, e não simplesmente sua opinião.

Ocasionalmente, sua declaração da verdade poderá estar firmada sobre vários versículos (ou no contexto). Nesse caso, deve-se exercer adequado julgamento quanto ao meio de localizar a evidência textual que dá apoio à sua conclusão. Dificilmente fará sentido dizer: "Olhem quão pesaroso Jesus aparece nos versos 9 a 12 e 16 a 36." Nos rápidos momentos permitidos, ninguém é capaz de examinar detidamente todo o material para confirmar o que você afirmou. No entanto, pode-se freqüentemente sintetizar o conteúdo de uns poucos versículos: "Pedro dedica uma doxologia nos versos 2 a 4", ou, chame a atenção para um aspecto que reaparece em vários versos: "Observem como a palavra alegria ocorre três vezes no verso 3, e mais duas vezes no verso 6."

Ao pregar sobre passagens narrativas, temos menos obrigação de citar versículos definidos que apóiem nossas declarações. Desde que nossas conclu-

sões estejam freqüentemente apoiadas sobre acontecimentos na narrativa bíblica que uma leitura anterior tenha firmemente gravado na memória, o ouvinte nem sempre tem necessidade de olhar o verso que repete o que todo mundo já sabe. Não lucramos muito em dizer: "O verso 49 afirma que Golias caiu por terra!" se todos já sabem que ele foi lançado ao chão. Contudo, onde um conjunto preciso de palavras afeta nossa interpretação, devemos prosseguir na citação de versículos específicos. O objetivo é dar apoio às nossas declarações. Se a visão ou a memória do texto confirmam nossas palavras, atingimos o alvo.

Provar

Uma vez especificada a verdade e estabelecido o lugar onde o texto confirma essa verdade, torna-se ainda necessário provar que o texto significa o que se tem dito que ele significa. Textos homiléticos, nesse ponto, normalmente oferecem uma miríade de provas formais e formas de argumento que os pregadores podem empregar para estabelecer base bíblica para suas conclusões. Entretanto, antes de nos aprofundarmos nisso, é preciso que todos nos lembremos de que a Bíblia foi originalmente escrita na linguagem de pessoas comuns e será mais bem interpretada quando lembrarmos que a maior parte do seu sentido é francamente visível. Ouvindo-se mais de perto os melhores expositores, verifica-se que, após proferirem uma afirmação declarativa acerca do que o texto quer dizer, eles na maioria das vezes simplesmente repetem, ou expõem de modo diferente a parte do texto que dê apoio à sua afirmação, que estabelece sua verdade.

Reafirmação

Simplesmente citar o texto, ou reformular as palavras de uma forma mais clara, que demonstre a veracidade de suas palavras, isso de modo algum significa que a explicação está terminada. Afinal, o que significa "orar sem esmorecer" (Lc 18.1), senão que devemos orar sem esmorecer? Poderíamos dizer: O que este versículo quer dizer é que devemos orar e mantermo-nos em oração." Ainda mais, quer repitamos, quer reformulemos o versículo, seu sentido é claro, sem necessidade de uma enorme quantidade de explicações adicionais, pois o versículo em si é bastante claro. Uma vez mais preciso reiterar que, embora os textos homiléticos passem muito tempo discutindo outras formas de explicação, a simples reformulação do texto é a forma de explicação que os expositores empregam na maioria das vezes. Formulamos uma afirmação declarativa do que cremos que

o texto diz e, então, citamos a parte bíblica que dá apoio àquela afirmação, como prova óbvia e suficiente.

A reafirmação emprega os princípios do foco e da redundância para tornar claro o ponto. Até que o pregador reformule (pela citação ou nova forma textual) a parte do texto que apóia a afirmação declarativa de intenção, as palavras do texto tendem a misturar-se na mente dos ouvintes. Pela focalização da atenção a uma simples frase ou versículo, o pregador faz com que parte da passagem precipite-se para o ouvinte e torna evidente o seu significado. Uma vez que a parte de maior realce do versículo seja também uma reformulação daquilo que o pregador realmente disse, a repetição imprime maior significado na mente dos ouvintes. Essa repetição poderia parecer simplista e redundante num documento escrito, porém experimentados pregadores reconhecem que a *repetição é um dos mais poderosos recursos da comunicação oral.*[24] Desde que um ouvinte (diferente de um leitor) não pode voltar ao que foi dito antes, a repetição destaca o que o pregador mais deseja imprimir nas mentes. Como resultado, as principais idéias expressas em frases concisas freqüentemente ecoam ao longo do sermão, à semelhança de um refrão, para assinalar a importância dos pensamentos básicos.[25]

Narração

Recontar a história do que está ocorrendo na passagem é outra maneira de explicar o significado. Esta é de fato a forma mais ampla de reformulação. Os pregadores podem pintar o pano de fundo do relato, lembrando os ouvintes de um incidente biográfico, recontar uma parábola empregando palavras mais atuais ou uma situação contemporânea, introduzir diálogo a partir de um acontecimento, criar diálogo ou, em geral, acrescentar interesse e clareza a uma passagem mediante informações mais detalhadas do ambiente, da ação ou das personalidades envolvidas.

Uma imaginação saudável ajuda enormemente o processo da narração. Relatar os fatos da passagem com vivacidade, energia e colorido torna a Bíblia interessante, clara e real aos ouvintes. Uma palavra de precaução, porém, deve ser acrescentada. Os pregadores devem estar seguros de que sua narração explica o que consta no relato e nada adicionar que não esteja na passagem. É possível ao narrador da história mostrar-se muito imaginativo e muito profuso. Se você con-

24. Vines, *A Practical Guide to Sermon Preparation*, 78; Ralph Lewis com Gregg Lewis, *Inductive Preaching: Helping People Listen* (Westchester, IL: Crossway, 1983), 202.
25. Robinson, *Biblical Preaching*, 79-80; 138-39.

clui, fundamentando um ponto do seu sermão sobre um detalhe imaginário, então sua narração já não é mais uma exposição, mas imposição. A imposição ocorre não apenas quando apresentamos como fato o que a Bíblia não reconhece como tal, mas também quando nos desviamos da mensagem dela. As congregações biblicamente orientadas querem clareza, não drama solene. Precisamos reconhecer a linha, às vezes tênue, porém, sempre precisa, entre a luta para gerar compreensão de uma passagem e a tentativa de encantar os ouvintes com nossas habilidades pessoais.

Descrição e Definição

Intimamente relacionada com a narração encontra-se a descrição. Com essa forma de explicação o pregador descreve uma palavra, uma cena, um caráter ou uma situação, de tal sorte que os ouvintes sintam-se mais habilitados a compreender o texto. Por exemplo, do começo ao fim de inúmeros sermões, o pregador pode descrever a cerimônia da páscoa, um *ephod*, a geografia da Palestina, uma moeda romana, os antigos barcos de pesca, a ação contínua do tempo verbal no grego, ou uma multidão de outros detalhes bíblicos pouco conhecidos, elementos esses que podem auxiliar muitíssimo o entendimento da congregação sobre várias passagens bíblicas.

Muitas vezes os ouvintes não precisam de descrição mas de definição. Nossa época, em que a aptidão literária bíblica é deficiente, força os pregadores a explicar os termos de uma passagem, bem como descrever seus aspectos essenciais. Os termos *justificação, eleição, remanescente, sabá, santidade e pecado* são tão claros aos pregadores que eles se esquecem de que muitas pessoas ao redor os consideram misteriosos ou confusos. O pastor que anima os membros da congregação a empregar a palavra *apologética* ao expressarem sua fé, não deve surpreender-se com o fato de a maioria dos ouvintes sentir que foi incentivada a desculpar-se pelo Evangelho.

As definições contidas num sermão não apresentam a mesma extensão ou complexidade que as mesmas definições nas páginas de um manual. As definições oferecidas nos sermões precisam ser acuradas, e também claras e concisas. Isso significa que não podemos habitualmente apresentar uma definição que fará sentido a todas as pessoas em todos os lugares. Estamos meramente tentando definir os termos de maneira que façam sentido nesse sermão. Freqüentemente, contrastamos ou comparamos um termo com outros para produzir sentido (por ex. *agape versus eros versus philia*). Podemos listar sinôni-

mos de um termo (por ex. Pecado é qualquer *transgressão* ou *omissão* do que Deus requer) ou colocá-lo em oposição a falsas opiniões comuns (por ex. Não precisamos ser Hitler, Gengis Khan ou Charles Manson para sermos culpados de pecado). Queremos dar às pessoas instrumentos para que possam aprender suficiente sentido de modo que possam compreender a informação num sermão específico. Se palavras difíceis de serem entendidas aparecerem no próprio texto ou em nossas explicações do texto, devemos definir nossos termos de modo simples. Muitos volumes poderiam ser escritos sobre o significado de fé, mas em inúmeras mensagens o acrônimo de Philips Brooks *F*orsaking *A*ll *I T*ake *H*im* [*Faith* = fé, em português] será suficiente. Excelência na pregação é mais freqüentemente exibida por esta espécie de estilo de sermão-específico do que por complexidade acadêmica.

Exegese

Pregadores que tenham a habilidade de investigar a Palavra de Deus nas línguas originais desfrutam o maravilhoso privilégio de ser capazes de perscrutar as profundezas da Bíblia, e é natural e conveniente compartilhar os profundos discernimentos de nosso estudo exegético com nossos ouvintes. A maioria dos sermões expositivos faz alguma referência aos conhecimentos exegéticos, a fim de expor o significado sob a superfície do texto. Mas, os pregadores devem evitar alardear cultura. A exegese deve ajudar a explanar o que o texto significa. A função dela não é simplesmente obscurecer o texto com um nevoeiro de palavras em hebraico, notas analíticas e termos gramaticais que são desconhecidos de qualquer pessoa que não tenha um diploma de seminário.[26] Se, dois segundos depois, ninguém se lembrar de que *metadidomi* significa "compartilhar", por que dar-se ao trabalho de mencionar o termo grego? Se ninguém sabe o que é *aoristo,* não devemos pretender que a menção dele vá esclarecer o sentido do texto.

A pregação não deveria ser jamais uma desculpa para exibir nossa erudição a expensas de convencer nossos ouvintes de que jamais poderão realmente compreender o que as Escrituras dizem, pois eles lêem apenas o português. Temos a obrigação de explicar nossos conhecimentos exegéticos de tal forma que eles tornem o sentido do texto mais evidente, não mais obscuros. Robert G. Rayburn explica:

* "Renuncio a tudo para ficar com ele".

26. Edward Marquart, *Quests for Better Preaching* (Minneapolis: Augsburg, 1985), 105.

> Nada é mais enfadonho à média das pessoas leigas do que ouvir um pregador explicando os casos dos substantivos e os tempos verbais ou outra matéria gramatical em grego ou hebraico. Espera-se que pregadores bem-preparados conheçam as línguas da Bíblia, porém o leigo sem tal conhecimento não se comove quando observações são feitas ao empregarem-se as palavras originais do texto. Ele está interessado apenas em conhecer o verdadeiro sentido do texto, não a mecânica pela qual esse significado foi estabelecido.[27]

Jovens pregadores freqüentemente imaginam que, amontoando complexidades exegéticas em suas explanações, ampliarão sua credibilidade quando, na verdade, tal prática pode causar-lhe dano. Exercícios dessa natureza demonstram que o pregador não conhece, ou não leva em conta, as capacidades dos ouvintes. Sem hesitação, empregue seus instrumentos de tradução e pregue os importantes conhecimentos exegéticos, mas faça-o em termos modestos.[28] Compartilhe os frutos, não o suor, do seu labor exegético.

Onde suas conclusões exegéticas diferem em algum grau da tradução que a maioria dos ouvintes tem em mãos, trabalhe cuidadosamente as diferenças. Um pregador que, em essência, declara: "Eu sei o que diz sua bíblia, mas eu não concordo" pode parecer muito arrogante. E, igualmente, o maior perigo é que o pregador pode convencer as pessoas de que a bíblia delas não é fidedigna. Traduções feitas por peritos comprometidos com a verdade bíblica geralmente precisam do apoio de pregadores que almejam dos seus ouvintes o respeito à autoridade da palavra. Normalmente, é bem melhor sustentar: "Obtivemos até mesmo uma compreensão mais rica do significado deste versículo ao observar..." do que dizer: "Os tradutores da NVI cometeram aqui um engano." Quem pode evitar a curiosidade de saber, na esteira de tal declaração, onde outros "enganos" estão?

Argumento

Apresentar um argumento que sustenta sua explicação raramente justifica ser argumentativo. Não obstante, muitas vezes precisamos apresentar os fatos, o teste-

27. Robert G. Rayburn "Exposition", manuscritos incompletos, 7.

28. Os teólogos de Westminster admoestavam: "Aqueles que são chamados a trabalhar no ministério da Palavra devem pregar a sã doutrina, diligentemente, em tempo e fora de tempo, *claramente*, não em palavras persuasivas de humana sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder; fielmente, tornando conhecido todo o conselho de Deus; sabiamente *acomodando-se às necessidades e às capacidades dos ouvintes*..." (ênfase acrescentada; Catecismo Maior, 159). João Calvino escreveu: "Eu sempre estudei para ser simples..." (conforme citação em *Between Two Worlds*, de Stott, 128).

munho de autoridades, as relações causais e a lógica, que confirmam a exatidão de nossas explanações. Os sermões são normalmente preparados para um grupo heterogêneo de pessoas, incluindo aqueles que são informados e os que não são, os capazes de raciocinar e os que não são, os que estão preparados para aceitar os pronunciamentos do pregador, e os que não estão. Cada um desses fatores precisa ser considerado enquanto o pregador se prepara para sustentar, desenvolver e, quando necessário, defender a exposição (1Pe 3.15).

Transcende o objetivo deste livro fornecer todos os tipos de argumento formal que o pregador possa empregar.[29] Todavia, se os pregadores mantiverem-se desafiando a si mesmos a fim de provar seus argumentos da mesma forma como fizeram afirmações declarativas, então os argumentos naturais tendem a tomar forma numa ordem razoavelmente boa. Alguns cuidados precisam ainda ser considerados. Primeiro, nem tudo precisa ser provado – muitas coisas são por si evidentes. Segundo, muitas coisas precisam de todas as provas que você for capaz de reunir – escolha as que são mais eficientes e mais concisas. Terceiro, algumas coisas não podem ser provadas. Rayburn escreve: "O pregador nunca deverá tentar explicar o que ele, de fato, não entende, nem deverá jamais tentar explicar uma doutrina incompreensível, como o é a doutrina da Trindade. No empenho de explicar coisas que não podem ser explicadas, erros graves freqüentemente têm sido cometidos."[30] Rayburn não pretende dizer que devemos abandonar a tentativa de se obter uma compreensão do que não nos é claro, ou que devemos evitar a explicação do que conhecemos acerca das verdades bíblicas que apresentam aspectos incompreensíveis. Ainda mais, devemos estar preparados para nos curvar ante a onisciência do nosso Deus, no momento em que nossa compreensão atingir seus limites finitos. Não há motivo de vergonha em proceder dessa maneira, ou em ensinar os nossos ouvintes a procederem do mesmo modo.

Sejam quais forem os argumentos que tenhamos escolhido, devemos nos determinar a apresentá-los da maneira mais interessante e simples possível. Inúmeros pregadores inexperientes cometem o engano de confundir complexidade com seriedade, e enfado com ortodoxia. Como uma advertência a esse erro muito comum, os professores de homilética freqüentemente empregam o assim chamado princípio KISS (i.e., Keep It Simple Stupid).* Considero enganoso esse princípio. Nem você, nem seus ouvintes são simplórios. Seus recursos e sua mente lhe

29. Para algumas distinções tradicionais entre os tipos de argumentação formal, veja Broadus, *On the Preparation and Delivery of Sermons*, 167-95.

30. Rayburn, "Exposition", 5.

* Português: "Conserve-o simples e simplório" (N. do T.).

proporcionarão extraordinárias provas da riqueza da verdade na Palavra de Deus. Você se deleitará em proclamar a verdade tão expansiva e poderosamente quanto Deus lhe outorga os dons para fazê-lo. Todos os pregadores simplesmente precisam cientificar-se de que o que pregam comunicará e não complicará as verdades de Deus. Fazer isso requer que você aplique todos os recursos de sua mente e seu coração. Embora seja relativamente fácil expressar o que você conhece no jargão dos manuais teológicos e comentários, o verdadeiro desafio da pregação é dizer as mesmas coisas na linguagem de pessoas comuns que são tão inteligentes quanto você, porém não familiarizadas com a Bíblia ou os recursos que a explicam. Por isso, conservar simples os assuntos é *engenhoso*. Proferir realidades profundas obscuramente ou dizer coisas simples engenhosamente requer relativamente pouca reflexão, mas dizer coisas profundas de maneira simples é a verdadeira marca do pastor genial.

Mais Luz

Ao declarar o que o texto significa, colocando esta verdade onde se originou no texto, e provando como o texto estabelece esta verdade, você cumpre as obrigações fundamentais de um expositor: declara o que você sabe e mostra como você sabe. Pela reunião dessas obrigações podemos iluminar o caminho do sentido do texto para que outros possam contemplar a verdade da Escritura, segui-la na direção da fonte, e confirmar sua autoridade sobre a vida deles. Essa confirmação é crucial, pois embora pudéssemos, às vezes, desejar que nossas palavras sozinhas persuadissem outros a agir de um modo seguro, "é um sério engano apelar por uma resposta ao argumento, quando o ouvinte não compreende a base bíblica da verdade que está no âmago do apelo".[31] Os maiores equívocos da igreja ocorrem no instante em que o povo de Deus honra o que diz o líder sem examinar essa instrução à luz da Escritura.

Num dos mais importantes debates quando da formulação da Confissão de Fé de Westminster, um erudito pronunciou-se com grande habilidade e persuasão em favor de uma posição que teria atolado a igreja em debates políticos por muitos anos. À medida que o homem falava, George Gillespie preparava uma refutação na mesma sala. Enquanto o observavam escrever furiosamente numa tabuleta, todos na assembléia sabiam da pressão sobre o jovem em ordenar uma resposta, enquanto o erudito exprimia um argumento após outro. Mas, no momento em

31. *Ibid.*, 5.

que Gillespie se ergueu, suas palavras estavam impregnadas de tal poder e persuasão bíblica que a rapidez de sua preparação não foi de modo algum levada em conta. O pronunciamento de Gillespie impressionou tanto os membros da assembléia quanto à sabedoria de Deus, que o erudito opositor reconheceu que uma vida de estudo acabava de ser anulada pela apresentação de um homem mais jovem. Quando o assunto foi decidido, os amigos de Gillespie arrebataram de sua cadeira a tabuleta em que ele, tão rapidamente, havia reunido seus pensamentos. Esperavam encontrar um brilhante resumo das palavras que tão magistralmente acabara de pronunciar. Ao contrário, acharam uma frase somente, escrita muitas e muitas vezes: *Da lucem, Domine* (lit. Concede luz, ó Senhor).

Vezes sem conta Gillespie orava por mais luz vinda de Deus. Em vez da genialidade do seu próprio pensamento, esse valoroso Reformador aspirava a mais da mente de Deus. Sua oração humilde para que Deus irradiasse mais luz sobre a Palavra é o alvo de todo expositor. Supliquemos que Deus irradie, por nosso intermédio, mais luz sobre sua Palavra. Sabemos que o que dizemos deve ser biblicamente evidente, logicamente consistente e inquestionavelmente claro, se desejamos ser os guias fiéis que Deus requer. Não é bastante que nossas palavras sejam verdadeiras ou que nossas intenções sejam boas. Por extensão, se nossas palavras obscurecem sua Palavra, fracassamos em nossa tarefa. À medida que nossas palavras esclarecem as páginas da Escritura, Deus responde às nossas orações e às orações dos nossos ouvintes.

PERGUNTAS PARA REVISÃO E DISCUSSÃO

1. Quais as perguntas críticas que os pregadores precisam responder de modo a converterem meras preleções em sermões?

2. Por que um esboço exegético é, em si mesmo, normalmente insuficiente como um esboço homilético?

3. Por que os pregadores não são necessariamente obrigados a apresentar o modelo do texto como a estrutura dos seus sermões?

4. Que vantagens tem o expositor em seguir os passos: "Especifique, estabeleça, prove?" Essas vantagens exigem os passos nesta ordem?

5. Quantas provas deve o pregador apresentar de qualquer conceito particular num sermão? Quais provas de um conceito particular deve o pregador apresentar?

6. Que cautelas o pregador deve tomar na apresentação de conhecimentos exegéticos num sermão?

7. Por que a verdade profunda numa linguagem simples é marca de vocação pastoral?

EXERCÍCIOS

1. Elabore um esboço mecânico de Filipenses 4.4-7.

2. Elabore um esboço conceitual de Mateus 14.22-32.

CONTEÚDO DO CAPÍTULO 6

ESBOÇOS PARA A EXPOSIÇÃO
OBJETIVOS DO ESBOÇO
PRINCÍPIOS GERAIS DO ESBOÇO
- UNIDADE
- BREVIDADE
- HARMONIA
- SIMETRIA
- PROGRESSÃO
- DISTINÇÃO
- CULMINÂNCIA

CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DO ESBOÇO
- A PROPOSIÇÃO
  - *Definição e Desenvolvimento*
  - *Equilíbrio*
  - *Formas*
  - *Perspectiva*
- PONTOS PRINCIPAIS
  - *Expressão Formal*
  - *Vantagens e Desvantagens*
  - *Formas Reduzidas*
  - *Perspectiva*
- PONTOS SECUNDÁRIOS
  - *Diretrizes*
  - *Tipos*
  - *Perspectiva*

A FORMA (F-O-R-M) BÁSICA

OBJETIVO DO CAPÍTULO 6

Apresentar a análise racional, os aspectos e o sistema instrutivo para um bom esboço.

6

ESBOÇO E ESTRUTURA

ESBOÇOS PARA A EXPOSIÇÃO

Por que razão sermões bíblicos sobre as mesmas passagens freqüentemente parecem tão diferentes? Da mesma forma como arquitetos, empregando idênticos recursos, podem criar inúmeras construções diferentes, assim também os pregadores, manejando as verdades desenvolvidas na preparação da explicação de um texto, podem elaborar vários e diferentes sermões. O projeto poderá variar com um propósito. Se os pregadores estiverem interessados somente em descrever o texto, então as mensagens sobre idênticas passagens poderão parecer muito semelhantes, desde que todas sigam aproximadamente idênticos esboços *exegéticos*. Entretanto, os pregadores têm uma obrigação maior do que simplesmente relatar as características do texto. Para expor uma passagem, o pregador precisa explanar o contexto, determinar o significado e demonstrar as implicações, de modo que um grupo específico de ouvintes considere interessante, inteligível e aplicável. Para cumprir esses objetivos o expositor projeta um esboço *homilético* para elaborar um sermão fiel às verdades do texto e relevante às necessidades da congregação. O esboço exegético mostra o fluxo de pensamento da passagem; o esboço homilético organiza o desenvolvimento do pensamento integral do pregador.

O primeiro elemento essencial para organizar um sermão é que os pregadores determinem o tipo de mensagem que desejam apresentar.[1] Na homilética tradicional, o sermão tópico extrai apenas o tópico (i.e., o tema, ou o assunto principal) da passagem; o sermão é organizado mais de acordo com a natureza

1. Discussões úteis sobre as classificações das mensagens são oferecidas por David L. Larsen em *The Anatomy of Preaching: Identifying the Issues in Preaching Today* (Grand Rapids: Baker, 1990), 32; Ian Pitt-Watson, *A Primer for Preachers* (Grand Rapids: Baker, 1986), 23; Edward Marquart, *Quest for Better Preachings* (Minneapolis: Augsburg, 1985), 103, 105; Sidney Greidanus, *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 15.

do assunto do que das distinções textuais. Numa *mensagem textual* o pregador compila o tema do sermão e seus pontos principais derivados das idéias do texto. A mensagem textual reflete alguns detalhes do texto na declaração de suas idéias principais, porém o desenvolvimento dessas idéias procede de fontes externas ao texto imediato.

Tanto o sermão temático quanto o textual desfrutam de reconhecidas posições na história da igreja, e ambos exibem vantagens distintas em determinadas situações e temas. Caso o pregador tencione apresentar uma mensagem sobre um assunto específico, como o batismo, a responsabilidade cristã na sociedade, o divórcio ou a perseverança, uma abordagem tópica ou textual é freqüentemente a melhor. Dentre os sermões registrados na história da igreja inúmeros são desenvolvimentos tópicos ou textuais de um tema específico ou doutrina. Locais em que os ouvintes provavelmente não tenham consigo um exemplar da Bíblia (casamentos, funerais, ajuntamentos comunitários) pedem mensagens de natureza textual ou temática.

Um sermão expositivo apresenta tema, pontos principais e pontos secundários extraídos do texto.[2] Na mensagem expositiva o pregador assume o compromisso de explanar o que *determinado* texto diz. O objetivo de tal sermão é simples: fazer com que os ouvintes pessoalmente compreendam o que a passagem estudada significa, antes do término do culto. Referências a outras passagens devem ocorrer somente quando o pregador pretende confirmar, corroborar ou elaborar assuntos que sejam evidentes no texto imediato. Simplesmente porque uma coisa é verdadeira, porque apresenta fundamento bíblico, ou porque ela vem à mente do pregador, não significa que tenha espaço reservado na mensagem expositiva. O conceito dominante de um sermão expositivo (o tema), as divisões desse conceito (os pontos principais) e o desenvolvimento dessas divisões (os pontos secundários), todos eles procedem das verdades contidas no próprio texto. Nenhuma parte significativa do texto é ignorada. Em outras palavras, os expositores permanecem firmemente dentro dos limites do texto e não os deixam até que tenham avaliado sua totalidade junto com seus ouvintes.[3]

O sermão não é expositivo simplesmente porque transmite um assunto da Bíblia. Nem a citação de numerosas referências da Escritura faz do pregador um expositor. "Uma coisa é citar uma passagem bíblica. Outra, bem diferente,

2. Sou grato a Robert G. Rayburn, cujas anotações particulares de preleção contêm as declarações mais bem articuladas e requintadas a respeito destas distinções que já pude ver.

3. Ver a discussão anterior sobre a característica do sermão expositivo de tratar o texto exaustivamente no capítulo 5.

é explicar corretamente o que a passagem de fato diz, e o que verdadeiramente significa, de modo especial nas situações contemporâneas."[4] Um sermão que explora qualquer conceito bíblico é, no mais amplo sentido, "expositivo", porém a *definição técnica de um sermão expositivo* exige que ele exponha a Escritura por derivar de um texto específico os pontos principais e secundários que revelem o pensamento do autor, cubram o todo da passagem e se apliquem à vida dos ouvintes.[5]

Durante os últimos 150 anos, a pregação expositiva conquistou notoriedade nas igrejas conservadoras ocidentais devido a pelo menos duas razões: a procura evangélica por um meio de remover a erosão do compromisso à autoridade bíblica; e o acesso quase que ilimitado ao material bíblico.[6] Pastores evangélicos e eruditos igualmente têm respondido ao ceticismo de nossa cultura concernente a toda autoridade e à perda de conhecimento bíblico da sociedade, mediante desafio aos que se congregam na igreja para que compreendam a Bíblia por si mesmos.[7] Essas ênfases e práticas fornecem notáveis benefícios à igreja: as pessoas nos bancos tornam-se inteligentes leitores da Bíblia; pastores tornam-se proclamadores mais confiantes das exigências de Deus; pessoas tomam decisões firmadas sobre o que Deus diz em lugar do que os homens dizem; pregadores são compelidos a falar acerca de uma variedade tão grande de temas quanto os textos que usam; a própria autoridade da Bíblia permanece no centro do palco; a lealdade do pregador e das pessoas às declarações precisas da Escritura aumenta, assim como o conhecimento que eles têm dessas declarações; a Escritura torna-se o juiz da vida e não o contrário.[8]

---

4. Robert G. Rayburn, do capítulo "Expository Preaching – A Method", em sua obra inacabada sobre pregação expositiva, 4.

5. Rayburn, "Expository Preaching," 6; Jerry Vines, *A Practical Guide to Sermon Preparation* (Chicago: Moody, 1985), 7; Haddon Robinson, *Biblical Preaching: The Development and Delivery of Expository Messages* (Grand Rapids: Baker, 1980), 20; Ilion T. Jones, *Principles and Practice of Preaching* (Nashville: Abingdon, 1956), 109; Andrew Blackwood, *Expository Preaching for Today* (Nashville: Abingdon, 1953), 13; John A. Broadus, *On the Preparation and Delivery of Sermons*, org. por J.B.Weatherspoon (Nova York: Harper and Row, 1944), 140-54.

6. Embora Broadus conteste a antiguidade do método expositivo, seu livro, *On the Preparation and Delivery of Sermons*, publicado primeira vez em 1870, é a obra original para a codificação e popularização do método expositivo como atualmente conhecemos (cf. Marquart, *Quest for Better Preaching*, 104. A erosão dos compromissos bíblicos que cedo varreria esta cultura após a publicação inicial da obra de Broadus, indica quão crítica era a necessidade de sua metodologia e por que razão foi tão amplamente adotada pelos evangélicos.

7. Veja a análise de John Stott da disposição contrária à autoridade de nossa cultura em *Between Two Worlds: The Art of Preaching in the Twentieth Century* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 50-85.

8. David Waite Yohn, *The Contemporary Preacher and His Task* (Grand Rapids: Eerdmans, 1969), 152-53; Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 142.

No entanto, a despeito dos esplêndidos benefícios da pregação expositiva, numerosíssimos pregadores contemporâneos têm-se desviado dessa abordagem disciplinada do texto. Seja porque não entendem como preparar edificantes mensagens expositivas, ou então porque perderam a confiança de que uma geração condicionada à rapidez da televisão e ao controle remoto seja capaz de assimilar alguma exposição profunda, muitos pastores evangélicos agora questionam a persistência da validade da pregação expositiva.[9]

Esta falta de confiança numa forma de pregação tão fundamental precisa ser considerada. Nossa sociedade não demonstra sinais de abandonar seu estado de oposição à autoridade, ou de adquirir uma visão mais bíblica do mundo. A hora atual pode ser o pior momento de abandonar um método de pregação projetado para comunicar a debilidade espiritual mais visível em nossa época. Assim, a chave para a renovação de uma exposição efetiva é instruir pastores a que aperfeiçoem a elaboração de suas mensagens, para que a verdade da Escritura possa brilhar claramente por meio dessa abordagem tão antiga e eficiente.[10]

OBJETIVOS DO ESBOÇO

Um sermão bem planejado começa com um bom esboço – um caminho lógico para a mente. Caso se pretenda ensinar alguém a ir de Nova York a Los Angeles não se deve dizer a ele para ir por qualquer caminho. Pode-se providenciar um mapa que identifique as sinalizações para mantê-lo na rota a cada etapa da viagem. Os aspectos do esboço do pregador prestam-se a idêntico

9. Por ex., Michael Rogness, "The Eyes and Ears of the Congregation", *Academy Accents* 8, 1 (Primavera 1992): 1-2.

10. Embora sejamos gratos pelas novas formas de pregação que alargam os horizontes e aumentam os recursos do pregador contemporâneo (cf., do autor, "Alternative Models: Old Friends in New Clothes", *Handbook of Contemporary Preaching*, org. por Michael Duduit [Nashville: Broadman, 1992], 117-131; sou também reconhecido pela sabedoria de um dos decanos da pregação contemporânea, James Earl Massey, que escreve: "Levantam-se muitas vozes para advertir que as velhas formas e abordagens precisam ser adaptadas ao interesse de uma variedade mais ampla e de apelo popular mais extenso. Há muito que dizer em decorrência do incremento do apelo e da necessidade de caminhar além de formais estereótipos... mas quando ouço debates acerca de alguma forma de sermão ser considerada obsoleta, lembro-me de algo que o músico Richard Wagner observou ao ouvir Johannes Brahms executar sua brilhante *Variações e Fuga sobre um Tema de Handel*. Embora Wagner não fosse pessoalmente afeiçoado a Brahms, sentiu-se emocionado com a genialidade do compositor, e declarou: "Isso mostra o que ainda deve ser feito com as velhas formas, contanto que surja alguém que saiba como usá-las" (*Designing the Sermon* [Nashville, Abingdon, 1980], 24).

propósito: manter ouvintes e pregador orientados do começo ao fim da mensagem. O esboço do sermão é, desse modo, o mapa que todos seguem.

As vantagens de esboços claros aos ouvintes são óbvias: esboços adequados esclarecem as partes e a seqüência do sermão na mente e nos ouvidos do auditório. Os pregadores podem, contudo, esquecer-se de que esboços são importantes também para o pregador.[11] Esboços apropriados esclarecem as partes e a seqüência do sermão para a mente e os olhos do pregador. Elaborar um esboço para a mensagem ajuda o pastor a cristalizar a ordem e a proporção de suas idéias. O pregador pode, assim, avaliar num relance se as divisões da mensagem estão todas relacionadas com o tema central unificador. Ao mesmo tempo, o esboço mostra visualmente as proporções das várias partes da mensagem, enquanto, naturalmente, vai indicando situações para sustentar idéias, aplicações e ilustrações.

Nenhuma vantagem para o esboço pesa mais fortemente, contudo, do que a credibilidade que sua organização dá ao pregador. A organização não só promove a comunicação do conteúdo (*logos*) da mensagem, mas é de igual modo um indicador vital da competência e do caráter (*ethos*) do pregador. "Ele é tão desorganizado" é uma avaliação mortal a quaisquer esforços do pregador. Tal caracterização significa que os ouvintes chegaram à conclusão de que o pregador é, ou intelectualmente incapaz de ordenar o pensamento, ou demasiadamente indolente para fazer isso. A primeira conclusão frustra os ouvintes e a última os irrita, e até mesmo mina sua disposição para ouvir.

A despeito de recentes debates sobre a necessidade das mensagens serem apresentadas em forma de esboço, não resta dúvida de que uma excelente pregação requer alguma estrutura.[12] Na condição de pregadores experientes, poderão descobrir que "movimentos" retóricos, "enredos" homiléticos, rica noção de "imagem", transições engenhosas, idéias implícitas e outras medidas, podem freqüentemente substituir a declaração formal de assuntos em seus esboços.[13] Entretanto, a importância de esboços adequados, tanto para os pregado-

11. Robinson, *Biblical Preaching*, 128.

12. David Buttrick, *Homiletic: Moves and Structures* (Filadélfia: Fortress 1987), 23; Stott, *Between Two Worlds*, 228.

13. Buttrick, (28ss.) emprega o termo literário *movimento* para argumentar em favor do uso de linguagem e imagens que mudam a idéia (i.e., abrem, desenvolvem e completam uma única idéia) sem determinar os pontos do esboço que ele percebe interromper o compromisso deliberado do ouvinte, criar separação artificial entre o pregador e o membro da congregação e introduzir complexidade desagradável aos auditórios contemporâneos. As partes finais deste capítulo também oferecem sugestões para o emprego de estruturas de palavras-chave e de idéias implícitas

res iniciantes como para os pregadores cujas mensagens começaram a tornar-se desembaraçadas no decurso dos anos, não deve ser enfraquecida. Todas as mensagens bem comunicadas, são, ao menos, *preparadas* por meio de esboço e exigem de nós que alcancemos habilidades na sua elaboração.[14]

Temores de que pregação mediante esboço possam fazer com que a mensagem pareça demasiadamente rígida ou segmentada, são legítimos. Contudo, essas preocupações são sensivelmente amenizadas pelo emprego de transições corretas, pelo uso de técnicas que revelem a construção sem expor o esqueleto, e pela lembrança de que bons esboços tornam os ouvintes mais seguros em acompanhar a idéia do sermão sem, contudo, reproduzir o seu esboço.[15] Algumas vezes o assunto contém tal complexidade que o pregador precisa ajudar os ouvintes assinalando claramente cada passo lógico.[16] Outras vezes, o esboço da mensagem apresenta um valor estético que assegura sua exposição. Normalmente, contudo, o pregador que interrompe a cada sinalização do caminho no percurso do sermão, somente cansa as pessoas nos bancos. Experiência e critério guiarão os pregadores em tornar suas sinalizações do sermão suficientemente claras a fim de orientar os ouvintes, porém, não tão pesadas ou condescendentes a ponto de frustrá-los.[17] Desde que os esboços podem afetar grandemente a qualidade do sermão, precisamos estar seguros de que entendemos os princípios para elaborá-los.

PRINCÍPIOS GERAIS DO ESBOÇO

De modo característico, os sermões começam com uma introdução que conduz ao tema que indica o assunto que o corpo do sermão vai discutir. O corpo

como substitutivos das declarações formais de pormenores do esboço. Eugene Lowry, em *The Homiletical Plot: The Sermon as Narrative Art Form* (Atlanta: John Knox 1980), sugere uma construção de cinco etapas que faz o sermão imitar a dinâmica de narrativa, a fim de envolver os ouvintes psicológica, emocional e ainda cognitivamente na descoberta do Evangelho. Veja também "The Controlling Image: One Key to Sermon Unity", *Academy Accents* 7,3 (inverno de 1991): 1-2.

14. Hugh Litchfield, "Outlining the Sermon", em *Handbook of Contemporary Preaching*, org. por Michael Duduit (Nashville: Broadman, 1992), 174; James Cox, *Preaching* (San Francisco: Harper and Row, 1985), 137; George E. Sweazey, *Preaching the Good News* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1976), 72.

15. Stott, *Between Two Worlds*, 228-9. Veja, ainda, Sweazey, *Preaching the Good News*, 73.

16. Jay E. Adams, *Preaching with Purpose: A Comprehensive Textbook on Biblical Preaching* (Grand Rapids: Baker, 1982), 55-56; e Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 113.

17. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 111-13.

inclui os pontos principais e os secundários, que formam o esboço e essa estrutura da explicação do sermão. Ilustrações e aplicações atuam como material de sustentação. A conclusão acompanha o corpo, sintetizando a informação na mensagem e geralmente contém o apelo mais poderoso do sermão. A despeito dos modernos desafios a essa construção tradicional, tais mensagens comunicam ainda melhor se os pregadores compreenderem os princípios a que as características-chave do esboço devem aderir.[18]

UNIDADE

Esboços adequados demonstram unidade. Cada aspecto relaciona-se com a única coisa a que o sermão se refere. Isso é normalmente efetuado por assegurar-se de que todos os pontos principais fundamentem ou desenvolvam o enunciado do tema, ou proposição, e de que todos os pontos secundários fundamentem ou desenvolvam o ponto principal a que se subordinam. Elimine tudo quanto não contribua diretamente ao foco do sermão. Evite todas as tangentes. Enuncie cada idéia de tal forma que ela venha a desenvolver diretamente o completo objetivo do sermão, ou que imediatamente apóie um ponto que o faça.

BREVIDADE

Exponha os pontos tão concisamente quanto possível. Os ouvintes não dispõem da oportunidade de retroceder e reler o que você acaba de dizer. Encontre o âmago de cada ponto e, então, empregue subseqüentes explicações para acrescentar evidências, nuanças e qualificações adequadas. Isso não significa

18. Deve-se notar que muitos dos modernos desafios à elaboração do sermão tradicional, resultam de redefinição moderna da tarefa da pregação. Quando a Bíblia perde sua autoridade, os sermões tornam-se menos preocupados com a comunicação de suas qualidades específicas do que com a liberação das impressões religiosas e produção de desafios morais. Essa mudança de foco necessariamente reclama elaborações mais compatíveis com percepções de dedução humana e menos interesse com a comunicação da informação bíblica. Observa-se que a maioria dos comunicadores de informação orientada em nossa cultura ainda emprega elaborações da comunicação tradicional. Isso é verdade seja o campo negócio, lei ou educação (cf. negócio que sirva de padrão e educação de grupos de pesquisa, e manuais sobre como fazer discursos e apresentações bem-sucedidos). Inúmeras abordagens modernas para pregação refletem mais padrões de comunicação de anúncios comerciais, discursos políticos ou veículos de entretenimento destinados a produzir impressões do que provocar reflexão. Os pregadores precisam aprender a avaliar muitos tipos de comunicação, porém os usos apropriados impele-nos a entender a base de sustentação de cada um deles.

que se pretenda enunciar os pontos de modo tal que a primeira impressão pareça incorreta, e nem que você precise traduzir cada conceito sobre uma idéia que seja essencialmente uma afirmação resumida da explanação. Use os pontos do esboço como se fossem cabides em que possa pendurar inúmeras informações adicionais, lembrando que os cabides não são úteis se tiverem oito metros e meio de comprimento. Por exemplo:

> ISTO NÃO: Porque a salvação nos é oferecida no nome de Jesus Cristo, devemos tomar o máximo de cuidado de não viver uma vida pecaminosa a fim de que nosso testemunho não cause dano à honra de Cristo, ao testemunho da igreja e ao nosso próprio testemunho cristão perante os que vivem fora, no mundo, e aqueles dentro da família da fé.
>
> MAS ISTO: Viva de maneira digna do nome pelo qual você é chamado - Cristão.

Tente fazer com que cada ponto do seu esboço passe no teste das três horas da madrugada.[19]

HARMONIA

Os pontos principais devem refletir-se mutuamente, e os pontos secundários, que servem de apoio ao único ponto predominante, devem harmonizar-se uns com os outros. Normalmente isso é feito por meio do *paralelismo*. Substantivos, verbos e modificadores aparecem na mesma ordem por todos os pontos, e a expressão verbal muda somente o quanto seja necessário para indicar uma maior variação da maneira de pensar. Bill Hogan escreve: "É geralmente proveitoso que as principais palavras de cada ponto principal apresentem a mesma forma de discurso: substantivos concordando com substantivos, preposições com preposições, verbos com verbos, particípios com particípios."[20] O paralelismo faz mais do que simplesmente dar a impressão de unidade e forma. A repetição dos termos-chave numa ordem consistente é uma sugestão auditiva de que outra idéia maior está sendo apresentada. Centenas de frases e fragmentos de frase assobiam aos ouvidos durante o sermão de tal maneira que os congregantes ao escutarem algo que oriente seu pensamento às expressões iniciais, passam a dispor das sinalizações de que precisam para manter-se orientados diante da mensagem.

19. Ver capítulo 2.
20. William L. Hogan, "Sermons Have Structures", *The Expositor* 2,1 (Abril 1988): 3.

Termos paralelos mantêm a mensagem direcionada ao tema principal, predispõem mentalmente os ouvintes a idéias importantes e enfatizam o conceito central em cada ponto principal, atraindo a atenção para as palavras-chave que operam mudança.[21] O paralelismo cativa a atenção do ouvido, e focaliza a mente sobre aquilo que difere entre os pontos. Pondere como você automaticamente sabe o que cada um desses pontos principais quer dizer, com base nas mudanças da palavra-chave:

I. Ore, porque a oração revelará o seu coração.
II. Ore, porque a oração chegará ao coração de Deus.
III. Ore, porque a oração conquistará o coração de outros.

O que parece ser redundante na escrita, empresta maior poder e clareza ao discurso, pois o paralelismo funciona como uma ostentação audível de emoções, dizendo: "Ei, cá está uma outra idéia importante."

O emprego habilidoso do paralelismo ajuda a esclarecer o esboço da mensagem sem coagir o pregador a enumerar os pontos principais, ou, de forma diferente, anunciar o esboço. Certas partes paralelas do ponto principal podem oscilar entre dois pontos na transição da sentença, permitindo, assim, que as palavras-chave tornem-se centrais. No exemplo precedente, a segunda e a terceira proposições poderiam ser introduzidas com a transição – "Esta passagem indica que você deve orar porque a oração revela o seu coração, mas por quais outros motivos deve-se orar?" As respostas "Porque a oração chegará ao coração de Deus" e "Porque a oração conquistará o coração de outras pessoas" formam, então, as declarações subseqüentes dos pontos principais. Os pregadores, muitas vezes, dividem os sermões desse modo, demonstrando que a mensagem será sobre as razões para alguma ação, indicações de alguma característica ou aspectos de alguma verdade. Daí, os pregadores formulam perguntas transitórias que promovam afirmações do desenvolvimento das divisões do sermão em termos paralelos. Quando tentam imitar pastores experientes que embutiram firmemente o conjunto de palavras paralelas em declarações transitórias, pregadores iniciantes muitas vezes interpretam mal a declaração de termos-chave como o verdadeiro ponto principal. Resulta disso uma mensagem cujos pontos principais parecem fragmentá-la em vez de formar um todo harmonioso.

21. Charles W. Koller, *Expository Preaching without Notes* (Grand Rapids: Baker, 1961), 52-53; Farris D. Whitesell, *Power in Expository Preaching* (Old Tappan, NJ: Revell, 1963), 60.

Embora o paralelismo persista como um dos meios mais consistentes de harmonização dos pontos num sermão, os pregadores dispõem de inúmeros outros recursos que ajudam a mostrar divisões de pensamento. Vários pontos e subpontos são quase sempre mais bem compreendidos e preservados, caso o pregador os faça relacionar-se mutuamente mediante expedientes adicionais. Técnicas padronizadas incluem o emprego de palavras-chave que se iniciam com a mesma letra (aliteração), emição de sons similares (assonância, rima, ritmo), estímulos de interesse (palavras criadas, trocadilhos, contrastes, ironia) e/ou refletem um modelo lógico literário ou pictorial (preparar, apontar, atirar; foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; caldo de chocolate, creme de leite batido e uma cereja em cima; final do segundo tempo, dois pênalties perdidos, falta uma jogada). Essas "palavras sugestivas" podem parecer frívolas, porém até mesmo os mais sinceros pregadores empenham-se em usar os termos que cintilam em busca de atenção e brilham na memória. A pregação excelente não evita tais artifícios, nem emprega qualquer um deles com demasiada freqüência.[22] O salmista não se julgava tão sofisticado a ponto de evitar atar a verdade a um acróstico hebraico e um jogo de palavras não era indigno da dignidade de Jesus. Os expositores anseiam por palavras que tornam a verdade saliente.

No entanto, por mais importantes que sejam esses instrumentos verbais para a eficiente comunicação, nada justifica dobrar a verdade da Escritura com o fim de ajustá-la a um esquema verbal. Quando Calvino se despediu dos pastores em Genebra, declarou: "Tanto quanto eu sabia, não deturpei uma passagem sequer da Escritura, nem a torci, e quando me era favoravelmente permitido exercer influência com sutis propósitos, caso houvesse para produzir sutileza, esmagueios por completo sob meus pés, e eu sempre estudei para ser simples."[23] É mais importante poder repetir essas palavras ao término de nosso ministério do que fazer qualquer sermão, por mais interessante que seja, à custa da verdade bíblica. Onde a seleção de palavras para a formação do esboço não funcionar naturalmente, expresse a verdade de maneira simples e deixe aos cuidados do Espírito Santo imprimi-la na mente e no coração. Sua verdade fará maior bem do que toda nossa engenhosidade.

22. A maioria dos textos homiléticos cita a aliteração como o principal ofensor não somente porque seu emprego excessivo tem feito dela uma virtual caricatura de pregação, mas também por que os pregadores parecem muitas vezes deturpar o significado do texto para que se ajuste aos seus esquemas de palavra aliterativa.

23. Citado por Stott, *Between Two Worlds*, 128.

SIMETRIA

Cada ponto principal e seus pontos de apoio devem ocupar aproximadamente idêntica proporção da mensagem. Se você empregou 25 minutos para explicar o primeiro ponto principal, e depois afirmar: "Para o meu segundo ponto..." seus ouvintes provavelmente desmaiarão, mesmo que você saiba que a segunda divisão vai ter apenas cinco minutos.

O ouvido espera simetria. Se um ponto for sensivelmente mais longo que os outros, evite colocá-lo por último no sermão. Quando a extensão sofre variações, suponho que o ponto principal mais longo deva ser o primeiro, seguido de divisões progressivamente mais curtas. Outras autoridades em homilética recomendam que seja o segundo ponto o mais longo, de tal modo que a congregação se abstenha de julgar o comprimento da mensagem inteira baseando-se no exemplo do primeiro ponto principal.[24] Além disso, todos concordam que a simetria é a melhor abordagem, e prolongar o final é desastre certo. À medida que os sermões se aproximam do clímax, os assuntos naturalmente se aceleram. Dessa forma, últimos pontos prolongados despojam as mensagens de conclusões poderosas.

PROGRESSÃO

Os ouvintes precisam saber que sua reflexão e compreensão aumentam progressivamente ao longo da mensagem. Se algum ponto apresenta demasiada semelhança com uma idéia já considerada, ou vários pontos parecem nada criar visando a um propósito mais elevado, a insatisfação aumenta e o interesse diminui. Ninguém deseja desperdiçar tempo ouvindo um sermão que não leva a parte alguma. Daí, os pregadores devem preservar um senso de progressão por manterem cada ponto distinto e por fazerem-no avançar rumo a uma idéia culminante.

DISTINÇÃO

Quando um ponto se assemelha muito ao anterior, os mestre em homilética afirmam que os dois são "coexistentes". Um erro coexistente faz os ouvintes sentirem que estão simplesmente girando suas rodas sobre assuntos previamente

24. Hogan, "Sermons Have Structures", 3.

considerados.[25] Rayburn escreve: "Pontos secundários jamais devem existir simultaneamente com o ponto principal. Devem ser distintos dele e manterem-se como divisão dele. Do mesmo modo, os pontos principais não devem ser coexistentes com a proposição."[26] Os pontos tornam-se tipicamente coexistentes quando os pregadores se vêem muito envolvidos em esmiuçar o texto em vez de desenvolver a mensagem. Como conseqüência, uma idéia vem a ser novamente exposta por último no sermão simplesmente porque é reiterada por último na passagem. No instante em que tal reafirmação ocorre *sem aparente desenvolvimento de pensamento,* os ouvintes sentem que acabam de fazer uma desnecessária volta de 180 graus.

Pela mesma razão, os pontos principais não precisam aparecer para repetir um outro em conceito e/ou terminologia. Caso o primeiro ponto principal de uma mensagem seja: "Ore, porque nossas orações revelam o propósito de Deus" e o terceiro ponto seja: "Ore, porque a oração desvenda o propósito de Deus", os ouvintes não podem evitar senão a constatação de que o último ponto é redundante. Mesmo que houvesse distinção na mente do pregador entre as palavra revelar e desvendar, é improvável que os ouvintes percebam. O pregador livrará os ouvintes de muita consternação se usar palavras mais obviamente diferentes uma das outras.

Contudo, palavras distintamente diferentes não removerão o sentido de redundância se os conceitos de dois pontos são tão similares (ver fig. 6.1, p.). Se o primeiro ponto principal permanece como foi exposto no parágrafo acima, mas o terceiro é reformulado assim: "Ore porque a oração desvenda a vontade divina", os ouvintes pensarão que estão destinados a uma reprise a despeito da mudança de vocabulário. Devemos distinguir claramente todos os pontos. Este critério também requer de nós que examinemos nossos pontos secundários para nos assegurarmos de que as idéias desenvolvidas sob um único ponto principal não se assemelhem demais como as idéias já discutidas sob um ponto principal anterior.

CULMINÂNCIA

Os pontos avançam para um clímax quando há alguma aparente seqüência neles. Certos esboços prosseguem logicamente do princípio ao fim de um argumento; outros, cronológica ou biograficamente; outros, ainda, pintam um quadro

25. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 114-15.
26. Rayburn, "Sermon Outlining", notas pessoais de preleção, 2.

ao organizar os pontos do esboço ao redor da descrição de uma experiência comum, uma imagem atraente ou uma alegoria familiar.[27] Considerações lógicas, estéticas e de comunicação – todas ajudam a definir a ordenação de idéias: assuntos que explicam os que se seguem, normalmente vêm primeiro; os positivos contrabalançam os negativos; os abstratos precedem os concretos; um princípio geral pode conduzir a aplicações particulares; evidências particulares podem demonstrar um princípio genérico; causas geram efeitos; ações implicam motivos; conclusões exigem fundamentos; forças internas equilibram forças externas; o apelo segue a instrução; imperativos justificam explicação. Cada uma dessas seqüências (e muitas outras como essas, incluindo seus opostos) naturalmente conduz o ouvinte por caminho reconhecível. Por certo, às vezes, o pregador ocultará intenções com o fim de produzir algum impacto, mas, nesse caso, a progressão permanece em mistério ou próxima à surpresa que dará, também, ao sermão um sentido de propósito, caso o pregador crie o suspense que enfatizará o conceito final.

De modo característico, a progressão falha quando os pontos se tornam tão divididos em setores que suas relações com o objetivo central do sermão desaparecem. Se o impacto dos pontos principais simplesmente é: "Primeiro, nós vemos a sabedoria de Deus", "Neste outro ponto, vemos a providência de Deus", e "Neste último ponto, alcançamos discernimento da paciência de Deus", os ouvintes podem perfeitamente querer saber qual foi o tema de toda discussão. Nesse exemplo, essas idéias separadas parecem não levar a parte alguma. Simplesmente deixam os ouvintes com uma coleção de impressões. Se o objetivo de cada ponto não se tornar mais e mais evidente enquanto o sermão se desenvolve, a congregação corretamente questionará por que razão os pontos foram mencionados.

A progressão torna-se também lenta quando o sermão contém exagerado número de divisões. Se um único ponto apresenta cinco pontos secundários, e o

27. Barbara Hunter e Brenda Buckley Hunter alistam onze modelos organizacionais separados em *Introductory Speech Communication: Overcoming Obstacle, Reaching Goals* (Dubuque: Kendall/Hunt, 1988), 31-32. Mais possibilidades são abundantes (cf. Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 70). Modelos de alternativas estruturais incluem: problema/solução, prova de contenção, causa e efeito, efeito e causa, explicação e aplicação; história com fundo moral, eliminação de alternativas equivocadas (o assim chamado esboço de caça, porque o pregador tenta detectar o curso do erro para encontrar a resposta correta), respostas a uma questão provocativa, e revelar dimensões de uma imagem, história ou seqüência biográfica determinantes. A título de exemplo destas últimas formas, um dos melhores esboços que já ouvi foi preparado por um aluno que tinha sido investigador de acidentes na força aérea. Retratando numa parte do sermão a vida do rei Saul como um desastre espiritual, conduziu os ouvintes através das estapas de uma investigação dessa natureza para descobrir: o ponto de impacto, erro humano ou mecânico; prevenção de repetição.

seguinte tem sete, ninguém vai se lembrar deles, e o próprio sermão se perderá. Argumentação muito detalhada cansará e confundirá em vez de estimular e clarificar. Normalmente é preferível limitar as subdivisões a duas ou três idéias e, depois, concentrar a discussão em torno delas a fim de introduzir uma análise mais detalhada. Uma mensagem que é por inteiro apenas esqueleto privado de carne exerce pouco fascínio para a maioria das pessoas.[28]

CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DO ESBOÇO

Os princípios gerais na feitura do esboço aplicam-se, sem exceção, à elaboração de mensagens expositivas. Excelentes comunicadores podem intencionalmente quebrar as regras em favor de um objetivo particular, porém os princípios ainda servem de guia, apenas por providenciar um ponto de referência por meio do qual as exceções são avaliadas. Estes princípios gerais, por sua vez, mantêm implicações para com aspectos específicos do esboço do sermão.

As características apresentadas abaixo refletem um método particular que considerei proveitoso enquanto treinava os estudantes na pregação expositiva. Este método tem pontos fortes e fracos como qualquer outro. Meu desejo em apresentar estes aspectos não é sugerir que os pregadores devem sempre estruturar sermões com cada característica exatamente como mostrado, antes, que entendam o raciocínio oculto nestas estruturas, a fim de que possam elaborar mensagens adequadas aos seus próprios objetivos. Não existe nenhum modo certo de moldar sermões expositivos e há sempre exceções concernentes tanto aos princípios gerais quanto aos aspectos específicos. Simplesmente acho mais proveitoso estabelecer um alicerce sobre o qual possam edificar, em vez de apontar-lhe o vasto horizonte da homilética, incentivando-os a pregar como o espírito propõe. Reúna o que melhor atende às preferências de sua pregação, enquanto assimila os princípios fundamentais que estas características representam.

A PROPOSIÇÃO

Definição e Desenvolvimento

Sermões são elaborados sobre proposições. A homilética clássica descreve a proposição como "uma declaração do assunto, da forma como o pregador se

28. Rayburn, "The Discussion", notas pessoais de preleção, 1.

propõe a desenvolvê-lo".[29] A proposição normalmente acompanha a introdução, sintetiza tudo o que está envolvido e indica o que o restante do sermão vai proclamar. Como conseqüência, a proposição aponta para o conteúdo retrospectivo e prospectivo – refletindo sobre o que precedeu e iluminando o que se seguirá. A proposição é o germe do sermão completo e, como resultado, sua elaboração é crucial. Em linguagem pitoresca, que os professores de homilética tornaram virtualmente canônica, Henry Jowett certa vez escreveu:

> Estou convencido de que nenhum sermão está pronto para ser pregado, nem pronto para ser escrito por extenso, até que se possa enunciar seu tema numa sentença curta, sugestiva, tão clara como cristal. Considero a apreensão dessa sentença a mais penosa, a mais exigente e o labor mais frutífero de minha pesquisa. Compelir-se a moldar esta sentença, repudiar cada palavra imprecisa, dissonante, ambígua, colocar-se favoravelmente a uma disposição de termos que define o tema com escrupulosa exatidão – esse é seguramente um dos fatores mais vitais e essenciais na elaboração de um sermão: e não penso que qualquer sermão deve ser pregado ou mesmo escrito, até que essa sentença tenha emergido, clara e lúcida como uma lua sem nuvens.[30]

Para criar tal proposição, o pregador isola o pensamento dominante da mensagem e, assim, orienta os pontos principais com o todo da mensagem, conferindo tanto direção definida quanto unidade consistente. Nada é mais vital para efetiva comunicação.

A maioria dos professores aconselha os pregadores a formarem suas proposições ao final da pesquisa de seus sermões.[31] A essa altura, a pesquisa já tenha provavelmente produzido alguma quantidade de notas, rabiscos e percepções exegéticas. Dessa maneira, a formação de uma proposição obriga o pregador a definir o foco central. Por certo, a mente da pessoa não pensa sempre de maneira seqüencial e algumas vezes vêem-se pontos principais antes que se tenha tido uma chance de determinar a proposição que os abrangerá a todos. Além disso, os pregadores precisam criar uma proposição de modo a conferir direção

29. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 54.

30. J. H. Jowett, *The Preacher, His Life and Work* (Nova York: Doran, 1912), 133. Citado in Hogan, "Sermons Have Structures", 2; Marquart, *Quest for Better Preaching*, 102; Stott, *Between Two Worlds*, 226; Donald E. Demaray, *Uma Introduction to Homiletics* (1974; reeditado, Grand Rapids: Baker, 1978 80; Grady Davis, *Design for Preaching* (Filadélfia: Fortress, 1958), 37; e muitos outros.

31. Davis, *Design for Preaching*, 37; Stott, *Between two Worlds*, 228.

aos ouvintes enquanto a mensagem se desenrola.[32] Cada proposição deve ser enunciada amplamente para que os pontos principais sejam divisões (não adições) de seu pensamento.

Equilíbrio

Uma simples declaração, tal como "os efeitos do pecado atingem cada vida", pode servir como um tema de ensaio. A proposição do sermão, porém, é mais que um tema. Ela estabelece verdade bíblica que a mensagem irá anunciar e determina o modo como será trabalhada. Visto que o sermão expositivo aplica a verdade bíblica, a proposição deve também refletir a verdade do texto e o que ele requer. A proposição, portanto, não é meramente a declaração de uma verdade bíblica, nem tampouco um ensino baseado num princípio bíblico. É ambos.

A proposição não é o casamento de uma verdade geral fundamentada no texto com uma aplicação baseada na verdade geral. A verdade geral é o princípio bíblico derivado do texto dominante do sermão.[33] A declaração: "Jonas finalmente foi a Nínive", é verdadeira, porém não é a verdade geral, pois não provê um princípio bíblico que possa ser aplicado universalmente. Tal afirmativa simplesmente descreve o texto; não desenvolve a mensagem.[34] Entretanto, a narrativa de Jonas sustenta o princípio de que "o serviço de Deus exige obediência" – uma verdade universal aplicável a todos os crentes. Quando essa verdade vem ligada a uma aplicação apropriada, tal como: "Porque o serviço de Deus exige obediência, devemos buscar sua vontade", emerge uma proposição.

Uma verdade sem uma aplicação evidente, ou um ensino sem justificação bíblica, não alcança o objetivo dos requisitos de proposições *formais*. Thomas F. Jones escreveu:

> Dois erros comuns experimentados pelos estudantes de homilética têm a ver com o fracasso em encontrar um equilíbrio na afirmativa proposicional entre verdade e resposta humana. A declaração proposicional que é falha muitas vezes apenas nos diz: 1) Que algo é verdadeiro, ou, 2) Que algo é exigido.

32. Fred B. Craddock, *As One Without Authority* (Nashville: Abingdon, 1971), 100; Ronald J. Allen e Thomas J. Herrin, "Moving from the Story to Our Story", em *Preaching the Story*, org. por E. Steimle M. Niedenthal, e C. Rice (Filadélfia: Fortress, 1980), 158-59.
33. Rayburn, "Outlining", 1-2.
34. *Ibid.*, 2.

> Um exemplo da declaração que nos diz somente que algo é verdadeiro é dado no seguinte: "Jesus Cristo proporcionou a única esperança de salvação pela sua morte na cruz em lugar dos pecadores." Esta afirmativa é verdadeira. O problema com tal declaração, porém, é que ela não nos leva a parte alguma... Pode exprimir uma verdade, mas como uma declaração proposicional, precisa fazer mais. Ela precisa envolver o ouvinte nos efeitos da verdade...
>
> O segundo tipo de fragilidade em proposições é a declaração que nos diz apenas que alguma coisa é exigida... "O crente em Cristo deve manter-se atento ao Evangelho em todos os sentidos." Esta declaração nos direciona para uma resposta definitiva a algumas verdades, mas falha por não nos dizer *qual* verdade.[35]

As proposições encontram exigências homiléticas formais ao responderem tanto ao "por quê?" quanto ao "E daí?" A pergunta "Por quê" traz à tona o componente princípio-verdade da proposição. A pergunta "E daí?" compele o pregador a determinar a aplicação desde que é isso, em última análise, o que a Escritura – e o sermão – exigem.

Formas

Há inúmeras maneiras de exprimir proposições para assegurar que elas entrelaçam princípio e aplicação. Duas das mais básicas são as declarações conseqüenciais e condicionais.

Uma proposição expressa em forma conseqüencial expõe algo que deveria ser interpretado como conseqüência de uma verdade. O termo *porque* é empregado ou deduzido:

> Porque Jesus morreu pelos ímpios, devemos apresentar Cristo aos pecadores.

Uma proposição na forma condicional identifica uma condição que exige uma resposta. Os termos "desde que" ou "se" são tipicamente empregados:

> Desde que todos foram destituídos da glória de Deus, devemos todos reconhecer nosso pecado.

35. Thomas F. Jones, "Truth Has Consequences: or, Balancing the Proposition", em *The Preparation and Delivery of Sermons*, do currículo do Seminário de Extensão de Treinamento do Theological Seminary (1976; reeditado, St. Louis: Multi-media Publications, 1992), 2.

A frase com as palavras *porque*, *desde que* ou *se*, não tem de começar a declaração. A proposição funcionará da mesmíssima maneira, se o pregador disser: "Devemos apresentar Cristo aos pecadores porque Jesus morreu pelos ímpios."

Essas formas funcionam bem porque ligam naturalmente, numa única declaração que revelará todo o conteúdo do sermão, um princípio verdadeiro com uma exortação. Esse tipo de proposição permite aos pregadores aplicarem a verdade bíblica a partir do próprio início de suas mensagens, estabelecendo claramente suas obrigações bíblicas e pastorais, de um modo natural e, no entanto, irresistível. Outras fórmulas gramaticais funcionarão, porém essas formas ajudam consistentemente os pregadores a modelarem sólidas proposições.

Formas condicionais ou conseqüenciais permitem que se teste a proposição para verificar se ela contém ou não uma verdade universal. Se a cláusula do princípio verdadeiro pode sustentar-se como uma declaração geral de verdade bíblica, então a proposição exibe um sólido fundamento. Por exemplo: "Devemos orar, porque é bom" é uma proposição frágil porque o princípio da declaração ("é bom") não pode sustentar-se isolado como uma verdade universal. Há exceções em determinados casos nos quais a aplicação e o princípio da cláusula juntos indicam uma verdade universal, mesmo quando o princípio da cláusula não pode manter-se isolado. Na declaração de que "Devemos orar fervorosamente, porque Jesus assim o ordenou", *Jesus ordenou* não é uma verdade universal – o antecedente do termo *o* é a frase precedente: *Devemos orar fervorosamente*. Desse modo, ambas as cláusulas substituem a idéia implícita da segunda frase: Jesus ordenou aos crentes que orassem fervorosamente – uma verdade universal. Dinâmica similar ocorre quando proposições se iniciem com *Para...* (por ex., *Para honrar a Deus, nós devemos obedecer sua Palavra*). De novo, aqui, a verdade universal emerge somente se considerarmos a proposição como um todo.

Note, também, que a aplicação da cláusula, em cada um dos exemplos acima, é expressa, *nós devemos* ou *nós precisamos*. Mais uma vez, não há muito a se fazer destas formas específicas – o pronome *você* pode funcionar melhor que *nós* em alguns sermões.[36] Note também que um simples verbo imperativo algu-

36. Estimulo os estudantes a desconsiderarem as argumentações desprovidas de sentido sobre se os pregadores devem exortar com as palavras *nós* ou *você*. As defesas que alguns pregadores fazem em favor do emprego exclusivo de um ou de outro são, no melhor dos casos, ilusórias. Os profetas, às vezes, claramente diziam: "Você deve..." (Êx 20; Mt 6.9). No entanto, foi um profeta que afirmou: "Todos *nós* andávamos desgarrados como ovelhas; cada um de *nós* se desviava pelo caminho..." (Is 53.6; cf. Rm 15.4). Obviamente, um pregador que jamais se defronta com outras pessoas, fala sem a autoridade que a Escritura confere, mas o pastor que nunca se identifica com pecadores, prega com uma arrogância que por certo Jesus não admitiu.

mas vezes funciona melhor que as declarações *nós precisamos* ou nós *devemos.*[37] Por exemplo: "Porque Deus se utiliza da oração sincera, ore!" inclui verdade e aplicação como ocorre em: "Porque Deus se utiliza da oração sincera, você deve orar."

Muitos pregadores apreciam empregar o verbo *poder* na cláusula de aplicação como oposto ao seu uso de *precisar* ou *dever.* O verbo *poder* retira um pouco da "picada" do imperativo da aplicação de cláusula, caso o sermão necessite de um tom mais brando. Muitas vezes há sabedoria na escolha dessa palavra, embora ela permaneça um tanto perigosa devido à ambigüidade do verbo *poder.* No inglês coloquial empregamos como estímulo à ação: podemos fazê-lo! Tal uso funciona bem na cláusula de exortação de uma proposição (por ex., Porque Deus libertou o cristão do poder do pecado, podemos servi-lo). Entretanto, quando *poder* simplesmente reflete o significado do dicionário – capacidade – então a proposição pode degenerar-se numa mera declaração de fato em vez de permanecer um devotado princípio e exortação (por ex., Porque Deus oferece perdão, ele pode estabelecer as condições de nosso perdão).

Perspectiva

Variações e exceções a essas formas de modelo proposicional prosseguem *ad infinitum.* Uma lista delas não é importante. O que importa é a apreensão de um sentido do que as proposições deveriam fundamentalmente cumprir. A proposição sintetiza o conteúdo do sermão. Uma vez que os sermões expositivos respondem às perguntas: O que o texto quer dizer? e E daí?, a proposição que encapsula a mensagem deveria também mostrar *o que é verdadeiro* e *o que fazer.* Isso é feito formalmente pela união de uma verdade universal com uma aplicação. Existe um número bem maior de alternativas informais do que este capítulo pode comportar. Por essa razão, devemos restringir os fundamentos da proposição a este essencial: *Proposição é uma verdade universal apresentada de maneira exortativa.* Uma proposição deve mostrar a verdade que procede do texto que dá ao pastor a base para exortar o povo de Deus a cumprir o que sua Palavra ordena.

37. Alguns professores de homilética têm muito receio do emprego do imperativo nos sermões. Notam sabiamente que muita pregação simplesmente se degeneram em ruidoso entrechoques Bíblia-indivíduo (veja Stott, *Between Two Worlds,* 54-58; Larsen, *The Anatomy of Preaching,* 68). No entanto, pregação, no fundo, continua a ser exortação baseada na verdade. Por isso a pregação necessariamente possui um caráter imperativo mesmo quando ela assume tonalidades menos estridentes (cf. Stott, *Between Two Worlds,* 156-57 e Adams, *Preaching With Purpose,* 51-52).

Com a perspectiva de que a proposição revela a verdade e lança o fundamento para a explicação, os pregadores estão habilitados a desenvolver proposições fora das formas padronizadas que ainda dão aos ouvintes sinais adequados do rumo do sermão. O pastor pode proferir uma proposição numa forma não universal que, não obstante, sinalize uma verdade universal. Por exemplo: Jesus testemunhando a pecadores não satisfaz a nenhum dos critérios formais para uma proposição. Porém, se o pregador preparou a introdução para comunicar que o exemplo de Jesus é normativo, a despeito de nossa reserva em segui-lo, então, a proposição significa: *Desde que nosso Deus serve a pessoas indesejáveis, devemos testemunhar a pecadores.* A proposição formal jaz conceitualmente sob a proposição declarada.

Algumas vezes, os pregadores empregam apenas uma cláusula da proposição na abertura da mensagem e deixam a outra emergir, enquanto o sermão se desenvolve. Algumas vezes, uma pergunta indica o que o sermão procura responder e a proposição efetiva não aparece até a conclusão da mensagem. Um sermão pode ser bem-sucedido sem que uma proposição jamais tenha sido declarada, se ela estiver claramente subentendida. Veja como a introdução do sermão a seguir emprega esses princípios para estabelecer uma proposição não-pronunciada:

> Uma jovem veio ao meu gabinete meses atrás, trazendo o que ela considerava ser uma notícia extraordinária. "Pastor", ela disse, "acabo de concordar em casar-me com o homem mais maravilhoso. Ele é gentil, atencioso... não me trata como tantos outros que eu tenho encontrado, tão grosseiros e cruéis. E, o que é melhor ainda, depois que nos casarmos, vou poder levá-lo a Cristo." O que você diria a esta jovem, caso a estimasse o bastante para ser absolutamente honesto com ela? O que a Bíblia diz?

Embora nenhuma declaração de tema formal apareça aqui, a proposição resplandece claramente. A mensagem responderá à pergunta: que modelos a Bíblia fornece para o casamento cristão? Se fôssemos explicar em maiores detalhes, a proposição poderia ser: *Porque Deus instituí padrões para o casamento cristão devemos nos casar conforme ele nos instrui.* Aqui, porém, a proposição formal provavelmente jamais aparecerá no sermão, pois o pastor encontrou outro caminho para fazer resplandecer uma verdade universal numa maneira exortativa. A proposição ainda aparece, mas não no estilo tradicional.

Professores de homilética ficam nervosos quando falam acerca de proposições resumidas e implícitas, pois reconhecem que alguns estudantes empregarão

as exceções como um pretexto para não disciplinar seus pensamentos. Minha abordagem tem por objetivo exigir dos estudantes que expressem formalmente proposições no período inicial do seu treinamento e, depois, auxiliá-los a fazer experiências com exceções à medida que sua experiência e capacidade se desenvolvem. Basta dizer que um bom sermão, sem uma proposição formal, não deve sua excelência ao fato de que o pregador apenas não ofereceu uma proposição. Tal sermão mais provavelmente terá bom êxito porque o pregador tinha uma proposição tão clara na mente de tal modo que o sermão inteiro fosse estruturado para refletir sua essência. Os pregadores elaboram bons sermões sobre sólidas proposições, mesmo que suas declarações formais não ocorram nas mensagens efetivas.

Pontos Principais

Pontos principais são também verdades universais em termos exortativos. À semelhança das proposições, podem ser resumidos e implícitos em vez de formalmente declarados. Porém, os estudantes se beneficiarão mediante o domínio dos seguintes princípios fundamentais, antes de fazerem experimentos com as infinitas variações que a exposição íntegra em última análise estimula.

Expressão Formal

Cada ponto principal é uma divisão do pensamento apresentado na proposição. Em conseqüência disso, todos os pontos principais devem desenvolver ou sustentar a proposição numa forma similar (i.e., devem ser capazes de responder a um diagnóstico similar de perguntas acerca da proposição – quem, como, quando, onde, por quê, que).[38] Uma vez que os pontos principais estão intimamente relacionados com a proposição, é comumente proveitoso quando eles refletem a estrutura da proposição. Assim, da mesma forma como os pontos principais devem apresentar semelhança uns com os outros (ver a discussão no princípio deste capítulo), devem também assemelhar-se com a proposição.

Na expressão mais formal dos pontos principais, uma cláusula (princípio ou aplicação) da proposição é assimilada pelos pontos principais e é repetida ao lon-

38. Por exemplo, se os dois primeiros pontos principais incitam os ouvintes a usarem a Escritura, a fim de descobrirem os padrões para a adoração pública, eles vão coçar a cabeça para descobrir a conexão.

go de todo o esboço (ver exemplos).[39] A cláusula do ponto principal que é repetida denomina-se "cláusula âncora". Se a cláusula âncora é a cláusula do princípio-verdade, então o esboço é "princípio consistente". Cada ponto principal, portanto, responde: O que deve ser feito acerca desta verdade? Se a cláusula âncora é a cláusula aplicação, então o esboço é "aplicação consistente" e os pontos principais respondem: Por que isso deve ser feito?[40]

Esboço do Princípio Consistente[41]

Proposição: *Porque Jesus é a única esperança de salvação,*
devemos pregar sobre Cristo o tempo todo.

I. *Porque Jesus é a única esperança de salvação,*
devemos pregar sobre Cristo em situações difíceis.
II. *Porque Jesus é a única esperança de salvação,*
devemos pregar sobre Cristo às pessoas problemáticas.
III. *Porque Jesus é a única esperança de salvação,*
devemos pregar sobre Cristo a despeito de nossas dificuldades.

Esboço da Aplicação Consistente[42]

Proposição: Desde que somente Jesus provê salvação,
devemos pregar sobre Cristo *em todo o tempo.*

I. Desde que somente Jesus comprou salvação,
devemos pregar sobre Cristo em todo o tempo.
II. Desde que somente Jesus possui salvação,
devemos pregar sobre Cristo em todo o tempo.
III. Desde que somente Jesus concede salvação,
devemos pregar sobre Cristo em todo o tempo.

39. Haddon Robinson mostra como usar efetivamente esta estrutura em mensagens expositivas. *Biblical Preaching*, 129.

40. Note que as cláusulas âncoras impressas em itálico, indicam se o esboço é princípio consistente, ou aplicação consistente (cf. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 115-17).

41. Note que estruturei esta proposição e estes pontos principais em forma conseqüencial. As estruturas da sentença nestes exemplos variam apenas para fins de demonstração. Nem os esboços do princípio consistente, nem esboços da aplicação consistente de esboços exigem expressão exclusivamente condicional ou conseqüencial. Os pregadores empregam a forma que melhor se aplica à expressão e objetivos de um esboço particular.

42. Notar que estruturei essa proposição e esses pontos principais na forma condicional.

As cláusulas nos pontos principais que não permanecem consistentes são as "cláusulas ímã". Estas naturalmente atraem para si os elementos explanatórios dos pontos principais, pois eles contêm as variações da palavra-chave que prendem a atenção dos ouvintes. Assim, os pontos secundários sustentam ou desenvolvem as cláusulas ímã, desde que contenham os elementos evolucionários do esboço.

A verdade universal encontrada na cláusula âncora deverá ser desenvolvida antes ou imediatamente após a proposição (e/ou logo no início do primeiro ponto principal, se necessário), visto que essa premissa é o fundamento da mensagem. Comumente, isso significa que a cláusula âncora reflete um conceito que exige pouca prova e é relativamente óbvia no texto.

Alternativas consistentes de comunicação devem se adaptar perfeitamente às estruturas dos pontos principais e secundários. Empenhe-se em tornar claros os antecedentes – não empregue pronomes para representar a idéia-chave, tanto na frase âncora quanto na frase ímã.

ISTO NÃO: Porque *ele nos* ama, devemos adorá-*lo*.
MAS ISTO: Porque *Deus* ama seus *filhos*, devemos adorá-*lo*.

Pregadores experientes normalmente também tiram a voz passiva e os "não" dos pontos principais. Cláusulas de aplicação expressas por verbos na voz passiva não estimulam as pessoas à prática de alguma coisa, elas simplesmente declaram o que acontece às pessoas – geralmente no anonimato da terceira pessoa (por ex., Porque Deus liberta, os crentes estão seguros). Quando inúmeros pontos principais se concentram sobre o que *não* fazer, as pessoas sentem o dever de conjeturar o que fazer. Palavras negativas em pontos negativos formam uma mensagem negativa que resulta em ministério negativos. Conserve o Evangelho das Boas-Novas. Torne as pessoas seguras de que sabem o que a Bíblia pretende, bem como o que ela proíbe.

Vantagens e Desvantagens

As vantagens de se criar pontos principais para refletirem a estrutura da proposição são muitas: o enunciado verbal de cada ponto manterá o pregador fiel à dupla tarefa expositiva de evidenciar e aplicar a verdade bíblica; paralelismo consistente na cláusula âncora proporcionará unidade à mensagem, enquanto sinaliza claramente as principais divisões da mensagem; o paralelismo irá realçar vivida-

mente as variações da palavra-chave nas cláusulas ímã, tornando, assim, distinta a matéria de cada divisão, e claro, o progresso de cada ponto.

As desvantagens do enunciado verbal dos pontos principais nesta forma deveriam ser também aparentes. Parte importante é a extensão de cada ponto principal. Incluir princípio e aplicação nos pontos principais, torna cada um deles uma frase demasiado longa. O método conquista alguma defesa pelos efeitos do seu paralelismo. Ainda que expressos formalmente, os pontos principais são embaraçosos, a repetição de cláusula âncora atua como um sinal verbal, anunciando que a informação vital está à mão. Repetir a cláusula âncora é redundante para um leitor, mas com cinco a dez minutos de exposição entre a demonstração de cada ponto principal, o ouvido acolhe com agrado a alteração do tom. O pregador não espera que os ouvintes assimilem a cláusula âncora toda vez que ela aparecer. Cláusulas âncoras proporcionam orientação e são rejeitadas pelo ouvido quando empregadas para chegar diretamente às cláusulas ímã.

Formas Reduzidas

Já indiquei que paralelismo entrelaçado com transições adapta-se mais à expressão abreviada dos pontos principais (ver pp. 134-35). Com isso em mente, os pregadores podem prontamente converter de maneira formal expressões dos pontos principais em declarações mais concisas, seguindo estes passos:

Passos do Processo de Redução do Ponto Principal

1. Observar qual elemento (princípio, cláusula ou aplicação da cláusula) permanece consistente no esboço; ou seja, identificar a cláusula âncora.
2. Desenvolver o conceito do elemento consistente na introdução do sermão (este elemento pode também aparecer no enunciado da proposição).
3. Elaborar uma pergunta analítica ou pergunta(s) implícita(s) firmada(s) sobre a cláusula âncora: (por ex., Quem? O quê? Quando? Onde? Como?)
4. Responder à(s) pergunta(s) com as cláusulas evolucionárias (i.e., cláusulas ímã), que se convertem em pontos principais.

Empregando-se este processo passo a passo, os esboços formais apresentados acima se fundirão nas seguintes reduções fundamentais:

Redução Fundamental do Esboço do Princípio Consistente

Introdução: Desenvolva a idéia de que Cristo é nossa única esperança.
Proposição: Jesus é a única esperança de salvação.[43]
Pergunta Analítica: Quais são as conseqüências?

I. Precisamos apresentar Cristo em situações difíceis.
II. Precisamos apresentar Cristo às pessoas problemáticas.
III. Precisamos apresentar Cristo a despeito de nossas dificuldades.

Redução Fundamental do Esboço da Aplicação Consistente

Introdução: Desenvolva consistentemente a necessidade de apresentar Cristo.
Proposição: Precisamos apresentar Cristo o tempo todo.
Pergunta Analítica: Por quê?

I. Somente Jesus comprou salvação.
II. Somente Jesus possui salvação.
III. Somente Jesus concede salvação.

Embora este processo não seja o único meio de reduzir pontos principais, é uma redução fundamental que conserva os princípios das mensagens expositivas na vanguarda. Começando com os pontos principais que apresentam tanto a verdade quanto a aplicação, os pregadores tendem a manter seus compromissos expositivos ao longo de toda a mensagem. A expressão formal determina a agenda, mantendo no curso tanto a mensagem como o mensageiro. Mesmo que os pregadores usem apenas as variações da palavra-chave das cláusulas em desenvolvimento como as eventuais declarações do ponto principal dos seus sermões, o processo redutivo ainda os ordena a considerar quais são o sentido e as exigências da passagem – um processo saudável para qualquer oportunidade de pregação.

O desafio primário em usar os pontos principais mais curtos é a lembrança de que eles também devem promover os *objetivos* dos esboços expositivos formais. Evite a armadilha de efetuar esboços meramente descritivos[44] – pontos principais

43. Notar que nestes exemplos a cláusula âncora serve como proposição. Proposições completas podem igualmente servir bem, mesmo que os pontos principais sejam reduzidos.
44. Walter L. Liefeld, *New Testament Exposition: From Text to Sermon* (Grand Rapids: Zondervan, 1984), 20-21.

deveriam ser de natureza exortativa. Mesmo que pontos principais reduzidos não contenham cláusula imperativa, os ouvintes devem reconhecer que as idéias apresentadas nos pontos destacam a aplicação da mensagem. Os pontos principais devem também conservar-se paralelos, simétricos e progressivos tanto quanto possível.

Uma vez que precisamos declarar os pontos principais em sentenças completas enquanto pregamos, muitos professores de homilética aconselham sempre a enunciar os pontos principais em sentenças completas.[45] Não obstante existirem exceções válidas a este modelo, o fato de que ele geralmente auxilia a integridade do pensamento em processo de preparação, e impede a busca voraz de palavras na apresentação, faz com que ele seja um bom conselho. Certificar-se de que todos os pontos principais, mesmo nas formas reduzidas, são, pelo menos, *fundamentados sobre* sentenças completas, tenderá a conservar bem ordenada a idéia do sermão.[46]

Lembre-se de que as formas reduzidas dos pontos principais devem promover unidade – a própria essência da perfeita preparação do sermão. À medida que as cláusulas ímã se desenvolvem para mais longe da declaração formal da cláusula âncora no esboço reduzido, torna-se fácil ao pregador perder o trilho do foco central do sermão. Mesmo reduzidos, os pontos principais devem "sustentar o mesmo tipo de relação com o assunto".[47] Isso significa que os pontos principais em todas as formas devem desenvolver, sustentar ou comprovar a proposição. Por exemplo:

ISTO NÃO: Desde que Jesus é nosso Advogado...
I. Devemos louvá-lo
II. Devemos orar a ele
III. Ele morreu pelos ímpios

MAS ISTO: Desde que Jesus é nosso Advogado...
I. Devemos louvá-lo

45. Paul Borden, "Expository Preaching", e Hugh Litchfield, "Outlining the Sermon", em *Handbook of Contemporary Preaching*, org. por Michael Duduit (Nashville: Broadman, 1992), 73, 173, respectivamente; ver ainda, Adams, *Preaching with Purpose*, 49; Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 68.

46. Embora alguns pontos principais sejam apenas respostas às perguntas, ou simples fragmentos de sentença, deve haver uma sentença completa implícita por trás do que o pregador verdadeiramente diz, para que o leitor entenda a idéia.

47. Rayburn, "The Discussion", 1.

II. Devemos orar a ele
III. Devemos servi-lo.

No segundo esboço, cada ponto principal irá responder à pergunta diagnóstica: O que devemos fazer, uma vez que Jesus é nosso advogado? No primeiro esboço, o terceiro ponto principal (mesmo que seja gramaticalmente correto e possa refletir a verdade do texto) não responderá a uma pergunta diagnóstica similar e, desse modo, não se harmoniza com o enunciado verbal ou com os conceitos desenvolvidos nos outros pontos principais. Visto que as perguntas diagnósticas ajudam a harmonizar o sermão, os pregadores freqüentemente farão tais perguntas em alta voz durante a mensagem. Proferir uma vigorosa pergunta diagnóstica depois da proposição, por exemplo, convida os ouvintes a controlar o desenvolvimento do sermão, tornando o pregador extremamente atento ao objetivo de cada ponto principal, e dá à mensagem inteira um sentido de unidade.

Perspectiva

Eu jamais diria que nossa discussão até aqui (com respeito aos pontos principais enunciados formalmente ou reduzidos) esgote os meios de organizar mensagens expositivas. Essas estruturas simplesmente fornecem modelos que refletem sólidos princípios homiléticos e, ao mesmo tempo, satisfazem as exigências expositivas. Enfatizo esses modelos pela carência básica de orientação na organização de seus conceitos, pois, embora eu conheça que os Michael Jordans da pregação preferem os giros mirabolantes de 360° para enterradas estrepitosas, muitos de nós aprendem desde o começo com os arremessos diretos à meia-altura.[48] Dominando os fundamentos, você acumula de promessas seus futuros sermões.

Uma vez que os pregadores compreendam os princípios que subjazem na elaboração do esboço, tendem a resumir as declarações do ponto principal a umas poucas palavras-chave, destacando a verdade que conduzirá a aplicação. Algumas vezes a expressão formal funciona bem – outras vezes uma única cláusula, ou mesmo uma única palavra, funciona melhor. Inclino-me a usar formas reduzidas. Contudo, se eu me vejo lutando para cercear meus pensamentos, caracteristicamente volto atrás para ajustar algum deles e empregar a correção das estruturas mais formais.

48. Para informação adicional sobre estruturas mais recentes para pregação, ver do autor "Alternative Models: Old Friends in New Clothes", 117-31.

Observe também que eu empreguei três pontos principais em cada um dos exemplos de esboço, porém não há necessidade de formular três divisões em toda mensagem expositiva. Os especialistas em homilética agradam-se em debater por que "três pontos e um poema" parece ser tão padronizado na pregação ocidental, porém a maioria concordará que os pregadores adotam o número de pontos que melhor atenda ao propósito de cada sermão específico.[49] Três pontos geralmente indicam pensamento *em evolução*: problema, plano e efeito; tarefa, recursos e meios; começo, meio e fim; o quê, por quê e como. Mensagens de dois pontos são usualmente tensão *equilibrada*: exterior e interior; espiritual e física; divina e humana; intenção e ação. Esta tensão tipicamente sustenta o ponto verdadeiro da mensagem (que explica por que uma mensagem de dois pontos sem o contrapeso conceitual entre os pontos, parece incompleta). Esboços com mais de três pontos principais tendem a empregar as divisões do sermão como estrutura de blocos para um efeito *cumulativo*. Os pregadores, ao especificar "cinco modos bíblicos de amar a esposa", ou "sete marcas de um homem ímpio", empregam os pontos para criar um conceito resumido (esses tipos de esboços são variavelmente chamados de formas de catálogo, escada, ou faces do diamante).

PONTOS SECUNDÁRIOS

Diretrizes

Pontos secundários não constituem verdades universais em modos exortativos. Nas mensagens expositivas cada ponto secundário é um resumo de prova ou característica bíblica que sustenta um aspecto preciso do ponto (especificamente a cláusula ímã). Isso quer dizer que os pontos secundários são os pinos do pensamento – normalmente sentenças concisas ou fragmentos de sentença – que introduzem o material bíblico que dará suporte ao ponto principal. Os pontos secundários apontam para um aspecto do texto (lembrar que o contexto faz parte do texto) que confirmará ou desenvolverá a premissa oculta no ponto principal. Ao empregar a fórmula de exposição: especificar-estabelecer-provar, os pregadores tipicamente expressam o ponto secundário, mencionam *onde* a informação no texto sustenta o enunciado,[50] e, então, explicam *como* essa infor-

49. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 113; Stott, *Between Two Worlds*, 230; Adams, *Preaching with Purpose*, 56; Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 68.

50. Como foi exposto no princípio, os pregadores têm a obrigação secundária de ler aspectos especí-

mação confirma a verdade do ponto secundário. Completados os esboços, os pregadores expositivos devem sentir-se aptos para avaliar se esgotaram o texto, verificando se um ponto secundário (ou principal) lidou em alguma extensão com cada (ou cada parte) do texto.

Não há um número padronizado de pontos secundários. Simplesmente porque um ponto principal apresenta três pontos secundários não significa que o ponto principal seguinte deva ter idêntico número, e nem que todo ponto principal precise de pontos secundários. Onde pontos principais ocorrem isolados, passam imediatamente ao processo especificar-estabelecer-provar. Os pontos secundários, contudo, não precisam aparecer sozinhos, embora não sejam requeridos pelo ponto principal; onde eles ocorrem deve haver mais que um. Pontos secundários únicos confundem os ouvintes, pois parecem uma idéia competindo com o ponto principal em vez de complementá-lo. Aconselho o emprego de pontos secundários sempre que a explanação de um ponto principal exceda a um parágrafo significativo em extensão. Nada faz com que os ouvintes se percam com mais rapidez do que milhas e milhas de explicação sem claros sinais pelo caminho (e as milhas deslizam rapidamente pelos ouvidos).

Os pontos secundários organizam e desenvolvem a idéia do ponto principal. Devem evidenciar paralelismo, proporção e progressão; cada qual relaciona-se com o ponto principal num estilo similar. À semelhança dos pontos principais, os secundários geralmente *desenvolvem a idéia da mensagem*, não descrevem simplesmente os aspectos da passagem. Por exemplo: "Jesus dirigiu-se para Jerusalém", é um ponto secundário fraco; o pregador está provavelmente confundindo o material textual com o ponto secundário em si ("Piedade exige sacrifício").

Pregadores experientes normalmente não anunciam os pontos secundários.[51] Os ouvintes entendem os pontos secundários pelo modo de serem expostos (ver os três miniesboços abaixo). Quando é necessário enumerar os pontos secundários, os pregadores não os alistam alfabeticamente. Não dizemos: "O ponto secundário C é..." mas "Em terceiro lugar..." ou "Acrescentando..." Especialistas em discursos públicos recomendam que se enumerem os pontos secundários em suas notas de sermão para que não tenham de fazer acrobacias por meio de ginásticas mentais, convertendo letras em números en-

específicos das narrativas familiares a todos indistintamente. As restrições do tempo muitas vezes fazem com que seja prudente resumir o conteúdo de extensas partes do texto, em vez de ler longas citações no corpo da mensagem. Ver o processo especificar-estabelecer-provar exposto em detalhes no capítulo 5.

51. Sweazey, *Preaching the Good News*, 74.

quanto tenta conversar.[52] No entanto, este salutar conselho não implica que todos os pontos secundários no seu sermão precisam de enumeração. Embora um esboço seja o caminho lógico para a mente, não é necessário que o ouvinte retenha todos os seus detalhes para que a mensagem seja eficaz. Grande aflição normalmente acompanha o pregador que se empenha em certificar-se de que as pessoas assimilaram o esboço. Preocupe-se mais em que os ouvintes assimilem a mensagem.

Os sermões assemelham-se a ensaios, a menos que o pregador enfatize o esboço (que pode criar uma comunicação afetada ou artificial). Os ouvintes, que em geral não avaliam cada conceito separado do sermão, querem somente acompanhar a fluência das idéias do pregador. Ninguém sai do templo dizendo: "Que coisa! Não tinha o pastor um maravilhoso segundo ponto secundário debaixo do terceiro ponto principal?" Mas se eles disserem: "Eu posso acompanhá-lo", ou, "Esse pregador é fácil de ser entendido", então, o pregador de fato organizou e comunicou a mensagem. A organização torna-se uma questão apenas quando ela está ausente ou prejudicada, pois mesmo com respeito ao melhor sermão os ouvintes procedem como se, em viagem, pouca atenção prestassem à rodovia. Somente quando o trajeto se torna acidentado é que ficam atentos aos cascalhos do asfalto. Manter os olhos dos presentes fixos no objetivo do sermão antes que nos acidentes, exige dos pastores que renunciem ao jargão homilético nos sermões (por ex., "Meu primeiro ponto secundário é..."). Subordinar idéias apresentadas com algumas técnicas abaixo citadas, evita que os pontos secundários distraiam os ouvintes.

Tipos

Três tipos de pontos secundários ocorrem regularmente nas mensagens expositivas. Embora não sejam estes os únicos tipos de pontos secundários, a freqüência do seu uso e mau uso justifica o exame (ver fig. 6.2, p. 174).

Respostas às perguntas-analíticas sustentam ou desenvolvem o ponto principal ao responderem a um conjunto de perguntas relevantes: Como saber se isso é verdade? Ou, Quando isso se aplica à nossa vida? Os pregadores determinam o ponto principal, então fazem em alta voz que uma pergunta analítica sobre ele sugira os pontos secundários. Cada ponto secundário, então, apresenta discussão acerca da resposta que ele oferece no critério do padrão especificar-estabelecer-provar:

52. "Be Prepared to Speak", um instrutivo vídeo preparado e distribuído por Toastmasters International (San Francisco: Cantola-Skeie Productions, 1986).

Usando Respostas à Pergunta Analítica como Pontos Secundários

Ponto Principal:	Porque Jesus é nossa única esperança de salvação, temos que apresentar Cristo quando é difícil.
Pergunta Analítica:	Em que tipos de dificuldades temos que apresentar Cristo?
Pontos Secundários:	1. Em dificuldades circunstanciais 2. Em dificuldades de relacionamento 3. Em dificuldades espirituais

Interrogativos são os pontos secundários enunciados em termos de perguntas. Cada pergunta (Quem? O quê? Quando? Como? Onde? Por quê? etc.) funciona como ponto secundário mediante a introdução de uma resposta que desenvolve (ou sustenta) o ponto principal.

Pontos Secundários Interrogativos

Ponto Principal:	*Por que Jesus é a única esperança de salvação*, precisamos apresentar Cristo quando é difícil.
Pontos Secundários:	1. Que tipos de dificuldades podemos enfrentar? 2. O que nos ajuda em face dessas dificuldades?

Pontos secundários interrogativos auxiliam grandemente a comunicação porque eles obrigam os pregadores a fazer perguntas que os ouvintes fariam se estivessem analisando os sermões. Como resultado, o pregador imagina como os congregantes agem, e produz uma mensagem muito mais apropriada ao ouvinte.

Pregadores que usam perguntas como pontos secundários deveriam *imediatamente* dar uma resposta com uma declaração concisa que sintetize a verdade que está sendo estabelecida. Apresente e prove a resposta do ponto secundário somente depois de mencioná-lo. Ocasionalmente, uma resposta direta pode ser protelada, porém, se você esperar até que termine a discussão de um ponto secundário para fornecer uma resposta clara, os ouvintes poderão sentir-se frustrados com sua evidente falta de direção e interesse na explanação. Uma pergunta secundária pode ter uma resposta (unificada) ou respostas múltiplas (divididas).

Lembre-se, porém, que nenhum ponto secundário – mesmo uma pergunta com resposta dividida – deverá aparecer isolado (fig. 6.2, p. 175).

Declarações projéteis constituem-se na forma mais comum de expressar o ponto secundário que está sendo ensinado, embora minha observação pessoal tenha demonstrado que os melhores comunicadores instintiva e mais freqüentemente empreguem variações nas formas interrogativas. Declarações projéteis incluem divisões na explanação de pontos principais em declarações curtas, incisivas. Essas declarações podem ser sentenças afirmativas ou fragmentos de sentença que fazem sentido por causa de transições e discussões anteriores.

Pontos Secundários de Declaração Inflamada

Ponto Principal:	*Porque Jesus é a única esperança de salvação*, temos de apresentar Cristo quando é difícil.
Pontos Secundários:	1. Em meio a intensas atividades 2. Em face do medo 3. Em meio à tempestade de ódio

Declarações projéteis salientam a importância de pontos secundários enunciados concisamente. Se os pontos secundários continuam se arrastando, acabam por depreciar o pensamento do ponto principal em lugar de desenvolvê-lo. O ponto secundário funciona como um golpe verbal de martelo que estabelece o cabide conceitual em que os ouvintes possam dependurar informação adicional.

Perspectiva

Pontos secundários dividem a explanação do ponto principal em pacotes de idéias manipuláveis. Tipicamente, eles também fornecem os termos que ecoarão pelos traços ilustrativos e aplicáveis do ponto principal. Uma vez que a terminologia do ponto secundário é tão significativa à estrutura do ponto principal, os pregadores podem auxiliar os ouvintes usando os termos que foram extraídos do texto (isso, de igual modo, aplica-se ao enunciado dos pontos principais). Tal construção permite aos ouvintes observar em sua própria bíblia precisamente de onde o pregador extraiu a idéia do sermão. Além disso, empregar os termos textuais nos pontos secundários, não é tão vantajoso que os pregadores devam usar frases do texto que não expressem naturalmente a verdade da passagem, tal qual o sermão a desenvolve. O texto será espontaneamente citado enquanto cada ponto se de-

senvolve; desse modo, não precisamos nos afligir se o esboço falha em ser expositivo simplesmente porque eles não citam o texto nas próprias declarações do ponto.

Ao logo deste capítulo, assumi que os pontos secundários *seguem* o ponto principal. Considerei proveitoso que os pregadores exercitassem este método, mas uma excelente comunicação pode ocorrer quando os pontos secundários conduzem à conclusão do ponto principal, em vez de comprovar a premissa do ponto principal. Vasta produção homilética nos anos recentes tem revelado os grandes benefícios da pregação indutiva em que idéias particulares, ilustrações ou instruções, conduzem a princípios mais gerais (a mais típica abordagem de Jesus), como sendo oposta à maioria dos sermões dedutivos tradicionais em que as declarações gerais do princípio iniciam cada divisão da mensagem (abordagem comum a Paulo).[53] Considero que as abordagens indutivas facilitam as respostas da aplicação, enquanto as dedutivas facilitam a argumentação. Cada qual tem seu lugar não apenas em diferentes sermões, mas em diferentes pontos de um sermão em particular.[54]

Uma nota de advertência: Os ouvintes precisam de um pino de pensamento para fixar o desenvolvimento do ponto principal ao início de cada divisão no sermão. Quase qualquer pormenor servirá: uma declaração do princípio que será provado, ou uma ilustração cujo significado será esclarecido. Em conversas comuns, algumas vezes dizemos o que precisa ser feito antes de dizer por quê, ou fazemos uma analogia antes de estabelecer um ponto. Nos sermões não existe ordem canônica para o emprego de explicação, ilustração e aplicação. Entretanto, os pontos principais quase nunca começam com "explanações triviais" de gramática, História ou contextos, antes da apresentação que especifique um motivo para discussão. Não induza seus ouvintes a questionar: "Por que o pregador está nos dizendo isso?" A explicação precisa de alguma garantia óbvia antes de nos lançarmos a uma discussão da "origem do tempo verbal mais-que-perfeito".

A FORMA (*F-O-R-M*) BÁSICA

Embora eu tenha me empenhado em produzir alguma perspectiva com a qual concluir a discussão de cada um desses aspectos específicos de esboços expositivos, reconheço que as instruções em detalhes devotadas a cada um deles pode resul-

53. Ralph Lewis com Gregg Lewis, *Inductive Preaching: Helping People Listen* (Westminster, IL: Crossway, 1983), 61-66. Ver também do autor *Using Illustration's to Preach with Power* (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 25-30.

54. Greidanus, *Modern Preacher and the Ancient Text*, 184.

tar numa pintura feita de tendências variadas. Este perigo é tão evidente que a maioria dos compêndios de homilética registra apenas os princípios gerais para a estrutura, apresentados no começo deste capítulo. Todos os professores, pregadores experientes e estudantes reconhecem que as tentativas de impingir um estilo de elaborar sermões é algo semelhante a dizer que todos os pintores têm de pintar como Leonardo da Vinci, ou que todos os músicos precisariam compor como Beethoven. A beleza, a riqueza e a perícia de nobre expressões não podem ser confinadas a uma forma. Mais ainda, há convenções – técnicas, caso se permita tal termo – que cada perito aprende. Nas mãos de especialistas, as técnicas tornam-se instrumentos que fazem com que a prática tradicional e inovação esclarecida se transformem em obras-primas originais.

Minha esperança é que os estudantes aprenderão técnicas que lhes permitirão preparar sermões com conhecimento e confiança. Não pretendo que estas técnicas específicas controlem sermões, antes, que contribuam para a criação de mensagens habilmente elaboradas, ricas e poderosas, de acordo com as percepções, capacidades individuais e decisões sábias daqueles que são guiados pelo Espírito de Deus.

Embora essas diretrizes possam inicialmente parecer constrangedoras, minha intenção é que elas livrem os pregadores de experimentar e causar confusão, por não terem sido jamais apresentados a modelos específicos de sermões expositivos. Sweazey faz observações perturbadoras aqui:

> Um sermão que é inteligentemente planejado visando a um propósito, não é limitação mas uma liberação, pois capacita o pregador a fazer o que a maioria deseja fazer... Liberdade não é frouxidão. Um papagaio de papel que é desatado da linha que o prende, conquista sua soltura, mas perde sua liberdade de ser papagaio. Um "balão livre" é cativo de toda brisa que passa. Jesus afirmou que nós descobrimos vida verdadeira não por perambular a esmo sobre o mapa, mas pelo caminho estreito, definido... O pregador não encontra liberdade por ignorar forma e estrutura; estas colocam-no de pé, livre para ser um pregador. Nas horas de trabalho sobre um sermão, há como que uma espécie de vivacidade em desenvolver o que já está esboçado, porém, há um fatigante sentimento no penoso processo de elaborar um sermão sem que haja um projeto claro.[55]

Nas salas de aula e em seminários pelo país, percebo que os pregadores têm mais perguntas acerca da estrutura do que de qualquer outro aspecto da pregação. Sinceramente, sinto que há perguntas mais importantes, porém a freqüência

55. Sweazey, *Preaching the Good News*, 71.

dessa preocupação me indica que o desejo dos professores de homilética em dar uma ênfase honesta à arte de elaborar sermões tem simplesmente deixado muitos pregadores fora do barco num oceano de possibilidades estruturais. Tenho diligenciado em ser mais específico, reconhecendo que esses modelos são o ponto de partida, não o de chegada.

O fator decisivo para a estrutura requer simplesmente que todos os sermões expositivos tenham FORMA (F-O-R-M). Todo esboço deveria ser:

*F*iel ao texto,
*Ó*bvio a partir do texto,
*R*elacionado ao Foco da Condição Decaída
*M*over-se em direção ao clímax

Quando os pregadores se defrontam com esses critérios, os sermões de muitas formas diferentes ainda mostram claramente a Escritura e atingem o coração com precisão e autoridade.

FIGURA 6.1
Exemplos de Esboço com Erro Coexistente

Proposição:
Porque Jesus é a única esperança de salvação,
temos que pregar sobre Cristo em toda oportunidade.

I. *Porque Jesus é a única esperança de salvação,*
temos que pregar sobre Cristo sempre que houver oportunidade.

II. *Porque Jesus é a única esperança de salvação,*
temos que pregar sobre Cristo quando não é conveniente.

III. *Porque Jesus é a única esperança de salvação,*
temos que pregar sobre Cristo quando é difícil.

FIGURA 6.2
Pontos Secundários
Subdividindo de Maneira Própria

Distinções Proposição: *Porque Jesus é a única esperança de salvação, temos que pregar sobre Cristo em toda oportunidade.*

Estas declarações projéteis responderão a perguntas similares *implícitas,* i.e., Quando, ou Que são estas situações difíceis?

I. Porque Jesus é a única esperança de salvação, temos que pregar sobre Cristo em situações difíceis (vs.12-14).
1.Enfrentando obstáculos circunstanciais (v.1)
2.Enfrentando obstáculos espirituais (vs.13-14)

Esses pontos secundários interrogativos fazem *diretamente* perguntas similares. Após a pergunta, segue-se imediatamente uma resposta concisa. A resposta pode ser unificada ou dividida, desde que a pergunta (não a resposta) seja o ponto secundário.

II. *Porque Jesus é a única esperança de salvação,* temos que pregar sobre Cristo a pessoas problemáticas.
1. Quem são essas pessoas?
· Aquelas que nos atacam (v.16)
· Aquelas que nos ignoram (v.20)
2. Como devemos tratá-las?
· Temos que ser corajosos (vs.17,21)

Esses pontos secundários de perguntas analíticas respondem a uma pergunta que cobre uma larga extensão de tópicos, feita acerca do ponto principal.

III. *Porque Jesus é a única esperança de salvação,* temos que pregar sobre Cristo a despeito de todas as dificuldades.
Quando devemos pregar?
1. Em face da presente frustração (v.15)
2. Em face do fracasso passado (vs.18-19)

FIGURA 6.2 (cont.)
Indicando Pontos Secundários

Subdividindo de Maneira Imprópria

Problemas Proposição: *Porque Jesus é a única esperança de salvação,* temos que pregar a Cristo em toda oportunidade.

Descrever o texto em vez de esboçar a mensagem. O esboço deve indicar o que o texto significa, não simplesmente informar o que ele diz.

I. *Porque Jesus é a única esperança de salvação,* temos de pregar sobre Cristo em situações difíceis.
1. Pedro ignorava as autoridades (v.12)
2. Pedro falava da prisão (v.13)

Pontos secundários estão desenvolvendo a cláusula âncora antes que a cláusula ímã.

II. *Porque Jesus é a única esperança de salvação*, temos de pregar sobre Cristo às pessoas problemáticas.
1. Jesus morreu para salvar os ímpios (vs.16,20)
2. Somente Jesus pode salvar (vs.17,21)

Pontos secundários não são paralelos nem desenvolvem o ponto principal de modo similar.

III. *Porque Jesus é a única esperança de salvação* temos de pregar sobre Cristo apesar de nossas dificuldades.
1. Nossa pregação provoca ódio (v.15)
2. A oração vence a oposição (v.18)

O esboço completo ignora os versos 14, 19.

PERGUNTAS PARA REVISÃO E DISCUSSÃO

1. Distinga sermões temáticos, textuais e expositivos.

2. Quais são os cinco princípios gerais a serem observados na criação de esboços homiléticos?

3. Quais os dois maiores componentes que integram uma proposição formal? Que é uma verdade universal expressa de modo exortativo?

4. Que são cláusulas âncoras e cláusulas ímã? Como funcionam nos pontos principais formais?

5. Quais são as vantagens e as desvantagens de usar palavras inflamadas em um esboço expositivo?

6. Identifique três tipos principais de pontos secundários.

7. Por que uma prudente comunicação adverte contra o fato de iniciar o ponto principal com uma explanação trivial? Com quais componentes um ponto principal pode começar?

8. Por que a estrutura de um esboço expositivo exige habilidade e de que modo ela reflete arte?

EXERCÍCIOS

1. Prepare um exemplo de ponto principal formalmente enunciado na forma condicional; um exemplo de ponto principal formalmente enunciado na forma conseqüencial.

2. Crie um esboço homilético formalmente enunciado de 2 Timóteo 4.1-5, ou 2 Coríntios 6.14-7.1 ou 1 Tessalonicenses 4.13-18.

3. Apresente o esboço que você criou para o exercício 2 acima com os pontos principais na forma reduzida.

4. Efetue uma redução fundamental nos seguintes pontos principais formais, projetados por Haddon Robinson[56] para Efésios 1.4-14.

   I. Devemos louvar a Deus porque ele nos elegeu em Cristo (1.4-6).
   II. Devemos louvar a Deus porque ele nos tratou conforme as riquezas da sua graça (1.5-12).
   III. Devemos louvar a Deus porque ele nos selou com o Espírito Santo até que adquiramos a completa possessão da nossa herança (1.13-14).

5. Crie pontos principais formais que reflitam os pontos principais informais que Jerry Vines[57] planejou para Colossenses 2.8-23.

   1. Intelectualismo[58] (vs.8-10)
   2. Ritualismo (vs.11-17)
   3. Misticismo (vs.18-19)
   4. Legalismo (vs.20-23)

56. De *Biblical Preaching* (Grand Rapids: Baker, 1980), 129.
57. De *A Practical Guide to Sermon Preparation* (Chicago: Moody, 1985), 121.
58. Notar que este esboço contém uma interessante versão que Vines chama de "aliteração da porta dos fundos"; i.e., o final das palavras-chave combinam melhor que a consoante inicial.

CONTEÚDO DO CAPÍTULO 7

ORIENTAÇÃO E DEFINIÇÃO
POR QUE ILUSTRAR
- Razões Equivocadas para Ilustrar
- Razões Corretas para Ilustrar
  - *A Crise na Pregação*
  - *As Tendências da Cultura*
  - *As Pegadas dos Gigantes*
  - *A Vereda para a Percepção*
  - *A Orientação da Escritura*
  - *O Caminho do Mestre*

COMO ILUSTRAR
- Retire uma Fatia da Vida
- Conte uma História
  - *Apresente Artisticamente*
  - *Empregue Detalhes Vívidos*
  - *Provoque Crise*
  - *Conclua de Modo Significativo*

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS ILUSTRAÇÕES
- Precauções quanto à Ilustração
  - *Use Ilustrações com Prudência*
  - *Use Ilustrações Pastoralmente*
- Fontes de Ilustração
  - *Descoberta de Sistemas*
  - *Recuperação de Sistemas*

OBJETIVO DO CAPÍTULO 7

Explicar por que e como ilustrar sermões expositivos

7

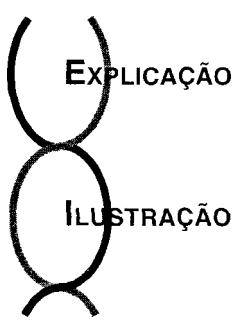
O MODELO DE ILUSTRAÇÃO

ORIENTAÇÃO E DEFINIÇÃO

Até o momento, examinamos principalmente o componente explicação do sermão expositivo. Depois de apresentar as prioridades e as partes de um sermão expositivo, voltamos nossa atenção aos princípios para escolher o texto, interpretar o que ele diz, explicar o seu sentido e organizar a explicação. Com vistas ao preparo da etapa seguinte da elaboração do sermão, é necessário que retornemos à compreensão fundamental da realidade que torna poderosas as mensagens expositivas. Simplesmente dispensar informação bíblica na forma de descrição, prova ou argumento, pode preencher as exigências acadêmicas da pregação, porém, prioridades da Escritura exigem mais que isso.

Os sermões mais poderosos trazem verdade à vida mediante demonstração e aplicação das verdades textuais. Mensagens expositivas tradicionais satisfazem essas obrigações quando incluem ilustração e aplicação juntamente com a explicação em cada ponto principal. Representamos as relações desses três componentes da exposição num ponto principal com a ilustração da espiral dupla (ver capítulo 4). Embora os componentes da exposição nem sempre precisem seguir esta ordem particular, continuaremos a usar esta espiral dupla (ver fig. 7.1) como um meio de destacar princípios instrutivos importantes. Precisamos, agora, observar como o sermão avança por meio da ilustração.[1]

FIGURA 7.1
Perspectiva da Ilustração Espiral Dupla



Os pregadores tipicamente imaginam as ilustrações como se fossem breves histórias que acompanham as

1. Para uma consideração sobre esta mais extensiva matéria, ver, do autor, *Using Illustrations to Preach with Power* (Grand Rapids: Zondervan, 1992).

declarações proposicionais da verdade do sermão.[2] De um ponto de vista mais técnico, ilustrações são histórias cujos detalhes (sejam explicitamente proferidos ou imaginativamente deduzidos) permitem aos ouvintes se identificarem com uma experiência que elabora, desenvolve e explica princípios da Escritura.[3] Por meio dos detalhes da história, o ouvinte, em imaginação, vivencia as verdades do sermão. O relato não tem que ser real ou atual, mas o pregador precisa narrá-lo de tal forma que os ouvintes se identifiquem com a experiência. O pregador narra o que, quando, onde e o porquê da ocorrência, de modo a dar aos ouvintes acesso pessoal à ocasião. Ao longo do trajeto, ele incentiva cada ouvinte a ver, sentir, saborear ou cheirar os aspectos do incidente como se ele ou ela estivesse corporalmente presente no desdobramento do relato. Depois, juntamente com esses detalhes sensórios, o pregador igualmente insinua as emoções, idéias ou reações que podem tipificar a experiência de alguém que vive a situação do começo ao fim.[4]

Essas descrições sensoriais e emocionais geram os detalhes do "corpo de vida" que distinguem a ilustração verdadeira das figuras de linguagem, alusões ou exemplos.[5] Uma citação de um sábio da antigüidade, ou de uma estatística de jornal da atualidade, pode aduzir interesse ao sermão, porém nenhum dos dois tem as características que identificam uma ilustração satisfatória.[6] Na maioria das citações, alusões e exemplos, o orador *faz referência* a um relato, ao passo que na ilustração o pregador *convida* o ouvinte a participar da experiência. Os detalhes do "corpo de vida" acrescentam mais informações à ilustração de uma tal maneira que o ouvinte pode vicariamente penetrar o mundo da narrativa da ilustração. Embora as categorias não possam ser estritamente delineadas, com relação ao exemplo o pregador diz: "Tenho observa-

2. Ilion T. Jones, *Principles and Practice of Preaching* (Nova York: Abingdon, 1956), 141-42.

3. Visto que ele teme tanto que o termo *ilustração* seja confundido com formas inferiores do material ilustrativo, Jay Adams evita completamente o emprego da palavra, e opta pelo termo *história* como o que mais precisamente comunica as qualidades essenciais da ilustração típica do sermão *(Preaching with Purpose: A Comprehensive Textbook on Biblical Preaching)* (Grand Rapids: Baker, 1982), 90-91. J. Daniel Baumann usa designação situação-de-vida como ilustrações para criar imediatas apliações à vida contemporânea (ver *An Introduction to Contemporary Preaching*, (Grand Rapids: Baker, 1972), 250.

4. Adams, *Preaching with Purpose*, 86.

5. A terminologia "corpo de vida" é de Maurice Merleau-Ponty, cuja obra *The Phenomenology of Perception*, trad. de Colin Smith com revisões de Forrest Williams (1962; reeditado, NJ: Humanitas, 1981), XIX 122, 235-40, 274, 383, admite moderno discernimento à prática ilustrativa antiga do uso das percepções do corpo para conhecimento mais avançado.

6. Robert G. Rayburn, "The Discussion", notas pessoais de palestra, 2.

do..."; a uma alusão o pregador diz: "Isso me lembra que..."; a uma ilustração o pregador diz: "Conduzirei você até lá. Viva toda esta experiência comigo para que compreenda plenamente o que isto significa." Se uma ilustração é nova para o ouvinte, ou é apresentada inesperadamente como num passe de mágica, o pregador recria verbalmente uma fatia de vida para explicar a idéia referente ao sermão.

POR QUE ILUSTRAR

Ele não queria me ofender, mas sim ser honesto. Falou com muita hesitação porque não queria que suas emoções lhe escapassem do controle, mas ficou claro que ele sentia profundamente o que estava dizendo. "Dr. Chapell", ele disse, "eu não entendo por que o senhor insere ilustrações em nossas mensagens. Vim ao seminário para aprender como explicar às pessoas o que a Bíblia quer dizer. Não estou aqui para aprender a contar histórias. De que modo podemos comunicar o quanto as pessoas precisam estimar seriamente a verdade de Deus, se temos de contar-lhes tolas historietas?" Apreciei a honestidade da pergunta; estou certo de que outros estudantes sentem o mesmo.[7]

Não conheço nenhum aspecto da pregação expositiva que mais perturbe os pregadores estudantes e pastores escrupulosos do que a ilustração. Não hesitamos em oferecer explanações que exigem que citemos comentários, gramáticas e os pais da Igreja, porém, ilustrar um ponto com uma história que nós criamos, faz-nos questionar se somos pregadores ou pessoas que divertem os outros, se somos pastores ou ama-seca. Estudantes que são solicitados a incluir em suas mensagens ilustrações, queixam-se de que são compelidos a manipular os ouvintes. Pastores, que descobriram a necessidade de narrar uma história para manter a congregação atenta, vergonhosamente confessam a necessidade de "pequenas lendas para pequenos cérebros". Tais noções confusas, até mesmo conflitantes, exigem que reconstituamos nossos propósitos e definamos o que pregadores deveriam incluir nos sermões expositivos.

7. Veja *Using Illustrations to Preach with Power* (18), onde eu crio uma hierarquia de ilustrações para demonstrar como a ilustração pode ser distinguida da alusão, do exemplo, da analogia e das figuras de linguagem baseadas no grau de cada detalhe do "corpo de vida". J. Daniel Baumann, de igual modo, oferece uma hierarquia ao chamar as ilustrações nas formas mais simples de exemplos ejaculatórios, as formas um pouco mais complexas de figuras de linguagem e analogia, e as formas mais artísticas de parábolas, alusões históricas e anedotas (ver Baumann, *An Introduction to Contemporary Preaching*, 173-74).

Alguns questionam os benefícios práticos do uso de ilustrações para manter despertos os ouvintes, ainda que muitos pregadores considerem as histórias que contam um mal necessário, mesmo que isso debilite insidiosamente a seriedade, a sabedoria e a integridade espiritual de suas mensagens. Equívoco de tal monta, em que almas correm o risco de se perder, não pode ser tolerado. Temos que decidir. São as ilustrações meros instrumentos independentes escusos, que pregadores piedosos devem evitar, ou, de fato, as ilustrações se revestem de autêntico valor? A História testifica que pregadores têm empregado ilustrações por mais de dois mil anos. A menos que nossos sermões se degenerem em "tão-somente contar histórias", as pessoas não se queixarão acerca das ilustrações mas, de fato, muitas vezes hão de citá-las como a parte da mensagem que mais apreciam.[8] Será que tantos estiveram enganados por tanto tempo, ou são os pregadores de hoje tão cegos, por causa de sua formação acadêmica, aos fatores humanos tão essenciais à excelência da pregação quanto as provas proposicionais?

Além das razões pragmáticas para manter o interesse, não me foram dadas as razões que justificam as ilustrações, e nem sempre defendi seu uso nas mensagens expositivas.[9] Mas eu mudei. Descobri, enquanto pastoreava, que a mente deseja com todo ardor, bem como tem necessidade, de algo concreto a fim de fixar o abstrato. Isso não significa que as ilustrações devem ser meramente uma muleta cognitiva ou um suplemento para a exposição sadia. Ao contrário, as ilustrações fazem a exegese da Escritura em termos de condição humana para propiciar um entendimento total da Palavra de Deus. Elas são essenciais para uma exposição eficaz não só porque estimulam facilmente o interesse, mas também porque expandem e aprofundam nossa compreensão do texto.[10]

As ilustrações não possibilitam mero conhecimento intelectual. No esforço de fundamentar as verdades bíblicas em situações que as pessoas podem identificar, as ilustrações ligam a verdade bíblica às experiências e, assim fazendo, tornam a Palavra acessível, compreensível e verdadeira de uma forma que simples declarações proposicionais não são capazes de fazer.[11] Podemos empregar mal as ilustrações da mesma forma como podemos usar mal qualquer as-

8. Byron Val Johnson, "A Media Selection Model for Use With a Homiletical Taxonomy" (Dissertação de doutorado, Southern Illinois University at Carbondale, 1982), 215; *The Directory for the Public Worship of God*, "Of the Preaching of the Word" (1645).

9. Chapell, *Using Illustrations*, 11-12.

10. *Ibid.*, 67-86.

11. Walter R. Fisher, "Narration as Human Communication Paradigm: The Case of Public Moral Argument", *Communication Monographs* 51 (1984): 488; e o artigo subseqüente "The Narrative

pecto da pregação, porém abuso em potencial não deve impedir o uso apropriado. Em mãos habilidosas, as ilustrações estão entre os mais poderosos recursos que os pregadores possuem. A fim de obtermos plena vantagem do poder desse dinâmico instrumento expositivo, precisamos aprender as funções que ele melhor desempenha e discernir suas más aplicações.

Razões Equivocadas para Ilustrar

Pregadores que usam ilustrações principalmente para produzir entretenimento acabam por destruir o alicerce de suas mensagens. Uma ética para entreter gera congregações superficiais e púlpitos vazios. As pessoas que freqüentam tal igreja são implicitamente ensinadas que seus próprios desejos e sensações destinam-se a ser o objeto de sua adoração. Pessoas assim aprendem a avaliar o sucesso de um sermão, não pela convicção de espírito que ele produz, mas pela leveza do toque que oferece. Essa expectativa vazia é combinada com a superficialidade de objetivo oculto no púlpito: uma mensagem que não apresenta um propósito mais consistente além do elogio pessoal. Tal pregação inevitavelmente fracassa. As congregações têm consciência de que ninguém distrai satisfatoriamente por muito tempo. Avoluma-se o sentimento de revolta em face da manipulação de suas emoções, num universo tão carente de discernimento espiritual profundo. Com o decorrer do tempo, a verdade, comprometida pelo encanto, perde seu fascínio.

Ministros que justificam o emprego de ilustração, em virtude da falta de perspicácia intelectual ou de sutileza espiritual das congregações, enfrentarão de igual modo amargas realidades. Há momentos para o emprego de ilustrações com a finalidade de simplificar ou esclarecer verdades intrincadas, mas os pregadores não devem, de ordinário, pregar de tal modo que não possam ser enten-

Paradigm: An Elaboration", *Communication Monographs* 52 (1985); 347-67. Cf. Klasas Runia, "Experience in the Reformed Tradition", *Theological Forum* 15, 2 & 3 (abril de 1987): 7-13. Runia coloca em perspectiva adequada muito do pensamento secular contemporâneo, demonstrando como a "experiência não precede a Palavra, antes, segue-se a ela". Expressando o pensamento essencial de Calvino, Runia esclarece: "A experiência, contudo, não é a fonte de conhecimento, em adição à Escritura. Não é um caminho independente para chegar a Deus, ao lado da revelação da Escritura." A experiência "funciona como chave hermenêutica para a compreensão da Escritura", o que Runia e os Reformadores tornaram bastante claro é que não está enraizada em, ou limitada pela, experiência humana. A verdade objetiva transcende a subjetividade humana, mas a plena compreensão da Palavra de Deus, quando aberta pelo Espírito Santo, é continuamente contextualizada para reflexão e obediência pelo experimental. Veja também Chapell, *Using Illustrations*, 49-66.

didos sem ilustrações. Caso os pregadores estejam empregando ilustrações simplesmente para alimentar com dieta de bebês os assim chamados ignorantes, então, ou estão exageradamente complicando suas mensagens, ou subestimando a inteligência da congregação. Uma ou outra alternativa expõe uma atitude arrogante e complacente mal dissimulada pelo púlpito e não mais tolerada pela maioria das congregações.

Mesmo aqueles que defendem o emprego de ilustrações algumas vezes inferem – e afirmam diretamente[12] – que ilustrações servem de entretenimento ou de alimento para bebês. Mais ainda, se o objetivo primário das ilustrações não é o de manter as pessoas despertas por alguns instantes, ou de explicar o que de outro modo seria obscuro, então por que motivo a pregação expositiva requer ilustrações? Para responder, precisamos investigar a história mais antiga da pregação, bem como explorar as descobertas da maioria dos modernos pesquisadores do campo da comunicação.

RAZÕES CORRETAS PARA ILUSTRAR

A Crise na Pregação

Uma insatisfação difundida com a pregação invade nossas igrejas. O desencanto começou a manifestar-se aproximadamente uma geração atrás. Jovens e velhos igualmente lamentavam-se de que a pregação tinha-se perdido em abstrações e mergulhada em discursos sem sentido, incapaz de abrir uma vereda clara em meio a mudanças sem precedentes. Idéias demasiadamente imponentes para atingir as realidades da vida suscitaram crítica parecida com a que os pregadores americanos não conseguiram suportar desde que as batalhas no período da escravidão desgastaram a confiança que as pessoas depositavam no púlpito. Os pregadores lutavam por encontrar respostas. Especialistas devotaram-se à investigação, inspecionaram e avaliaram. Suas conclusões não foram sempre baseadas sobre prioridades bíblicas, nem foram prazerosas de ouvir, mas definiram bem as percepções da mente contemporânea. Clyde Reid investigou os profissionais religiosos e apresentou suas conclusões:

> 1) Os pregadores tendem a usar uma linguagem complexa, arcaica, que a média das pessoas não é capaz de entender; 2) muitos sermões hoje são insípidos, enfa-

12. W. E. Sangster, *The Craft of Sermon Illustration* (1946); reeditado, Londres: Epworth, 1948, ix; Chapell, *Using Illustrations, 21.*

donhos e desinteressantes; 3) a maioria das pregações hoje em dia é irrelevante; 4) a pregação atual não é uma pregação corajosa; 5) é uma pregação que não comunica; 6) é uma pregação que não promove mudança nas pessoas; 7) a pregação tem sido superenfatizada.

Reuel Howe falou com pessoas leigas e catalogou críticas similares:

1) Os sermões freqüentemente contêm muitíssimas idéias complexas; 2) os sermões apresentam muita análise e pouquíssimas respostas; 3) os sermões são demasiadamente formais e impessoais; 4) empregam muito palavreado teológico; 5) são muito proposicionais, sem ilustrações suficientes; 6) inúmeros sermões atingem simplesmente um desfecho apático, e não oferecem qualquer orientação que vise a uma atitude de compromisso e ação.[13]

Essas avaliações e pesquisas similares têm dado origem a uma explosão de trabalhos que advogam novas abordagens para a pregação.[14] O proverbial bebê e sua bacia de tomar banho parece muitas vezes terem sido arremessados juntos pela porta dos fundos nesta corrida para desenvolver novas formas. O tempo dirá se as novas abordagens têm valor duradouro. O que no momento é óbvio é que poucas parecem satisfatórias. A disposição de muitos em fazer experimentações com uma tarefa espiritual tão importante põe em destaque como muitas pessoas julgam ser desesperadora sua situação. Tanto o pastor quanto a congregação refletem a preocupação de que inúmeros sermões não oferecem ligação direta com a vida real. A fim de religar nossos sermões à vida do nosso povo é preciso que compreendamos sua situação.

As Tendências da Cultura

Vivemos na "era da aptidão literária visual".[15] O adulto médio que passa cinqüenta horas por ano num banco de igreja, passará também duas mil horas assistindo à televisão em casa. Ao término do curso secundário a criança média

13. Byron Val Johnson, "A Media Selection Model", 215. Veja também Edward Marquart, "Criticism of Preaching", capítulo 2, *Quest for Better Preaching* (Minneapolis: Augsburg, 1985), 19-47.

14. Cf. Richard L. Eslinger, *A New Hearing: Living Options in Homiletic Method* (Nashville: Abingdon, 1987), Chapell: *Using Illustrations*, 25-30.

15. Ralph L. Lewis com Gregg Lewis, *Inductive Preaching: Helping People Listen* (Westchester, IL: Crossway, 1983), 10.

americana terá passado mais horas diante da televisão (quinze mil horas) do que na sala de aula (doze mil horas).[16] Alguns estimam que a criança média gastará mais tempo assistindo à televisão antes de ingressar na escola do que ouvindo seu pai durante toda sua vida. Estas mesmas crianças terão assistido a 350.000 comerciais ao tempo em que receberem o diploma do colegial.[17] Acrescentemos a isso as influências de filmes, vídeos, propaganda nas rodovias e nos pacotes de mercearias e despesas gerais com projetores, videoteipe e computadores analógicos; a conclusão é inescapável: "Nossa época é por excelência a Era da Ilustração em que as pessoas são habituadas a retratar o pensamento."[18]

A pessoa média no banco da igreja não depende somente de palavras para informação. Se a nação entra na guerra, antecipa notícias da eleição, ou comunica informação sobre uma tragédia, as palavras impressas e analistas credenciados não são os informantes primários. O paladar mental moderno deseja mais ardentemente imagens visuais do que análise estatística. Multidões nas calçadas e nos aeroportos juntam-se em torno dos monitores de televisão, aguardando a súbita aparição de notícias, enquanto os jornais repletos de análises permanecem amontoados nas bancas ao lado. Os jornais não deixam de ser lidos; algumas poucas pessoas dependem primariamente deles ou de revistas, e um grande número depende das fontes impressas para obterem mais informações. Contudo, mesmo os editores de jornal sabem que apenas 4% ou 5% de sua clientela irão além do primeiro parágrafo da média das reportagens, e sabem que o número de leitores triplicará ou quadruplicará com alguma reportagem emoldurada de figuras (sendo a manchete o parágrafo mais lido do relato completo).[19] Interesse do público e informação de consumo aumentam com o envolvimento sensório mesmo nos principais meios de comunicação.

Alguns crêem que essas tendências são o resultado das predileções audiovisuais da cultura moderna. Televisão e estéreo tornaram-se o papel de parede sensório na vida cotidiana de inúmeros americanos. Visões e sons eletrônicos acompanham cada movimento consciente. Companhias produtoras de *software* de computadores e divulgadores de fitas cassete contam com nossa necessidade sensória de consumos decorrente de programas de aprendizagem mercadológica interativa para onde quer que se volte. Se essas tendências são real-

16. David L. Larsen, *The Anatomy of Preaching: Identifying the Issues in Preaching Today* (Grand Rapids: Baker, 1989), 39.
17. *Ibid.*, 133-34; David L. Larsen, "*Volume of TV Viewing...*", MetroVoice (abril de 1993), 4.
18. Ian MacPherson, *The Art of Illustrating Sermons* (Nashville: Abingdon, 1964), 39.
19. *Principles of Advertising Design* (St. Louis: Delcom Seminars, 1978), 12, 35; *How To Write Advertising Copy* (St. Louis: Delcom Seminars, 1978), 22.

mente um produto de recentes desenvolvimentos culturais, ou são a exploração dos processos mais básicos do pensamento humano, a questão precisa ser examinada. Todavia, não há dúvida de que nossa cultura nos educa para refletir e reagir experimentalmente.[20]

Pregadores contemporâneos precisam reconhecer esses desafios culturais mesmo que estejam inseguros quanto à medida em que acomodá-los. Embora não devêssemos abandonar tão precipitadamente nossa rica herança de pregação, temos que perguntar como podemos mais bem atender às presentes necessidades.[21] Práticas de pregação que ignorem a importância da descoberta experimental revelam insensibilidade às características da vida diária e aprendizagem dos congregantes.

As Pegadas dos Gigantes

Essas realidades contemporâneas tornam a antiga repreensão do pregador: "volte o ouvido para dentro do olho", mais importante que nunca. Ainda mais, inúmeros pregadores temem que, ao usar imagens múltiplas nos sermões, estejam se rendendo aos vícios e fraquezas deste tempo. Um rápido olhar às melhores pregações de todos os tempos lançará por terra tais temores. Com raras exceções, a mais valiosa pregação ao longo de toda a História confiou consistentemente no olhar interior.

Não tivessem os apóstolos entremeado suas palavras com imagens da completa armadura de Deus, pista de corrida, pedras vivas, oliveiras, ou andar na luz, teríamos que nos esforçar para lembrar seus ensinos. Se Jonathan Edwards não houvesse dependurado aranhas pecaminosas sobre um abismo de fogo, ninguém saberia dos "Pecadores nas Mãos de um Deus Irado". Se William Jennings Bryan não houvesse censurado publicamente "Não crucificarás a humanidade numa cruz de ouro", seu "sermão" político teria sido esquecido no dia seguinte. Se Martin Luther King Jr. não nos houvesse conduzido por um "sonho" e nos elevado ao "cume da montanha", não teria sido a marcha sobre Washington nada mais do que uma longa caminhada andrajosa ao longo de majestosa alameda?

---

20. Neil Postman, *Amusing Ourselves to Death: Public Discourse in the Age of Show Business* (Nova York: Viking, 1985), 79-80.

21. James J. Murphy, *Medieval Rhetoric: A Select Bibliography* (Toronto: University of Toronto Press, 1971), 18; veja também Murphy's *Rhetoric in the Middle Ages: A History of Rhetorical Theory from Saint Augustine to the Renaissance* (Berkeley: University of California Press, 1974).

Livros têm enaltecido os apelos sensoriais de Charles Spurgeon, as imagens de Peter Marshall, as caracterizações de Clovis Chappell e os dramas humanos de Harry Emerson Fosdick. Nenhum desses homens, de perspectivas teológicas amplamente variadas, pregou numa época dominada pelos visuais eletrônicos, ainda que revestissem seus sermões de impressivas imagens ilustrativas – com eficientes resultados. Anterior a esta "era de aptidão literária visual", esses gigantes da pregação extraíram algo profundo e fundamental à compreensão humana. Estamos começando a descobrir o que é este algo fundamental.

A Vereda para a Percepção

Nossa geração está testemunhando uma revolução no modo como as pessoas entendem a si mesmas e ao mundo em que vivem. Três séculos de relativo consenso fundamentado no modelo filosófico cartesiano do "penso, logo existo" está sendo interpretado ao inverso. O modelo contemporâneo declara: "Existo, logo penso" ou mais especificamente "Eu posso, logo existo".[22] O pensamento abstrato não é mais considerado elemento básico do nosso conceito de quem somos nós e de nosso lugar no mundo. Antes, é reivindicado o fato de que nossa interação com o mundo nos dá nosso sentido de ser.[23] Nossas circunstâncias, as experiências que afetam nossa vida física e as situações que estimulam a atividade mental e respostas emocionais, são os fatores, assim afirmam os teóricos, que geram compreensão.[24] Embora essas teorias não possam satisfatoriamente lançar luz sobre o entendimento espiritual, elas, por certo, ajudam a expressar como ordinariamente fazemos juízo do nosso mundo.

A necessidade de promover o conhecimento via experiência, repercute nas disciplinas da comunicação numa série de frases destinadas a chamar a aten-

22. Conforme Jacques Derrida, como explicou Walter R. Fisher em "The Narrative Paradigm" (351), sentido é um tema de uso antes que referência a pessoas e realidades no mundo. A noção é inculcada em consideração à obra seminal de Maurice Merleau-Ponty sobre o papel do corpo na percepção que ataca as teorias que separam a percepção mental da percepção sensorial e argumenta, em vez disso, que o próprio corpo é uma estrutura primária de consciência inseparável da percepção mental (*Phenomenology of Perception*, 174,325,383).

23. Amadeo Giorgi, "The Body: Focal Point of 20th Century Cultural Contradictions", *South Africa Journal of Psychology*, 13, 2 (1983): 40.

24. Merleau-Ponty, em *Phenomenology of Perception* (237) escreve: "Não estamos, pois, reduzindo o significado da palavra, ou mesmo do preceito, a uma coleção de 'sensações corpóreas'; antes, estamos afirmando que o corpo, à medida que possui 'padrões comportamentais' é este estranho objeto que usa seus próprios componentes como um sistema geral de símbolos para o mundo, por meio do qual podemos conseqüentemente 'estar em casa' neste mundo, 'entendê-lo' e encontrar significado nele."

ção. Os defensores dizem que comunicamos melhor quando expressamos em palavras idéias contidas em "relatos de interesse humano"[25], "situações de vida"[26], "histórias da vida"[27], "mensagens centradas na experiência"[28], "paradigmas narrativos"[29], "encontro de primeira mão"[30], "ilustrações de fragmento de vida"[31], "experiência vivenciada no corpo"[32], e até mesmo numa "história que participa nas histórias daqueles que viveram, que vivem no presente e viverão no futuro".[33] A variedade de termos assegura rica expressão ao poder de experiência pessoal.

Entendemos mais perfeitamente aquilo que é real para nós. Mesmo um expositor formal como Jay Adams argumenta que somente quando a verdade nos atinge experimentalmente ou quando sentimos o impacto que ela exerce sobre nós, é que podemos compreendê-la plenamente.[34] O renomado pregador Steve Brown assegura até muito ousadamente: "Se você não consegue ilustrar o assunto, ele não é verdadeiro. Esquecemo-nos de que a doutrina não existe por amor à doutrina e proposições teológicas não existem por causa delas mesmas. Estas [ilustrações] são meios pelos quais comunicamos a realidade que descobrimos e que a realidade é algo tempo-espaço [sic]".[35]

A fusão de saber e fazer – do entendimento e da experiência – se fortalece à medida que as décadas avançam. No início dos anos 50, Edgar Dale demonstrou

25. O modelo de definição jornalística dos relatos de interesse humano admite que eles são histórias em que pessoas reconhecem sensações ou situações que tenham ou teriam experimentado. Esses relatos retratam pessoas comuns ou extraordinárias em situações comuns ou extraordinárias que evocam sensações comuns, emoções, ou pensamentos com os quais pessoas comuns se identificam.

26. Lloyd M. Perry e Charles M. Sell oferecem um excelente debate dos pregadores e autores que empregam a terminologia "situação-de-vida" em seu livro *Speaking to Life's Problems* (Chicago: Moody, 1983), 15-18.

27. Edward A. Steimle, Morris J. Niedenthal e Charles Rice, organizadores, *Preaching the Story* (Filadélfia: Fortress, 1980), 12. Veja também Rolf von Eckartsberg, "The Eco-Psychology of Personal Culture Building: An Existential Hermeneutic Approach", *Duquesne Studies in Phenomenological Psychology*, org. por Amadeo Giorgi, Richard Knowles, David L. Smith III (Atlantic Highlands NJ: Humanitas/Duquesne University Press, 1979), 233.

28. Lewis, *Inductive Preaching,* 41.

29. Fisher, *"Narration as Human Communication Paradigm"*, 488. Veja também o artigo subseqüente de Fisher, "The Narrative Paradigm", 347-67.

30. Webb B. Garrison, *Creative Imagination in Preaching* (Nashville: Abingdon, 1960), 95-96.

31. Louis Paul Lehman, *Put a Door on It* (Grand Rapids: Kregel, 1975), 27.

32. Merleau-Ponty, *Phenomenology of Perception,* 274, 235-38, 383.

33. Fisher, *Narration as Human Communication Paradigm*, 6.

34. Adams, *Preaching with Purpose*, 86. Veja também Marquart, *Quest for Better Preaching, 74.*

35. Entrevista com Steve Brown, *Preaching* 8, 3 (novembro/dezembro 1992); 4.

que a aprendizagem ocorre mais eficazmente pelo envolvimento direto, determinado. Professores treinados nos anos 60 ponderavam as implicações de um "aprendizado pirâmide", mostrando que aprendemos 10 por cento do que ouvimos, 30 por cento do que vemos e 60 por cento do que fazemos. Pelos anos 70, pesquisadores classificaram os tipos de experiências que mais efetivamente ensinam e, assim fazendo, descobriram que as pessoas tanto aprendem das experiências "detalhadamente descritas" quanto das experiências reais.[36]

Pelos anos 80 e 90, essas descobertas foram afetando cada segmento de nossa cultura. A aversão às palavras divorciadas da experiência tipifica o intelecto contemporâneo. Mais e mais as escolas se voltam do método de preleção para o ensino envolvente, pois estudos indicam que 70 por cento dos estudantes de todas as idades não são alunos analíticos. Oito ou nove de cada grupo de dez alunos do colegial engajam-se na solução de problemas sem um raciocínio linear. Seis dentre dez estudantes do curso médio aprendem melhor por meio da exposição de experiências concretas do que por conceitos abstratos.[37] O método de estudo de casos, outrora restrito às Faculdades de Direito, agora domina muitas formas de treinamento profissional. Profissionais do comércio esperam que os seminários de fim de semana que eles freqüentam os envolva no exame de numerosos casos, se estão aprendendo como vender mercadorias isentas de impostos, ou como negociar um contrato de trabalho. De volta ao escritório na segunda-feira, estes mesmos profissionais instintivamente estarão avaliando o sucesso do seminário baseados sobre quão realísticas e concretas eram as condições de prova. As agências autorizadas dos principais colégios e universidades de nossa nação fornecem fundos para treinamento de professores veteranos em todas as principais disciplinas para ensinarem acerca dos métodos de estudo de casos. A mensagem é clara: envolva os ouvintes ou eles não aprenderão. Os pregadores precisam ouvir esta mensagem.

A Orientação da Escritura

Ouvintes que vivenciam conceitos – mesmo que indiretamente – na verdade aprendem mais que aqueles que precisam ponderar palavras e idéias de maneira abstrata. O que os pregadores aprenderam instintivamente ao longo de gerações tem um sólido fundamento científico. O pensamento expressivo viceja quando

36. Johnson, "A Media Selection Model", 197.
37. Lewis, *Inductive Preaching*, 10.

unido à realidade.[38] Essa descoberta desvenda o valor oculto das ilustrações. Os ouvintes simplesmente compreendem de modo mais profundo e amplo quando expomos as verdades bíblicas mediante experiências identificáveis. As próprias Escrituras nos guiam a esta compreensão.

Embora o evangelho seja lógico, é também espiritual, visceral e impressionista. A própria Palavra nos chama a adorar com nosso coração e alma, assim como com nossa mente (Dt 6.5; Mt 22.37). Por essa razão, as ilustrações que envolvem a pessoa inteira no entendimento do processo, operam de maneira consistente com o conceito bíblico de nossa natureza complexa. Wayne Oates, professor de psicologia comportamental na Escola de Medicina da Universidade de Louisville, escreve:

> A compreensão judeu-cristã da personalidade é uma compreensão holística. Jesus declara o mandamento que é "o primeiro dentre todos": "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força." A palavra grega "*holes*" é traduzida por "todo" e é repetida quatro vezes [na passagem]. Minha abordagem para compreender a personalidade humana é enfatizar a unicidade e a totalidade, antes que a divisão da personalidade em "faculdades" separadas. Quando uma pessoa ama com toda a sua mente, o ser completo se envolve, não apenas uma parte da personalidade. Portanto, quando você e eu pregamos para as necessidades emocionais dos nossos ouvintes, dirigimo-nos a eles como seres completos e não somente como se fossem um "pacote de sentimentos".

Longe de serem técnicas aéticas ou destituídas de inteligência, as ilustrações que comprometem a pessoa completa na experiência de conhecer pelo toque do coração e/ou de extrair suas reações, são poderosos instrumentos bíblicos de aprendizagem e motivação. Visto que a Bíblia ensina que somos mais que seres de pura mente, a melhor pregação jamais confia nos apelos intelectuais exclusivamente. Se santidade fosse matéria apenas de agilidade mental, então os computadores seriam sagrados.

Esta análise admoesta os pregadores a não considerarem as ilustrações como um ornamento sem sentido de pregação popular, mas a própria textura da pregação eficaz. Ilustrações fazem mais que adornar o pensamento. Porque as experiências da vida instruem nossa alma, nossa mente e nosso pensamento, citações

38. Merleau-Ponty, *Phenomenology of Perception*, 235.

de tais experiências funcionam como ferramentas fundamentais de comunicação. As ilustrações persuadem, motivam, tocam o coração, excitam a vontade e resultam em decisões.

Quando os pregadores ignoram esses intermediários da vida real que interpretam e conferem poderes às suas palavras, eles falam sem resultado eficiente ou efeito controlado. A comunicação de alguma forma ainda ocorrerá, mas os ouvintes traduzirão aquilo que ouvem para suas próprias experiências que podem conduzi-los por atalhos errantes. Relatos vivenciais fornecidos pelo pregador com maior probabilidade fornecerão o contexto interpretativo pretendido e direcionamento bíblico. Os grandes pregadores de nosso tempo sabem disso: Billy Graham, Steve Brown, Charles Stanley, Chuck Colson, R. C. Sproul, John MacArthur, D. James Kennedy, John Stott, Chuck Swindoll, todos sabem como tocar o coração com ilustrações que acendam respostas bíblicas. Embora eles saibam que emoções que funcionam em condições de isolamento do pensamento considerado são perigosas, sabem, também, que racionalidade fora dos contextos de amor, sentimento, sensibilidade e até mesmo ira santa, podem ser a antítese da piedade.

O Caminho do Mestre

Se a própria Bíblia não endossa o emprego de ilustração na pregação expositiva, um pastor não tem necessidade de preocupar-se com tendências culturais, precedentes humanos, teóricos da aprendizagem ou orientação motivacional. Devemos considerar como normativo somente o que a Palavra de Deus indica como recursos válidos para nossa pregação. Não temos que conjeturar sobre o que a Escritura autoriza. A Bíblia diz acerca de Jesus: "Ele nada lhes falava sem parábolas" (Mc 4.34).[39] Relatar verdade por meio de narrações ilustrativas, parábolas, alegorias e imagens era o método de comunicação de Jesus. Seu tempo não era a época da aptidão literária por excelência (pelo menos em termos de modernos meios de comunicação), no entanto materiais ilustrativos impregnavam suas expressões. Se no tempo de Cristo as ilustrações eram necessárias, quanto mais, dadas as influências contemporâneas, deve o pregador de hoje pesar a necessidade de conteúdo ilustrativo.

39. Note que a passagem prossegue em indicar que até que a explicação se associe à parábola, sua verdade permanece obscura. Ilustrações isoladas não esclarecem a verdade bíblica. A genialidade da Escritura é seu sistema articulado de ilustração e proposição, em que ambos os componentes da exposição exibem e fortalecem as verdades de cada um.

Na realidade, Cristo seguiu um modelo de há muito estabelecido. Não havia apenas a tradição rabínica pré-cristã na forma do Haggadah (o método da história, como o oposto ao Halakah, o método da reflexão racional sobre a Lei)[40], mas as Escrituras também estão repletas de símbolos, imagens e narrativas que são os instrumentos regulares da comunicação das verdades religiosas. Alister McGrath sintetiza vigorosamente este ponto, "Narrativa é o principal tipo literário encontrado na Escritura".[41] "Remova-se o conteúdo narrativo da Escritura e restarão apenas fragmentos"[42], afirma Ralph Lewis. E Davis reitera que isso não é para afirmar que verdades proposicionais não são apresentadas, mas que a proporção delas é diminuta comparada aos preceituários experimentais e narrativas no restante do cânon.[43]

O Espírito que inspira as Escrituras reforça a conclusão de que as pessoas tendem a agarrar-se a imagens mais prontamente do que elaboram proposições e se elas retêm imagens o bastante, então compreendem os princípios.[44] Naturalmente, o resumo proposicional e a explicação devem ainda acompanhar o material ilustrativo. Mas o padrão bíblico consiste em preparar, esclarecer e resumir a verdade por meio da ilustração, caracterização e exemplo. A árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal simbolizam o pacto adâmico (Gn 2).[45] Deus firmou o pacto com Noé mediante o sinal visível do arco-íris (Gn 9). Deus selou a aliança com Abraão mediante uma cerimônia contratual tradicional (Gn 15) e com a prefiguração do sinal de sangue (Gn 17). O Senhor estabeleceu a aliança mosaica em meio a sinais e maravilhas simbólicas (por ex., a sarça ardente, a vara transformada em serpente, água convertida em sangue e a divisão do Mar Vermelho), e a sustentou em símbolos e cerimônias (por ex., a arca da aliança, o bode expiatório, o cordeiro pascal, a administração do templo, os filactérios e as festas), e caracterizava suas verdades em narrativas sobrecarregadas de símbolos (por ex., a provisão do maná, a serpente abrasadora, a travessia do deserto e a entrada na terra de Canaã).

Os livros históricos do Antigo Testamento são precisamente o que sua designação indica – narrativa sobre narrativa que ilumina o plano redentor de Deus

40. Beldon C. Lane, "Rabbinical Stories: A Primer on Theological Method", *The Christian Century* 98 (dezembro de 1991), 1306.

41. Alister E. McGrath, 'The Biography of God", *Christianity Today*, 22 (Julho, 1991), 23.

42. Ralph Lewis, "The Triple Brain Test of a Sermon", *Preaching* – 1,2 (1985): 10.

43. Henry Grady Davis, *Design for Preaching* (Filadélfia: Fortress, 1958), 157.

44. Macpherson, *The Art Illustrating Sermons,* 40.

45. Note que esses símbolos são registros taquigráficos de narrativas mais amplas. Jay Adams sabiamente observa que tanto histórias quanto fragmentos de história representam instrumentos ilustrativos que os pregadores podem empregar biblicamente (90-91).

por caracterizar sua obra entre o seu povo da aliança. Existe pouco de teologia sistemática proposicionalmente declarada nos relatos de Josué, Gideão, Sansão, Samuel, Saul e Davi. Em vez disso, há um desdobramento do modelo de Deus relacionar-se com a humanidade por meio de acontecimentos que levaram ao estabelecimento da aliança davídica e subseqüente história de Israel, à medida que ele inicialmente corresponde, depois rebela-se e, por fim, é restaurado. Em todos os seus detalhes e personalidades a Bíblia ilumina a verdade central: "SENHOR, SENHOR, Deus compassivo, clemente e longânimo, é grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniqüidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado..." (Êx 34.6,7). A proposição é raramente expressa em forma completa, mas suas verdades são claramente explicadas, facilmente compreendidas, para sempre lembradas, e prontamente aplicadas por causa das histórias que ilustram sua essência.

As verdades bíblicas muitas vezes encontram sua expressão mais profunda nos livros poéticos hebraicos. Esses livros de sabedoria não contêm habitualmente narrativas formais (Jó é uma notável exceção), porém, por sua própria natureza, empregam metáfora, símbolo e imagem com o fim de levar à mente experiências que tocam profundamente o coração. Embora os livros proféticos apresentem elevado conteúdo proposicional, seu uso de material ilustrativo permanece expressivo. Em Jeremias 13, Deus ordena ao profeta que esconda um cinto de linho e o apanhe depois de muitos dias. Quando Jeremias apanha o cinto, está apodrecido. O Senhor diz: "Deste modo farei também apodrecer a soberba de Judá, e a muita soberba de Jerusalém" (v. 9). Em Ezequiel 12, o Senhor diz ao profeta que prepare seus pertences à vista do povo de Israel a fim de admoestá-los que serão forçados a preparar sua bagagem para o exílio, caso não se arrependam. "Bem pode ser que o entendam, ainda que eles são casa rebelde" (v. 3), diz o Senhor.

Episódios similiares aparecem nos profetas menores. Deus requer de Oséias que continue a perdoar e receba sua esposa Gômer, não obstante ela volte a adulterar com outros. O Senhor diz: "Ama-a como o SENHOR ama os filhos de Israel, embora olhem para outros deuses..." (Os 3.1). Numa observação contrastante, Deus mostra ao profeta Amós um cesto de frutos maduros, pois "o tempo está maduro para o meu povo Israel: e jamais passarei por ele" (Am 8.2). Os exemplos de verdade ilustrada, bem como de verdade expressa nos profetas menores são numerosos demais para que sejam mencionados individualmente. Basta dizer que em todos os livros proféticos, ao longo de todo o

Antigo Testamento, o uso de instrumentos ilustrativos permanece consistente e compreensível. Em *The Anatomy of Preaching*, Larsen resume a evidência: "...75 por cento do Antigo Testamento consiste de narrativa. Que elemento explosivo para a pregação atual."[46]

O Novo Testamento não abandona os princípios da comunicação do Antigo Testamento, como é claramente evidente nos Evangelhos. A. M. Hunter afirma que o elemento parabólico no Evangelho de Lucas atinge cerca de 50 por cento do total.[47] Macpherson estima que na totalidade dos ensinos registrados de Jesus, a proporção ilustrativa é realmente superior à ordem de 75 por cento.[48] As palavras efetivas de Jesus compreendem 20 por cento do Novo Testamento (cálculo aproximado equivalente a doze sermões de trinta minutos).[49] Isto significa que uma considerável porção do material do Evangelho é ilustrativa, e que os métodos e prioridades da própria pregação do Senhor tendem para o ilustrativo.

Ralph Lewis argumenta que demorou três séculos para a igreja abandonar os padrões de ensino de Cristo e institucionalizar o estilo homilético de "abstrações universais" e "ênfase exortativa com menos exemplos"[50]. Mesmo Paulo, que era grandemente orientado para a doutrina, salpica suas mensagens epistolares com alusões às narrativas históricas de Israel, à arena, ao campo desportivo, ao mercado, ao templo, ao lar e à escola.[51] David Calhoun sugere que as principais diferenças entre os quatro sermões de Paulo aos incrédulos no livro de Atos são alusões que Paulo escolhe em relação à quatro culturas diferentes desses auditórios distintos.[52]

O quadro bíblico de ilustrações não é completo, naturalmente, sem referência à Palavra encarnada como a verdade personificada. Num sentido muito real nossos conhecimentos e percepções de Deus são o produto desta mais explícita ilustração de sua natureza – Jesus Cristo. A glória de Deus, que não pode ser vista, foi revelada no Filho, que "tornou conhecido"[53] o Pai (cf. João 1.14,18).

46. Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 90.
47. Macpherson, *The Art of Illustrating Sermons*, 40.
48. *Ibid.*, 40; Larsen situa a proporção em 35 por cento (154). Não resta dúvida de que as definições variadas de "parábola" distorcem as imagens, porém jamais a ponto de negar o sentido do conteúdo ilustrativo nas mensagens de Cristo.
49. Lewis, "Triple Brain Test", 11.
50. *Ibid.*, 11.
51. Liske, *Effective Preaching*, 185.
52. Dr. David Calhoun, professor de História da Igreja no Covenant Theological Seminary, discussão particular com o autor em St. Louis, MO, em 24 de abril, 1986.
53. Primeiro aoristo (efetivo) médio indicativo de *exegeomai*.

Conforme A. T. Robertson, a terminologia traduzida "tornou conhecido" tradicionalmente significa "prolongar-se em narrativa".[54] Em outras palavras, as histórias de Cristo verdadeiramente servem para ilustrar o Pai Celestial. Nossa compreensão do espiritual envolve a interação de proposições e ilustrações. Com a própria Palavra de Deus como endosso e exemplo, os pregadores atuais têm ampla justificação para aprender como usar ilustrações para comunicação espiritual.

COMO ILUSTRAR

Com o restante do país, eu prestava atenção de hora em hora aos relatos do progresso dos bombeiros, à medida que eles lutavam com a rocha, com a falha dos equipamentos e com o tempo para resgatar Jessica McClure, de dezoito meses de idade, de um poço escavado em Midland, Texas. Deixada a sós por uns poucos instantes no quintal de sua tia, em 14 de outubro de 1987, a garotinha alegremente balançava seus pés sobre uma fenda aparentemente inocente de vinte centímetros no chão. Ao tentar levantar-se, precipitou-se na escuridão. Com uma perna para cima e outra para baixo, Jessica estava presa na estreita escavação acima da água e cerca de seis metros debaixo do solo. Os encarregados do resgate escavaram uma fenda vertical de oito metros e meio, paralela ao poço, e então perfuraram um túnel horizontal de três metros na rocha sólida até alcançá-la. Isso levou muito mais tempo do que haviam previsto – 58 horas. A equipe médica viu-se tremendamente inquieta e disse que a desidratação e o choque estavam se tornando um perigo maior do que o próprio acidente. Por fim alcançaram Jessica, mas não conseguiam puxá-la para fora. O modo como seu corpo preso em forma de cunha anulava todos os esforços. Os técnicos da saúde conferiram, checaram os sinais vitais da criança mais uma vez e, então, deram ordens dramáticas: "Puxem firme! Ela não dispõe de mais tempo. Vocês terão que fraturar o corpo dela para que ela seja salva."

Quando os bombeiros puxaram pela última vez, Jessica surgiu livre, sem qualquer ferimento a mais. Porém, ao ouvir as instruções dos médicos aos resgatadores, eu não pude evitar relatá-las no sermão que estava escrevendo. Eu explicava que Deus deseja tanto a salvação dos seus filhos a ponto de ele mesmo permitir que experimentem sofrimento que os convencerá da necessidade dele. Tão cruel como esta experiência possa parecer, ela verdadeiramente expressa um grande amor,

54. A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nashville: Broadman, 1932), 18.

pois Deus, que conhece a limitação do tempo nesta terra, dispõe-se a nos quebrar para nos salvar. Eu creio profundamente nisto que estou afirmando, mas reconheço que as palavras pareciam vazias – doutrina árida que podia comunicar somente uma atitude de indiferença de minha parte para com aqueles que de fato estavam experimentando tais provações, ou para com aqueles queridos não-salvos que venham a passar pela mesma experiência.

Retire uma Fatia de Vida

Os acontecimentos em Midland vieram em meu socorro. Ao isolar aqueles eventos e relacionar os aspectos-chave às verdades que eu precisava comunicar, estava habilitado a ligar um princípio bíblico a uma experiência que não apenas refletia verdade da vida real, mas também permitia-me demonstrar a doutrina num contexto de compaixão verdadeira às prioridades de Deus e aos meus próprios sentimentos. Um pedacinho de conversa, apenas, isolado de um acontecimento que durou por muitos dias, tornou-se o catalisador de um processo que é sempre o primeiro passo na arte de ilustrar. Nós, pregadores, isolamos um aspecto de algum acontecimento, conversa, idéia ou relacionamento em nossa experiência e associamos isso com o princípio, o conceito ou a proposição que desejamos relatar. Desse modo, estabelecemos uma experiência pela qual os ouvintes são capazes de contextualizar e interpretar nosso pensamento. Uma ilustração torna-se, assim, instantâneo da vida. A ilustração apreende um modo, um momento ou uma memória na estrutura da narrativa e expõe aquela fatia de vida para que a mente veja e o coração conheça.

O processo de isolamento e associação não requer uma ordem particular. Algumas vezes os pregadores vêem numa experiência algo que um conceito associado (uma criança sendo resgatada na escuridão de uma cisterna lembra-me como Deus salva as almas da escuridão do pecado). Podemos, assim, arquivar esse acontecimento isolado (na memória ou em algum sistema de catálogo) até que preguemos sobre um texto cuja explicação seja beneficiada por associação. Outras vezes formulamos primeiro um contexto ou proposição e depois tentamos isolar uma experiência associada que nos possibilite mostrar aos outros o que queremos dizer.

O pregador que deseja usar ilustrações de modo adequado precisa cultivar a habilidade de isolar e associar experiências. Para efetuar isso, o pregador precisa aprender a ver todas as coisas como um desfile de ilustrações em potencial – cada acontecimento, rosto, aspecto e imaginação contém uma promessa ilustrativa.

O pregador assemelha-se muito a um fotógrafo, constantemente imaginando um momento, um evento, uma seqüência após outra. Assim fazendo, o que parece banal aos olhos comuns, torna-se significativo. Os pregadores deveriam continuamente fotografar esses instantâneos da grandiosidade e simplicidade da vida a fim de que ambos consistentemente sejam relacionados à natureza tremenda de Deus e ao tédio excessivamente freqüente da experiência dos seus ouvintes.

Nada na vida passa por nós sem que seja percebido. Os pregadores que sabem ilustrar não devem aguardar passivamente que o mundo lhes ofereça algo digno de nota. Ao contrário, extraímos do mundo os tesouros que outras pessoas não percebem ou não dispõem da oportunidade de descobrir. Há beleza no óleo reluzente, ironia num comercial de detergente, ostentação numa área do celeiro e tristeza nos trilhos de uma ferrovia abandonada, se o pregador os enxergar. O salmista viu nos ninhos de andorinhas o desejo ardente do seu próprio coração de estar próximo ao Senhor (Sl 84.3), e Jesus admitiu fé num grão de mostarda (Mt 17.20). De igual modo, você pode ver e mostrar outro tanto, se comprometer-se a relatar a verdade por meio de experiências que capacitem as pessoas a verem além de proposições do livro de doutrina.

Ao expor verdades em termos de experiência com o mundo, você não apenas habilita outras pessoas a compreenderem princípios teológicos, mas, de igual modo, faz com elas se acostumem a ver seu mundo numa moldura espiritual. Essas observações enaltecem o preeminente valor das causas de interesse humano, isto é, as ilustrações de situação de vida.[55] D. W. Cleverley Ford escreve:

> Reconhecidamente, citar Dante, Dumas, Dostoiévski e Dickens é impressivo, mas... o que uma congregação mais prontamente escuta são referências do pregador aos objetos, acontecimentos e comentários das pessoas que ele próprio vê e ouve do que *ocorreu recentemente na localidade*. Uma ilustração extraída de uma casa abandonada na rua próxima, as conseqüências de uma tempestade recente, uma exposição local de flores, uma peça em exibição no teatro, é a espécie mais aproveitável.[56]

Isso não é desvalorizar o uso de exemplos históricos, alusões ficctícias, parábolas, fábulas, alegorias e outras formas de ilustração; mas sugerir que estas

55. Baumann, *An Introduction to Contemporary Preaching*, 175.
56. D.W. Cleverley Ford, *The Ministry of the Word* (Grand Rapids: Eerdmans, 1979), 204.

também são usadas mais eficazmente quando introduzidas com relatos de emoções habituais, dilemas identificáveis, peculiaridades comuns, ou situações com as quais os ouvintes possam relacionar-se imediatamente.[57]

Se um acontecimento histórico é usado como ilustração deverá ser apresentado como uma fatia de vida com suficiente descrição do cenário, drama e pessoas, de modo que o ouvinte de hoje possa imaginar-se nesse evento. Caso você queira referir-se à Armada Espanhola, cuide de apreender o evento. Isole suas características humanas. Deixe os ouvintes verem o flamejar dos canhões, sentirem a tempestade e temerem os bancos de areia. Nenhum membro da congregação dispõe-se a suportar uma preleção sobre história da Inglaterra e Espanha própria para a quarta série do curso médio, na esperança de que isso possa dizer algo novo agora, ainda que jamais o tenha feito antes.

Conte uma História

Para apresentar ilustrações de modo aceitável, os pregadores precisam aprender com os mestres princípios da arte de narrar histórias. Embora não haja uma fórmula estabelecida para apresentação, pela sua própria natureza a ilustração é uma fatia de vida e apresenta, implícito, um começo e um final, pano de fundo e desenvolvimento, bem como a demonstração de alguma verdade – em resumo, uma ilustração é uma história.[58] Muitos dos componentes da história podem estar implícitos antes que declarados, ou presumidos antes que articulados. Jay Adams afirma que as ilustrações do sermão apresentam-se numa variedade de formas, desde narrativas fartamente acrescidas de detalhes a meros núcleos de histórias, porém insiste que estas "histórias" são as que apelam aos sentidos e envolvem o auditório.[59] Dessa forma, podemos concordar com Dawson C. Bryan, que escreveu décadas passadas: "Praticamente toda ilustração deveria ser tão tecnicamente perfeita na forma quanto um conto." Ele não estava simplesmente advogando preparação conscienciosa, mas indicando a norma essencial que as ilustrações devem assumir.[60]

57. Esta advertência também se refere à tendência bastante comum de usar contos dos antigos pregadores, ilustrações desgastadas dos tempos da locomotiva a vapor e histórias recortadas do último catálogo de ilustração que não foi revisado de modo a refletir a situação imediata de pessoas atuais. Cf. Lehman, *Put a Door on It*, 27.

58. Adams, *Preaching with Purpose*, 90.

59. *Ibid.*, 90-91.

60. Dawson C. Bryan, *The Art of Illustrating Sermons* (Nashville: Cokesbury, 1938), 210.

Bryan escreveu que boas histórias contêm quatro componentes principais: um começo; alguma ação; um clímax; uma conclusão.[61] A lista de Adams varia ligeiramente. Afirma que deve haver pano de fundo (resumidamente esboçado), uma dificuldade ou um problema, suspense, um clímax e uma conclusão.[62] Visto que os dois autores se reforçam reciprocamente, suas listagens podem ser combinadas para criar um modelo próprio de ilustrações eficientes: uma ilustração terá normalmente uma introdução, detalhes descritivos, movimento por meio de crises (i.e, criação de suspense que leva ao clímax) e uma conclusão.

Apresente Artisticamente

A forma bastante freqüente de introdução ilustrativa é a precária e sem imaginação "Permitam-me ilustrar...". Bryan fornece variações sobre este assunto, incluindo: "Temos aqui uma ilustração ainda mais impressionante de tal compreensão espiritual...", ou "Talvez você entenda melhor essa distinção por meio de uma simples ilustração adaptada de..."; ou, "eis aqui uma experiência isolada extraída do jornal que dá brilho ao que eu quero afirmar...".[63] Em vez de envolver o ouvinte, tais começos parecem colocar uma barreira entre a ilustração e a verdade que se presume ilustrar. Por certo, mesmo essas técnicas antigas ocasionalmente podem ser úteis ou necessárias, porém devem ser usadas esporadicamente, caso o pregador, de fato, pretenda envolver os ouvintes na sua reflexão. "As congregações podem identificar ilustrações sem que se diga o que elas são."[64]

Afirmações de transição, que anunciem que estamos prestes a ilustrar podem ser necessárias para leitores, mas serão supérfluas para ouvintes quando a conduta geral do pregador anuncia que uma ilustração está para ser apresentada. Num sentido absolutamente verdadeiro, a ilustração é o parêntesis demonstrativo que ocorre antes ou depois da passagem da explanação formal. Como tal, as ilustrações constituem-se numa alteração na fluência de fatos – não tanto uma interrupção na ação, mas como se fosse uma mudança de marcha de um veículo. Um modo simples de apresentar ilustrações, que é discreto, mas eficaz, consiste apenas em fazer uma pausa; pisar na embreagem, por assim dizer, de modo a imprimir a mudança de velocidade.[65]

61. *Ibid.*, 220.
62. Adams, *Preaching with Purpose*, 93.
63. Bryan, *The Act of Illustrating Sermons*, 199.
64. Deane A. Kemper, *Effective Preaching* (Filadélfia: Westminster, 1985), 86.
65. *Ibid.*, 86.

A seguir, o pregador corta em fatias o contexto da ilustração. Declara quando e onde ocorreu o fato. Separa a situação da ilustração da situação imediata dos ouvintes. Jesus emprega a separação de tempo para apresentar a parábola dos trabalhadores na vinha: "O reino dos céus é semelhante a um dono de casa que *saiu de madrugada* para assalariar trabalhadores para sua vinha" (Mt 20.1, ênfase minha). Demonstramos isso na qualidade de pais, quando instintivamente começamos as histórias infantis com "era uma vez...". O princípio jamais deixa de funcionar. Quando o pregador começa com "Faltavam cinco minutos para meia-noite e ela não tinha ainda chegado em casa...", os ouvintes se movem para uma dimensão de experiência separada de onde eles estão. Compreensão conceitual pode ser elaborada nessa dimensão da mesma forma que as apresentações de ilustração que oferecem separação espacial como na parábola da viúva importuna, "*em certa cidade* havia um juiz..." (Lc 18.2, ênfase acrescentada).

Separação de tempo e espaço podem ser combinadas na apresentação de uma história. Por esse motivo partimos de "Muito, muito tempo atrás, numa galáxia muito, muito distante..." para o início dos dramas de *Guerra nas Estrelas*. A combinação nos lembra que a experiência não é limitada a apenas uma ou duas dimensões, e, portanto, a apresentação de uma ilustração pode não indicar especificamente um tempo separado tanto quanto uma situação separada. A situação pode ser definida pelas personalidades envolvidas (seus relacionamentos, realizações ou atividades); pelo evento que está sendo narrado (seu impacto, importância ou desenvolvimento); ou pela reflexão do próprio pregador nas suas respostas de natureza interior a um incidente, um registro ou um relacionamento. Na apresentação da parábola do semeador, Jesus simplesmente diz: "Eis que o semeador saiu a semear" (Mt 13.3). Nenhum tempo ou lugar específico é mencionado, porém, apesar disso, o Salvador define uma situação particular – uma experiência de vida com que as pessoas podem imediatamente identificar-se.

O objetivo do pregador assemelha-se ao da criança que opera um guindaste numa cabina de jogos eletrônicos. A criança tenta erguer um tesouro de um montículo de pequenas jóias de adorno e colocar o prêmio onde ele possa ser reivindicado antes que o tempo se esgote na máquina. Numa ilustração o pregador tenta tirar os ouvintes de suas situações imediatas e transportá-los para uma experiência que reivindicará sua reflexão antes que expire seu interesse. A apresentação da ilustração começa esse processo de transportar separando os ouvintes de sua experiência imediata e colocando-os no contexto de outra diferente.

Deve-se tomar cuidado nesses momentos de abertura para que não se percam os ouvintes. Lembre-se: *o ouvinte espera que você esteja ilustrando a última coisa que proferiu antes de começar a ilustração.* Caso você pretenda ilustrar algo dito três minutos antes, ou mesmo três sentenças atrás, o assunto precisa ser resumido e exposto novamente antes que a ilustração seja iniciada.

Segundo, lembre-se de que um sermão não é uma pesquisa acadêmica. A menos que se tente produzir uma impressão que o obrigue a declarar a fonte de sua ilustração, não sobrecarregue o ouvinte com documentação desnecessária. Bryan escreve: "É prudente começar de uma vez com o exemplo. A apresentação do autor, título e capítulo normalmente tem um efeito mortal e, por causa disso, uma ilustração, que poderia ser boa, fica fadada ao fracasso.[66] Isso é mais que matéria de preferência artística. Partindo do fato de que a média de ouvintes não pôde ler ou não leu, o pregador distancia os ouvintes da ilustração. Não sobrecarregar os ouvintes com documentação não significa que você pode angariar créditos por idéias que não lhe são próprias. Mantenha integridade pastoral usando frases como: "Conta-se a história de..." ou: "Tenho ouvido dizer que..." Tais frases não prejudicam a ilustração, mas protegem a reputação do pastor dos danos do plágio.

Empregue Detalhes Vívidos

Para manter os ouvintes conosco até a conclusão de uma ilustração, temos que preservar todas as suas partes ligadas estreitamente à experiência, empregando detalhes concretos para torná-la significativa ao ouvinte.[67] Webb Garrison explica por que razão esse elemento concreto fortalece as ilustrações e favorece a compreensão: "Se eu fosse falar detalhadamente acerca de como me senti profundamente comovido ao assistir à fixação do braço quebrado do meu filho, isso se constituiria num relato dos meus sentimentos. Mas, quando menciono alguns fatores que contribuíram para minha disposição de ânimo, você é levado para dentro da experiência e a sentir comigo. Recriar uma situação comovente é completamente diferente do testemunho de ter sido profundamente tocado de comoção".[68] Torne concreta a situação para tornar acessível a experiência e poderosa a mensagem que ela transmite.

66. Bryan, *The Art of Illustrating Sermons*, 199.
67. Davis, *Design for Preaching*, 256.
68. Garrison, *Creative Imagination in Preaching*, 95.

A questão é: Como? Como pode o pregador tornar concreta uma experiência aos seus ouvintes? Lenski responde: "Objetos concretos, pessoas, ações, situações, etc., são *plenamente descritos*" (ênfase acrescentada).[69] Quando Jesus narra a parábola do filho pródigo, não inclui a reconciliação dizendo: "O pai expressava constante cuidado por seu filho desobediente", Jesus diz:

> Vinha ele [i.e, o filho] ainda longe, quando seu pai o avistou e, compadecido dele, correndo, o abraçou e beijou. E o filho lhe disse: "Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho." O pai, porém, disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa: vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés; trazei também e matai o novilho cevado. Comamos e regozijemonos. Porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a regozijar-se" (Lc 15.20-24).

Jesus acrescenta detalhes que dão vida à experiência ilustrativa. Cristo insere percepções, ações, diálogo, aforismos e mudanças de cena – tudo para expressar uma única idéia: o pai ainda amava seu filho.

Detalhes habilitam os ouvintes a se introduzirem numa situação que eles não tinham verdadeiramente experimentado.[70] Descrições de visões, sons e sensações que os ouvintes poderiam perceber, estivessem eles em tal contexto vicarial, os envolvem nessa experiência. Dessa forma, Lionel Fletcher certa vez recomendou: "Não apresse a narração de suas ilustrações. Narre-as de modo adequado. Desenvolva o pano de fundo, retrate a cena completa, e faça-a viver perante os olhos da congregação."[71] Garrison acrescenta: "Palavras que especificam cores, formas, sons, odores e outros elementos tangíveis ajudam a criar panos de fundo que evoquem estados de espírito. Qualquer coisa que o comove pode comover seus ouvintes – contanto que eles sejam introduzidos diretamente nesse encontro com estímulos que produzem emoção."[72]

Mesmo que detalhes particulares sejam importantes, mantenha-se afastado daqueles que são estranhos ou extravagantes. Pregadores podem apaixonar-se pela arte do detalhe a ponto de removerem a ilustração de qualquer experiência identificável. Lehman escreve: "Uma certa quantidade de descrição torna-se

69. R. C. H. Lenski, *The Sermon: Its Homiletical Construction* (1927: reeditado, Grand Rapids: Baker, 1968), 236.
70. Eugene Lowry, *How to Preach a Parable* (Nashville: Abingdon, 1989), 106.
71. MacPherson, *The Art of Illustrating Sermons*, 214.
72. Garrison, *Creative Imagination in Preaching*, 95-96.

necessária para capacitar o ouvinte a ver a porta e transpor a soleira com você. Isso não significa poesia – apenas descrição."[73] Ornamentação desnecessária, descrições deficientes da história e detalhes irrelevantes podem inundar a tal ponto a mente dos ouvintes com idéias sem importância que (embora o orador seja admirado por sua erudição) nenhuma experiência específica pode ser focalizada, vivida ou tornar-se significativa. Verdadeira eloqüência exige do pregador que apresente detalhes vívidos em termos claros e concisos. Dispense a reflexão dos filósofos, o jargão dos psicólogos e a divagação dos contadores de lendas enamorados dos adornos narrativos.[74]

Spurgeon resume as preacauções relativas à exagerada descrição ilustrativa:

> Não somos enviados ao mundo para construir um Palácio de Cristal em que são exibidas obras de arte e elegantes modas, mas sim, como sábios construtores, edifiquemos a casa espiritual para habitação divina. Nosso edifício é feito para durar, e isso quer dizer para uso diário, e por essa razão não deve ser todo de cristal colorido. Negamos inteiramente nosso método, como ministros do evangelho, se almejamos brilho e decoração vistosa... Determinados homens parecem jamais possuir suficientes metáforas: cada uma de suas frases precisa ser uma figura de retórica. Circundam mar e terra a fim de encontrar uma peça recente de vidro colorido para suas janelas, e demolem as paredes dos seus discursos para introduzir ornamentos supérfluos... Envolvem-se dolorosamente em erros, se pensam que assim manifestam sua própria sabedoria, ou favorecem seus ouvintes... A melhor luz penetra por meio do vidro mais claro: pintura espessa mantém a distância o sol.
> As parábolas de nosso Senhor eram tão simples quanto as histórias para crianças, e tão naturalmente belas quanto os lírios que brotavam nos vales onde ensinava ao povo... Suas parábolas eram como ele próprio e seus circunstantes; e jamais eram forçadas, extravagantes, pedantes ou artificiais. Sejamos seus imitadores, pois jamais encontraremos um modelo mais completo, ou mais apropriado à época presente.[75]

Embora a discussão ornamental de Spurgeon possa de alguma forma violar os princípios que ele articula, seu objetivo permanece válido. Preserve as trombetas e as flores para ocasiões em que a eternidade não esteja em questão.

---

73. Lehman, *Put Door on It*, 69.
74. *Ibid.*, 203.
75. Charles Haddon Spurgeon, *The Art of Illustration*, 3.ª série de *Lectures to My Students* (Londres: Marshall Brothers, 1922), 5, 6, 11, 12.

Cada detalhe do relato deverá servir ao ponto explanatório a ser feito.[76] Para manter os ouvintes no trilho, os pregadores não apenas devem tomar precaução para ilustrar somente a última referência feita, mas também devem narrar a história da ilustração usando termos-chave, pelos quais primeiro exploraram o assunto. A ilustração não deve simplesmente refletir os conceitos da explanação: deve, de igual modo, repercutir a terminologia da explanação. Normalmente isso quer dizer que *nós escavamos a terminologia dos pontos secundários* (ou os termos-chave do ponto principal) para os termos que empregamos para contar a ilustração.

Por exemplo, se os pontos secundários da explanação indicam que devemos orar *fervorosa* e *consistentemente*, a ilustração deveria contar uma história usando esses termos. Se, ao contrário, o pregador fala sobre alguém que suplica ardentemente a outrem, os ouvintes podem perfeitamente imaginar de que maneira a ilustração se refere à explanação. Na mente do pregador "suplicar a outrem devotadamente" pode ser sinônimo de orar "fervente e consistentemente", porém o ouvido atento almeja uma expressão mais consistente. Os termos-chave do ponto secundário foram as balizas de sinalização dos ouvintes por meio dos conceitos na explanação. Prescindir desses trilhos de orientação verbal na ilustração provoca confusão e desvia os ouvintes. Os conceitos-chave e a terminologia da explanação devem resplandecer por meio dos detalhes da ilustração.

Provoque Crise

Os detalhes de uma ilustração devem levar a narrativa para a frente no curso de sua crise. A crise narrativa não precisa ser criada pela ameaça de uma tragédia. Crise pode acontecer pela abertura de uma porta ao conhecimento científico ou pela abertura de uma nova janela através da qual se pode ver o trivial sob uma nova luz. No seu âmago, a crise é a tensão do ainda-não – não conhecer a solução, não conhecer a resolução, não conhecer o ponto importante, ou não saber como o ponto importante será comunicado desta vez.

A crise resulta do fato de se ter fatos suficientes e relevantes para gerar um problema que os ouvintes tenham algum interesse em resolver, e que os force a caminhar pela narrativa, a fim de descobrirem o tesouro que se encontra no clímax. Se os pregadores não levam o auditório ao limite da admiração, aflição, raiva, confusão, medo, ou descoberta, então suas palavras não têm nenhum ponto principal – nenhum gancho no qual se pode pendurar o significado. As

tensões internas das ilustrações prendem a congregação, pois elas iluminam como refletores os próprios tipos de experiências que levam as pessoas a ouvirem o ministro.

Na parábola do fariseu e do publicano, as incompatíveis atitudes de oração de dois homens que são aparentemente de moral oposta, criam a tensão. O fariseu, exteriormente virtuoso, ora "de si para si mesmo" (Lc 18.11). O desprezível publicano, contudo, "não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: 'Ó Deus, sê propício a mim, pecador'" (Lc 18.13). A crise para os ouvintes de Cristo consiste em indicar com precisão a oração correta e decidir o que ela reflete acerca da dependência da graça de Deus em vez da autojustificação. As complicações nos detalhes da vinheta geram uma tensão entre o que esses homens, opostos entre si, deveriam estar dizendo, e o que na realidade eles estão dizendo. Excluída essa crise, a história não oferece impacto.

Conclua de Modo Significativo

Seguindo o conselho do adágio: "Malhe o ferro enquanto está quente", "malhe" a conclusão de sua ilustração enquanto o "calor" é mais intenso. Ou seja, coloque o clímax do relato tão próximo do final da ilustração quanto possível.[77] Assim, a crise estimula o interesse e atrai os ouvintes a uma experiência tipificada pela ilustração. Tendo arrastado os ouvintes tanto quanto possível à experiência, o pregador precisa elaborar o ponto essencial antes que diminuam o interesse, a atenção e o envolvimento. Nesse caso, as conclusões ilustrativas apresentam dois elementos: o final da história e o ponto essencial da ilustração.

A introdução isola a experiência: o detalhe narrativo dá-lhe a forma; a crise compele o envolvimento, e a conclusão focaliza o significado ao relacionar os eventos da ilustração passada ao ponto explanatório que está sendo apresentado. Há inúmeras maneiras de se fazer isso, mas normalmente o pregador expõe a relação em estilo resoluto, numa martelada verbal que enfatiza o ponto essencial.[78] Lehman escreve: "A ponte que liga a própria ilustração à interpretação não pode ser vacilante ou mal definida."[79] Tal ponte normalmente toma a forma

76. Bryan, *The Art of Illustrating Sermons*, 221; Veja também Thomas Fuller, citado por John Stott em *Between Two Worlds: The Art of Preaching in Twentieth Century* (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), 240.

77. Bryan, *The Art of Illustrating Sermons*, 227-28.

78. Kemper, *Effective Preaching*, 86; Adams, *Preaching with Purpose*, 93; Sangster, *The Craft of Sermon Illustration*, 89; Bryan, *The Art of Illustrating Sermons*, 226.

79. Lehman, *Put a Door on It*, 89.

de uma "afirmação associada (ou interpretação)", isto é, uma ou duas sentenças em que o pregador penetra na ilustração em busca de detalhes pertinentes, arranca-os e liga-os à idéia a ser comunicada.

Afirmações associadas demonstram similaridades entre os detalhes da ilustração e as verdades do sermão. O pregador poderia concluir uma ilustração com frases como: "Exatamente como fulano descobriu esse caminho, nós devemos..."; ou: "Do mesmo modo..."; ou: "Precisamos nós também..."; ou: "Aprendemos deste relato que assim como..." Uma alternativa é completar a ilustração com uma aplicação expressa em linguagem paralela a uma expressão ou idéia-chave que ocorreu dentro da ilustração. A ilustração pode terminar com a afirmação: "Sem seu roteiro, José jamais teria encontrado o caminho de volta." A afirmação associada paralela então poderia ser: "Sem nosso Deus, jamais podemos descobrir nosso caminho de volta." Frases paralelas removem a necessidade de comentários introdutórios que indiquem que o pregador está prestes a relacionar os detalhes da ilustração ao objetivo do sermão, pois o paralelismo automaticamente indica a relação.

Donald Grey Barnhouse tornou famosas muitas ilustrações, porém nenhuma demonstra mais habilmente como os mestres pregadores costumam interpretar declarações quanto esta emocionante ilustração que contou aos seus filhos quando a mãe deles faleceu:

> Enquanto levava seus filhos ao funeral de sua esposa, Barnhouse parou no cruzamento do trânsito. À frente deles, um gigantesco caminhão. O sol incidia seus raios num ângulo tal que projetava transversalmente a sombra do caminhão no campo coberto de neve ao seu lado. O Dr. Barnhouse apontou para a sombra e disse aos filhos: "Observem a sombra do caminhão sobre o campo. Se vocês tivessem que ultrapassar, ultrapassariam o caminhão ou sua sombra? O filho mais novo respondeu primeiro: "A sombra. Ela não pode ferir ninguém." "Está certo", declarou Barnhouse. "Mas lembrem-se, crianças, Jesus permitiu que o caminhão da morte o atropelasse, de tal modo que ele jamais pudesse nos destruir. Agora, mamãe mora com Jesus – a sombra da morte apenas passou sobre ela."

Tenho usado essa ilustração em alguns funerais. Ela não somente fala de modo comovente acerca da profunda verdade bíblica, como também faz o que compete a toda ilustração fazer com a máxima economia de palavras. Os ouvintes concentram sua atenção sobre a condição de Barnhouse, vêem o que as crianças vêem, e até mesmo ouvem o diálogo. Mais crucial ainda que uma

experiência substitutiva do acontecimento, contudo, são as palavras finais aos seus filhos, que os capacitou a relacionar os detalhes da ilustração com a morte do cristão. A interpretação da afirmativa é curta – duas breves sentenças. Porém, entrando no íntimo da ilustração a fim de apanhar os termos-chave para considerar juntos a ilustração e um conceito teológico, a ilustração de Barnhouse nos dá conforto como fez com seus filhos. Não importa o modo apropriado em que são descritos, os acontecimentos geralmente não se interpretam a si mesmos, assim, tais afirmativas associadas na conclusão das ilustrações são cruciais. Embora um grupo de declaração esteja implícita ou diretamente declarada, sua essência precisa ecoar na mente do ouvinte para que a ilustração permaneça fiel ao propósito da exposição.

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS ILUSTRAÇÕES

As ilustrações que retratam realismo, integridade e compaixão aumentam o poder persuasivo do sermão. Como empregamos as ilustrações e onde as encontramos irão determinar consideravelmente sua eficácia.

PRECAUÇÕES QUANTO À ILUSTRAÇÃO

Use Ilustrações com Prudência

Lembre-se de que ilustrações são instrumentos para a exposição, não um substitutivo para a explicação consistente. O pregador que prepara sermões para servir à ilustração e não para apresentar uma sólida exposição bíblica, inevitavelmente desvia-se do púlpito para o palco, do pastor para o apresentador de espetáculos. Qualquer orador público treinado é capaz de selecionar um assunto e ajuntar um monte de histórias que emocionarão o auditório, mas isso não é pregação. A própria ênfase das ilustrações consiste na apresentação da verdade bíblica, de tal sorte que ela possa ser entendida profundamente e aplicada prontamente, em vez de proporcionar entretenimento ou aplauso endereçado ao pastor.

Mensagens que são saturadas de ilustrações prejudicam a credibilidade do pregador porque os ouvintes concluem: "Tudo o que ele faz é contar histórias."[80] Estabelecemos o equilíbrio não por meio de um modelo férreo determina-

80. Marquart, *Quest for Better Preaching*, 153.

do pelo número e disposição de ilustrações, mas por uma determinação do bom senso sobre como e onde elas servirão melhor aos objetivos da mensagem. Tradicionalmente existe uma ilustração para cada divisão principal (ou seja, ponto principal) de um sermão.[81] Se uma ilustração deve ou não acompanhar cada ponto secundário do ponto principal, ou acompanhar um único ponto secundário, cuja explicação é particularmente difícil, ou servir como transição para mostrar a relação entre dois pontos,[82] é melhor que se deixe à discrição do pregador, que dispõe de melhor meio de sentir as necessidades da mensagem como um todo. Por exemplo, se uma eficiente ilustração tem em mira a conclusão do sermão, é *prudente que se use a ilustração antecipadamente no final do ponto principal* de tal modo que ela não se choque com o clímax do sermão.[83] Estudos de comunicação de massa indicam que é freqüentemente melhor empregar uma ilustração imediatamente após a primeira declaração de um princípio de cunho expositivo no desenvolvimento do ponto principal.[84] A habilidade técnica provoca curiosidade ao apresentar um assunto, e, assim, permite que atinja o ponto desejado com um mínimo de perda de atenção ou discussão do ouvinte.[85] Este método é especialmente popular entre pregadores de rádio.[86]

Todas estas alternativas indicam que as ilustrações podem, adequadamente, aparecer no princípio, no meio ou no fim de um ponto principal, bem como na transição dos pontos principais. Semelhante conclusão salienta a natureza atraente das ilustrações. Uma vez que o pregador descobre quão eficazmente boas ilustrações suscitam resposta do ouvinte e mais adiante chegam a imaginar que elas podem aparecer em quase todas as partes do sermão, a tentação de empregar ilustrações em todo lugar é quase irresistível. Temos de resistir à tentação. Se fôssemos representar mediante um gráfico a intensidade emocional de um sermão, veríamos que o ápice tende a originar-se em torno das ilustrações, especialmente se a aplicação é feita mediante a ilustração. Porém, se o sermão é todo ele constituído de pontos culminantes ilustrativos, nenhuma parte detém excepcional impacto. Pregadores que acumulam ilustração sobre

81. Bryan, *The Art of Illustrating Sermons,* 172; Baumann, *An Introduction to Contemporary Preaching*, 180; Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 66.
82. Bryan, *The Art of Illustrating Sermons*, 173-74.
83. Discussão mais ampla no capítulo 9.
84. Lewis, *Inductive Preaching*, 82.
85. Kemper, *Effective Preaching*, 81.
86. Para informação adicional sobre a aplicação deste princípio à pregação radiofônica, veja o capítulo do autor intitulado "Alternative Models: Old Friends in New Clothes" em *A Handbook of Contemporary Preaching*, org. por Michael Duduit (Nashville: Broadman, 1992), 118-31.

ilustração com a finalidade de cortejar o auditório, descobrem-se no clássico dilema hedonístico – as pessoas perdem o interesse por causa da trivialidade do prazer. Pastores perdem a credibilidade quando seus sermões não possuem adequado equilíbrio explicativo.[87]

A natureza do sermão, das ilustrações e do público-alvo interferem no equilíbrio dos componentes expositivos de um sermão. Popular hoje em dia em determinados círculos é o sermão narrativo que apresenta a verdade bíblica em forma de parábola[88] – uma história ampliada (ou uma estrutura narrativa) induzindo a uma moral severa ou um critério que compõe o sermão. Não devíamos condenar esse método, uma vez que Jesus freqüentemente ensinava por meio dele. Esses sermões podem prestar-se a importantes propósitos, e a proporção do conteúdo ilustrativo neles é necessariamente ampla. Além disso, uma perspectiva equilibrada fará lembrar que Jesus empregou semelhante abordagem em contextos em que ele poderia tomar por certo que seus seguidores conheciam (ou que viriam a conhecer) considerável ensinamento bíblico adicional (ver Mc 4.10,34). É improvável que Jesus acreditasse que uma congregação poderia ser alimentada adequadamente, se sua dieta consistisse unicamente disso.

Defina quando e onde empregar ilustrações, avaliando o que tornará mais eficiente a aplicação da mensagem. Em alguns casos isso significará que as ilustrações precisam concentrar o foco em esclarecer a exposição a fim de permitir suficiente compreensão para aplicação do texto. Em outras circunstâncias, é melhor que se empreguem ilustrações para criar profundo sentimento acerca de um assunto que é tão familiar a ponto de não mais estimular a resposta que devia dar. Se o poder que proporcionamos é intelectual, decorrente de atitudes concretas, ou alguma combinação de ambos, as ilustrações funcionam melhor quando o pregador as emprega com a finalidade de influenciar a vontade dos ouvintes. Tal uso dignifica as ilustrações por retirá-las do reino do entretenimento e colocá-las numa condição em que servem aos propósitos de um sermão expositivo. As pessoas simplesmente mostram-se mais dispostas a experimentar, ou mesmo a considerar aquilo que elas admitem ser possível.[89] Quando elas contemplam a verdade espiritual em cenas, incidentes e circunstâncias que constituem o fundamento comum da experiência, a aceitação da-

87. Spurgeon, *The Art of Illustration*, 4-5.

88. Cf. Edmund A. Steimle, Morris J. Niedenthal e Charles Rice (organizadores), *Preaching the Story* (Filadélfia: Fortress, 1980); Eugene L. Lowry, *The Homiletical Plot: The Sermon as Narrative Art Form* (Atlanta: John Knox, 1980); Wayne Bradley Robinson, org., *Journeys toward Narrative Preaching* (Nova York: Pilgrim, 1990); Chapell, "Alternative Models", 124-25.

89. John Killinger. *Fundamentals of Preaching* (Filadélfia: Fortress, 1985), 30-31.

quilo que o pregador diz cresce naturalmente.[90] As ilustrações tem um poder comprobatório irresistível.

Use Ilustrações Pastoralmente

Ainda que as ilustrações não sejam o foco de uma mensagem expositiva, elas focalizam a atenção da congregação sobre o entendimento que o pregador tem da vida e a relevância da Bíblia com relação a isso. As ilustrações tornam a integridade a competência e a compaixão pastoral absolutamente visíveis. Por essa razão, os pregadores devem preparar as ilustrações com aguda consciência de suas inerentes implicações pastorais.[91] Atender a esses cuidados ajudará o pregador a evitar que as ilustrações prejudiquem seu ministério:

Mantenha os fatos em posição correta. Competência no manejo de fatos induz o ouvinte a confiar no pregador. Referências às "99 teses de Martinho Lutrero", ao "ministério da prisão de George Colson", à "descoberta dos raios x por Einstein" e à "advertência de Churchill de que 'nada temos que temer senão o próprio medo'" fazem o contrário.

Cuidado com ilustrações inverídicas ou inverossímeis. Resista à tentação de fazer um relato como se fosse verdadeiro, se não o for. Ainda que o relato seja verdadeiro, evite-o, caso lance alguma dúvida sobre sua veracidade. Você perderá muito, se perder a credibilidade.

Mantenha o equilíbrio. As ilustrações dos sermões expositivos raramente excedem a um ou dois parágrafos escritos à mão. Seja breve. Evite amontoar demasiada quantidade de ilustrações. Uma ilustração que esclarece outra ilustração é sinal seguro de perigo.

Seja verdadeiro. Aprecie o épico no imediato. Se nós freqüentemente ilustramos com os notáveis santos do passado, podemos distanciar de modo irremediável a fé da maioria dos cristãos atuais. Impressionar todo mundo com a vida de oração de E. M. Bounds, Charles Simeon, George Mueller e Moisés, promove uma falsa percepção de superespiritualidade. Ilustrações que voam até as alturas sublimes do idealismo espiritual acabam por destruir a confiança dos ouvintes de que a fé pode ser vivida na vida real.[92]

90. R. E. O. White, *A Guide to Preachers* (Grand Rapids: Eerdmans, 1973), 171.

91. Chapell, *Using Illustrations*, 156-75.

92. Baumann, *An Introduction to Contemporary Preaching*, 180. Se você questionar a validade desta advertência, pergunte-se qual das seguintes lhe confere mais esperança para seu próprio be-

Não apresente, não exponha ou embarace de modo negligente. Seja cuidadoso em não extrair ilustrações de fontes que possam inadvertidamente manifestar indulgência em ou implicar aprovação de entretenimentos ou hábitos que possam comprometer sua posição pastoral (por ex., algumas congregações chegam a aprovar referências a filmes que são indicados apenas para adultos, porém em outros ambientes os pais podem se perguntar por que seu pastor apóia o que eles proíbem seus filhos adolescentes de assistirem). Jamais revele confidências do aconselhamento de tal modo que as pessoas venham a ser identificadas ou mesmo julgadas por esse motivo. Não exponha famílias, amigos ou membros da congregação em relatos embaraçosos, a menos que tenha assegurado a permissão deles e a sua indicação para assim fazer ao narrar a ilustração.

Não ridicularize ninguém a não ser você mesmo. Ridicularizar grupos étnicos, dialetos, partidos políticos, sexo, idade ou qualquer pessoa, automaticamente põe em dúvida sua capacidade de comunicar a graça de Deus, mesmo que as pessoas riam da brincadeira. A única pessoa que você tem o direito de zombar do púlpito é você mesmo. (Corolário: a única pessoa que não deve receber uma palavra de apreciação do púlpito é você mesmo.)

Compartilhe a luz do refletor. Não permita que você mesmo (seus filhos, seu passatempo predileto, seu cão, sua enfermidade, seu serviço militar, sua carreira esportiva) seja o foco de muitas ilustrações. Não seja nunca o herói de suas próprias ilustrações. Se o resultado for bom, dê o crédito a Deus.

Demonstre bom gosto e respeite sensibilidades. Nascimento, sangue, quarto de dormir e banheiro não devem servir de ilustração no púlpito. Quando tais referências forem necessárias fale de modo prosaico e siga em frente. Profanação ou linguagem vulgar, mesmo na forma branda, pode provocar mais chispas de rancor dos bancos do que a maioria dos pregadores jamais desejaria enfrentar. Embora as pessoas conheçam perfeitamente os termos, elas não vêm à igreja para ouvi-los dos lábios do seu pastor.

Termine o que começou. Você não pode deixar as pessoas em suspenso, imaginando o que aconteceu ao cãozinho ou à criança no leito do hospital, ou ao vizinho que tropeçou na lata de lixo. Mesmo que outros aspectos da

---

nefício no serviço de Deus: o fato de que Charles Haddon Spurgeon lutou tanto com a depressão que este "príncipe dos pregadores" esteve ausente do púlpito aproximadamente um terço do tempo de sua vida adulta, ou a história de que ele tinha tão grande domínio do púlpito que um operário converteu-se simplesmente ao ouvir Spurgeon citar João 3.16, enquanto testava a acústica num auditório.

ilustração tenham sido totalmente elucidados, aspectos não resolvidos da história podem dominar os pensamentos dos ouvintes de tal forma que pouco ouvirão do que você tem ainda a dizer.

Fontes de Ilustração

Os pregadores conseguem ilustrações de várias fontes básicas: experiências pessoais (o que foi lido ou ouvido acerca de outras pessoas ou pessoalmente vividas), relatos de notícias, relatos históricos, materiais literários, imaginação e a Bíblia. Perceber ilustrações ao seu redor, não perdê-las de vista enquanto você lê e estuda, e ouvir as histórias que outros contam constituem-se em constante desafio que se transforma num estilo de vida.[93] Enquanto ocorre a metamorfose do paroquiano que absorve sermões, para servo do púlpito que prepara sermões, nós todos podemos naturalmente desenvolver a habilidade de encontrar ilustrações por toda parte, se estamos convencidos da importância desse procedimento, e não cair tão cedo no hábito de usar somente ilustrações alheias.[94]

Descoberta de Sistemas

Muitas vezes ilustrações afluirão à nossa mente enquanto estamos preparando a mensagem. Se o ponto a ser preparado é precisamente definido, o impacto da verdade freqüentemente lançará fagulhas mentais contra uma lembrança ou uma experiência recente, e a ilustração imediatamente resplandece em luz. Entretanto, a maior parte dos pregadores estará em desvantagem caso confie apenas na inspiração do momento para ilustrar seus sermões. A maioria de nós descobre que devemos combinar as ilustrações que coletamos com aquelas que brotam na mente quando preparamos nossas mensagens.

Alguns "sistemas" foram projetados para auxiliar pregadores a preservarem e recuperarem as ilustrações que eles descobrem, dos quais programas de com-

93. Chapell, *Using Illustrations*, 179-86.

94. Ao contrário de muitos outros professores de homilética, eu não sou rigorosamente oposto ao emprego de catálogos de ilustrações, sob a condição de os pregadores usarem os relatos listados como catalisadores em vez de pontos de apoio. Todos os pregadores encontram inesperadamente situações em que reconhecem que precisam de uma ilustração, mas não são capazes de pensar em algo apropriado (especialmente em igrejas nas quais o pastor precisa preparar quatro ou cinco mensagens por semana). Se puder dispor de um depósito de ilustrações que o pregador possa revisar, atualizar e personalizar, isso será de grande valor. Contudo, pregadores que habitualmente cortam e colam ilustrações alheias desenvolvem mensagens que são cada vez mais banais, acomodadas e impessoais.

putador e subscrição de serviços são recentes inovações num campo altamente desenvolvido. Nenhum sistema de ilustração é mais importante, mais fundamental, que saber, com antecedência, qual será seu assunto ou seu texto. Ter isso à disposição algumas semanas antes da pregação da mensagem é como ter uma poderosa idéia ímã. Isso não significa que você deve ter o sermão completo à mão semanas antes de ser pregado. Para muitos de nós isso é simplesmente impossível, e mesmo que não o fosse, tal prática poderia privar a mensagem do seu fervor espontâneo. Ainda mais, por saber geralmente sobre o que versará o sermão, o pregador pode começar a recolher, classificar e avaliar as ilustrações bem antes de elas serem verdadeiramente necessárias.

Freqüentemente os pregadores mantêm um arquivo de tamanho ofício com uma pasta separada para cada sermão planejado para as semanas e os meses subseqüentes. Depois, à medida que uma ilustração vem à mente, ou você depara acidentalmente com um artigo que trata do assunto, simplesmente coloque o material na pasta apropriada a fim de que você disponha de uma reserva saudável de idéias ao seu alcance para a semana em que deve preparar com mais detalhes o sermão. Não só as ilustrações encontrarão, dessa maneira, o seu espaço no arquivo, mas esboços em potencial, descobertas exegéticas, conceitos aplicáveis e idéias para serem expostas, serão retirados do "arquivo de pré-sermão" magnético.[95] O pregador certamente não terá de usar todo o material coletado no arquivo. No entanto, mesmo que ele acabe por usar muito pouco do arquivo para uma mensagem específica, com o tempo um sistema assim certamente colocará muito mais – e melhor – recursos ilustrativos nas pontas dos dedos do pregador.

Recuperação de Sistemas

Quando acidentalmente você encontrar uma ilustração, anote-a de imediato. Tenha cuidado de anotar com detalhes suficientes a fim de que possa lembrar-se do que se trata. Inúmeros pregadores que optaram por "tomar nota detalhadamente mais tarde", o melhor que tiveram foi simplesmente resignarem-se a esquecer 90 por cento de suas ilustrações em potencial. Muitos e notáveis comunicadores disciplinaram-se a manter consigo uma caderneta de bolso com a finalidade de registrar no momento preciso ilustrações e outros pensamentos pertinentes às suas mensagens. Em anos recentes tenho imitado a prática desses peritos, conservando um pequeno bloco de apontamentos junto a minha carteira.

95. Veja no capítulo 3 a discussão sobre o arquivo de pré-sermões.

Dessa forma, tenho sempre um papel para rascunhar uma ilustração. Mais tarde, eu simplesmente colo as anotações numa ficha de 7,5 por 12,5cm e as coloco em ordem num arquivo de pré-sermão ou outro de ilustração.

Minha família também tem insistido muito para que eu seja o último a ler o jornal do dia, pois, quando o leio, seções ficam na mira de minha tesoura. Leio revistas com a tesoura na mão e livros com uma caneta vermelha ao meu alcance. O que não posso recortar, tiro cópias, ou anoto com suficientes informações em minha caderneta de anotações de modo a poder me lembrar e recuperar a ilustração quando dela necessitar. Daí, arquivo os recortes dos jornais, as fotocópias ou anotações com outras ilustrações. Meu arquivo de ilustrações não é nada atraente, mas eu não pretendo publicá-lo. Sou a única pessoa que lida com ele, e eu sei, caso torne meu trabalho desnecessariamente dificultoso, que poderei descontinuá-lo.

O que você faz com as boas ilustrações que não têm lugar no seu arquivo de sermões, ou com aquelas que você antecipadamente usou? Arquive-as.[96] Por mais incômodo que seja organizá-lo inicialmente, o arquivo de ilustrações mais tarde poupará um enorme montante de tempo e energia. Alguns pregadores podem preferir desenvolver seu próprio sistema temático para catalogar suas ilustrações, mas você pode poupar muito trabalho a si mesmo se adquirir um dos bons catálogos temáticos atualmente no mercado. No presente momento, prefiro arquivar minhas ilustrações num sistema de fichas de 7,5 por 12,5cm comercializado por um editor especializado. O arquivo prontamente recebe as anotações da pasta, e eu posso facilmente trocar os grupos de assuntos inserindo ou suprimindo as etiquetas das fichas. Se me vejo indeciso sobre quais assuntos temáticos uma ilustração melhor se ajusta, ou se acho que ela se adapta bem em diversos assuntos, eu simplesmente tiro cópias e arquivo a ilustração em cada um dos lugares apropriados.

Os sistemas de catalogar por meio de computador são também adaptáveis, e alguns têm programas de procura por tópicos e de referências cruzadas (freqüentemente estes podem ser atualizados mensalmente por meio de vários serviços de assinatura). Tipicamente, as ilustrações podem ser colocadas diretamente num manuscrito de sermão, usando o processador padrão de palavras. O

96. Tema e textos arquivados são ambos extremamente benéficos. Excelentes debates sobre procedimentos de arquivamento são encontrados em Haddon Robinson, *Biblical Preaching: The Development and Delivery of Expository Messages* (Grand Rapids: Baker, 1980), 154; e Leslie B. Flynn, *Come Alive With Illustrations: How to Find, Use, and File Good Stories for Sermons and Speeches* (Grand Rapids: Baker, 1987), 103-9.

único obstáculo para catalogar pelo computador é o tempo necessário para a absorção das ilustrações que não fazem parte do original ou dos pacotes de assinatura. Entretanto, é mais fácil arquivar cópias duplicadas da ilustração em múltiplos tópicos e categorias de texto usando o processamento pelo computador. Se eu não dependesse tanto das anotações da minha pasta, provavelmente preferiria um sistema de recuperação computadorizado. Avaliar-se os próprios hábitos, necessidades e orçamento, ajudará cada pastor a definir qual sistema melhor servirá às necessidades e estilo pessoais.

PERGUNTAS PARA REVISÃO E DISCUSSÃO

1. O que distingue a ilustração da alusão ou do exemplo?

2. O que os ouvintes automaticamente supõem que o pregador está ilustrando quando a ilustração começa a ser narrada?

3. Como são empregadas na ilustração as palavras-chave da explanação do ponto principal?

4. O que é uma "declaração associada (ou interpretação)", e como é usada na ilustração?

5. O que ajuda a determinar a proporção de ilustração num sermão?

6. O que ajuda a determinar a colocação de uma ilustração no ponto principal? Que são locais apropriados para a ilustração num ponto principal?

7. Quais são os cuidados importantes a ter em mente ao criar ilustrações?

EXERCÍCIOS

1. Crie uma ilustração para um dos pontos principais que você esboçou nos exercícios da conclusão do capítulo 6.

2. Crie uma ilustração para o seguinte ponto principal: Porque Jesus sempre intercede por sua igreja, devemos orar reiterada e fervorosamente.

3. Escolha um tema e crie uma ilustração que use ao menos três dos cinco sentidos.

CONTEÚDO DO CAPÍTULO 8

AS FUNÇÕES DA APLICAÇÃO
OS COMPONENTES DA APLICAÇÃO
- O QUÊ
- ONDE
- POR QUÊ
- COMO

A ESTRUTURA DA APLICAÇÃO
A DIFICULDADE DA APLICAÇÃO
- IDENTIFICANDO O PONTO DE RUPTURA
- SUPERANDO O PONTO DE RUPTURA

AS ATITUDES DA APLICAÇÃO

OBJETIVO DO CAPÍTULO 8

Demonstrar como aplicar as verdades dos sermões expositivos com relevância, realismo e autoridade

8

A PRÁTICA DA APLICAÇÃO

AS FUNÇÕES DA APLICAÇÃO

Aproximadamente uma terça parte dos americanos adultos afirma ter passado pela experiência do novo nascimento, e esse número permaneceu inalterado por vários anos. Contudo, pesquisas feitas encontram pouca diferença no comportamento desses cristãos nascidos de novo, antes e depois da experiência de conversão. Na verdade, essas pesquisas indicam que em cada uma das três categorias mais importantes – o uso ilegal de drogas, dirigir carros em estado de embriaguez e infidelidade conjugal – o comportamento na verdade se deteriora depois do compromisso com Cristo. A incidência do uso de drogas e do sexo ilícito praticamente dobra, e a incidência da embriaguez ao volante triplica após a conversão.[1]

As razões dessas preocupantes estatísticas variam enormemente, mas tornam evidente o fato de que a fé pode permanecer em abstrato idealismo para muitas pessoas. A observação de João Calvino ainda ressoa verdadeira: "Se deixarmos à decisão dos homens seguir o que lhes foi ensinado, jamais moverão um pé. Portanto, a doutrina por si mesma nenhum proveito oferece."[2] Os pregadores cometem engano fundamental ao presumirem que, proporcionando informação bíblica aos congregantes, as pessoas automaticamente estabelecem conexão entre a verdade bíblica e a vida cotidiana.[3]

A aplicação cumpre as obrigações da exposição. A aplicação é a conseqüência atual da verdade bíblica. Sem aplicação o pregador fica sem motivo para pregar, pois a verdade sem aplicação torna-se inútil. Isso quer dizer que, no fundo, a pregação não é meramente a proclamação da verdade, mas a verdade

1. Estes dados da pesquisa da Gallup Poll e da Roper Organization provêm da *National and International Religion Report* (outubro de 1990), 8.

2. Do sermão de Calvino sobre 2Tm 4.1,2, conforme tradução em *Sermons on the Epistles to Timothy and Titus* (Edimburgo: Banner of Truth Trust, 1983), 945-57.

3. David Veerman, *"Sermons: Apply Within"*, *Leadership* (primavera de 1990): 121.

aplicada.[4] Os teólogos de Westminster compreenderam isso ao formularem a resposta à pergunta do catecismo: Qual o principal ensino das Escrituras? A resposta: O que o homem deve crer a respeito de Deus *e* o dever que Deus requer do homem (ênfase acrescentada)[5], claramente especifica a dupla tarefa do pregador que precisa desvendar o sentido da passagem bíblica. A exposição da Escritura permanece incompleta até que o pregador explique o dever que Deus reclama do homem.

O dever que Deus requer numa passagem é o "e daí" da pregação expositiva que determina a aplicação. Aprecio o resumo de David Veerman:

> Simplesmente dito, a aplicação é a resposta a duas perguntas: *E daí?* e *E agora?* A primeira formula a pergunta: "Por que esta passagem é importante para mim? A segunda indaga: "O que devo fazer acerca disto agora?"
> A aplicação focaliza a verdade da Palavra de Deus sobre situações específicas, relacionadas à vida. Isso ajuda as pessoas a compreender o que devem fazer ou como usar o que aprenderam. A aplicação leva as pessoas a agirem.[6]

Por mais úteis que sejam essas distinções familiares, uma palavra de cautela precisa ser acrescentada antes de resumir as obrigações da aplicação. Excessiva ênfase sobre o dever, a ação e "O que você quer que eu faça?" podem deixar a impressão de que a aplicação sempre exige do pastor que prescreva algum tipo de comportamento no sermão.

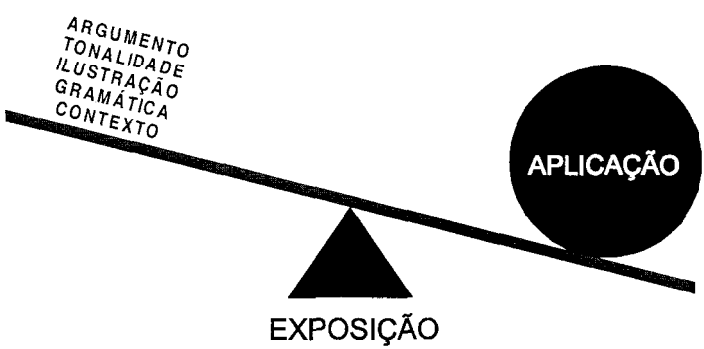
A aplicação pode constituir-se de atitude bem como de comportamento. Na verdade, a freqüente marca de imaturidade entre pregadores é uma ênfase exagerada (ou prematura) sobre o comportamento em seus sermões. Pregadores experientes não ignoram comportamentos, porém cuidadosamente edificam uma base de atitude para quaisquer ações que afirmam ser exigência de Deus. Isso é mais que uma tática retórica. Sua origem é o discernimento bíblico que do coração procedem as fontes da vida (Pv 4.23). Sermões que simplesmente ordenam: Não bebam, não fumem, não masquem fumo, nem se associem com as coisas que o povo pratica, induzirão a pouca maturidade espiritual mesmo que os congregantes cumpram tudo o que lhes foi dito. Inúmeras aplicações estimulam a ação (por ex., compartilhar o evangelho com um vizinho, desaconselhar uma prática pecaminosa, aplicar-se a uma causa digna), e exatamente como muitos, deveriam identifi-

4. Jay E. Adams, *Truth Applied: Application in Preaching* (Grand Rapids: Zondervan, 1990), 39.
5. *Catecismo Menor de Westminster*, pergunta 3.
6. Veerman, "Sermons", 122.

car uma atitude que precisa de mudança (preconceito, orgulho ou egoísmo) ou fortalecer o comprometimento da fé (por ex., compreender intensamente a liberdade do perdão, receber conforto das verdades da ressurreição, ou esperança renovada sobre o fundamento da soberania de Deus). Tanto a mudança do coração quanto da vida são objetivos legítimos da aplicação.

A aplicação justifica a exposição. Se não existe aparente razão para que os ouvintes absorvam os critérios exegéticos, fatos históricos e detalhes biográficos, então o pregador não pode esperar reter a atenção deles por mais tempo. Médico algum terá muito sucesso se disser aos pacientes: "Tomem estas pílulas", sem explicar o porquê. A aplicação elucida a razão pela qual os ouvintes devem tomar as pílulas da exposição do sermão. Por meio da aplicação, o pregador implicitamente incentiva o congregante a ouvir a explanação da mensagem, pois elas estabelecem a justeza e a necessidade de respostas pessoais. Assim, "aplicação é a principal coisa a ser feita".[7] O pregador informado emprega cada aspecto do sermão como uma alavanca para mover a aplicação da mensagem baseada em saudável exposição (ver fig. 8.1).

FIGURA 8.1
O Sermão como Alavanca da Aplicação

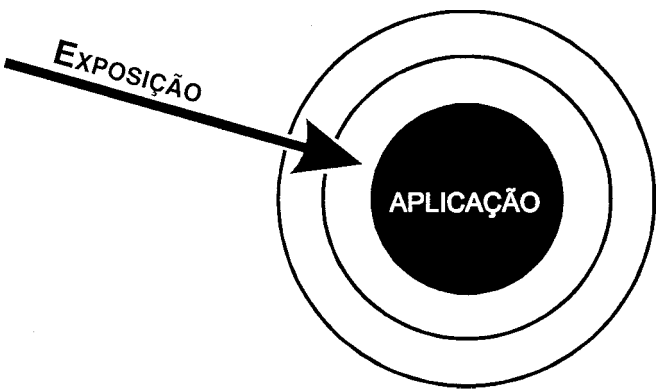


A aplicação também focaliza a exposição. Exegese e explanação são insondáveis jazidas de possibilidades de comentário, caso o pregador não tenha claro objetivo em mente. Poderiam ser escritos livros com informações absolutamente legítimas sobre quase toda passagem bíblica.[8] Mas os pregadores dis-

7. John A. Broadus, *On the Preparation and Delivery of Sermons*, org. por J. B. Weatherspoon (Nova York: Harper and Row, 1944), 210. Ver também comentários anteriores no capítulo 4 deste livro.
8. Ver capítulo 2.

põem somente de escassos minutos a cada semana para expor o significado da passagem. De que modo havemos de decidir o que dizer? A aplicação responde compelindo-nos a definir qual informação sustenta mais fortemente respostas pessoais ao declarar o que a passagem exige dos ouvintes à luz da mensagem do Foco da Condição Decaída (FCD). As aplicações apontam para o FCD dizendo: Isso é o que você tem que fazer acerca desse problema, necessidade ou negligência, sobre o fundamento do que essa passagem significa. Selecionamos argumentos e fatos explicativos das infinitas possibilidades sobre a base de quão prontamente eles apoiarão essas aplicações. A aplicação dá à exposição um alvo sobre o qual se concentrar (ver fig. 8.2).

FIGURA 8.2
Aplicação como Alvo da Exposição



Se as aplicações perderem de vista o FCD, a mensagem poderá degenerar-se num amontoado de legalismos adicionados fortuitamente às observações selecionadas. Sem elaborar a exposição que dê suporte às aplicações direcionadas ao FCD, os pregadores acham melhor comentar sobre o que é mais proeminente em seu próprio pensamento. Em outras palavras, pelo fato de não identificarem o FCD de que trata o texto, os pregadores falam mais do que está em sua mente do que o que se encontra no texto, no preciso momento em que eles mesmos crêem estar fazendo o oposto.

Exposição certeira impõe-nos completar a pesquisa do nosso sermão mediante a identificação das aplicações apropriadas que enfocarão a exposição de acordo com as prioridades do texto. Portanto, mesmo que os pregadores optem pela aplicação no estágio final da pesquisa do sermão (não diga o que o texto requer

antes de determinar o que ele significa), deveriam ter a aplicação em mente antes de iniciar a elaboração do sermão. Não comece a escrever por extenso a mensagem antes de determinar o que o sermão intenta cumprir. A aplicação deve preceder as decisões finais acerca da estrutura, da expressão verbal, e até mesmo o tom da mensagem ou, caso contrário, o pregador estará delineando uma rodovia sem saber seu destino.

Para meus alunos de prática da pregação eu projetei o que chamo de "preceito à esquerda". O preceito assume eficácia no momento em que, escrita a explanação e a ilustração de um ponto principal, o pregador interiormente pergunta: "Hum. Como eu devo aplicar isso?" A própria pergunta indica que o pregador se encontra à margem esquerda (isto é, esqueceu-se dos compromissos mais importantes). Se o pregador não sabia a qual aplicação a exposição estava aludindo, como foi escolhida a diretriz? O que determinou o teor das idéias, a escolha dos fatos e a disposição das ilustrações, se o pregador não tinha idéia de qual resposta o texto exigia? Sem aplicação o pregador ficou simplesmente girando às cegas, esperando que a bola da aplicação atinja o taco da exposição. As tacadas que permitem ao jogador atingir todas as bases sem interrupção, são mais freqüentemente bem-sucedidas quando o batedor observa a bola antes de flexionar o corpo.

Embora os detalhes precisos da aplicação somente tomem forma à medida que o restante do próprio sermão se forme, as decisões acerca do ímpeto geral da aplicação de cada etapa da mensagem deveriam preceder o desenvolvimento dessa parte da mensagem. Professores de homilética variam quanto à maneira de expressar isso, referindo-se diferentemente ao "objetivo", à "grande idéia", ao "propósito direcionado" ou à "transformação" a que convergem todos os aspectos da mensagem. A riqueza de expressão ressalta a importância de um princípio consistente: não dispare o tiro da informação sem que se tenha um alvo. Decida qual a resposta que pretende oferecer antes de organizar habilmente as palavras.[9]

Se este conselho parece desvalorizar a importância da explicação na pregação expositiva, reconheça que o principal objetivo da aplicação não é simplesmente oferecer às pessoas algo para fazer. *A aplicação dá o sentido último da exposição*. Mesmo que a explicação de um sermão tenha de definir cada palavra grega e hebraica para oração, tenha que citar em detalhes Calvino, Lutero e

9. Adams, *Truth Applied*, 41. O pregador deve ao menos ter uma especificidade instrutiva geral em mente antes de elaborar a mensagem.

E. M. Bounds sobre o significado da oração, ou tenha que representar a prática da oração de Davi, Jeremias, Daniel, Paulo e Jesus, poderiam os ouvintes verdadeiramente compreender o que é oração? Não. A menos que nos envolvamos na oração não compreendemos de fato o que ela é. Até que exercitemos na prática uma compreensão verdadeira com respeito à oração, ela permanece incompleta. Isso quer dizer que até que o pregador proporcione a aplicação, a exposição permanece incompleta.[10]

Pregador nenhum realmente interpreta o que o texto significa no nível humano mediante simples identificação de suas raízes históricas e gramaticais. "Deus fez com que a Palavra falada naqueles tempos fosse escrita tendo em vista a nossa pessoa e nossa salvação... Um respeito à verdadeira natureza da Bíblia abre o caminho para que se aplique a explicação na pregação."[11] (cf. Rm 4.23-25; 1Co 10.6-13). Os pregadores precisam traduzir o que o texto quer dizer. Isso é mais que uma tarefa exegética. Precisamos tornar concreto o sentido do texto às pessoas de hoje nas situações de hoje. Se não situamos a proclamação da verdade do evangelho no mundo atual, ela não terá significação duradoura. Greidanus escreve: "Para colocar sucintamente a questão: desde que a mensagem foi endereçada primeiro à igreja primitiva, ela requer explicação; desde que a mensagem necessita hoje ser endereçada à igreja contemporânea, ela exige aplicação."[12] As distinções da homilética tradicional ainda têm mérito. Os pregadores precisam proporcionar explicações do texto que demonstram a validade das aplicações, e nossos ouvintes devem ignorar aplicações que não apresentem clara base bíblica. Simplesmente não devemos permitir que aplicação se torne uma tarefa suplementar. Aplicação é a exposição que confirma o significado atual.[13] O que fazemos, bem como o que sabemos, possibilitam nossa compreensão da vontade de Deus para nossa vida (ver Rm 12.1-2)[14].

---

10. Sidney Greidanus, *Sola Scriptura: Problems and Principles in Preaching Historical Texts* (Toronto: Wedge, 1970); John F. Bettler, "Application", *in The Preacher and Preaching*, org. por Samuel T. Logan (Phillisburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1986), 332.

11. C. Trimp, "The Relevance of Preaching", *Westminster Theological Journal*, 36 (1973): 27.

12. Sidney Greidanus, *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 183.

13. D. Martyn Lloyd-Jones, *Darkness and Light: An Exposition of Ephesians 4.17-5.17* (Grand Rapids: Baker, 1982), 200-201. Ver também discussões introdutórias da relação de exposição, e aplicação nos capítulos 2 e 4 deste livro.

14. John Frame, *Doctrine of the Knowledge of God* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1987), 93-98.

OS COMPONENTES DA APLICAÇÃO

Mensagens expositivas exigem que os pregadores se assegurem de que as aplicações que fazem oferecem respostas a quatro perguntas-chave: O que Deus agora requer de mim? Onde ele requer isso de mim? Por que devo atender ao que ele requer de mim? e, Como posso fazer o que Deus requer?

O Quê

Os pregadores respondem à pergunta: O que Deus agora requer de mim? ao oferecer instruções que reflitam os princípios bíblicos encontrados no texto. Esta *especificidade instrucional* traduz o texto da história antiga para o ensino atual. Para que a orientação reflita corretamente o intento bíblico, o pregador precisa discernir os princípios bíblicos refletidos no texto que foram direcionados às pessoas daquela época, e aplicar os mesmos princípios às pessoas do tempo presente com ensinos direcionados às suas ações, atitudes e/ou crenças.[15]

A necessidade de firmar ensinos sobre princípios encontrados no texto também justifica a prudência de expressar os pontos principais como verdades universais que a explicação do sermão irá sustentar. Desde que o pregador precisa reconhecer a descontinuidade entre o povo antigo e a congregação atual, o mero conteúdo do texto não dará apoio à aplicação. A aplicação precisa ser elaborada sobre princípios que os detalhes do texto apóiem.[16] A dimensão da aplicação – o que eu deveria fazer agora? – não produzirá efeito se o pregador não esclarecer o texto em termos do desenvolvimento do princípio.

Opinião, arbitrariedade ou ignorância manifestam-se para ditar aplicações que são simplesmente transferidas para a conclusão de um sermão que repete os detalhes do texto. O fato de que Paulo dirigiu-se a Jerusalém para entregar donativos não justifica uma exortação para entregar o dízimo, mais do que o fato de Jesus usar sandálias nos obrigue a usar calçados.[17] Os pregadores precisam demonstrar que os fatos do texto sustentam os ensinos da aplicação porque os ensinos naturalmente resultam dos princípios bíblicos que a explicação estabelece.[18] O objetivo da explicação do texto deve ser o estabelecimento da validade dos princípios sobre os quais a aplicação precisa apoiar-se.

15. Greidanus, *Modern Preacher*, 167; Veerman, "Sermons", 122-23.
16. Greidanus, *Modern Preacher*, 172-174.
17. Douglas Stuart, *Old Testament Exegesis* (Filadélfia: Westminster, 1980), 73.
18. Krister Stendahl, "Preaching from the Pauline Epistles", *in Biblical Preaching: An Expositor's Treasury*, org. por James W. Cox (Filadélfia: Westminster, 1983), 307-8.

Um meio simples e eficaz de assegurar a coesão dos princípios explicativos e aplicativos dos sermões é o de empregar conceitos-chave e terminologia da explicação de um ponto principal para moldar a aplicação (ver fig. 8.3). Enuncie as instruções da aplicação com os termos-chave dos pontos secundários (ou do próprio ponto principal). Por exemplo, use pontos secundários para indicar que a oração ardente é consistente e fervorosa para moldar e exprimir o ensino de que devemos orar consistente e fervorosamente. Por exprimir o ensino da aplicação com os termos-chave da explicação, os ouvintes não somente compreendem porque estavam ouvindo toda aquela explicação, mas também ligam imediatamente o ensino do pregador com a autoridade da Escritura.[19] Os ouvintes concluem: precisamos fazer isto porque é o que vimos a Bíblia dizer.

ONDE

Especificidade instrutiva emprega princípios bíblicos para estabelecer o que as pessoas da atualidade devem fazer, porém, se os pregadores jamais especificam onde estes princípios se aplicam na vida real, os ensinos permanecem abstrações irrelevantes. A simples exortação de que devemos amar nosso próximo mais intensamente acrescenta novo desafio ou critério para a caminhada de fé de qualquer pessoa, mesmo que o ensino reflita corretamente um princípio bíblico. Quem não conhecia esse princípio antes de assentar-se no banco da igreja? O ensino move-se de um princípio genérico para uma aguda aplicação no instante em que o pregador identifica as situações contemporâneas que os ouvintes enfrentam, nas quais deveriam aplicar o princípio bíblico (amar o próximo que defende partido político diferente, que cria filhos detestáveis, que escarnece de sua fé ou entra à força no seu carro e parte sem deixar um bilhete).[20]

A competência, a relevância e o realismo desta *especificidade situacional* é freqüentemente uma marca distintiva da pregação amadurecida.[21] As aplicações de pregadores principiantes muitas vezes parecem cair numa das duas categorias: simples generalização (vá e faça da mesma maneira) ou multiplicação instrutiva (por ex., compre este livro, ore usando essas frases, associe-se com estas pessoas, dedique-se a esta causa, realize esta tarefa, considere esta

19. Observe como este procedimento novamente salienta a necessidade de ter a aplicação em mente antes de fixar a forma da expressão e da explicação.

20. Stuart, *Old Testament Exegesis*, 47.

21. David L. Larsen, *The Anatomy of Preaching: Identifying the Issues in Preaching Today* (Grand Rapids: Baker, 1989), 96; Herbert H. Farmer, *The Servant of the Word* (Filadélfia: Fortress, 1942), 84-97.

sugestão, pense deste modo, aja deste modo, creia desse modo). O primeiro erro consiste na falta de reflexão, o segundo é a reflexão indireta. Este último ocorre quando os pregadores pensam estar exibindo profundidade de pensamento por multiplicarem enormemente os ensinos contidos na passagem. Semelhante a um tiro de espingarda, impensado e instantâneo, essa abordagem faz o pregador ter impressão de atingir o ponto por qualquer idéia possível, em vez de pesquisar as profundezas do significado do texto.[22] Pregadores experientes identificam um princípio bíblico que o texto defende e, a seguir, perguntam-se: "Quem dentre meus ouvintes necessita ouvir isto?" Tal abordagem habilita-os a discernir as aplicações que mergulham fundo na experiência individual em lugar de passar levemente sobre a superfície das possibilidades da vida. *Direcionar todas as aplicações rumo às diferentes facetas de um FCD preciso e penetrante, manterá sob foco a aplicação do sermão como um todo.*

Ao identificar a quem o princípio bíblico se aplica, o pregador naturalmente tem em mente as situações que os congregantes enfrentam e a orientação que este texto oferece.[23] Para ser claro, isso muitas vezes significa que os pastores mais experimentados na vida têm a maior probabilidade de desenvolver aplicações eficazes. Mais ainda, mesmo pregadores iniciantes podem aprimorar a arte da aplicação por cobiçarem o elogio: "Pastor, o Senhor pôs no seu coração exatamente o que eu tinha a necessidade de ouvir. Parece até que o senhor leu o meu íntimo."

É claro que o oferecimento de ensinos da aplicação no contexto de situações particulares não quer dizer que os pregadores devem criticar do púlpito pessoas específicas.[24] O objetivo de uma aplicação saudável é especificidade situacional, não identificação pessoal. Pense diretamente nos tipos de pessoas – jovens pais, clérigos molestadores, adolescentes abandonados, crentes inexperientes, santos esgotados – cujas situações necessitam de orientação da Escritura, conforto e desafio. Não é possível falar a todos os grupos cada semana, mas desde que não nos defrontemos com tentação além da que é comum a todos, falando a particulares teremos algo de relevante para cada um deles (1Co 10.13). Na medida em que você mantém esses particulares em contato

22. Adams, *Truth Applied*, 41.

23. Jerry Vines, *A Practical Guide to Sermon Preparation* (Chicago: Moody, 1985), 98; Edmund A. Steimle, Morris J. Niedenthal e Charles Rice, organizadores, *Preaching the Story* (Filadélfia: Fortress, 1980), 108.

24. Veerman, "Sermons", 124.

com os interesses mais comuns na sua congregação, suas aplicações falarão ainda mais a todos.[25]

Prudência e bom senso precisam ser exercitados para conservar distante do púlpito o ato de criticar inadequadamente ou expor as pessoas. Ainda mais, as melhores aplicações são verdadeiras o suficiente para avançar além dos ensinos abstratos que são tão facilmente evitados quanto reconhecidos.[26] Esta aplicação ética deriva-se da antiga norma de pregação de que "a cura para a estupidez no púlpito não é o brilho, mas a verdade"; e o seu derivado, "generalização no púlpito é a certeza de pecado no banco".

Aplicações que são ajustadas aos objetivos da pregação expositiva explicam como os crentes de hoje teriam que viver em situações específicas, a fim de permanecerem fiéis à Escritura. Não é uma tarefa fácil. Na verdade, o esforço de desenvolvimento equilibrado e relevante, e a especificidade situacional oportuna, enfatiza por que a aplicação é a tarefa mais difícil da pregação expositiva. O texto contém a informação para a especificidade instrutiva, porém a experiência, a coragem, o cuidado e a espiritualidade do pregador proporcionam o material para a especificidade situacional (i.e., especificidade instrutiva é proporcionada *para* você; especificidade situacional é proporcionada *por* você).

POR QUÊ

Aplicações necessitam proporcionar motivação, bem como ensino relevante. Precisamos considerar apenas o exemplo dos fariseus para recordar que é mais que possível praticar todas as coisas certas pelas razões erradas, e não sermos mais santos que aqueles cujo comportamento está longe de ser moral. Um amigo meu gosta muito de dizer: "Há um ardente desejo do céu e um temor do inferno que procedem diretamente de Satanás, pois nada mais é senão o egoísmo santificado." Devemos nos assegurar de que nossos ouvintes sabem por que motivo se mostram atenciosos às nossas aplicações.

Devido ao fato de que considerável porção da parte 3 deste livro visa tratar da motivação própria na pregação, não vou insistir neste ponto aqui, exceto para realçar este preceito básico: assegure-se de motivar os crentes pela graça, não pela culpa. Se Deus libertou seu povo da culpa e do poder do pecado, então

25. Veja, do autor, "Old Friends in New Clothes", *A Handbook of Contemporary Preaching* (Nashville: Broadman, 1992).

26. Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 97.

os pregadores não têm o direito de buscar santidade colocando sobre os ombros dos crentes o fardo que Jesus suportou.[27] Para muitos pregadores este é um imperativo particularmente difícil, pois têm sido tão motivados pela culpa em suas próprias experiências que não têm nenhum conceito verdadeiro do que mais poderia motivar as pessoas a servirem a Deus. Na verdade, eles temem que sem culpa não terão uma alavanca verdadeira para provocar a obediência.

A alternativa para a culpa é o seu antídoto: a graça. Os crentes sentem a necessidade de oferecer a Deus o serviço de gratidão e ações de graça pela redenção que ele proporcionou. Toda a Escritura trabalha no sentido de pôr esta graça diante de nós (Lc 24.27; 1Co 2.2), e a pregação expositiva modelar desvenda a graça contida em cada passagem.[28] Essa exposição da graça é necessária não simplesmente porque a misericórdia de Deus seja o fundamento da nossa fé, mas porque é a única fonte legítima do nosso serviço (Rm 12.1). Se servimos a Deus porque cremos que ele nos amará menos se não fizermos isso, nos castigará mais se servirmos menos, ou nos abençoará se o servirmos mais, então, não estamos adorando a Deus com nossas ações, estamos somente procurando nossos interesses próprios. Nesse caso, o objetivo de nossa vida é promoção pessoal ou proteção pessoal em vez da glória de Deus, e mesmo nossas convenientes atividades morais se constituem numa transgressão do primeiro mandamento.[29] A graça não altera as normas que a Escritura verdadeiramente requer, antes faz da adesão a elas verdadeira obediência.

A culpa conduz o não-arrependido à cruz, mas a graça precisa conduzir os que crêem a partir da cruz, ou não podemos servir a Deus. A pregação cristocêntrica mantém a obra redentora de Cristo como ponto central de todo sermão como o é para o alvo da Escritura sobre a premissa de que não existe motivação mais poderosa para a santidade do que o amor de Deus manifestado na obra redentora de Cristo.[30] Quando o amor motiva, então o Senhor, seus propósitos e sua glória, tornam-se nosso objetivo. Sem isso, aplicação alguma desafia o crente a servir a qualquer objeto maior que sua própria pessoa. Se o componente da explicação de um ponto principal ou o material imediatamente associado à aplicação supre ou não a motivação da graça, depende das escolhas exposicionais do pregador. Todavia, a aplicação de um sermão expositivo não se completa até que

27. Cf. capítulo 1 de *In the Grip of Grace*, do autor (Grand Rapids: Baker, 1992).
28. Kenneth J. Howell, "How to Preach Christ form the Old Testament", *Presbyterian Journal*, 16 de janeiro de 1985, 9.
29. Jay Adams, *Preaching with Purpose* (Grand Rapids: Baker, 1982), 152.
30. Ibid. . 147; Greidanus, *Sola Scriptura*, 41, 135.

o pregador revele a graça no texto que corretamente estimule a resposta obediente dos crentes.[31]

Como

Com a motivação, o pregador expositivo precisa proporcionar os meios, ou a capacitação. Para acalmar os eleitores, os políticos eleitos são conhecidos por aprovarem leis que requerem amplas mudanças e, ao mesmo tempo, carecem de cláusulas de aplicação. Como resultado, planos que parecem grandiosos jamais são implementados. Os pregadores precisam ser cuidadosos para não caírem na mesma prática, dizendo às pessoas o que elas precisam fazer e, ao mesmo tempo, negligenciarem em dizer-lhes como.

Como pode alguém que odeia agora amar? Como pode um viciado abandonar as drogas? Como pode o negligente desenvolver-se? Como pode alguém sem um passado de disciplina praticar a devoção? Como pode uma vida toda dedicada à busca de si mesmo transformar-se numa paixão pelo cuidado abnegado? Simplesmente dizer isso não o torna concretamente assim. Aplicação completa exige que o pregador torne claros os passos práticos e os recursos espirituais que tornam os objetivos do sermão passíveis de ser alcançados. Um exemplo óbvio e freqüente da falha em proporcionar aos ouvintes ensino necessário para ação ocorre quando os pregadores terminam os sermões com um apelo à salvação, muito embora o sermão não tenha indicado o que um incrédulo deve fazer para arrepender-se do pecado e entregar-se ao Salvador. Tal pregação supõe que os ouvintes saberão o que fazer, apesar do fato de que muitos dos que precisam responder sejam com toda probabilidade aqueles que menos entendam o que Deus requer.

Temos de ser igualmente cuidadosos para não cairmos inadvertidamente num evangelho de auto-ajuda quanto à aplicação. Quando os pregadores recomendam às suas congregações que amem ao seu próximo como a si mesmas, mas não apontam para o Espírito que unicamente pode tornar possível esse amor, as pessoas podem supor que esse amor é algo que podem estimular em si mesmas. Muitíssimas aplicações são simplesmente exortações centralizadas no homem para fazer o melhor no poder da carne. Os pregadores podem supor que as pessoas tentarão fazer da forma como a Bíblia ensina, sem que busquem o poder persuasivo de Deus, mas isso é ingênua esperança. Se os pregadores podem ser

31. Lembre-se de que o contexto é parte do texto. Para discussão adicional sobre encontrar e revelar a graça inerente a cada texto ver os capítulos 10 e 11.

negligentes em mencionar a divina dependência, por que se surpreendem caso as pessoas se esqueçam de buscar a capacitação divina?[32]

O poder para realizar o que Deus manda está em Deus. A pregação idônea não fala às pessoas sobre suas responsabilidades sem também informá-las como ligar-se a esse poder. Jay Kesler, presidente da Universidade Taylor, afirma que um sermão sem ensino habilitador é como gritar para uma pessoa que está se afogando: "Nade! Nade!" O aviso é correto, mas inútil. Simplesmente diz a alguém o que fazer na situação em que ele não dispõe de meios para fazê-lo.[33]

Informação com respeito à capacitação pode ocorrer dentro da explicação que sustenta a aplicação, ou na própria aplicação. Contudo, sempre, num sermão expositivo, os passos que o pregador indica que irão auxiliar os ouvintes a aplicar as verdades do sermão precisam ter alguma base textual. Faça exegese da Escritura com um olhar vigilante não somente para o (s) ato(s) de devoção e a(s) via(s) de disciplina ela advoga, mas também para os meios de dependência que ela sugere ou apóia que capacitam a aplicação.[34] Lembre-se de que é inútil aos princípios de aplicação o fato de haver precedente bíblico, se o pregador sugere meios puramente humanos para cumprir os mandamentos bíblicos. Este fato mais uma vez enfatiza a importância de determinar a aplicação antes de concluir as declarações e a estrutura da aplicação. Discussão mais ampla dos meios de aplicação terá seqüência nos capítulos sobre a teologia da pregação cristocêntrica.

A necessidade de responder às perguntas o quê, onde, por quê e como, explica o motivo pela qual os pregadores devem dedicar significativa porção das men-

32. Para mim, nenhuma evidência confirma isso melhor do que a escassez de discussão em muitos textos homiléticos sobre a capacitação voltada para a aplicação, que pesquisei por este texto. Mesmo os mestres fornecem raras idéias a *como* as pessoas podem fazer o que Deus requer. É bem mais fácil dizer o que fazer do que capacitar para fazer.

33. Veerman, *Sermons*, 121.

34. Estes três Ds (devoção, disciplina e dependência) resumem os aspectos da aplicação bíblica tradicionalmente associada à capacitação cristã. Todas são valiosas, porém a última é indispensável para a pregação cristocêntrica, uma vez que sem a dependência, os outros dois Ds podem verdadeiramente induzir a um comportamento não-bíblico, disfarçado como meio de solicitar o auxílio de Deus. A oração, por exemplo, corretamente expressa, é uma confissão de nossa fraqueza que busca a intervenção do Deus soberano (i.e., devoção e disciplina com dependência); contudo, a oração pode ser empregada como tentativa humana para mover Deus (i.e., devoção e disciplina sem dependência). No último caso o "como" da aplicação, enfim, reside no grau, freqüência ou fervor de um esforço humano. Meios de capacitação que refletem prioridades bíblicas não são procedimentos isolados, antes, são atos de devoção e disciplina fundamentados em conceitos de fé que direcionam, estimulam e permitem que o coração humano descanse, confie e se regozije na operação de Deus somente.

sagens expositivas à aplicação. Uma sentença ao final de vinte minutos de avaliação será inútil. Aplicação que ignore qualquer uma dessas quatro perguntas críticas não é apenas incompleta, é antibíblica, pois em alguma extensão ela deixa de equipar o povo de Deus para servi-lo.

A ESTRUTURA DA APLICAÇÃO

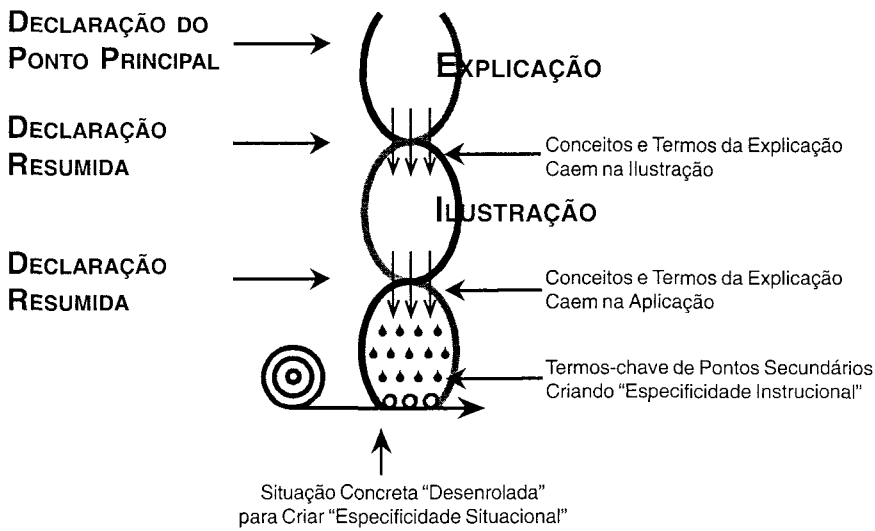
Compreender os componentes da aplicação prepara-nos para considerar como eles se ajustam na estrutura de uma mensagem expositiva padrão. A qualificação oferecida nos capítulos precedentes precisa ser reiterada aqui. Há muitos meios satisfatórios de organizar mensagens expositivas. A estrutura detalhada nesta seção exibe certos princípios instrutivos sem pretender sugerir que não existem outras formas expositivas adequadas. Ao mesmo tempo, esta estrutura é suficientemente comum para ser usada como um modelo, sem tornar normativos seus particulares.

Se um ponto principal se desenvolve conforme o formato expositivo padrão descrito anteriormente, a exposição começa com uma declaração do ponto principal indicando o FCD. A explicação – geralmente em pontos secundários – então apóia, esclarece ou comprova o ponto principal. Se uma ilustração acompanha os pontos secundários, então, estes, primeiro, precisam ser resumidos, uma vez que o ouvido espera que a ilustração reflita a última coisa dita. Este resumo se presta, assim, de fato, como introdução à ilustração. Pelo fato de esse resumo encapsular a explicação do ponto principal, provavelmente soará muito parecido com a declaração do ponto principal sustentado por todos os pontos secundários. A ilustração dessa declaração revela-se numa narrativa que reflete os termos-chave da explicação. Estes termos-chave caem na ilustração para manter seus conceitos e terminologia consistentes com a explicação. A ilustração, dessa forma, conclui com uma afirmativa associada (ou interpretação) que atinge a narrativa e recolhe idéias-chave em outra declaração resumida. Desde que essa declaração resuma uma história que ela mesma revela de uma declaração resumida da explicação, é provável que a declaração resumida da ilustração também irá refletir o ponto principal.[35] Porém, mais que simples-

35. Para discussão mais ampla deste processo da forma como se relaciona com a ilustração, ver o capítulo 7. Neste ponto deveria ser também evidente que os dois fios principais desta hélice exposicional dupla são constituídos dos *conceitos* e *termos* que, no final das contas, desenvolvem e unificam todos os componentes do ponto principal.

mente concluir a ilustração, essa afirmativa associada é também uma introdução à aplicação (ver este processo exposto na fig. 8.3).

Figura 8.3
Desenvolvimento da Aplicação do Ponto Principal



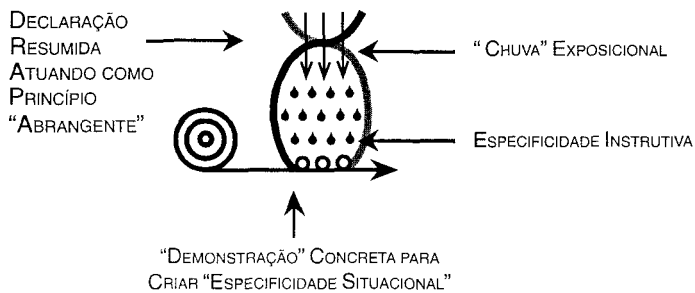
A declaração resumida da ilustração atua como uma introdução para a aplicação e serve como, ou estabelece, uma declaração geral de princípios que inicia a aplicação.[36] Quase todos os pregadores empregam essas declarações abrangentes de princípios bíblicos para iniciarem sua aplicação. Concluímos nossas explicações com uma declaração genérica, tal como: "Você, também, deve examinar seu coração para descobrir se ama o seu próximo como tem o dever de fazer", ou "Ore com o fervor que indique sua sinceridade quanto à salvação do perdido".

36. Notar que esta estrutura assume que cada ponto principal contém aplicação conforme os modelos do método expositivo tradicional. Reconheço, no entanto, que os pregadores podem optar pela feitura de uma aplicação concentrada na conclusão da mensagem, como é próprio de um sermão "puritano". Devemos simplesmente questionar ou não se uma abordagem que requeira a atenção dos ouvintes por vinte minutos (ou mais) antes que o pregador torne a mensagem relevante, comunicará satisfatoriamente em nossa época. Numa abordagem modificada, o pregador apresenta conclusões gerais ao longo da mensagem que são feitas mais particulares na conclusão, ou apresenta aplicações particulares ao longo da mensagem que a conclusão junta em um impulso mais genérico e poderoso. Cada abordagem tem valor. Entretanto, princípios claros de comunicação exigem que pregadores evitem oferecer aplicações absolutamente novas em conclusões de sermão (ver discussão mais adiante no capítulo 9).

Numerosíssimos pregadores da mesma forma concluem suas aplicações neste ponto. Uma vez demonstrado o princípio bíblico, esses pregadores crêem que cumpriram suas obrigações expositivas e que as pessoas automaticamente transferirão os princípios para a própria vida. Pelas razões já mencionadas, essa também é com freqüência uma esperança vã.

A declaração abrangente do princípio é simplesmente o início da aplicação correta. Uma ampliação do gráfico na figura 8.3 auxiliará a explicação do que deve caracterizar uma aplicação bem-desenvolvida (ver fig. 8.4):

FIGURA 8.4
Aplicação Ampliada



O princípio da declaração abrangente necessita de autêntico delineamento. Dessa forma, oferece ensinos específicos que refletem aquilo que as pessoas podem (ou devem) fazer, crer ou afirmar de modo a aplicar o princípio geral à própria vida. Enuncie esses ensinos com os termos-chave da explicação que caíram na ilustração e que agora fluem através da aplicação. Este derramamento exposicional mantém o ensino em contato com a explicação primitiva, convocando a mente e o ouvido do ouvinte para a autoridade bíblica que lhes serve de apoio. Ao proporcionar esta especificidade instrutiva o pregador cumpre a obrigação de responder à pergunta "O quê". As perguntas "Por quê" e "Como" são freqüentemente respondidas também neste estágio, se já não foram discutidas na explicação.

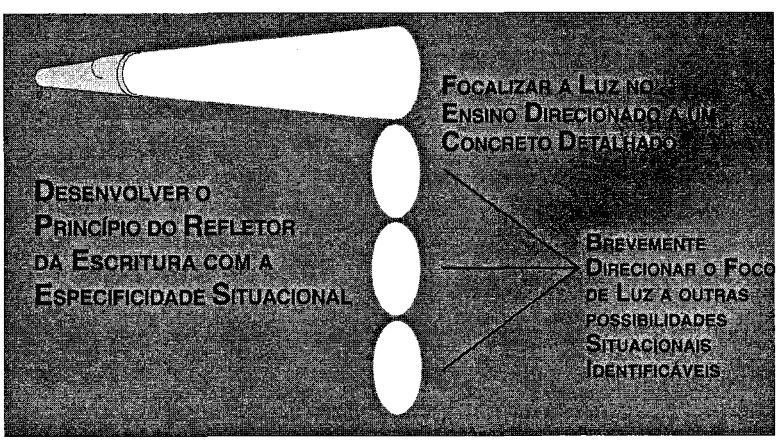
Para responder à pergunta "Onde" do pregador, torna-se necessário agora identificar as situações concretas às quais o princípio geral e o(s) ensino(s) específico(s) se aplicam. Primeiro, faça o ensino descer a uma situação concreta (ver fig. 8.4). Tipicamente a descrição desse concreto (ou seja, a situação concreta) envolve alguns detalhes de circunstâncias e aplicação específica de como os ensinos funcionariam (ou o que poderiam requerer) em tal situação. Em suma, o

pregador faz o ensino bíblico cair na vida dos ouvintes. Contudo, nem um único concreto é apropriado para identificar a situação que todos os ouvintes enfrentam. Se o pregador simplesmente interrompe aqui, o sermão pode ter chegado a um destino que muitos julgam irrelevante. Como resultado, o pregador precisa expor o concreto a outras possibilidades situacionais.

Raramente o pregador disporá de tempo para debater essas possibilidades adicionais nos mesmos detalhes do concreto inicial. O objetivo é expor os ouvintes a uma situação em que os princípios bíblicos se aplicam, e, depois, permitir que eles considerem como os mesmos princípios funcionam em situações semelhante com as quais eles podem também identificar-se. Por exemplo, o pregador poderia descrever as obrigações de amar um vizinho de porta que tenha causado dano a alguém em concreto, e depois lembrar aos ouvintes que esses ensinos se aplicam de igual modo ao próximo no trabalho, na escola e mesmo na igreja. O concreto inicial permite ao pregador fazer com que brilhe a luz da Escritura em algum canto escuro da vida. Os detalhes neste canto permitem ao pregador concentrar os raios de luz realisticamente antes de direcioná-los, bem como a atenção dos ouvintes, para outras áreas da vida deles. (ver fig. 8.5).

Figura 8.5

Focalizando a Aplicação com Especificidade Situacional



Quanto maior a relevância e o realismo do concreto inicial para a maioria dos ouvintes, mais provavelmente será a aplicação administrada à congregação toda. Muitas vezes, os detalhes próprios da situação que o pastor expõe após o concre-

to, são mencionados simplesmente para incluir os ouvintes que não se mostrarem habilitados a identificar-se com o concreto original. Não obstante, se em apresentando o concreto os pregadores identificarem um dilema, uma emoção, ou uma pressão comum à condição humana, não deveriam ficar excessivamente preocupados com o fato de que nem todos enfrentaram precisamente a mesma situação. Na solidão que todos sentimos, podemos nos identificar com a viúva de idade avançada que não recebe a visita da família – mesmo que nem todos tenham enfrentado exatamente o mesmo conjunto de circunstâncias. Ainda que um negócio não tenha desmoronado sob nossos pés, todos experimentamos alguma medida de fracasso suficiente para nos identificar com alguém cujos esforços supremos foram reduzidos a nada (cf. 1Co 10.13). Ao proporcionar especificidade situacional, os pregadores mais provavelmente vão incluir e envolver todos os ouvintes, do que somente discorrer em termos amplos o suficiente para cobrir todas as possibilidades. Norman Neaves escreve sobre o poder envolvente do específico:

> Estou cansado de sermões que não vivem onde as pessoas vivem, que não se ligam às histórias e lutas verdadeiras pelas quais a vida delas são moldadas, que jamais tocam o chão ou respiram o ar que a congregação respira. Pode ser que haja aqueles que se deleitam em desenvolver o sermão universal, aquele que pode ser pregado em todo e qualquer lugar, que tem a qualidade de transcender o tempo. Porém, tanto quanto me diz respeito, todo e qualquer lugar, na verdade, significa lugar algum; e aqueles que se empenham para serem eternos são normalmente, simplesmente... inoportunos... O particular é mais alto que o universal.[37]

Ninguém precisa concordar com as raízes filosóficas do pensamento de Neaves para apreciar a sabedoria pastoral de suas palavras. Sua perspectiva não apenas reflete a especificidade situacional da Escritura que afirma princípios gerais em menor proporção, relativa aos registros pessoais, mas também nos lembra como os componentes expositivos integrados podem converter-se em pregação madura. Uma ilustração pode proporcionar uma aplicação com realismo e relevância. Quando a ilustração de um ponto principal serve como o concreto da aplicação, refiro-me a ela como uma espada de dois gumes. Essas ilustrações tanto esclarecem a explicação como situam a aplicação. Na maioria das vezes o aplicacional

37. Norman Neaves, em *Preaching the Story*, org. por Steimle, Niedenthal, and Rice, 108.

concreto não é uma ilustração plena, mas ela contém suficiente descrição para trazer circunstância definida, emoção, fracasso, sentimento, desafio ou necessidade, para o espírito do ouvinte.

Combinando um princípio geral de aplicação com específicos instrutivos que se aplicam em outras situações identificáveis, o pregador proporciona verdadeiramente exposição bíblica aproveitável.[38] Quando o sermão deixa o reino da abstração e da irrelevância, os ouvintes adquirem uma compreensão dos princípios a que eles precisam atender. Os ouvintes percebem e compreendem o que fundamenta tanto as ações defendidas quanto as conseqüências da vida concreta, e isso produz crentes adultos e comprometidos.

A DIFICULDADE DA APLICAÇÃO

Identificando o Ponto de Ruptura

A especificidade que torna eficaz a aplicação também expõe por que é o aspecto mais difícil da pregação expositiva. A idéia que se requer para ser específico extenua nossos recursos mentais e espirituais. Embora cuidadosa explicação dificilmente poderá ser considerada fácil, ao menos uma mina não escavada de material bruto repousa nas páginas da Escritura. Derivamos aplicação de terreno bem menos óbvio. Explicação correta exige bom conhecimento. Sólida aplicação exige profunda espiritualidade. Um pastor que está vivamente atento às batalhas do espírito e que está intimamente familiarizado com os remédios da Escritura, possui o que é necessário para produzir saudáveis aplicações. Pastor assim não sabe arengar sobre óbvios maus comportamentos, não simplesmente lembra às pessoas para empregar "os meios de graça" (i.e., ore mais, leia mais a Bíblia, freqüente mais a igreja) e não confia no hábito constrangedor do apelo para entregar-se a Cristo.

Aplicação requer criatividade e coragem: *criatividade* para imaginar as batalhas da vida diária travadas com a verdade de Deus, e *coragem* para conversar acerca dessa realidade em nível pessoal. À parte de todo jargão homilético

38. Adams comenta: "Quando afirmo que a pregação é a verdade aplicada, quero dizer que as verdades de uma passagem não são simplesmente expostas; elas são assim expostas (aplicadas) para produzir transformação no ouvinte... Os Credos deveriam levar às ações... Você deveria estar proclamando a Palavra de Deus a fim de cumprir o propósito para o qual ele a enviou", em *Truth Applied*, 42-44.

concernente à forma, à estrutura e ao conteúdo, os pregadores sabem instintivamente o que torna a aplicação a parte mais difícil da pregação – a recusa do convite que fazemos para ser específica. J. Daniel Maumann escreve:

> Qual a causa de alguns sermões serem ineficazes? Uma das conclusões dos estudos de Ziegler foi que os sermões que continham aplicações à vida cotidiana da congregação eram os sermões unanimemente rejeitados pela congregação. A freqüência de rejeição e a intensidade de rejeição eram exatamente equivalentes à soma de aplicação diária contida no sermão. Eu sugeriria que as pessoas estarão se tornando mais e mais relutantes em aceitar essa espécie de aplicação, religiosa ou não, para a vida diária. Esse tipo de prescrição indica que uma pessoa está em posição de dizer às outras pessoas o que elas deveriam fazer com sua vida de cada dia.[39]

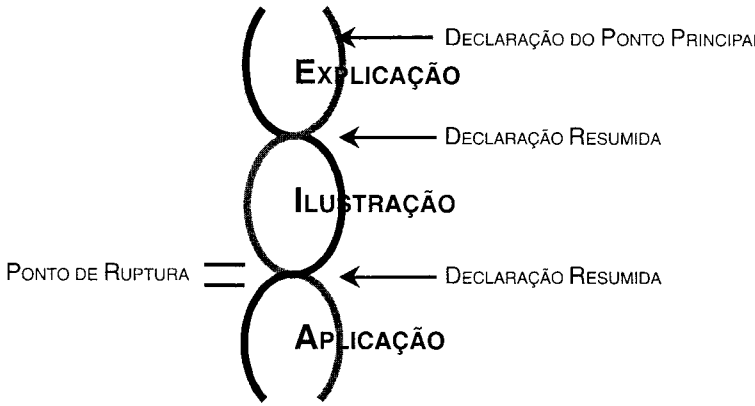
Quando os ouvintes concluem que o pastor "interrompeu a pregação" e começou a se imiscuir em assuntos pessoais, o sermão decai. No entanto, aplicação criteriosa parece quase provocar essa acusação.

Através de toda explicação e ilustração do ponto principal, os ouvintes podem alegremente acenar com a cabeça indicando aprovação (ou adormecer) em segurança. Mas a aplicação reclama compromisso e ação, não assentimento e neutralidade. A aplicação correta assume o risco desligada de abstração hipotética e abre seu caminho na prática dos negócios, na vida familiar, nas reações sociais, nas atitudes próprias da sociedade, nos hábitos pessoais e nas prioridades espirituais. A aplicação separa vidas e, como resultado, é o ponto em que os ouvintes são mais propensos a se desligarem de um sermão. Quer apreciemos isso ou não, o ponto de ruptura da maioria dos sermões é a aplicação (ver fig. 8.6).

Uma negação do ponto de ruptura resultará em nada. Culpar outras pessoas por essa fragilidade humana leva somente à frustração. Crer que congregações adultas não são culpadas de tal falta apenas revela ingenuidade. Deveriam os pregadores evitar a aplicação a fim de manter a rejeição no mínimo grau possível? Não! A Bíblia não permitirá tal negligência aos ensinos de Deus. Nossa vocação nos constrange a pôr os deveres da humanidade para com Deus perante seu povo em termos absolutamente claros. Deus não nos recomenda descartar o ponto de ruptura, mas superá-lo.

39. J. Daniel Baumann, *An Introduction to Contemporary Preaching* (Grand Rapids: Baker, 1972), 250.

Figura 8.6
A Aplicação do Ponto de Ruptura



Superando o Ponto de Ruptura

Prevenir-se é pré-munir-se.* Quando os pregadores reconhecem que a aplicação provavelmente irá produzir respostas negativas às suas mensagens, passam a dispor de uma oportunidade antecipada para preparar o sermão visando a aumentar ao máximo seu impacto. Não devemos entender essas preparações como aberturas para abrandar as exigências de Deus, mas como recursos para proporcionar-lhes auditório mais favorável. Os sermões precisam, às vezes, escandalizar para permanecerem fiéis ao evangelho (Rm 9.33), porém devemos nos assegurar de que o escândalo está na própria verdade, não em nossa falha em apresentá-la, sábia e corretamente (1Co 10.32,33). Devemos nos afligir pelos pastores que parecem crer que a marca de sua ortodoxia consiste na *sua* maneira agressiva, e se esquecem de que a origem do escândalo deve ser a mensagem de Deus, não a maneira de ser deles (2Co 6.3, 6-7). Crentes nos quais o Espírito tem operado dispõem da capacidade de receber as mais convincentes verdades com regozijo, quando elas mostram claramente a compaixão de Deus, antes que um jogo de poder de um pregador (1Ts 1.6). O que segue são instrumentos que os pregadores podem utilizar para superar o ponto de ruptura da aplicação sem abandonar as prioridades da Escritura.

* Expressão idiomática: "Farewarned is forearmed". (N. do T.)

Argumentos Conclusivos. O instrumento primário da pregação é a verdade. Os pregadores devem pôr em prática o que eles logicamente têm demonstrado acerca do que a Palavra de Deus requer. Infelizmente, um argumento conclusivo nem sempre convence. A verdade da antiga máxima: "Aquele que condescende contra sua própria vontade / Surpreende-se do seu próprio juízo", muitas vezes mostra-se em nossas igrejas. Se os pregadores são relutantes em confessar a verdade dessa norma, eles têm apenas que examinar o próprio coração. Por que razão nós, que temos suficiente conhecimento das exigências de Deus, ainda pecamos? Porque argumentos conclusivos (tão indispensáveis que são à pregação bíblica) nem sempre nos convencem, mesmo a nós, a obedecer a Deus. Por esse motivo precisamos de instrumentos adicionais que nos ajudem a moldar aplicação eficiente.

Ilustrações que Desarmam. Deane Kemper escreve: "Uma das funções mais importantes das histórias e citações é provocar reação emocional. Quando se está apresentando idéias que poderão não ser levadas em consideração, ou então recebidas com resistência, uma ilustração pode ser uma introdução indireta que poderá ajudar-nos a obter uma audiência satisfatória, o que não aconteceria com uma abordagem mais frontal e didática."[40] A natureza da narrativa pode demonstrar a boa disposição do pregador. Uma história, de igual modo, tem a capacidade de guiar os ouvintes ao longo da trilha narrativa que conduz às conclusões bíblicas, o que é preferível à confrontação imediata dos ouvintes com argumentos que aumentam suas defesas.[41] Kemper também indica que citações selecionadas de mestres respeitados podem abrir a mente dos ouvintes para idéias que eles não considerariam se fossem apresentadas apenas com a autoridade do pregador.

Propostas de bom senso. As aplicações devem ser relevantes, realistas e passíveis de serem concretizadas. Aplicações que carecem de bom senso destroem a credibilidade do pregador e impedem a aceitação da verdade bíblica. Os pregadores utilizam-se de três tipos comuns de aplicação destituídas de bom senso:

Esperanças irreais. "Sorria mais a cada instante", "Ame seus semelhantes de todo o coração", e "Decida-se a jamais sentir medo novamente", exemplificam aplicações que vivem apenas no idealismo pastoral e na hipérbole espiritual. Os

40. Deane Kemper, *Effective Preaching* (Filadélfia: Westminster, 1985), 87.

41. Bryan Chapell, *Using Illustrations to Preach with Power* (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 155.

ensinos assim estabelecidos são inatingíveis. Como resultado, não apresentam nenhuma conexão com a vida real e não deveriam ser proferidos. Essas aplicações convencerão os ouvintes de que não são capazes de fazer o que a Escritura requer ou de que seu pregador vive num mundo fictício.

Obstáculos elevados. Essas aplicações estão baseadas em comportamentos que podem ser esperados apenas de uns poucos ouvintes. "Você deveria aprender grego e hebraico para que seja capaz de confirmar a veracidade das minhas palavras", ou "Todos aqui deveriam decidir ir à Terra Santa a fim de ver o tipo de região com que Jesus se defrontou". Ninguém negaria que atingir tais objetivos seria excelente, porém a média das pessoas não disporia de qualquer chance de atender ao que o pregador recomenda.

Foco restrito. As aplicações que o pregador sabe que praticamente ninguém levará a efeito, mesmo que elas sejam qualificadas, são inúteis. Por exemplo, inúmeros pregadores vendem livros do púlpito. Porém, a menos que o livro claramente produza um impacto dramático sobre grande número de pessoas, quantos na congregação verdadeiramente gastarão tempo durante a semana para dirigir-se à livraria local, fazer o pedido e candidamente entregar seu dinheiro? Um, dois, nenhum? Quantos ao menos se lembram do título do livro no jantar de domingo? Pregadores que repetidamente oferecem aplicações que poucos podem pôr em prática perdem a confiança da maioria.

Naturalmente, a probabilidade de implementação não deve determinar se o pregador aplicará ou não as verdades que as pessoas rejeitem simplesmente por causa da dureza do coração. Coragem, não bom senso, é a questão neste caso.

Deus não isenta seus ministros de proclamarem sua verdade só porque as pessoas não querem ouvi-la, e nem quer que pregadores coloquem sua Palavra fora do alcance do seu povo. Mesmo aplicações adequadas podem ser apresentadas em momentos inoportunos ou quando as pessoas não estão prontas (ou capacitadas) para ouvir. Os que estavam presentes no Concílio de Jerusalém, que instruiu detalhadamente a igreja, escreveram: "Pois pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior encargo além do que se segue..." (At 15.28). E Jesus mesmo afirmou aos seus apóstolos: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora" (Jo 16.12). Prudência pastoral, bem como prescrição bíblica, devem governar a aplicação, pois tanto a paciência quanto a fidelidade são ordenações bíblicas (Gl 5.22).

Sensibilidade da tarefa. O ministro que ergue seu punho fechado e furiosamente prega: "As pessoas nesta igreja precisam amar mais uns aos outros para que cresçamos", provavelmente produza um impacto oposto ao que pretendia. O tom deve harmonizar-se com a tarefa. Um pregador cuja aplicação estimule o amor deve falar em amor. Um pregador que diz: "Se realmente entendemos a ressurreição, não devemos lutar com mágoa", deve descobrir que as palavras mais provavelmente condenam que confortam. Algumas aplicações reclamam expressão severa (Tt 1.10-13); outras precisam de bondade (2Tm 2.24-26). Jesus expulsou os mercadores do templo com chibata e ainda assim as Escrituras dizem que ele não esmagou a "cana quebrada" (Is 42.3). A autoridade que a Palavra de Deus outorga a teus proclamadores não significa que devemos falar sempre em reprovação. Nossa autoridade também nos confere o direito de encorajar (Tt 2.15).

Direção amadurecida. Se o pregador apenas decide o que os congregantes devem fazer, eles não se desenvolverão. Nada mais cria e perpetua crianças espirituais do que pastores que não possibilitam que outras pessoas cheguem às suas próprias conclusões e assumam responsabilidade por suas próprias ações. De vez em quando os pregadores precisam indicar os detalhes situacionais e simultaneamente prover informação suficiente e orientação aos adultos (e algumas vezes crianças) para que tomem suas próprias decisões. Mesmo aqueles com autoridade apostólica praticaram essa espécie de aplicação participativa de modo a fomentar a maturidade espiritual (por ex., At 15.2; 2Co 1.23-24; 2.9; 2Tm 2.24-26; Fm 8-9, 14, 21). "Precisamos tanto da aplicação direta quanto da indireta"[42] nos sermões. Tal pregação pode auxiliar os ouvintes a robustecerem os recursos de sua própria fé dando-lhes a informação necessária para tomarem decisões corretas, e depois confrontá-los com as decisões que precisam fazer.

Clareza do mandato. Pregadores que não *podem diferenciar entre um mandato bíblico e uma boa sugestão* exauram o poder bíblico do ministério. É preciso assegurar-se de que as Escrituras – não você – requerem o que sua explicação pede. Os pregadores podem sugerir muitas coisas que ajudam os ouvintes a cumprir os mandamentos de Deus, porém enganamo-nos redondamente quanto deduzimos (ou acreditamos) que nossas sugestões são as exigências da Bíblia. Uma devocional de vinte minutos cada dia é uma boa sugestão, assim como a de ler a Bíblia em família às refeições, envolver-nos em pequeno grupo de estudo bíblico e inscrever-nos em cursos de memorização da Escritura. Contudo,

42. Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 100.

a Bíblia não requer nenhuma dessas práticas específicas. Quando nos apropriamos de uma boa sugestão e fazemos dela um mandato bíblico não apenas atribuímos nossos próprios pensamentos ao cânon da Escritura, mas inevitavelmente pregamos um farisaísmo que infere que as pessoas podem tornar-se merecedoras da graça por aderirem aos nossos padrões. Sugestões práticas para cumprir uma exigência bíblica são freqüentemente necessárias na aplicação, porém essas sugestões são oferecidas, não ordenadas.

Respeito pela complexidade. Um dos meus comentaristas favoritos de rádio afirma: "Para cada problema complexo há uma resposta simples e errada!" A boa disposição do pregador em admitir que o sermão tratará exclusivamente de um diminuto aspecto de um grande interesse, ou que respostas mais amplas devem aguardar ocasiões posteriores e reflexão adicional, pode fazer mais para amparar a aplicação do que impertinentes respostas, soluções apressadas e condenações irrelevantes. Jovens pregadores freqüentemente sentem que prejudicarão sua credibilidade se confessarem: "Eu não sei" ou "Terei que estudar mais antes de ter uma boa resposta". No entanto, esse tipo de resposta manifesta melhor a sabedoria do pregador. Congregações atentas sabem que ninguém tem todas as respostas para cada assunto importante. Nós, pregadores, destruímos nossa credibilidade ao fingirmos o contrário. Normalmente, oferecemos as piores aplicações ao pregar fora de nossa esfera de conhecimento (por ex., aconselhar as congregações sobre o que um contrato sindical deveria conter, detalhar a política de um projeto legislativo específico, ditar procedimentos médicos ou legais). Onde os claros princípios se aplicam, os pregadores têm a autorização de debater todos esses problemas. Infelizmente, muitas vezes os pregadores confundem o desejo de dizer *alguma coisa*, com o direito de dizer *qualquer coisa*.

O respeito pela complexidade das preocupações da vida não significa que todas as nossas aplicações têm de ser complexas. Não precisamos temer as explicações singelas pronunciadas com a sinceridade e o cuidado que as tornam eficazes.[43] Nossas aplicações devem ser verdadeiras, mas não triviais; evidentes, mas não dolorosamente óbvias; suficientemente claras ainda que comoventes o bastante para despertar sentimentos. Ninguém deseja desfalecer no banco por trinta minutos escutando a demonstração para uma aplicação que eles sabiam executar antes mesmo de se assentarem. Apresentar novos (ou recentes) motivos de razões, benefícios, conseqüências ou recursos para funções comumente aceitas, permanece sendo o desafio de todo pastor.

43. Veerman, "Sermons", 121.

Ao mesmo tempo, os pregadores precisam ser cautelosos para não fazer aplicações simplistas acerca de assuntos controversos sem suficiente exposição para capacitar os ouvintes desinformados ou discordantes a lidar com o ensino. Manter o FCD à vista desde a introdução até a conclusão ajudará a evitar que a aplicação se desvie do caminho de sua exposição.[44] Um sermão que trate da necessidade de fidelidade no casamento provavelmente não é o melhor momento para dizer algo como: "E, semelhantemente, fidelidade a Deus determina que não participemos de jogos de loteria, aborto por causa do sexo do feto ou ignoremos os que não têm lar." As aplicações não são sempre legitimadas simplesmente por que em algum lugar o sermão dará apoio ao que você diz. Se esse sermão não fornece suporte adequado à aplicação, pense duas vezes antes de expô-la. Você não pretende suscitar mais serpentes de controvérsia num sermão antes que sua exposição providencie instrumentos bíblicos para exterminá-las.

Integridade espiritual. Aplicação requer ainda fidedignidade pessoal. Por que motivo devem as pessoas escutar o que o pregador lhes diz sobre o que não devem fazer, sobre o que não fizeram, ou que precisarão mudar? Caso a resposta não seja: "Porque elas sabem que o pregador ama demais tanto a elas quanto ao Senhor para reter a verdade que elas precisam", a aplicação cairá em ouvidos surdos. Mesmo quando ela fere, as pessoas escutam a aplicação ao perceberem a integridade do pregador. Semelhante confiança não desponta de exegese acadêmica ou de estrutura homilética, porém resulta do fato de a vida do pastor refletir a morada do Espírito.

Assim, muitos assuntos pastorais exigem prudência, bom senso e discernimento. Como conhecer o momento de enfrentar frontalmente um problema? Como conhecer o momento de dizer precisamente o que fazer e quando deixar que os outros tomem suas próprias decisões? Quando a bondade se torna compromisso, e quando a violência degenera-se em arrogância? Como discernir o momento de dizer: "Eu não sei"? Nenhum manual pode responder a essas perguntas. Nossos recursos continuam a ser a Palavra e o Espírito. Unicamente pregadores, cuja mente e motivos estejam ajustados à vontade de Deus pela operação diária do Espírito refletirão a sabedoria e maturidade de julgamento que conferem poder sobre o ponto de ruptura da aplicação.

Nossa vida confirma exposição bíblica a sabedoria e o cuidado ocultos no modo de aplicar a Palavra (1Ts 1.8-12). Enfim, nossos sermões têm poder porque a discrição e a compaixão evidentes em nossas atitudes demonstram a pre-

44. Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 99; Adams, *Truth Applied*, 41, 69.

sença do Espírito em nossas palavras. Aplicações não são uma licença para os pregadores atirarem a esmo por detrás do púlpito (por ex., "Precisamos de líderes nesta igreja que assumam a dianteira pelo exemplo em contribuir"), ou pregar seus interesses pessoais (por ex., "Respeitem minha posição, participem de minha reunião de oração, ingressem na minha igreja"). Pregadores que empregam tais aplicações podem julgar que seu atrevimento indique coragem, porém as pessoas atentas efetivamente reconhecem que esses pregadores substituem a delicadeza pessoal pelo fogo espiritual, e os têm em pouca consideração. Por fim, unicamente o Espírito pode aplicar as verdades da sua Palavra, dessa forma a aplicação do sermão obtém êxito somente quando pregamos para seus propósitos e na dependência da sua operação.

AS ATITUDES DA APLICAÇÃO

A aplicação focaliza o impacto do sermão inteiro sobre a(s) mudança(s) que Deus requer no seu povo. Esse não é o momento de atenuar as palavras ou abandonar o cuidado. Aplicação direta *exatamente entre os olhos – com amor.* Do púlpito, diga exatamente o que você quer dizer, exatamente como se o dissesse a uma pessoa amada. O bem-estar espiritual dos outros reclama que você não obscureça seu pensamento com um idealismo abstrato, que não perturba ninguém e nem potencial para pô-lo em dificuldade. Se os jovens precisam parar de ver filmes violentos ou pornográficos, diga-lhes isso. Se a igreja não irá se curar até que cesse o mexerico, diga-lhe isso. Se diferenças políticas estão dividindo os crentes, considere o problema. Fale com tato. Fale com amor. Mas não deixe de dizer o que a situação reclama e o que a Bíblia requer.

Na aplicação os pregadores extravasam o coração. Sem aplicação, os pregadores encontram dificuldade em pregar com fervor. Afinal de contas, quem pode dizer com sincera convicção: "Paulo foi de Icônio para Listra"? A necessidade do povo de Deus de sentir o impacto de sua Palavra atrai sentimentos do próprio coração. Exposição não fortalecida pela aplicação normalmente não produz o efeito desejado e despoja a mensagem de séria consideração. Enfim, existe algo fundamentalmente irracional com respeito a prestar atenção a alguém que declara ter algo importante a dizer, mas que fala sem a paixão que sinaliza sua importância.

A paixão vem naturalmente aos nossos sermões quando falamos como se estivéssemos comunicando um assunto verdadeiro a um amigo. Se um amigo

chegasse à nossa porta uma tarde e confessasse que seu filho adolescente está destruindo a família, nós o convidaríamos a sentar-se à mesa da cozinha e conversaríamos abertamente. A dor nos olhos do nosso amigo nos dissuadiria de pomposos idealismos, a necessidade de oferecer real ajuda nos faria ir à Bíblia em busca de auxílio prático, e nossa amizade nos manteria falando com amor, mesmo que tivéssemos de dizer coisas duras. A melhor pregação não oferece menos. Aplicação apresentada como se estivéssemos falando a um amigo junto a uma mesa de cozinha, tem mais poder espiritual do que uma dúzia de sermões projetados para serem proferidos do Monte Sinai. Quando Jesus falava, a Bíblia registra, as pessoas comuns deleitavam-se em ouvi-lo, pois ele falava acerca das suas preocupações de modo simples. Pregação que o mostra claramente deveria ainda falar como ele falava.

Nossas vozes se aquietarão, porém, se não mantivermos uma atitude final em tornar aplicação – perdão. Uma marca de pregação ingênua ou inexperiente é a expectativa de que, pelo fato de o pregador dizer a coisa certa, as pessoas farão a coisa certa, imediatamente. Alguns pecados são corrigidos em franca conversa e alguns requerem pregação fiel sobre uma geração – ou mais. Pregadores que não são capazes de dizer às pessoas o que a Bíblia exige e ainda as ama quando procedem como se as palavras nunca tivessem sido proferidas, no final das contas fracassarão em fazer a vontade de Deus no púlpito. Frustração, raiva e desespero são os companheiros certos do pregador que não é capaz de perdoar as faltas regulares do povo de Deus ao aplicar sua Palavra. Aplicação que permanece forte e constante, semana após semana, procede de um coração que pulsa por pessoas abatidas num mundo decaído.

PERGUNTAS PARA REVISÃO E DISCUSSÃO

1. Qual a coisa principal a ser feita num sermão expositivo?

2. Quais são as quatro perguntas básicas que uma aplicação completa precisa responder?

3. O que distingue especificidade instrutiva de especificidade situacional? Por que ambas são importantes?

4. O que é chuva exposicional?

5. O que é um ponto de ruptura do sermão e como pode ele ser superado?

6. Por que e como deverá o pregador diferenciar entre um mandato bíblico e uma boa idéia?

EXERCÍCIOS

1. Crie dois parágrafos de aplicação para um dos pontos principais que você esboçou nos exercícios do capítulo 6; ou

2. Elabore dois parágrafos de aplicação para o seguinte ponto principal: Porque Jesus sempre intercede por sua igreja, devemos orar consistente e fervorosamente.

3. Explique como os seguintes versículos relacionam-se com a atitude pela qual o pregador deve expressar aplicação:

2 Timóteo 2.24-26	Tito 1.10-13
2 Timóteo 4.2	Tito 2.15
1 Tessalonicenses 2.7-12	

CONTEÚDO DO CAPÍTULO 9

PEÇAS NECESSÁRIAS
OBJETIVOS DAS INTRODUÇÕES
- DESPERTAR INTERESSE PELA MENSAGEM
- APRESENTAR O TEMA DA MENSAGEM
- DEMONSTRAR INTERESSE PELOS OUVINTES
- PREPARAR PARA A PROPOSIÇÃO

TIPOS DE INTRODUÇÕES
PRECAUÇÕES EM RELAÇÃO ÀS INTRODUÇÕES
- DISTINGUINDO A INTRODUÇÃO DA "ESCRITURA"
- APRIMORAR A INTRODUÇÃO DO "SERMÃO"

OBJETIVOS DAS CONCLUSÕES
TIPOS DE CONCLUSÕES
PRECAUÇÕES (SUGESTÕES) EM RELAÇÃO ÀS CONCLUSÕES
OBJETIVOS DAS TRANSIÇÕES
TIPOS DE TRANSIÇÕES
MEDIDAS FUNDAMENTAIS

OBJETIVO DO CAPÍTULO 9

Apresentar princípios para elaboração de introduções, conclusões e transições

9

INTRODUÇÕES, CONCLUSÕES E TRANSIÇÕES

PEÇAS NECESSÁRIAS

Um bom amigo certa vez começou um maravilhoso sermão com esta engenhosa evasiva:

"Dois dos alimentos que mais aprecio são produtos de minhas lembranças infantis. Lembro-me da delícia de comer os picles ácidos de minha Tia Bessie. Usando uma secreta receita culinária e pepinos de sua própria horta, Tia Bessie preparava picles tão quebradiços, que estalavam como minúscula bomba ao se mastigar ruidosamente o primeiro bocado ácido que franziam os lábios, antes de impregnar a língua com o cheiroso tempero que despertava ainda mais o apetite. Aqueles picles sempre acrescentavam algum entusiasmo ao piquenique de outono na minha igreja de origem, mas eram apenas um prelúdio para a festa de fato. Entre as pregações da manhã e da tarde, as senhoras juntavam-se ao redor de enormes panelas sobre fogueiras ao ar livre que brilhavam por detrás da People's Bible Church, na zona rural de Red Bank Mississippi. Ali, naqueles caldeirões mágicos, sob a fumaça que bailava entre o campanário e o bosque de caneleiras, açúcar, massa adocicada e tortas de maçãs colhidas no pomar local, eram misturados de tal modo com tortas fritas de maçãs tão deliciosas que um bocado maior quase fazia engolir a língua. Em toda a minha vida adulta tenho procurado picles azedos como os da Tia Bessie, e tortas fritas de maçãs como aquelas da People's Bible Church em Red Blank, Mississippi. Porém, com respeito à procura de uma introdução para este sermão, tenho ainda que encontrar algo que satisfaça as exigências."

Assim começou essa suposta introdução de sermão. Além disso, se o pregador pretendia que ela assim fosse ou não, sua negação de ter uma introdução foi a introdução de sua mensagem. Introduções, conclusões e transições não podem ser evitadas. Apesar de nossas intenções ou capacidades, nossos sermões precisam ter introduções, conclusões e transições. As primeiras palavras proferidas

introduzem sua mensagem, as últimas concluem-na, e o material que liga esses dois eventos contém transições, inevitavelmente. A questão real é se essas peças necessárias ajudarão ou sobrecarregarão a mensagem. Conhecer os objetivos e as estruturas que caracterizam o melhor desses componentes nos ajudará a responder esta questão.

OBJETIVOS DAS INTRODUÇÕES

DESPERTAR INTERESSE PELA MENSAGEM[1]

Pretender que os ouvintes automaticamente partilhem de algum interesse próprio no sermão é sinal de um pregador inexperiente. Tal pregador argumenta que, pelo fato de que o povo de Deus *deveria* interessar-se pela Palavra de Deus, que ele *estará* interessado numa discussão a esse respeito. Só num mundo perfeito tal expectativa teria mérito.

O enfado de muitos sermões; os ataques semanais sobre as verdades da fé por parte da família, amigos e inimigos; o cansaço instigado pela tensão do trabalho; os excessos cometidos nas diversões do sábado; a aparente irrelevância de profetas e apóstolos mortos há pelo menos dois milênios; e a mera redundância de vida nos rituais da manhã de domingo – tudo isso associa-se para tornar o interesse congregacional em qualquer mensagem, num milagre secundário que ministro algum jamais deveria esperar. Bill Hogan explica:

> Você precisa lembrar-se de que vai ao púlpito após ter passado horas no estudo, lendo com toda a atenção a passagem sobre a qual vai pregar. Você meditou sobre o tema por dias, ou semanas, talvez anos. Mas o seu público provavelmente não tinha pensado acerca disso de forma alguma. Na verdade, eles não podem sequer saber o que está para acontecer antes que você se levante para falar. (Ore para que saibam depois que você terminar). A brecha que separa seus pensamentos das idéias bíblicas pode ser imensa. Na introdução, você precisa adentrar o mundo das pessoas e persuadi-las a acompanhá-lo ao mundo da verdade bíblica, e especificamente, da verdade que é o peso do sermão.[2]

1. Haddon Robinson afirma que introduções devem "comandar a atenção", o que – apesar da clássica terminologia – dificilmente poderia ser mais bem expresso (ver *Biblical Preaching: The Development and Delivery of Expository Messages* [Grand Rapids: Baker, 1980], 160).
2. William L. Hogan, "It Is My Pleasure to Introduce...", *The Expositor* 1,3 (Agosto, 1987): 1.

As introduções dos sermões jamais são supérfluas. O pregador que, após ordenar: "Abram suas Bíblias em..." imediatamente lança-se a uma discussão da história e gramática do texto, não interpretou a natureza e as circunstâncias daqueles que precisam ouvir e, desse modo, pode perder a audiência.

Pesquisas da comunicação hoje em dia declaram que os ouvintes geralmente decidem dentro dos primeiros trinta segundos da apresentação, se estão ou não interessados no que o orador vai dizer.[3] Esta realidade moderna ressalta a importância de se obter atenção nos momentos de abertura de um sermão, porém essa visão não é nova. O orador romano Quintiliano dizia: "Uma introdução defeituosa é semelhante a um rosto marcado de cicatrizes" – não se dará ao seu portador mais que um olhar de relance.[4] A introdução é tão crucial para a probabilidade de os ouvintes persisitirem atentos ao restante do sermão que os pregadores adotaram por longo tempo a máxima: "Bom começo, meio caminho andado."[5] *Só a conclusão se equipara à introdução, ao determinar se os ouvintes irão ou* não digerir o alimento do sermão. Não importa o quanto é bom o alimento por dentro, se as "fatias de pão" ao redor estão mofadas, não se espera que alguém dê uma mordiscada.

Uma introdução deve presentear os ouvintes com um interessante pensamento que os retire da apatia ou de outros interesses, e levar cada um a dizer: "Ei! Preciso ouvir isto." A introdução pode aguçar curiosidade, a preocupação, a alegria ou a admiração, mas, seja qual for a via que o pregador percorra, a tarefa permanece a mesma: Prenda a atenção deles! Não prolongue o esforço. Se a frase de abertura não estimula o interesse quando ela permanece isolada, rejeite-a. Faça valer as palavras iniciais.[6] Você pode não ter uma segunda chance para preparar aquela primeira impressão que dispara perduráveis conseqüências.

---

3. Apenas uma geração atrás, o tempo tolerado para este critério era de sessenta segundos (Cf. D. W. Cleverlrey Ford, *The Ministry of the Word* [Grand Rapids: Eerdmans, 1979], 215). As influências da mídia de nossa cultura continuam a reduzir nosso período de atenção.

4. Quintiliano 4.1.61.

5. A que John Broadus acrescenta o apodo: "Começar mal possibilita completa ruína", *On The Preparation and Delivery of Sermons*, org. por J. B. Weatherspoon (Nova York: Harper and Row, 1944), 103.

6. Michael J. Hostetler acrescenta estes importantes comentários acerca das frases de abertura: "Primeiro, faça que a sentença de abertura *seja* uma sentença de abertura. Faça o silêncio separá-la de tudo o que a precede, seja música, leitura da Escritura, ou pequenas conversas no púlpito ("Muito obrigado, Sr.ª Murphy, por este solo tão maravilhoso"). Requer-se disciplina para não desorganizar ou resmungar no sermão. Bons pregadores não temem o silêncio, de modo particular naquele instante que antecede a frase de abertura do sermão que o coloca à parte dos pontos precedentes na liturgia." *Introducing the Sermon: The Art of Compelling Beginnings, The Craft of Preaching Series* (Grand Rapids: Zondervan, 1986), 30.

A chave para despertar o interesse consiste em envolver seus ouvintes.
Envolva a imaginação deles.
Envolva o sentido de admiração deles.
Envolva a apreciação que eles têm pelo passado.
Envolva o temor que eles sentem do futuro.
Envolva os insultos.
Envolva a compaixão.

De algum modo, faça-os sentir a necessidade de acompanhá-lo até a parte essencial da mensagem. O que torna uma introdução mais interessante são os aspectos indicativos de que a mensagem causará impacto na vida dos ouvintes.

APRESENTAR O TEMA DA MENSAGEM

A introdução precisa indicar o tema de que tratará a mensagem. Uma introdução que suscita interesse, mas não atrai a atenção sobre o tema, na verdade dá aos ouvintes uma falsa direção. Confusão e indignação podem resultar disso. A prática excessivamente comum entre os locutores pós-jantar, instrutores de grupos de negócios, e não poucos pregadores, de darem início à mensagem com ditos engraçados que nada têm a ver com suas mensagens, podem provocar risada mas também criar desconfiança em relação ao orador. Quando se torna claro que a brincadeira não apresenta relação alguma com o tema, os ouvintes percebem que foram manipulados, e tipicamente ajustam suas expectativas para mais divertimento enquanto se guardam contra qualquer persuasão vinda de alguém tão interesseiro.[7]

O pregador pode começar com uma pergunta que provoque reflexão, uma história, uma citação, uma declaração engraçada ou uma multidão de outros recursos, sob a condição de que ao chegar ao fim da introdução, o pensamento central da mente dos ouvintes seja o tema do sermão. Adams escreve: "O objetivo de uma introdução é conduzir a congregação a um assunto que será discutido. Se ela falha nesse intento, ela falha."[8] A introdução pode ilustrar, demonstrar, afirmar, inferir, indicar por contraste, ou de algum outro modo, sinalizar o que o pregador vai transmitir. Entretanto, mediante o término da introdução,

7. Cf. Ralph Lewis, *Speech for Persuasive Preaching* (Wilmore, KY: Asbury Seminary, 1968), 95; Donald E. Demaray, *An Introduction to Homiletics* (Grand Rapids: Baker, 1974, 1978), 68; Hogan "It Is My Pleasure", 2; e Robinson, *Biblical Preaching*, 166.
8. Jay E. Adams, *Preaching with Purpose* (Grand Rapids: Baker, 1982), 59.

cada ouvinte deverá saber que a mensagem diz respeito à "liderança cristã", ou "o caminho para a felicidade conjugal", ou "marcas de uma igreja perfeita", ou "uma resposta à solidão", visto que a introdução despertou o interesse para esse tema específico.

DEMONSTRAR INTERESSE PELOS OUVINTES

A introdução é o aperto de mão do bom intento do pregador. Com estas palavras de abertura o pregador dá as boas-vindas aos ouvintes interessados no sermão, enquanto lhes assegura que é importante e bom o que estão a ponto de ouvir. Conforme discutido no capítulo 1, nada é mais importante para a credibilidade do orador e a recepção da mensagem do que a percepção dos ouvintes quanto ao interesse do pregador por eles. "Seu trabalho é apresentar de tal modo os problemas que as pessoas enfrentam e as soluções que a Escritura oferece, que ouvir a Palavra de Deus torna-se importante – nada menos que um acontecimento."[9] Nenhum ouvinte tem motivo para segui-lo além da introdução do sermão, caso ela não aponte para uma evidente conseqüência pessoal.

Na introdução, o pregador indica *por que* os ouvintes devem escutar a mensagem ao identificar o Foco da Condição Decaída (FCD) do sermão.[10] A falha de se proceder assim é uma das omissões mais comuns e mortais na pregação evangélica.[11] Nós, pregadores, somos quase unanimemente adeptos de usar introduções para indicar *o que* nossos sermões irão abordar, mas somos igualmente inábeis ao explicar por que nossos ouvintes precisam ouvi-los. Apresentamos os assuntos sem as razões. Por que é importante aos nossos ouvintes ouvir um sermão sobre justificação, perseverança ou soberania de Deus? Até que identifiquemos a condição decaída que a torna importante *e* proveitosa, para que nossos ouvintes compreendam a informação em nossa mensagem, damos a uma proporção média de pessoas não mais incentivo para nos ouvir do que para assistir a uma conferência sobre a teoria física do *quantum*. Haddon Robinson explica:

> Logo no início do sermão, portanto, os ouvintes devem perceber que o pastor está lhes falando acerca deles mesmo. Ele faz uma pergunta, identifica um problema ou uma necessidade, revela um ponto vital de debate ao qual a passagem fala. A

9. Jay E. Adams, *Truth Applied: Application in Preaching* (Grand Rapids: Zondervan, 1990), 72.
10. Ver discussão sobre o Foco da Condição Decaída no capítulo 2.
11. Cf. Robinson, *Biblical Preaching*, 107.

> aplicação começa na introdução, não na conclusão. Caso um pregador, mesmo de limitada capacidade, trouxer à tona perguntas, problemas, feridas das pessoas e deseja lidar com elas a partir da Bíblia, será aclamado como um gênio. Mais importante que isso, ele trará, com sua pregação, a graça de Deus para suportar as angústias e as tensões agonizantes da vida diária.[12]

Quanto mais específica, comovente e pessoal o pregador fizer a apresentação do FCD, mais poderosa será a introdução (ver fig. 9.1). É fora de questão que o FCD da mensagem ocorra no final da introdução. Normalmente, o pregador declara o preciso FCD perto do término da introdução, numa sentença concisa que opera como a óbvia plataforma de lançamento para o restante do sermão. Não basta apresentar o FCD em termos gerais – como se houvesse um problema externo, num lugar qualquer com que alguém ocasionalmente estivesse preocupado. O pregador precisa estruturar o FCD de tal maneira que ele se aplique imediata e pessoalmente aos ouvintes.[13] Afirmativas tais como estas podem aprisionar o FCD que conduz o desenvolvimento do sermão. "Quando não se é capaz de perceber os propósitos de Deus, as promessas de Deus podem tornar você furioso", ou "É difícil para nós a educação de adolescentes numa cultura onde todos os valores são relativos", ou "Quando nos reconhecemos culpados, o dom da graça não nos dá a impressão de como ela nos custa tanto".

Mesmo que o pregador apenas deixe o FCD subentendido, ele ainda deve ser tão claro que as pessoas sintam-se compelidas a ouvir. Quase todo ministro sabe que há três tipos de pregadores: aqueles a quem você não é capaz de ouvir, aqueles a quem você pode ouvir; e aqueles a quem você precisa ouvir. Nenhum fator é mais importante para assegurar que você pertence ao último do que sua disposição constante de iniciar seus sermões partindo de introduções que convençam as pessoas da necessidade de ouvir o que vem em seguida. Para que este alvo não tenha a aparência de ser mero instrumento escuso dos desejos do dia, considere esta altissonante exortação de John Knox: "Numa palavra, se nós, como pregadores, não estamos falando às necessidades do mundo contemporâneo, isso demonstra que na verdade não ouvimos o evangelho da igreja primitiva... Apenas a pregação autenticamente bíblica pode ser realmente rele-

12. Robinson, *Biblical Preaching*, 164; ver também Sidney Greidanus, *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature* (Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 184.

13. Adams, *Preaching with Purpose*, p. 64; Hogan, "It Is My Pleasure", 3.

vante; só uma pregação vitalmente relevante pode ser bíblica."[14] Identificar o FCD na introdução não só confere às pessoas alguma participação na mensagem, como também as convence de que seu pregador está em contato com seu mundo, quer ajudar, está aberto às suas necessidades, e realmente deseja fazer da Palavra de Deus um instrumento autêntico neste mundo dilacerado.[15]

Pela construção do FCD na introdução, o todo da mensagem penetra as experiências diárias com um impulso da aplicação que se inicia com as primeiras palavras do pregador.[16] Essa ênfase não só faz os ouvintes esperarem e desejarem respostas, mas também confere aos pregadores um zelo semanal para suas mensagens. Quando começamos a perceber que nossos sermões têm respostas reais aos problemas reais e que as pessoas realmente querem ouvir, nossa vocação é estimulada a cada mensagem. Temos motivo para pregar! Nenhuma pregação calcada em princípios lógicos proporciona maior alegria.

PREPARAR PARA A PROPOSIÇÃO

Os textos homiléticos unanimemente concordam que a introdução prepara o ouvinte para o corpo do sermão.[17] Uma vez que se tenta um texto introdutório, contudo, direções mais específicas podem evidenciar-se úteis. Num sermão formalmente elaborado, a introdução prepara para o corpo da mensagem por conduzir à proposição. Visto que a proposição é o tema da mensagem integral, uma introdução que conduz à proposição automaticamente orienta o ouvinte ao corpo da mensagem. Todavia, essa orientação se extraviará se o pregador não reconhecer que a proposição não é um tema adicionado à introdução. *A proposição é efetivamente uma síntese da introdução.*

Se o ouvinte sentir-se despreparado para as idéias especificadas na proposição, isso quer dizer que a introdução não conduziu adequadamente à propo-

14. John Knox, *The Integrity of Preaching* (Nova York: Abingdon, 1957), 26, 27. Ian Pitt-Watson confirma, "Todo sermão é esticado à semelhança de uma corda de arco entre o texto da Bíblia em uma das mãos e os problemas da vida contemporânea na outra. Se a corda é travada de modo inseguro, o arco torna-se inútil". John Stott faz menção a essa e a declarações similares atribuídas a Martyn Lloyd-Jones, Phillips Brooks, C. H. Spurgeon, Jonathan Edwards, Crisóstomo e outros ao tratar do mesmo assunto em *Between Two Worlds: The Art of Preaching in the Twentieth Century* (1982, reeditado, Grand Rapids: Eerdmans, 1988), 146-50.

15. Demaray, *An Introduction to Homiletics*, 68.

16. Cf. David L. Larsen, *The Anatomy of Preaching: Identifying the Issues in Preaching Today* (Grand Rapids: Baker, 1989), 99; Greidanus, *The Modern Preacher*, 182, Adams, *Truth Applied*, 41, 73.

17. Robinson, *Biblical Preaching*, 164; Demaray, *The Anatomy of Preaching*, 69; Jerry Vines, *A Practical Guide to Sermon Preparation* (Chicago: Moody, 1985), 138.

sição. Isso ocorre quando ou dos *conceitos* expressos na proposição não se originou na introdução, ou então a *terminologia* empregada na proposição não se originou na introdução. Por exemplo, se a introdução for uma história de uma criança perdida sem um guia, então os ouvintes coçarão a cabeça em atitude de consternação ante uma proposição que os estimule a "Dê o dízimo porque Deus é gracioso". Os conceitos não se relacionam.

FIGURA 9.1
A Corrente da Introdução



PROVOCAR INTERESSE

APRESENTAR O TEMA
Preparar para o Conceito da Proposição
Preparar para os Termos da Proposição

TORNÁ-LO PESSOAL
Identificar o Motivo para o Sermão
Expressar o Foco da Condição Decaída
Tornar Cada Qual Necessitado de Ouvir

VINCULAR À ESCRITURA

FIXAR A PROPOSIÇÃO

Os ouvintes podem ficar desorientados caso o pregador empregue terminologia inconsistente. Quando a introdução repetidamente se refere à criança que se perdeu, enquanto que a proposição fala de pecadores que não conhecem o Senhor, a mudança de termos pode confundir os ouvintes, ainda que o pregador tenha o mesmo conceito em mente. O ouvido atento fica na expectativa da proposição empregar os termos que a introdução indica serem vitais. Se a proposição não o faz, o ouvinte sente-se como se lhe fosse dado um mapa para uma cidade a cujas ruas principais foram dados nomes diferentes. Portanto, a introdução deve estar em condições de lidar com a proposição em conceito e terminologia. Todos os termos-chave da proposição devem resplandecer na introdução antes de aparecerem na proposição.

O reconhecimento de que a introdução é uma preparação imediata para a proposição adverte os pregadores a evitar separar a introdução do corpo com a leitura da Escritura. Embora ocasionalmente haja boas e criativas razões em favor de tal seqüência, o pregador que separa a proposição da introdução ou do corpo do sermão mediante leitura da Bíblia, geralmente destrói a fluência e a coesão que as proposições se destinam a simplificar.[18] Pregadores que regularmente apresentam o sermão antes de lerem o texto da Escritura estão provavelmente confundindo a introdução do sermão com a introdução da Escritura (ver a seção deste capítulo sobre a introdução da Escritura). Referência à Escritura não tem lugar na introdução – não pela leitura do texto, mas por uma indicação de como o texto se dirige ao FCD. Após a declaração do FCD o pregador comumente fundamenta o sermão na Escritura, indicando como (ou, ao menos que) o texto se dirige ao tema.[19] Esta vinculação dos conceitos da mensagem à Escritura normalmente ocorre em uma ou duas frases rápidas que precedem de imediato a proposição, de modo a estabelecer esperança por uma solução do FCD e autoridade pelas asseverações da proposição.[20]

A corrente da Introdução (fig. 9.1) ilustra o caráter geral e a seqüência dos componentes em introduções eficazes. Observe como os elos nesta corrente assumem forma real na análise da introdução seguinte adaptada de um relato de John Alexander[21] em *The Other Side* (tabela 9.1).

TABELA 9.1
Análise de uma Introdução de Sermão

Despertar a Atenção	O mau cheiro estava insuportável. Era uma região pobre da cidade, mesmo para os padrões do Haiti, e, enquanto o líder missionário John Alexander caminhava através do mercado, queria *fechar os olhos* à *miséria* ao seu redor.
Apresentar o Tema: Lidando com a opressiva miséria humana.	Horrível alimento sendo vendido numa favela sem esgoto; multidão tão densa que ele mal podia se mover; e crianças de cabelos vermelhos. Ele sabia que crianças caribenhas normalmente não tinham cabelos vermelhos,

18. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 102.
19. Hostetler, *Introducing the Sermon*, 50.
20. Notar que tradicionalmente um dos primeiros objetivos da introdução é estabelecer a autoridade do orador (ver Demaray, *Introduction to Homiletics*, 69-70), Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 102).
21. Hostetler cita diretamente o artigo, *Introducing the Sermon*, 60.

a menos que estivessem morrendo de fome. Toda aquela situação o deixou nauseado.

Notar: Termos-chave (em itálico) da proposição ecoam por toda a introdução.

Ele tinha *visto* tudo aquilo em outras cidades, em outros países, em outras viagens. Mas desta vez escreveu: "Não pude suportar aquilo. Fui para casa e cochilei. Algumas vezes, bem que gostaria de dormir pelo resto da minha vida. Não que desejasse o suicídio. Mas sem dúvida gostaria de *excluir a verdade*, de alguma forma."

Declaração do FCD: Vontade de fechar os olhos à miséria

Tornar a Introdução Pessoal: Envolver os sentimentos e os interesses dos ouvintes

Não gosto dessas palavras tanto quanto aquele que as escreveu, mas compreendo seu motivo. Conheço o sentimento de querer *fechar meus olhos* à *miséria* do mundo porque dá a impressão de que, se eu realmente a olhasse, o horror me sufocaria. Você conhece o sentimento, também. Seja por causa da *miséria* em sua própria vida, ou na vida daqueles a quem você ama, ou daqueles por quem você sente compaixão, você conhece o quase irresistível desejo de apenas *fechar os olhos ao desespero*, e tirar um cochilo. Aquilo que não temos *poder* de resolver não temos o desejo de enfrentar.

Ligar à Escritura

Proposição

Mas nem resignação, nem *desespero*, são respostas bíblicas ao sofrimento humano. O Deus que não *desvia seu olhar* do nosso sofrimento oferece, além do mais, seu *fidedigno* propósito e, ao nosso mundo, mais esperança do que o esquecimento temporário. Aqui no capítulo 4 de Amós, o profeta fala deste chamado ao despertamento: *Abre os teus olhos* para a *miséria* deste mundo, porque o Deus *Todo-Poderoso* usa de *fiel visão* para vencer o *desespero*.

TIPOS DE INTRODUÇÕES[22]

Relato de interesse humano. O relato de John Alexander é um exemplo de introdução fundamentada no relato do interesse humano – uma breve história da

22. Embora Lloyd Perry aliste 36 tipos diferentes de "instrumentos ou materiais" para uso nas introduções do sermão (*Biblical Sermon Guide* [Grand Rapids: Baker, 1970, 36-37], Michael Hostetler afirma que todos eles podem resumir-se em duas categorias: "O que você vivenciou ou leu" (p.29). Aqui eu tento alistar só algumas das formas mais fundamentais de introdução.

experiência de uma pessoa com quem os ouvintes são compelidos a identificar-se. Por causa de sua natural capacidade de envolver pensamentos e emoções, os relatos de interesse humano dos ouvintes são ordinariamente o mais seguro e eficiente meio para apresentar sermões.[23] Se o relato é sério ou engraçado, se deriva da História ou da vizinhança, se procede de algo real ou pessoalmente experimentado, a incomparável capacidade dessas histórias de cativar a atenção e apontar aos interesses bíblicos, faz delas formas fundamentais de introdução ao sermão.

Simples declaração. Quando os ouvintes já estiverem preparados para considerar o tema do sermão, uma simples declaração de intento pode servir como uma introdução. Isso é particularmente verdadeiro se o tema for tão problemático, premente ou controverso que um relato de interesse humano poderia parecer banalizar o assunto. "Hoje, quero conversar com vocês acerca de como um mexerico está ferindo nossa igreja, e o que devemos fazer a este respeito" é uma abertura notável que despertará interesse. Note, porém, que alguns dos mais difíceis temas de discussão na Escritura são apresentados com relatos de interesse humano (por ex., 2Sm 12.1-4; Mt 21.28-32; Lc 15.1-2).

Declaração assustadora. A forma resumida de introdução é destinada a sacudir a congregação para que preste atenção. Jay Adams oferece este esplêndido exemplo:

> Há um criminoso assentado nesta congregação hoje... Estou falando sério. Ontem mesmo ele assassinou alguém. Julgou não ter sido visto por ninguém, mas estava enganado. Tenho uma declaração escrita por uma testemunha ocular, que vou ler. Aqui está o que ela diz: "Todo aquele que odeia seu irmão é um assassino" [1Jo 3.15].

Estas linhas também têm sido usadas eficientemente:

"O que este mundo precisa é de menos igrejas... e mais corpos de Cristo."
"Seus braços são demasiado curtos para boxear com Deus."
"Eu o odeio pelo que ele me fez, e eu me odeio porque não posso perdoá-lo."

Duas fortes precauções devem acompanhar declarações assustadoras. Não se pode começar com tais declarações assustadoras toda semana – só o uso

23. Para posterior discussão de como e por que os relatos de interesse humano comunicam tão eficientemente, ver o capítulo 7.

infreqüente deste instrumento torna-o eficiente. Não se esqueça de que a introdução exige mais que uma linha inicial nas anotações. Mesmo uma declaração assustadora precisa fluir de um FCD personificado e de uma clara proposição. Esta segunda precaução aplica-se de igual modo aos outros tipos de introduções aqui alistados.

Pergunta provocativa. Dirigir uma pergunta que provoque reflexão ou inicie discussão interior por parte do ouvinte é freqüentemente um meio eficaz de começar o sermão. "Por que a grama cresce na entrada da minha garagem e não no meu gramado?" "O que Deus requer quando você já não mais ama seu cônjuge?" Haddon Robinson oferece esta incisiva série de perguntas, infalíveis para recobrar os ouvidos: "Uma mulher que trabalha fora de casa pode ser boa mãe? O que você diz? O que a Bíblia diz?"[24] Seja a pergunta complexa ou simples, uma pergunta provocativa é uma maneira vantajosa de começar o sermão.

Catalogar. Agrupar ou alistar itens, idéias ou pessoas de tal modo que revelem o conceito central do sermão, é uma forma padrão de introdução. No momento em que as crianças cantam em *The Sound of Music*: "Gotas de chuva nas rosas e bigodes nos gatinhos, brilhantes chaleiras de cobre e mornas luvas de algodão...", elas se envolvem em uma canção que enfatiza que prazeres simples tornam a vida tolerável. Uma listagem de desastres no começo de um sermão pode perfeitamente fazer o contraponto de que as incertezas de nossa existência tornam a vida sem fé intolerável. Lewis Smedes oferece esta comovente combinação de uma lista de introdução e interesse humano, enquanto retrata os participantes de um culto na igreja, cujas vidas diárias reclamam uma esperança sobrenatural:

> Um homem e uma mulher, sentados lado a lado num banco, sorrindo a pretexto de qualquer amostra de piedade engraçada, odeiam-se mutuamente por terem permitido que o romance em seu casamento se degenerasse numa rotina cansativa de um tédio insosso, embora sempre bem-arrumado.
>
> Uma viúva, suspirando pelos Améns a cada promessa da providência divina, está aterrorizada porque a indestrutível besta da inflação está devorando suas economias.
>
> Um pai, modelo de firmeza paterna aos olhos da congregação, está furioso na suposição do fracasso de sua condição de pai, porque não pode tolerar, muito menos entender, as violentas artimanhas do seu filho meio maluco.

24. Robinson, *Biblical Preaching*, 163.

> Uma atraente jovem à frente do banco está absolutamente paralisada, certa de que tem câncer de mama.
>
> Uma esposa submissa de um dos presbíteros está apavorada porque se vê impelida a enfrentar a realidade do seu secreto alcoolismo.
>
> São pessoas comuns, todas elas, e existem outras mais de onde vieram. O que todas têm em comum é o senso de que tudo está totalmente errado nos assuntos que mais lhes interessam. O que elas desesperadamente precisam é de um milagre de fé para entenderem que a vida, em sua parte essencial, está correta.[25]

Outras opções. Citações interessantes, estatísticas contundentes, relatos bíblicos com descrições contemporâneas, excertos de correspondência, poesias familiares ou expressivas, lições práticas, e uma multidão de outras opções criativas podem também servir, de modo adequado, às introduções de sermão. Nada funciona todo o tempo; muitas funcionam melhor somente se são usados infreqüentemente; quase todas funcionam melhor se os pregadores variarem a abordagem introdutória a cada semana.

Principais ofensores. Dois tipos de introdução de sermão mais comumente usados, embora ineficazes, são as recapitulações históricas e literárias (ou lógicas). Com essas introduções o pregador desempenha a tarefa expositiva vital de estabelecer o contexto, o pano de fundo e os limites do texto. Esses conceitos são importantes, porém mal colocados, caso ocorram na introdução. Muitos assentam-se em nossos bancos pressupondo que os antigos escritos da Bíblia nada têm a ver com a vida contemporânea, e nos dois primeiros minutos do sermão o pregador nada faz senão convencê-los de que estão certos. Billy Hogan escreve:

> Qual a primeira pergunta não articulada, mesmo inconsciente, na mente da média dos ouvintes? Provavelmente seja esta: *será que vale a pena ouvir o que o pregador vai dizer?* Ouvir, afinal de contas, é tarefa dura... Mas aquelas primeiras duas ou três sentenças os farão desejosos de ouvir? Imagine um sermão que comece assim (e eu tenho ouvido inúmeros que eram quase tão insípidos): "Nesta difícil passagem, o escritor sacro refere-se a um costume por longo tempo esquecido dos moabitas." Difícil? Escritor sagrado? Por longo tempo esquecido? Moabitas? Pode-se culpar um ouvinte que chega à conclusão de que é mais

25. Lewis B. Smedes, *"Preaching to Ordinary People", Leadership 4, 4,* (outono de 1983): 116.

> fácil e mais lucrativo pensar durante a próxima meia hora sobre a escalação do time do jogo de hoje?"[26]

Informação concernente ao texto é absolutamente essencial para sua exposição fidedigna, mas poucos (e talvez ninguém) ouvirão esta informação, se o pregador não se empenha para assegurar de que os ouvintes são capazes de ouvir e que a introdução não desviou a atenção deles. Jay Adams oferece este conselho severo:

> Não comece com o texto; comece com a congregação, como faziam Pedro e Paulo. Retorne à passagem da Escritura só quando tiver orientado adequadamente sua congregação para o que eles ali encontrarão, e *só quando você tiver despertado interesse suficiente para que queiram saber do que se trata* [ênfase acrescentada].[27]

Caso seja necessário começar recapitulando os quarenta anos de história de Israel que precipita esta profecia, o argumento de Paulo que antecede a este problema do texto, ou os acontecimentos na vida de Davi que salientam este lamento, pelo menos faça um resumo bem-feito. Torne seus comentários atuais com bastantes detalhes narrativos, linguagem corrente e paralelos modernos que as pessoas possam identificar com a situação bíblica. Dê ao resumo pinceladas de interesse humano que desperte a atenção do ouvinte e o envolva pessoalmente enquanto você contextualiza.

PRECAUÇÕES EM RELAÇÃO ÀS INTRODUÇÕES

DISTINGUINDO A INTRODUÇÃO DA "ESCRITURA"

Há muita confusão sobre o papel das introduções porque os pastores não aprenderam a antiga sabedoria de preparar uma introdução à Escritura. A confusão começa no instante em que o pregador convida os ouvintes a se voltarem para a passagem bíblica que o sermão expõe.[28] Depois de o pregador afirmar:

---

26. Hogan, "It Is My Pleasure", 1; cf. Jerry Vines, *A Practical Guide*, 139.
27. Adams, *Truth Applied*, 71. Cf. Stott, *Between Two Worlds*, 245; e Edward F. Markquart, *Quest for Better Preaching* (Minneapolis: Augsburg, 1985), 107.
28. Os comentários seguintes admitem a prática da leitura da Escritura logo antes do sermão. Contudo, mesmo que alguém leia antes o texto para o sermão no culto, princípios semelhantes

"Por gentileza, abram comigo a Bíblia em Romanos 6.15-23..." o que virá a seguir? Será que o pregador vai permanecer num embaraçoso silêncio, enquanto os congregantes folheiam a Bíblia para encontrarem o texto? Começa o pregador de imediato a leitura na esperança de que as pessoas o alcançarão quando encontrarem a passagem? Nenhum dos dois.

Anunciado o texto, três obrigações imediatamente pesam sobre o pregador. A primeira delas (embora possa não ocorrer primeiro na atual seqüência) é contextualizar o texto de tal forma que os ouvintes possam entender a leitura. Isso pode envolver o oferecimento de breves comentários de pano de fundo (uma sentença ou duas, no máximo), proporcionando definições para termos pouco conhecidos e, por outro lado, orientando rapidamente os ouvintes para a passagem. Como segunda obrigação, o pregador precisa criar intenso desejo pela Palavra (ver tabela 9.2). Para muitos de nossos ouvintes, a Bíblia é simplesmente um nevoeiro denso demais para navegação. Outros olham a Bíblia como se fosse uma montanha de verdades banais e cansativas que eles, muitas vezes, têm escalado e da qual não esperam novos panoramas. Aqueles, ávidos de ler, e outros, espantados para ler, e outros insensíveis a toda leitura, sentam-se diante do ministro que precisa atrair cada qual dentro dos limites da Palavra.

TABELA 9.2

Exemplo de uma Introdução à Escritura

Criação de Intenso Desejo	Os cristãos são raramente incertos quanto à ordem de Cristo para perdoar – e muitas vezes são perseguidos pela sua própria incapacidade de perdoar. Se você souber o que é odiar sua própria amargura... Se você quiser saber como permitir que o veneno seja drenado de sua própria alma,... então esta passagem é para você.
Breve Contextualização	Você não precisa envergonhar-se do que tem necessidade de ouvir, pois aqui, em Mateus 18, Jesus conta aos discípulos como lidar com seus corações irreconciliáveis. Se você é tão humano quanto eles, leia comigo o que todos nós precisamos saber...

ainda se aplicam àqueles que verdadeiramente querem que os congregantes acompanhem a leitura na própria Bíblia.

Os mestres da homilética identificam o estágio do sermão antes da leitura da Escritura como sendo o tema antecipado.[29] Nestes momentos, o pregador faz breves alusões sobre o assunto de que o sermão irá tratar para estimular o interesse da congregação pela passagem assim como pela mensagem. O tema antecipado rapidamente faz as pessoas perceberem suficiente promessa e/ou interesse no texto para aventurar-se com o pregador; assim, se a introdução da Escritura trabalha além de quatro ou cinco sentenças é normalmente muito longa. Com a introdução à Escritura, o pregador fundamentalmente prepara para a leitura da Palavra, não para as complexidades do sermão completo.

O debate sobre se a oração tradicional pela iluminação deve preceder ou seguir-se à leitura da Escritura, é menos fundamental do que considerar se os ouvintes acompanharão a leitura. Se você usa tal oração (minha preferência), coloque-a onde ela melhor serve o pensamento, fluência, e objetivos da mensagem. Muitas variações desfrutam de boa garantia (ver fig. 9.2).

FIGURA 9.2
Um Padrão Comum para Início Eficaz do Sermão



* De igual modo, funciona bem antes da Introdução à Escritura ou da Leitura da Escritura.

A obrigação final da introdução à Escritura é facilmente cumprida – e facilmente esquecida: torne a anunciar o texto. Antecipe-se a seus ouvintes fazendo o que precisa fazer, quando, finalmente, chegar ao capítulo previamente anun-

29. Thomas Chabham de Salisbury (fl. 1230), em sua *Summa de Arte Praedicandi* oferece uma orientação pioneira no uso do pró ou pré-tema.

ciado. Você se inclina para seu vizinho e pergunta: "Quais versículos o pregador disse?" O pastor experimentado conhece a natureza humana suficientemente bem para antecipar e responder a perguntas com uma segunda (e até mesmo três) repetição da referência.

Introduções à Escritura podem também isentar os pregadores de certas obrigações textuais. O pregador pode usar o tema antecipado para resumir porções de uma narrativa, de tal modo que não há necessidade de a leitura da Escritura tornar-se demasiado longa, e os ouvintes podem concentrar a atenção sobre os parágrafos-chave ao desenvolvimento do sermão. Permite-se ao pregador, ainda, retirar fatias de objetivos na introdução da Escritura, indicando que o sermão abordará apenas versículos ou temas específicos da leitura. Dessa maneira, o expositor pode colocar o contexto mais amplo de uma passagem perante a congregação sem parecer indicar negligência ou omissão de assuntos que não sejam o foco do sermão. O pregador simplesmente pré-define a área mais restrita que a mensagem irá cobrir.

APRIMORANDO A INTRODUÇÃO DO "SERMÃO"

Seja breve. Introduções de sermão que abranjam mais que três ou quatro parágrafos da medida-padrão (dois a três minutos), normalmente inclinam-se ao perigo. "Ele demorou tanto para preparar a mesa que eu perdi o apetite" é uma acusação variavelmente aplicada a alguns pregadores históricos[30] e no melhor dos casos evitada por alguns contemporâneos. "Se você não puder achar petróleo em três minutos, desista da perfuração."[31]

Mantenha-se no foco. A introdução é freqüentemente chamada de pórtico do sermão, e os pregadores são muitas vezes admoestados de que os ouvintes "não querem um pórtico sobre um pórtico".[32] Focalize a introdução. Não tente fazer que uma história induza à outra. Retire detalhes estranhos e comentários tangenciais. Não dê oportunidade para que os ouvintes se desviem do foco da mensagem. Esta precaução é também uma advertência contra a tendência nas introduções de citar outros textos das Escrituras, além daquele que o sermão vai expor. A introdução funcionaria como uma flecha de neônio, direcionando todas as idéias transportadas pelo ar para uma pista única de aterrissagem.

30. Cf. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 107; Robinson, *Biblical Preaching*, 165.
31. Vines, *A Practical Guide*, 139.
32. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 105,107; Vines, *A Practical Guide*, 139.

Seja autêntico. Vivemos hoje a época do discurso informal. Não obstante tenham os comentários altamente fervorosos ou argumentativos um lugar definido na pregação, eles normalmente não atendem bem à introduções. O pregador que arranca a toda velocidade, enquanto os ouvintes estão ainda colocando seus pensamentos nos trilhos, provavelmente vai correr sozinho. O teólogo Robert Dabney certa vez dirigiu esta advertência prática aos pregadores que se sentissem tentados a desprezar a situação de seus ouvintes:

> Da mesma forma como você tira os pensamentos deles do lugar onde estão e os dirige para o lugar em que você os quer, assim deve dirigir as emoções deles a níveis mais elevados. Seja cuidadoso em não dar vazão a um fervor pleno de suas emoções no início. Um mestre professor de homilética advertiu: "Quando ele [o pregador] está a todo vapor e eles [a congregação] ainda estão como gelo, um súbito contato entre sua mente e a deles produzirá antes um entrave e um retrocesso do que harmonia solidária." A emoção do pregador é extravagância para a quietude deles. Ele precisa primeiramente elevá-los a uma parte do caminho que se aproxime do seu próprio nível.[33]

Prepare os gravetos antes de atear-lhes fogo.

Seja específico. Amplas generalizações e óbvias abstrações são desvios desnecessários. Quem quer ouvir um sermão que começa com a assim chamada percepção de que os objetivos são importantes na vida? Nosso treinamento acadêmico nos habituou a declarar primeiro o genérico e, então, trabalhar com o particular. Contudo, as melhores introduções começam com os específicos.[34] Em vez de oferecer o óbvio: Algumas pessoas crêem que Deus é arbitrário, declare a conseqüência pessoal: Meu amigo afirma que por ter pecado, Deus permitiu que um câncer surgisse em seu filho. Em vez de começar uma mensagem com princípios extraídos dos manuais: Deus nos salva pela fé somente, fale da inquietação humana: Quando é que você será suficientemente bom para Deus?

Seja profissional. Pelo fato de muito da credibilidade do pregador, do interesse da congregação e do desenvolvimento do sermão dependerem dessas palavras de abertura, elas precisam ser bem preparadas.[35] O pregador torna-se mais vulnerável a procurar por palavras e a erros devido ao nervosismo nesses instan-

33. Robert L. Dabney, *Lectures on Sacred Rhetoric* (1970; reeditado, Carlisle, PA.: Banner of Truth, 1979), 141.

34. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 106.

35. Robinson, *Biblical Preaching*, 166-67.

tes agitados, mas simplesmente ler o manuscrito para evitar enganos não o ajuda nesses momentos em que boas habilidades de comunicação e contato visual são requisitos para a fidedignidade dos oradores.

Escreva por extenso os parágrafos iniciais de modo que esteja seguro do que diz, depois, confie à memória a(s) frase(s) inicial (ais), a fim de que os outros estejam seguros de você. Embora os especialistas em homilética variem sobre o melhor momento para escrever a introdução, a maioria dos pregadores começa a elaborar a introdução depois de delinear o esboço do sermão e, então, prosseguem aprimorando seus elementos à medida que a preparação avança.[36] Não tente memorizar toda a introdução. Além da(s) frase(s) da abertura, memorize conceitos, não palavras, a fim de que sua pregação tenha uma fluência natural, informal. Ainda, procure conhecer de modo preciso o que você se propõe a comunicar e para onde o fluxo levará. Nada controla tanto os nervos como palavras bem planejadas.

Apresente a mensagem sem defesas articuladas ou implícitas, mesmo que se sinta despreparado. O começo não é hora de predispor a congregação contra você, sua mensagem ou a força do Espírito Santo que opera além da fraqueza humana.[37] Você transmitirá melhor sua confiança e força do seu intento com uma saudável pausa antes da sua introdução: olhe diretamente a congregação, aprume os ombros, mantenha a respiração ritmada – então comece.[38]

OBJETIVOS DAS CONCLUSÕES

Se fosse elaborado um gráfico da intensidade conceitual e emocional de um sermão bem elaborado, os resultados seriam semelhantes aos da figura 9.3. A mensagem que começa com uma fascinante introdução deverá resultar em conclusão ainda mais eficiente.[39] Como é provável que os ouvintes se lembrem mais da conclusão do que qualquer outra parte da mensagem,[40] e como todos os componentes do sermão deveriam preparar para esse final, a conclusão é o clímax da mensagem.

36. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 107; Hogan, "It Is My Pleasure", 2; Adams, *Preaching with Purpose*, 64; Demaray, *An Introduction to Homiletics*, 76-77.

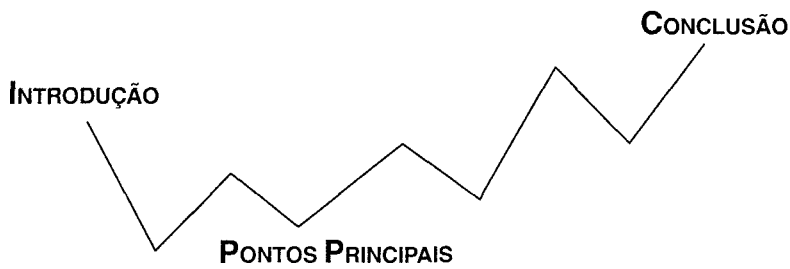
37. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 104; Hogan, "It Is My Pleasure", 2; cf. Demaray, *An Introduction to Homiletics*, 105.

38. Robinson, *Biblical Preaching*, 166.

39. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 123.

40. Com exceção de sua idéia acerca do orador, de que eles mais se lembram, o que as pessoas mais provavelmente se lembram de um sermão, pode ser visto nesta "Hierarquia do Componente

GRÁFICO 9.1
Gráfico da Intensidade do Sermão



Observar especialmente a progressão ascendente da mensagem completa.

Os últimos sessenta segundos são os momentos mais dinâmicos em excelentes sermões. Com essas palavras finais, o pregador ordena o pensamento e a emoção da mensagem completa, numa exortação que torna tudo quanto precedeu claro e constrangedor. A conclusão é a meta do sermão. Seu conteúdo é vivo – envolto em tensão, drama, energia e emoção. Note bem: Isso nunca significa expressão bombástica, e não necessita de grandiloqüência, uma vez que profundo sentimento e pensamento eficaz são freqüentemente expressos nos termos mais tranqüilos, sinceros. Magistrais conclusões algumas vezes ribombam, em outras crepitam com uma carga elétrica quase imperceptível aos ouvidos, porém, os melhores desfechos sempre penetram firmemente no coração.

Boas conclusões requerem cuidadosa habilidade profissional. G. Campbell Morgan afirmou: "Toda conclusão precisa concluir, incluir e impedir."[41] Concluir a conclusão deve verdadeiramente encerrar a mensagem. Para que isso se

de Retenção do Sermão":
Elementos da Conclusão;
Dados Introdutórios;
Ilustrações (particularmente da conclusão e/ou introdução);
Aplicações específicas (particularmente se o ouvinte decididamente concorda ou discorda);
Idéia básica da mensagem;
Um pensamento interessante na mensagem;
Uma declaração do ponto principal;
Um conceito exposicional.
Para uma discussão das implicações desta hierarquia (que, propriamente analisada, argumenta em defesa da importância de cada componente) ver, do autor, *Using Illustrations to Preach with Power* (Grand Rapids: Zondervan, 1992), 151-52.

41. G. Campbell Morgan, *Preaching* (1937; reeditado, Grand Rapids: Baker, 1974), 87.

faça bem, a conclusão precisa incluir o que previamente havia sido dito e impedir a possibilidade de que as implicações e conseqüências da mensagem escapem aos ouvintes. A fim de realizar esses objetivos as conclusões encerram estes componentes:

Recapitulação (i.e. resumo conciso). O pregador rapidamente coloca à frente dos ouvintes os pensamentos-chave da exposição precedente.[42] Na maior parte das vezes o pregador simplesmente resume as idéias principais do sermão mediante a reafirmação dos termos-chave dos pontos principais (não as declarações completas do ponto principal), ou a repetição destes (ou outros) termos-chave numa ilustração final. O pregador apenas relembra aos ouvintes o que foi exposto e não prega o sermão de novo. Um resumo que cubra duas ou três frases é longo demais. Uma sentença de concisa recapitulação será suficiente. Sumários concludentes devem ressoar como golpes de martelo, não como sonatas.

Exortação (i.e., aplicação final). Embora tenhamos já examinado as impropriedades contemporâneas de retardar as aplicações de um sermão até a conclusão, isso não significa que as conclusões estejam isentas de aplicação. Na conclusão o pregador cita pensamento anterior, e emoções do momento e exorta a congregação a proceder consoante o impulso da mensagem.[43] Normalmente, e visando a um impacto máximo, os pregadores incorporam esta exortação à última sentença ou às duas últimas.

> É na conclusão que o apelo para "crer" ou "ir" ou "fazer" alguma coisa ou outra é feito... O objetivo da conclusão, então, não é simplesmente levar o sermão a um final. Ela faz isso. Mas a principal função a que ela se presta é encerrar em cápsulas e capitalizar sobre o *telos* (i.e., propósito) do sermão. O ouvinte se retira com a conclusão em mente de que ela apela para alguma mudança de sua parte. Ela deve ser poderosa.[44]

Na conclusão o pregador exorta as pessoas a procederem conforme o que o sermão já tornou claro.[45] Assim, o objetivo fundamental da conclusão é motivação. Não deve haver nova exposição ou aplicação na conclusão, antes, um esforço determinado para mobilizar a vontade dos ouvintes a que se conformem aos

42. Robinson, *Biblical Preaching*, 168; Demaray, *An Introduction to Homelictics*, 95.
43. Stott, *Between Two Worlds*, 246-53.
44. Adams, *Preaching with Purpose*, 69.
45. Cf. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 125; Demaray, *An Introduction to Homiletics*, 95; Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 124-25; Robinson, *Biblical Preaching*, 167.

imperativos previamente especificados. Isso quer dizer que a exortação final é bem mais ampla que as aplicações dos pontos principais. O desafio final constrange os ouvintes a considerarem tudo o que precedeu e os inspira a fazerem o que já se tornou claro. Agora não é tempo de rediscutir o caso ou de novo provar quaisquer específicos. Produzir horizontes à vista comove corações e estimula a vontade.[46] Sábios pregadores certa vez ensinaram: "Se não há mensagem, não há sermão."[47] A advertência pode soar antiga, mas o ministro que não busca esse elevadíssimo propósito provavelmente causa pouco impacto nos tempos atuais.

Elevação (i.e., clímax). Pensamento e emoção devem atingir sua elevação máxima e sua declaração mais pessoal na conclusão, o que indica que tudo quanto a mensagem conduziu é significativo, vital e comovente. Se o conteúdo da mensagem e a maneira do mensageiro não mostrarem essa importância no final, o sermão provavelmente falhará. Broadus escreve: "Fraqueza na maneira, no pensamento ou nas palavras, arranca os pregos em vez de aprofundá-los. Paixão intensa, palavras convincentes, são os instrumentos requeridos, seja a conclusão um impulso direto à vontade, ou um apelo ao coração."[48] Se você não se sentir comovido, não espere essa emoção de ninguém mais. Exaurir-se a si mesmo antes da conclusão, de modo que o sermão termine fracamente, pode parecer legítimo, mas isso fulminará os ouvintes, como indicativo de pouca prudência ou, pior, pouca coragem.

Terminação (i.e., final definitivo). À semelhança da frase inicial de um sermão, a última, de igual modo, deve produzir impressão significativa.[49] Sua estrutura deve indicar profissionalismo e pensamento plenamente elaborados. Seu conteúdo deve encerrar o todo do sermão na forma de uma pepita de ouro. Sua expressão oral deve ecoar na mente dos ouvintes por toda a semana. Estas expectativas demandam que o pregador elabore o plano para um final definitivo, determinado, intencional. Sangster adverte:

> Tendo chegado ao fim, pare. Não navegue por todos os lados à procura de um lugar para aportar, como se fosse algum nadador extenuado vindo do mar, chapinhando, até que encontre um elevado na praia onde consiga subir e caminhar. Entre direto e desembarque de uma vez. Se a última frase tem alguma qualidade

46. Stott, *Between Two Worlds*, 247-48.
47. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 210.
48. *Ibid.*, 126.
49. Demaray, *An Introduction to Homiletics*, 101; Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 107, 126.

de revigorante lembrança, tanto melhor, mas não tateie no escuro, mesmo que seja para achá-la. Tenha o seu sermão a qualidade com que Charles Wesley sonhou por toda a sua vida: que o trabalho e o método terminem juntos.[50]

O conselho de Sangster nos lembra que, mesmo que as conclusões não cumpram outros ideais homiléticos, são ainda válidas, se terminam de maneira decisiva.

TIPOS DE CONCLUSÕES

Ainda que muitos recursos possam ser usados, tanto para conclusões como para introduções[51], dois tipos predominam: estilo imponente e relato de interesse humano. Numa conclusão estilo imponente, o pregador salienta a maneira de expressão e a escolha de palavras para indicar que a mensagem atingiu seu clímax. Resumo, exortação final e término são declarados em aprimorada linguagem com uma elocução intensificada que comunique a importância do pensamento. Este estilo permite ao pregador expor diretamente o assunto da mensagem, enquanto depender das escolhas de vocabulário e habilidades na entrega para expressar a intensidade que efetivas conclusões requerem. Pregadores estudantes podem considerar esta abordagem direta atrativa, porém, carecem de um refinamento oratório para torná-la bem-sucedida. A experiência cultivará os instintos e habilidades para empregar efetivamente o estilo imponente, mas o senso de clímax necessário a eficientes conclusões é consistentemente disponível num estágio anterior de treinamento por meio dos relatos de interesse humano.[52]

Por todas as razões anteriormente expressas neste capítulo e no capítulo 7, relatos de interesse humano envolvem os ouvintes como poucos outros componentes do sermão podem fazê-lo. Se o relato escolhido para a conclusão é tão particularmente excitante quanto conveniente ao tema do sermão, o pregador tem a oportunidade de reanimar tanto o coração como a mente dos ouvintes e motivar a vontade deles. Manipulação de emoções com uma história que não enfatize os princípios já desenvolvidos na mensagem classifica-se entre os piores abusos de

50. W. E. Sangster, *The Craft of Sermon Construction* (1951); reeditado, Grand Rapids: Baker, 1972), 150.

51. Ver "Other Options" acima, na discussão de "Tipos de Introduções". Cf. Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 123-27.

52. Demaray, *An Introduction to Homiletics*, 97.

pregação. Porém, deixar de em cativar o coração, estimular a vontade, excitar a mente e elevar o espírito a respeito das verdades eternas nesse estágio mais crucial, é quase um crime tão grande.[53] Os pregadores que eticamente usam o relato de interesse humano para suscitar emoções honestas, incitar sentimentos genuínos e provocar convicções legítimas, estão seguindo injunções bíblicas para induzir, persuadir e estimular.[54] As conclusões não devem produzir emoções, nem evitá-las.

PRECAUÇÕES (SUGESTÕES) EM RELAÇÃO ÀS CONCLUSÕES

Poesias e citações. O sermão estereotípico de três-pontos-e-uma-poesia tem pouca esperança de um poder persuasivo nesta época de baixa apreciação literária. O gosto mental moderno manifesta diminuto apreço pelas palavras difíceis, referências remotas e discurso enfatuado.[55] Não apenas dá o pregador a palavra final a quem quer que seja ao concluir com uma citação de poesia (ou hino),[56] mas também a citação de uma expressão rebuscada faz com que muitos ouvintes do presente percam o interesse. A menos que a poesia diga exatamente o que você pretende, diga-o de um modo melhor do que você poderia fazê-lo, e toque o mais profundo sentimento que você poderia atingir, modele suas próprias palavras finais. Porém, se usar uma citação adequada, faça-o como uma parte tão resumida quanto possível, sinalize a importância dos versos antes de citá-los, e oralmente enfatize as idéias-chave. Lembre-se, ainda, de que é um crime contra os momentos mais convincentes do sermão quebrar o contato visual, enterrar a cabeça no manuscrito e monotonamente ler palavras obscuras. As conclusões precisam ser absolutamente confiadas à memória e proferidas de maneira comovente a partir do coração.

Notas importantes. Tente concluir com uma nota importante. Mesmo as mensagens persuasivas mais obscuras precisam de um raio de esperança no final – uma luz ao fim do túnel. Se a Escritura manda-o levar as pessoas a uma condição servil, faça assim. Mas não as abandone ali. O pregador que abandona uma congre-

53. *Ibid.*, 103.
54. Adams, *Preaching with Purpose*, 69.
55. *Ibid.*, 66-67
56. Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 127; David Buttrick, *Homiletic: Moves and Structures* (Filadélfia: Fortress, 1987), 105.

gação abatida, desesperada e pessimista com relação ao seu pecado ou situação, fracassou ao pregar.[57] Lembre-se de que o evangelho são "boas-novas". As conclusões devem desafiar e elevar o coração. Clovis Chappell declarou corretamente: "Ninguém tem o direito de pregar de modo a despedir seus ouvintes de mãos abanando. Todo sermão desencorajador é um sermão perverso... Um homem desalentado não é uma vantagem, mas um risco."[58]

Anticlímax. Mantenha o clímax evitando as causas comuns do anticlímax. Quando o pregador dá a impressão de haver levantado emoções, enfatizado plenamente o ponto da mensagem, convocado os ouvintes à ação e, então, lançar-se de novo à mais oratória, os ouvintes se desesperam ou tornam-se mais indignados. Mesmo a mãe de William Jennings Bryan certa vez o repreendeu: "Você perdeu inúmeras e preciosas oportunidades de se sentar."[59] As conclusões funcionam melhor se houver uma apenas por mensagem.

Um modo de evitar um aparente final duplo é deslocar a ilustração do último ponto principal para a exposição desse ponto (especialmente se a conclusão for um relato de interesse humano). Nesse caso, a dinâmica da ilustração do ponto final não se chocará com os pensamentos e as emoções da conclusão. Philips Brooks usava de maneira consistente o terceiro ponto principal de suas mensagens como conclusão, a fim de evitar esse conflito.

Estender o sermão muito além do seu clímax é um anticlímax que despojará a mensagem inteira de poder. Como contraste, concluir a mensagem antes de um clímax dará a impressão de tê-la terminado abruptamente, ou simplesmente de ter sido mal preparada.[60] Embora uma súbita interrupção possa apresentar um resultado benéfico interessante, simplesmente o fato de ficar sem palavras não justifica seu uso.[61]

O sermão ainda evita tendências ao anticlímax caso o resumo da mensagem seja colocado antes do clímax da conclusão, em vez de depois dele.[62] Se o resumo vier após o clímax, torna a recapitulação extremamente rápida. Forçar novos argumentos na conclusão, ou pregar um ponto na oração após a conclusão por ter-se esquecido dele no transcorrer da mensagem, são, também, infalíveis meios de enfraquecer o desfecho do sermão.[63]

57. Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 129.
58. Conforme citado in Demaray, *An Introduction to Homiletics*, 100.
59. Conforme citado in Vines, *A Practical Guide*, 145.
60. Demaray, *An Introduction to Homiletics*, 99.
61. Robinson, *Biblical Preaching*, 171.
62. Broadus, *On the Preparation and Delivery of Sermons*, 127.
63. Demaray, *An Introduction to Homiletics*, 99; Robinson, *Biblical Preaching*, 169-70.

Perguntas retóricas. Freqüentemente os pregadores concluem os sermões empregando perguntas como se atirassem palavras ocas para reflexão dos ouvintes. Infelizmente, perguntas ao final dos sermões têm uma tendência de fazer o assunto todo dissolver-se no espaço. No instante em que os pregadores concluem com perguntas retóricas, pretendem que os ouvintes pessoalmente considerem os assuntos debatidos no sermão. Em vez disso, os assuntos são muitas vezes apresentados de maneira tão geral que drenam o poder que a mensagem poderia ter (por ex., "E o que você pensa?"). Os estudantes evitam perguntas retóricas no treino homilético. Se você emprega tais perguntas, seja bem específico acerca do que realmente o ouvinte é convocado a considerar.[64] Com muita freqüência, as perguntas retóricas simplesmente demonstram que o pregador não foi capaz de pensar em uma conclusão mais adequada, e isso é o melhor que uma reflexão momentânea e uma expressão extemporânea podem conseguir.

Envoltório. Um modo altamente profissional de concluir é observar com atenção a matéria anteriormente mencionada na introdução do sermão (ou outras porções anteriores da mensagem).[65] Complete uma história, ressoe um pensamento mais antigo, refira-se ao personagem ou aos detalhes da história de uma ilustração anterior, solucione uma tensão, repita uma frase contundente, refira-se ao problema de abertura, ou de algum outro modo termine onde você começou. Esse envolvimento do sermão[66] dá à mensagem um sentido de ser acondicionada e, neste caso, comunica destreza, meditação e preparação conscienciosa.

Preparação profissional. O profissionalismo cintila nas conclusões que são relativamente curtas (não mais que dois ou três significativos parágrafos), enfocadas e que terminam de modo comovente. As conclusões nem sempre precisam de discurso veemente, mas de palavras poderosas.[67] A última frase da conclusão precisa de preparação especial. Uma frase vigorosa – talvez aquela que ecoa de um ponto anterior na mensagem, um versículo da Escritura citado com sentimento, ou uma frase simples, clara – distingue a pregação de qualidade.[68] Cada qual requer preparação prévia, cuidadosa.

---

64. Reconheço que a retórica formal não as categoriza como retóricas, mas como perguntas maiêuticas, i.e., perguntas cujas respostas já tenham sido dadas. Perguntas retóricas autênticas não têm respostas. Jay Adams sugere que se modifique as perguntas retóricas com "perguntas em grupo" finais (várias perguntas agrupadas com a finalidade de esclarecer um ponto) que não deixe nenhuma pergunta que a conclusão especificamente requeira (ver *Preaching with Purpose*, 68).

65. Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 127.

66. "Conclusão Circular" é um artifício artístico comum na literatura, retórica e música.

67. Broadus, *On The Preparation and Delivery of Sermons*, 128.

68. Brian L. Harbour, "Concluding the Sermon" em *Handbook of Contemporary Preaching*, org. por Michael Duduit (Nashville: Broadman, 1992), 221-22.

Especialistas em homilética divergem sobre o instante em que os pregadores devem preparar as conclusões.[69] Os idealistas argumentam que a conclusão deve ser o primeiro componente preparado, a fim de que o sermão tenha um final definido. Os realistas defendem a conclusão preparada antes que o sermão tome forma, para que ela definitivamente envolva a mensagem que se desenvolve. Os práticos entendem que a conclusão, algumas vezes, salta para o campo da preparação e manifesta sua presença antes que quaisquer outros membros da equipe do sermão cheguem, e outras vezes, você tem que arrancá-la da cama e golpeá-la até que tome a forma, muito tempo depois dos outros membros terem assumido suas posições. Provavelmente a abordagem mais equilibrada esteja em criar um plano básico para a conclusão nos estágios embrionários do sermão, porém, modificando a conclusão para conformar-se aos detalhes da mensagem, a medida que ele se desenvolve.

Qualquer que seja o ritmo de sua preparação, entretanto, todos os mestres pregadores concordam que as conclusões requerem tempo. Nunca é demais enfatizar a necessidade da preparação desde que inúmeros pregadores se demoram a elaborar a conclusão até que estejam exaustos por causa do preparo da parte principal do sermão. Como resultado disso, esses pregadores sentem-se tentados a improvisar (racionalizando que estão permitindo que o Espírito Santo inspire) aquela parte do sermão que tem o poder de exercer maior impacto. Larsen recomenda que seus alunos gastem dois terços do seu tempo sobre o derradeiro um terço da mensagem.[70] Pode-se não concordar com essa divisão de tempo, mas deve-se ao menos reconhecer que não faz sentido gastar o menor tempo da preparação naquele aspecto do sermão que detém o maior poder espiritual.

Finalmente. É melhor não anunciar a conclusão.[71] Permita que seu jeito e pensamento indiquem a culminância. Se você disser: "Finalmente..." ou "Em conclusão..." nessa cultura você disse tacitamente a todos que deixem de olhar para você e dêem uma olhadela no relógio. Naturalmente, se o sermão embalou os ouvintes ao esquecimento, um anúncio pode servir como um esforço final desesperado para levantar as pálpebras daqueles que abandonaram a esperança de um fim. Se você disser: "Finalmente..." fale sério. Nada frustra tanto os ouvintes como a anunciada conclusão que jamais chega. White adverte:

69. Cf. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 123; Stott, *Between Two Worlds*, 243.
70. Larsen, *The Anatomy of Preaching*, 121.
71. Vines, *A Practical Guide*, 144; Demaray, *An Introduction to Homiletics*, 100; Robinson, *Biblical Preaching*, 171.

Um apóstolo pode dizer: "Finalmente, irmãos..." e prosseguir por dois ou mais capítulos: você, porém, não. Um atribulado pároco inglês perguntou ao trabalhador rural por que ele vinha à igreja apenas quando o assistente pregava. "Bem, senhor", disse o lavrador, "o jovem sr. Smith quando diz 'concluindo' ele conclui mesmo. Mas o senhor diz 'finalmente' e continua."[72]

OBJETIVOS DAS TRANSIÇÕES

As introduções têm peso na mensagem. Explicações, ilustrações e aplicações borbulham no corpo. As introduções coroam o todo. Cada componente realiza funções separadas, vitais, mas se as peças permanecerem muito isoladas, o sermão se sentirá fragmentado e a proeminência das costuras fará obscurecer o projeto do princípio ao fim. Alguma coisa precisa costurar os componentes ao mesmo tempo. As transições fazem isso.

Embora contenham pouca informação adequada, as transições contribuem grandemente para o propósito da mensagem – ajudando sua fluência, desenvolvimento e beleza. Hábeis transições muitas vezes se constituem na marca que distingue as mensagens mundanas dos excelentes sermões.[73] Com transições, o pregador demonstra as relações da introdução com o corpo do sermão, cada uma das partes com a outra, e a conclusão de tudo o que precedeu.[74] Esses relacionamentos são mais freqüentemente conexões lógicas, porém as transições são também elos de ligação psicológicos, emocionais e estéticos. Boas transições harmonizam os ritmos conceituais e emocionais que percorrem todo o sermão.

As transições não só ligam os componentes do sermão um ao outro, como também sinalizam progresso e direção aos ouvintes. Mas o trabalho das transições não se resume meramente a apontar o que está à frente. Elas precisam também associar os tópicos atuais com a discussão anterior. Consistente elo de apoio ao(s) maior(es) conceito(s) do sermão em significativas articulações na mensagem, indica que os pregadores estão atentos às necessidades de comunicação da congregação. Uma vez que os ouvintes não podem ver seu esboço, as transições mostram aos ouvintes quais pensamentos são importantes, quais os secundários, e como se relacionam entre si.

72. R. E. O. White, *A Guide to Preachers* (Grand Rapids: Eerdmans, 1973), 111; Robinson, *Biblical Preaching*, 171.
73. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 120.
74. Robinson, *Biblical Preaching*, 131.

Algumas vezes os pregadores inserem transições no sermão simplesmente para distinguir idéias. Quando o pregador declara um ponto secundário na frase seguinte a um ponto principal (ou declara o primeiro ponto principal bem próximo da proposição), os ouvintes nem sempre são capazes de discernir qual era a idéia principal. Podem imaginar se a segunda declaração é, na verdade, um novo pensamento, ou se é simplesmente uma versão refinada da primeira declaração. Apesar de os pregadores poderem fazer muito com a voz e os gestos para limitar confusão, simplesmente separando a declaração do conceito maior dos conceitos subordinados com uma ou duas frases de transição preparatória, muitas vezes ajuda a evitar problemas.

Minha esposa, certa vez, declarou acerca de um pastor: "Tudo o que disse é verdade; ele apenas não parecia ter uma indicação de como trabalhar tudo isso em harmonia." Caracterização assim não deverá aplicar-se a pregadores que se lembrem de que necessitam usar transições a fim de revisar para onde fomos; prever para onde estamos indo; prender um assunto adjacente ao tema mais amplo; e/ou remover perguntas sobre como idéias diferentes se relacionam entre si.

TIPOS DE TRANSIÇÕES

Declarações entrelaçadas. A frase *Não só..., mas também...,* é a forma fundamental de transição. As palavras retornam a comentários anteriores, apontam para discussão futura, e juntam os dois.

A essência dessa transição é manifesta em várias formas diferentes. A afirmativa: "Se isto é verdade, então estas são as implicações..." "Nossa compreensão não é completa até que consideremos também...", e muitas variações similares capturam o significado do conceito não-só-mas-também. Fraseado paralelo que apanha termos-chave resumindo conceitos anteriores, e então os repete em forma ligeiramente diferente para sinalizar conceito vindouro que completa objetivos similares.[75]

As variações não-só-mas-também aparecem em diferentes graus. Mesmo a simples palavra *seguinte* lembra ao ouvinte que algo precedeu e algo mais virá a seguir. Outros termos de ligação (por ex., entretanto, portanto, conseqüentemente, não obstante, etc.) podem também proporcionar essa assistência.[76] Algumas

75. Vejam-se exemplos de fraseado paralelo na discussão do capítulo 7; por ex., "Da mesma forma como não podemos nos voltar para Deus sem fé, não podemos nos voltar ao outro sem confiança".
76. George E. Sweazey, *Preaching the Good News* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1976), 78.

curtas séries de sentenças podem estimular dinâmicas similares. Considere-se como este sucinto parágrafo une o que está à frente com o anterior:

> Vimos como este texto demonstra o amor de Deus. Mas compreender bem o que Deus significa não é garantia suficiente para que lhe ofereçamos nossa confiança. Boas intenções não fazem todas as coisas funcionarem satisfatoriamente. Esta é a razão por que o apóstolo Paulo continua seu argumento com a evidência da soberania de Deus. Deus não só deseja o que é bom para nós. Ele efetua isso. Porque Deus é soberano, podemos confiar em seu amor.

Declarações como essas que juntam firmemente as cordas de conceitos prévios e seguintes, cumprem o propósito mais fundamental das transições.[77]

Perguntas dialógicas. O pregador pode também sinalizar o desenvolvimento mediante perguntas que estimulem posterior discussão. O pregador cujo ouvido interior está atento às perguntas que agitam a mente dos ouvintes e, depois, faz essas perguntas para eles em alta voz, emprega um instrumento retórico eficiente. O diálogo que o pregador inicia no interesse dos ouvintes não só os convence de que o pregador respeita seu pensamento, mas também os convida a continuar progredindo ao longo da mensagem em direção que promete satisfazer seus interesses.[78]

Exemplos de perguntas que envolvem os ouvintes, ao mesmo tempo em que os orienta ao seu desenvolvimento são: Se esta abordagem não funciona, o que funcionará? Que plano Deus oferece neste sentido? E, o que precisa acontecer em seguida? Faça os ouvintes mergulharem com você numa explicação mediante a pergunta: "Qual o significado deste versículo no mundo?" ou, melhor ainda: "Como podemos saber o que significa este versículo?" Você pode apresentar uma ilustração assim: "Como podemos ver isso mais claramente em nossa própria existência? Os ouvintes jamais se cansarão da pergunta: Como podemos aplicar essa verdade em nossa vida?"

Cumular os sermões de perguntas que levam o ouvinte para dentro do sermão, estimula o interesse na mensagem, contanto que as respostas sejam claras. Seguir a proposição com uma vigorosa pergunta abrangente que você pretende responder com os pontos principais, pode efetivamente começar inúmeras men-

77. Relembrar também que os nós entre os componentes exposicionais operam como transições se o pregador usa adequadamente o resumo de um dos componentes como introdução de fato ao componente seguinte (ver discussão nos capítulos 7 e 8).

78. Larsen declara que os ensinos registrados de Jesus incluem uma centena de perguntas, *The Anatomy of Preaching*, 154.

sagens.[79] Mas o diálogo não deve cessar nos momentos iniciais do sermão. Mesmo o mais apático ouvinte quer conhecer respostas às perguntas, tais como: Que mais você faz quando tudo o mais fracassa? Esqueceu-se Deus de que ele era um pecador... então, por que Deus quis escolhê-lo? Como você é capaz de enfrentar a solidão, na opinião de quem você ama? Empregar esse tipo de perguntas para moldar e estabelecer pontos secundários, como discutimos anteriormente[80], pode tirar vantagem desta dinâmica e comunicar energia à mensagem inteira.

FIGURA 9.3
Perspectiva de Transição da Espiral Dupla



Enumerar e listar. Há pouco talento artístico em simplesmente enumerar idéias, mas o pregador que lista idéias como primeira, segunda, terceira, prontamente orienta os ouvintes quanto aos estágios específicos do intento do sermão. Pregadores que fazem tais referências enciclopédicas às suas idéias precisam, contudo, lembrar-se de que os ouvintes não estão lendo o esboço do sermão. Listar pontos secundários como A, B e C mostra insensibilidade retórica. Dizendo "primeiro" ou "segundo" para cada ponto principal e cada subseqüente ponto secundário, causa grande confusão aos ouvintes que terão de lutar para dispor em categorias a terceira, quarta e quinta menção do "primeiro" no decurso do ser-

79. Uma boa pergunta diagnóstica que estabelece o assunto do sermão completo, pode servir também de substituto à proposição. Ver discussão mais detalhada dos empregos de perguntas diagnósticas para estabelecer os pontos principais no capítulo 6.
80. Ver discussão na indicação de pontos secundários no capítulo 6.

mão. Além disso, tenha cuidado em não dizer: "Em terceiro lugar...", caso você não tenha previamente anunciado (e normalmente revisto) o que veio em primeiro e segundo.[81]

Como precaução final, lembre-se de que simplesmente dar-se ao trabalho de enumerar do começo ao fim do sermão, talvez seja um modo estéril e pedante de proceder. A menos que as idéias exijam excepcional clareza, outras formas de transição são habitualmente mais estimulantes.

Pintura de quadro. Quando uma imagem de controle[82] forma a base do esboço, o pregador pode muitas vezes fazer transições ao referir-se a outros aspectos da imagem. A referência a "O outro lado da moeda é..." atrai uma imagem à mente que alerta os ouvintes de que o pregador está a ponto de contrastar conceitos. Naturalmente, sermões podem ser formados sobre imagens bem mais complexas, que o pregador progressivamente pode "pintar" de maneira a indicar progressão de pensamento (por ex., "Uma vez que Deus é o autor da nossa salvação, ele não planeja simplesmente seu amor por nós, ele designa nosso amor por ele. Logo, precisamos compreender o que caracteriza esse desígnio".). Uma ilustração isolada pode também agir como uma transição com imagens ou relações dentro da história, indicando como as idéias do sermão se ligam.

Painéis e subdivisões do assunto. Uma importante área de transição, porém freqüentemente negligenciada, aparece entre a introdução e o corpo da mensagem. Nesse ponto, hábeis pregadores muitas vezes sinalizam como vão tratar de assuntos suscitados na introdução pelo emprego de painéis. Painéis são declarações cristalizadas dos pontos principais (tipicamente usando só palavras-chave) na seqüência em que aparecerão (por ex., "Para que se tenha uma certeza de sua relação com Deus, é preciso crer que o amor de Jesus é maior que o pecado, as circunstâncias e Satanás".).

Painéis de sermão normalmente aparecem logo antes ou logo depois da proposição (e são ocasionalmente incorporados à proposição) para indicar a direção e organização da mensagem. Painéis orientam rapidamente os ouvintes e solenemente constrangem o pregador a seguir o caminho que o painel indica encontrar-se à frente. Falhar em seguir o caminho indicado confundirá e frustrará os ouvintes. Reiterar os aspectos-chave do painel ao longo do curso da mensagem mantém os ouvintes nas pegadas, e pode ser um meio bastante eficaz de sintetizar a mensagem inteira na conclusão.

81. Cf. Sweazey, *Preaching the Good News*, 78.
82. Ver capítulo 6 para discussão de tipos de esboços.

Minipainéis podem aparecer por toda a mensagem enquanto os pregadores prevêem pontos secundários nos pontos principais específicos, ou sinalizam o desenvolvimento de outras idéias subordinadas. Um modo automático de fazer isso é usar conjunções nas declarações do ponto principal. O pregador que afirma: "Desde que Deus ordena amar sem parcialidade, devemos amar as pessoas atraentes e as não-atraentes", já está implícito, "Primeiro, quero falar do amor pelos atraentes e, a seguir, pelos não-atraentes". As conjunções nas declarações do ponto principal indicam subdivisões no pensamento do pregador. Caso não se tencione seguir essas subdivisões, eliminam-se as conjunções das declarações do ponto principal.

Painéis e subdivisões do assunto ajudam eficazmente os pregadores a cumprirem a primeira e a última obrigações desta tradicional instrução retórica:

1. Diga o que você quer dizer.
2. Diga-o
3. Diga o que você disse.

A despeito da antigüidade dessa máxima, os mestres em homilética no passado e no presente questionaram o bom senso de anunciar as divisões do sermão antecipadamente.[83] Legitimar interesses no sentido de tornar a mensagem excessivamente presa, linear, ciente do tempo, e que se opõe ao clímax, precisa ser examinado cuidadosamente quando se decide usar painéis. Por certo, se o pregador pretende fazer algum suspense ou planejar uma esquisitice irônica, uma notificação antecipada dos pontos não se presta a bom propósito. Contudo, onde a seqüência de idéias é complexa, o discurso prolongado, há dificuldade em estimular ou manter o interesse, e onde a clareza de estilo será promovida por uma perspectiva de relance sobre a relação dos pontos entre si, então, alguma espécie de painel pode servir bem ao sermão.

MEDIDAS FUNDAMENTAIS

Este capítulo não pode exaurir todas as possíveis funções e formas que as introduções, conclusões e transições assumem. Tentei indicar princípios e alterna-

83. Cf. Broadus, *Preparation and Delivery of Sermons*, 118; Buttrick, *Homiletic*, 85; Sweazey, *Preaching the Good News*, 73-74, 78.

tivas principais. Exceções apropriadas existem em profusão e inúmeras variações são necessárias. Os objetivos específicos substituirão todas as regras para o pregador que extrai a sabedoria do refrão: "Nunca faça qualquer coisa sempre."

Lembre-se também de que nenhuma soma de habilidade homilética substituirá a operação do Espírito. A medida fundamental do êxito de um sermão não é que tenha uma grande introdução, uma eficaz conclusão, ou suaves transições, mas que ele comunique verdades que transformam. Os sermões alcançam sucesso quando o Espírito Santo trabalha além da perícia humana para cumprir seus propósitos. Entretanto, só o mais arrogante servo tentará forçar a bondade do Mestre antevendo bênçãos por um trabalho inferior pretensioso. Servimos melhor quando não só dependemos do Espírito Santo para capacitar nossas palavras, mas também quando as empregamos com a finalidade de honrá-lo.

PERGUNTAS PARA REVISÃO E DISCUSSÃO

1. Quais são os quatro principais objetivos da introdução do sermão?

2. Quais são os cinco principais tipos de introduções de sermão? Quais os dois comuns, porém ineficazes tipos de introduções?

3. Qual a diferença entre introdução de sermão e introdução da Escritura?

4. Quais são as duas maneiras em que a introdução do sermão deve preparar-se para a proposição?

5. Quais são os quatro principais objetivos da conclusão do sermão?

6. Quais os dois principais tipos de conclusão de sermão?

7. Qual a forma mais básica de transição?

EXERCÍCIOS

1. Elabore uma introdução de sermão para a mensagem que você previamente esboçou de 2 Timóteo 4.1-5; ou 2 Coríntios 6.14-7.1; ou 1 Tessalonicenses 4.13-18; ou elabore uma introdução de sermão para uma mensagem alternativa. (Fixe a proposição para assegurar-se de que ela flui da introdução).

2. Identifique os seguintes componentes na introdução que você elaborou para o exercício 1: interesse estimulado; introdução do assunto; declaração do FCD; torne-o pessoal; ligado à Escritura; e preparação terminológica para a proposição (ver exemplo acompanhando a figura 9.1).

3. Elabore uma conclusão para a mensagem que previamente esboçou de 2 Timóteo 4.1-5; ou 2 Coríntios 6.14-7.1; ou 1 Tessalonicenses 4.13-18; ou elabore uma conclusão para uma mensagem alternativa. Identifique o resumo conciso, o clímax, a exortação final e o final definitivo nesta conclusão.

PARTE 3

UMA TEOLOGIA DE MENSAGENS CRISTOCÊNTRICAS

CONTEÚDO DO CAPÍTULO 10

REVISANDO O FOCO DA CONDIÇÃO DECAÍDA
- Ensinando os Elementos Básicos da Focalização da Condição Decaída
- Incorporando a Focalização da Condição Decaída

INTERPRETANDO OS SINAIS REDENTORES
- Mensagens Parcialmente Cristãs na Pregação
- Uma Teologia Bíblica da Pregação
- Um Enfoque Bíblico da Pregação

EXPONDO A MENSAGEM REDENTORA
- Abordagens Tópicas e Textuais
- Abordagens Expositivas
  - *Revelação do Texto*
  - *Tipos de Revelação*
  - *Revelação do Contexto*

IDENTIFICANDO MENSAGENS NÃO-REDENTIVAS
- Os Fatais "Seja"
  - *Mensagens para "Ser Como"*
  - *Mensagens para "Ser Bom"*
  - *Mensagens que Dizem às Pessoas para "Disciplinar-se"*
- A Parte Essencial

OBJETIVO DO CAPÍTULO 10

Apresentar o conceito teológico abrangente para elaboração de sermões, conforme indicado nos capítulos anteriores

10

UMA ABORDAGEM REDENTORA DA PREGAÇÃO

REVISANDO O FOCO DA CONDIÇÃO DECAÍDA

Por que o desenvolvimento dos sermões expositivos dependem de uma clara identificação do Foco da Condição Decaída?[1] Para este importante ponto, a resposta mais evidente relaciona-se com a estrutura homilética. Um claro FCD abastece o sermão de um objetivo preciso, para que o pregador organize a mensagem completa para transmitir um propósito uniforme. O FCD não só objetiva a informação no sermão, como também guia o pregador a uma aplicação relevante amparada pelo próprio texto. Além destes objetivos homiléticos modelares, entretanto, existem razões teológicas para se desenvolverem sermões do FCD de uma passagem.

Ensinando os Elementos Básicos da Focalização da Condição Decaída

O fundamento teológico para projetar mensagens com base num FCD deriva-se do evidente princípio em 2 Timóteo 3.16, texto que é a pedra de toque para toda pregação bíblica. Como já observamos (ver capítulo 2), o fato de que "Toda Escritura é inspirada por Deus... a fim de que o homem de Deus seja perfeito" implica necessariamente que mesmo as pessoas mais talentosas permanecem espiritualmente incompletas à parte da revelação de Deus. Deus aplica sua Palavra para fazer de nós o que não podemos fazer por nós mesmos. Nesse sentido, a Palavra de Deus age como instrumento da sua operação redentora. A Escritura continuamente almeja restaurar alguns aspectos da nossa imperfeição a uma integralidade espiritual. Nossa condição de criaturas decaí-

1. Ver a discussão anterior da definição do Foco da Condição Decaída no capítulo 2.

das num mundo decaído requer esse trabalho redentor, não para nossa salvação simplesmente, mas para nossa contínua santificação. Dessa forma, toda Escritura – e, como corolário, toda pregação expositiva que desvenda sua significação – focaliza-se sobre algum aspecto do nosso ser que precisa ser aperfeiçoado. A pregação que é fiel ao propósito para o qual a Escritura a destinou, dirige-se a um FCD.

Já discutimos o modo de determinar o FCD para uma mensagem expositiva (ver tabela 10.1). Os pregadores expositivos dispõem-se a preparar um sermão só após identificarem uma condição comum que é compartilhada tanto pelas pessoas do contexto bíblico quanto pelas pessoas do contexto contemporâneo. Esta premissa deriva da compreensão de que Deus projetou o texto para servir tanto ao propósito original quanto ao uso do tempo presente.[2] Esses não são propósitos separados. O intento original revela o próprio uso presente por dar mais atenção a algum aspecto comum da condição humana transmitido pelas verdades da Escritura revelada no texto.

TABELA 10.1

Como Determinar o Foco da Condição Decaída (Revisão)

Processo de Três Passos: (Faça estas perguntas.)

1. O que diz o texto?
2. De que assunto(s) importante(s) o texto trata (no seu contexto)?
3. O que os ouvintes partilharam em comum com aqueles a quem (ou a respeito de quem) foi escrito?
   e/ou
   aquele por quem foi escrito?

A própria Escritura nos ensina que em um FCD original reside a significação para os propósitos bíblicos atuais. Paulo escreve aos Coríntios:

> Porque na Lei de Moisés está escrito: "Não atarás a boca do boi que debulha". Acaso é de bois que Deus se preocupa? Ou é seguramente *por nós que ele o diz*? Certo que é *por nós que está escrito*, pois o que lavra cumpre fazê-lo com esperança; o que debulha faça-o na esperança de receber a parte que lhe é devida. Se

2. Sidney Greidanus, *The Modern Preacher and the Ancient Text: Interpreting and Preaching Biblical Literature* (Grande Rapids: Eerdmans, 1988), 166.

> nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais? [1Co 9.8-12, ênfase acrescentada].

Moisés escreveu para sua própria situação, porém Paulo reconheceu que a compreensão adequada da intenção primitiva (i.e., se os próprios bois esperam compartilhar o fruto do seu labor, assim devem as pessoas esperar) tinha implicações atuais para o povo de Deus ao enfrentar preocupações semelhantes.

Vezes sem conta o apóstolo usa o Antigo Testamento dessa maneira. No capítulo seguinte da mesma carta aos Coríntios, ele alude às devastações que irromperam sobre o antigo Israel quando deixa de resistir à tentação de controlar certas atitudes dos crentes do Novo Testamento que foram igualmente tentados:

> Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles... E não pratiquemos imoralidade, como alguns deles o fizeram... Não ponhamos o Senhor à prova, como alguns deles já fizeram... Nem murmureis como alguns deles murmuraram... Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa... [1Co 10.6-11].

A intenção inicial de um milênio anterior tinha implicações definidas para os costumes do momento na mente do apóstolo e no plano do Espírito.

Porém, os objetivos originais não apenas proporcionavam orientação quanto ao modo de proceder. Eram marcos sinalizadores para a fé. Para aquelas pessoas que pudessem ser tentadas a crer que sua salvação dependesse de seus atos, Paulo escreveu: "As palavras 'confiadas a ele' [i.e., Abraão] não foram escritas por causa dele somente, mas também por nossa causa, a quem Deus quis imputar a justiça – a nós que cremos naquele que ressuscitou a Jesus nosso Senhor dentre os mortos" (Rm 4.23,24). Paulo reconheceu que identificar a intenção que uma passagem originalmente transmitia, era a chave para a aplicação de suas verdades às necessidades do momento presente.

Encarar o fato de que toda a passagem foi escrita para tratar de uma condição decaída no seu contexto original e em nossa situação atual, ressalta verdades que anteriormente discutimos:

1. Até que tenhamos definido seu FCD, não sabemos de fato sobre o que o texto está tratando, mesmo conhecendo muitos acontecimentos verdadeiros concernentes à passagem.

2. Não devemos jamais pregar sobre uma passagem, até que tenhamos determinado o FCD a que o Espírito Santo pretendeu endereçar esta Escritura.

Na condição de pregadores expositivos precisamos perguntar: "Qual é o FCD oculto por trás da inspiração deste texto?" antes que possamos expor detalhadamente seu significado. Precisamos definir o objetivo planejado pelo Espírito Santo, de modo a direcionar mais corretamente a exposição do texto. Dessa forma, identificar a necessidade bíblica atual que nossos ouvintes compartilham com aqueles que viviam na situação bíblica que requereu o escrito inspirado, é pré-requisito para todo sermão expositivo.

INCORPORANDO A FOCALIZAÇÃO DA CONDIÇÃO DECAÍDA

As abordagens de uma pregação expositiva propostas neste livro já o prepararam (embora, provavelmente, sem seu reconhecimento consciente) para incorporar o FCD em sua exposição. Desenvolvemos cada componente do sermão de modo a apoiar os princípios do FCD. O tema unificador do sermão – a única realidade com que a mensagem se relaciona – é o modo pelo qual as verdades da passagem tratam um FCD. A introdução da mensagem identifica este FCD ao trazer à superfície a razão das verdades da passagem serem inspiradas no contexto bíblico e a razão de serem necessárias na presente situação. De igual modo, a introdução se prepara para a proposição que formalmente especifica como o pregador apresentará as verdades da passagem à luz deste FCD.

A estrutura da proposição, se declarada formalmente ou aparece em forma abreviada, sustenta, além disso, o desenvolvimento calcado sobre um FCD. Para certificar-se de que a proposição indica como as verdades da passagem serão aplicadas, o pregador assegura-se de uma compreensão de que algo precisa ser feito em decorrência do ensino do texto. Esta compreensão faz da resposta do ouvinte – e não a estática aquisição de informação – o objetivo da mensagem. Esse objetivo indica que a imperfeição humana deve ser tratada em termos ativos. Nosso estado decaído não é meramente um princípio abstrato – uma fantasia teológica destinada à reflexão filosófica – é, antes de tudo, a realidade diária que corrói sem o bálsamo e a correção da Escritura.

O corpo do sermão indica como o bálsamo da Escritura deve ser aplicado à nossa vida e quais regimes Deus exige para nossa saúde espiritual. Os pontos principais formulados para refletir e sustentar os princípios da proposição fornecem a informação que funciona como alavanca bíblica para as exortações do

pregador. Explicação e ilustração desvendam e demonstram os significados que abastecem o raciocínio e a realidade que tornam aceitáveis e acessíveis as aplicações do sermão. A conclusão faz com que a questão tratada atinja o coração, dispondo-o, bem como a mente, para uma exortação final que convoca os ouvintes a responderem à sua condição decaída com a direção bíblica que o sermão expôs.

INTERPRETANDO OS SINAIS REDENTORES

Até aqui, temos focalizado o negativo – centralizando o desenvolvimento do sermão sobre o problema comum que é compartilhado tanto pelo objetivo original quanto atual do texto. Há, porém, um oposto necessário e bem-vindo. Por que toda a Escritura focaliza algum aspecto de nossa condição decaída? A resposta clara é: para proporcionar autoridade e definir o caráter dos elementos redentores na Escritura que nós podemos, por outro lado, aplicar ao nosso estado decaído. O objetivo fundamental da Bíblia é graciosamente positivo. A Escritura trata de aspectos de nossa imperfeição somente porque esse foco mostra, ao mesmo tempo, sinais da obra de Deus que nos torna completos. O alvo da pregação expositiva consiste em interpretar esses sinais redentores de tal forma que nossos ouvintes compreendam o sentido pleno do texto no contexto da intenção evangélica.

MENSAGENS PARCIALMENTE CRISTÃS NA PREGAÇÃO

A menos que identifiquemos os objetivos redentores num texto, é possível proferir todas as palavras corretas e, ainda assim, emitir todos os sinais equivocados. Testemunho esta comunicação errônea quase que diariamente nas emissoras de rádio consideradas as mais importantes em nossa cidade, que transmitem programa de "meditação" matinal. Toda manhã o pregador comunica algum tópico de um ou dois versículos bíblicos. Os assuntos variam de procrastinação aos cuidados com os filhos e à honestidade no trabalho. A emissora aumenta a reverberação sempre que este pregador fala, de tal maneira que suas palavras ressoam como se viessem diretamente do Monte Sinai. Deixar de prestar atenção seria como um pecado. Imagino que poucas pessoas sequer questionam o conteúdo das palavras dele. Enquanto nos lembra que devemos ser pontuais, cuidar bem de nossos filhos e de nossos negócios, porque a Bíblia assim ordena, posso imaginar cem mil motoristas meneando a cabeça e dizendo em uníssono: "Certo... é como teríamos de viver."

Tenho até mesmo apresentado fitas das meditações desse pregador às classes do seminário e perguntado se alguém era capaz de detectar algum erro nas coisas que ele dizia. Raramente percebiam algum problema. O pregador cita o seu texto adequadamente, advoga causas morais e estimula procedimentos de amor. O problema para o qual chamo a atenção dos alunos, e que é cautelosamente escondido dos ouvintes do programa, é que o pregador não é cristão. Ele representa uma grande seita que tem seu centro de operação em nossa região.

Como pode ser isso? Como podem tantos cristãos (mesmo os bem-informados) aprovar tão prontamente um indivíduo cujos compromissos são radicalmente anticristãos? Alguns respondem que sua falta de protesto resulta do cuidado do pregador de evitar qualquer assunto polêmico. Sustentam que ele oculta sua heresia sob um disfarce de autêntica ortodoxia. Essas defesas omitem o essencial, no preciso momento em que seus proponentes omitiram o problema. O pregador radiofônico não ocultou sua heresia; ele a expõe todas as vezes em que fala nas coisas que deixa de dizer. O verdadeiro problema é que os pregadores evangélicos inadvertida e tão freqüentemente apresentam mensagens de tal modo semelhantes que os cristãos não notam a diferença entre a mensagem que supõe-se seja bíblica e aquela que de fato o é.

Uma mensagem que meramente defende a moralidade e a compaixão permanece na condição de mensagem não integralmente cristã, mesmo que o pregador seja capaz de provar que a Bíblia exige tais procedimentos. Por ignorar a pecaminosidade do homem que torna mesmo nossas melhores ações corrompidas perante Deus, e por negligenciar a graça de Deus que torna a obediência possível e aceitável, tais mensagens necessariamente subvertem a mensagem cristã. Pregadores cristãos freqüentemente deixam de reconhecer este impacto de suas palavras porque estão narrando um procedimento claramente especificado no texto diante deles. Porém, uma mensagem que ensina aos outros, mesmo que inadvertidamente, que suas obras conquistam a aceitação de Deus, inevitavelmente levam as pessoas a se distanciarem do evangelho.

Máximas morais e defesa de conduta ética não correspondem aos requisitos da pregação bíblica. Jay Adams explica com veemente eloqüência:

> Se você prega um sermão que seja aceitável ao membro de uma sinagoga judaica, ou de uma congregação Unitariana, existe algo radicalmente equivocado nele. Pregação, quando verdadeiramente cristã, é *distintiva*. E o que a torna distintiva é a presença que a tudo permeia do Cristo salvador e santificador. Jesus Cristo tem de estar no coração de cada sermão que você prega. Isso é tão verdadeiro à

> pregação edificante como à pregação evangelística.
> ...A pregação edificante deve ser sempre evangelística; é isso o que a torna moral e não moralística, e a razão para que ela se torne inaceitável numa sinagoga, numa mesquita ou numa congregação Unitariana. Por evangélica, quero dizer que o significado da morte e ressurreição de Cristo – sua morte vicária, penal e a ressurreição corporal – acerca do assunto sob consideração, torna-se claro no sermão. Você não deve exortar sua congregação a fazer tudo quanto a Bíblia requer de sua parte como se ela pudesse cumprir essas exigências por sua própria conta, mas apenas como conseqüência do poder salvador da cruz e da morada, do poder santificador e da presença de Cristo na pessoa do Espírito Santo. Toda pregação edificante, para ser cristã, precisa levar plenamente em consideração a graça de Deus na salvação e na santificação.[3]

Uma discussão textualmente cuidadosa dos mandamentos bíblicos não assegura ortodoxia cristã. Exortações com vistas a um comportamento moral à parte da obra do Salvador degenera-se em mero farisaísmo, mesmo que os pregadores defendam os empreendimentos com evidências bíblicas e boas intenções. Espiritualidade firmada em conduta pessoal não é capaz de libertar-se da órbita centralizada no humano, não obstante aspire elevar-se às alturas celestiais.

UMA TEOLOGIA BÍBLICA DA PREGAÇÃO

Entretanto, como os pregadores expositivos infundem os elementos essenciais redentores em todo sermão sem sobrepor idéias estranhas aos vários textos? Inúmeras passagens do Antigo Testamento não fazem referência à "morte vicária, penal e à ressurreição do corpo" de Cristo. Há textos em profusão do Novo Testamento que recomendam procedimentos morais, sem que façam qualquer menção da cruz, do Espírito Santo ou da graça que capacita. Podemos realmente ser expositivos e extrair do texto o que ele mesmo não afirma? A resposta encontra-se no axioma já anteriormente mencionado: O contexto é parte do texto.

Nenhum texto existe isolado de outros textos ou da abrangente mensagem bíblica. Precisamente como a exegese histórico-gramatical requer que o pregador considere os termos do texto, uma interpretação teológica correta requer que o expositor perceba como as idéias de qualquer texto funcionam na mensagem

3. Jay Adams, *Preaching with Purpose* (Grande Rapids: Baker, 1982), 147.

bíblica mais ampla. Discernimos alguns significados estudando as particularidades de um texto nos seus detalhes com o uso de nossas lentes exegéticas de aumento. Outros significados percebemos ao examinar um texto com lentes teológicas que nos mostram como ele se relaciona com os textos, mensagens, história e desenvolvimentos ao seu redor. Cuidadosos expositores usam ambas as lentes, sabendo que a lente de aumento pode elucidar mistérios num pingo de chuva, mas não mostrar uma tempestade que se anuncia no horizonte.

O ramo do estudo bíblico devotado ao exame da Escritura à luz dos temas abrangentes, que unem todos os seus detalhes, é denominada teologia bíblica. Os critérios da teologia bíblica são decisivos aos pregadores que se propõem a expor um texto de tal maneira que permaneça fiel à passagem e consistente com o evangelho. Geerhardus Vos, na introdução de sua obra seminal sobre teologia bíblica, esboçou as chaves que manterão nossa pregação nos trilhos. Começou com a simples observação de que "revelação é um substantivo de ação concernente à atividade divina".[4] Toda revelação da Escritura manifesta Deus. Cada versículo bíblico, de alguma forma, aponta para ele. Ainda mais, porque Deus é Deus, nem um só versículo, nem uma só passagem, nem um só livro contém tudo o que precisamos conhecer a respeito dele. De fato, houvesse Deus revelado a si mesmo totalmente à fé dos nossos antepassados, eles não teriam tido o pano de fundo teológico ou preparação bíblica para recolher tudo quanto Deus desde então revelou à humanidade acerca de si mesmo. Por essa razão, a revelação de Deus no curso da história bíblica foi progressiva. Isso não quer dizer que a revelação no princípio seja diferente do que Deus revelou no final, ou que, de alguma forma essas revelações se contradigam. Afirma Vos: "O processo progressivo é orgânico: a revelação pode apresentar-se em forma de semente que, a seu tempo, tende ao pleno crescimento, respondendo pela variedade, mas não pela diferença real, pois os aspectos iniciais da verdade são indispensáveis à compreensão dos verdadeiros significados das últimas formas e vice-versa."[5] Cada versículo, cada evento registrado e cada período que transcorre da história bíblica, Deus usa para elaborar uma única e ampla compreensão de quem ele é.

Nossa compreensão de quem é Deus, contudo, permanece inextricavelmente ligada ao que ele fez. Vos escreve: "A revelação está inseparavelmente unida à atividade da redenção... A revelação é a interpretação da redenção."[6] Isso signifi-

4. Geerhardus Vos, *Biblical Theology* (1948, reeditado, Grand Rapids: Eerdmans, 1975), 5.
5. *Ibid.*, 7.
6. *Ibid.*, 5, 6.

ca que, a fim de expor a revelação bíblica de qualquer passagem, precisamos relacionar nossa explicação com a obra redentora de Deus ali presente. A dimensão redentora de uma particularidade da Escritura pode dar a impressão de ausência de controle da paisagem do texto, visto que os aspectos redentores de uma passagem, algumas vezes, aparecem apenas na forma de semente, da mesma forma como ocorre com a revelação. Ainda, para expor adequadamente a revelação, devemos observar seu conteúdo e contexto redentores. Temos que relacionar até mesmo os aspectos seminais do texto à mensagem completa para qual eles apontam, ou para o qual nos preparam, de modo a interpretar plena e corretamente o que a passagem significa. Você não explica o que é uma bolota*, mesmo que saiba dizer muitas coisas verdadeiras a respeito dela (por ex., é marrom, tem uma capa, é encontrada no chão e ajuntada pelos esquilos) se você não relacioná-la ao carvalho. Da mesma forma, os pregadores não são capazes de explicar satisfatoriamente o que é revelação bíblica, ainda que digam muitas coisas verdadeiras a seu respeito, até que a tenham relacionado ao trabalho redentor de Deus que toda a Escritura, por fim, tem o propósito de manifestar.[7]

UM ENFOQUE BÍBLICO DA PREGAÇÃO

Pelo reconhecimento de que toda Escritura é inspirada revelação redentora destinada à condição decaída da humanidade (ou imperfeição), os pregadores deixam a descoberto o foco positivo da pregação cristocêntrica. O FCD do texto define a misericórdia de Deus à medida que revela a necessidade humana. A revelação que chama a atenção para nossa necessidade da obra redentora de Deus demonstra, pela própria necessidade, as dimensões correspondentes da pessoa e da obra do Redentor e que são requisitos para preencher aquele aspecto da nossa imperfeição.

---

* Inglês: "*acorn*", semente ou fruto do carvalho.

7. Não se pode negar que os escritores da Bíblia (ou, pelo menos, o Autor divino) pretenderam que passagens específicas fossem vistas sob múltiplas perspectivas, a fim de proporcionar oportunidades variadas de *acentuar* obrigação moral, articulação doutrinária, seqüência histórica, desenvolvimento do caráter, ou ensino para adoração. Além disso, os expositores não podem se esquecer daquele que é o Sim e o Amém de todas as promessas de Deus, o Alfa e o Ômega de todos os desígnios de Deus, o Princípio e o Fim de todo o santo empenho, o primeiro e o último recurso de cumprimento de toda a obediência Bíblia (2Co 1.20; Ap 22.13). Os pregadores devem estar bem conscientes dos vários propósitos panorâmicos e das várias configurações individuais que um texto possa conter, porém, a ausência da graça em qualquer ensino que o pregador, enfim, ofereça, automaticamente identificará um enfoque limitado demais aos objetivos cristãos (cf. Jo 5.39, 46).

Quando eu era criança, minha mãe gastou toda uma tarde fazendo um pudim especial de chocolate para nossa família de oito pessoas. Ao trazer a deliciosa sobremesa à mesa após o jantar, contudo, o impacto ficou comprometido pelo desapontamento de um buraco fundo provocado por um dedo de criança no meio do pudim. Alguém, furtivamente, havia saboreado com antecedência a sobremesa. Minha mãe perguntou: "Quem foi?" Ninguém admitiu a falta, mas isso não perturbou a investigação de minha mãe. Ela simplesmente começou a comparar os dedos indicadores das seis crianças com o buraco no topo do pudim até que encontrou o dedo que se lhe ajustou (não era o meu). A marca revelava não apenas a falta de integridade do pudim, mas indicava também os característicos de quem havia produzido o buraco. De igual modo, a marca de Deus sobre a nossa carência de integralidade a partir de uma passagem da Escritura não demonstra apenas um aspecto da nossa natureza incompleta, revela também a natureza e o caráter daquele que quer fazer de nós um todo integral.

Não obstante cada passagem bíblica expressar um FCD, nenhum texto nos afirma o que é necessário fazer para que nos tornemos completos, ou fazer-nos aceitáveis a Deus (pela nossas obras), pois, se fosse assim, não seríamos verdadeiramente decaídos. Nenhuma passagem nos diz o que podemos ou devemos fazer para que nos tornemos santos (como se nos fosse possível erguermo-nos pelos nossos próprios esforços para a divina aprovação). A Bíblia não é um livro de auto-ajuda. As Escrituras apresentam uma única mensagem, consistente, orgânica. Elas falam o quanto precisamos buscar a Cristo, que ele somente é o nosso Salvador e fonte de poder para ser e fazer o que Deus reclama. Pregar essas "necessidades imperativas" de que as pessoas precisam ser e fazer, sem contudo mencionar que ele é quem as capacita para o seu cumprimento, deturpa a mensagem bíblica. O trabalho redentor de Deus é essencial para a exposição oportuna de cada passagem bíblica. Thomas F. Jones escreve:

> A verdadeira pregação cristã precisa centralizar-se na cruz de Jesus Cristo. A cruz é a doutrina central dos santos escritos. Todas as outras verdades reveladas, ou encontram seu cumprimento na cruz, ou são necessariamente fundamentadas sobre ela. Portanto, nenhuma doutrina da Escritura pode fielmente ser apresentada aos homens a menos que se torne manifesto o seu relacionamento com a cruz. Aquele que é vocacionado para pregar, portanto, deve pregar a Cristo, pois nenhuma outra mensagem há que proceda de Deus.[8]

8. Thomas F. Jones, "Preaching the Cross of Christ", ensaio inédito apresentado nas preleções homiléticas no Covenant Theological Seminary, 1, em 1976-77.

Essas palavras não são hipérboles, pelo contrário, refletem a ética do apóstolo Paulo que escreveu aos Coríntios: "Como vos anunciei o testemunho de Deus... decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (1Co 2.1-2).

O compromisso de Paulo de fazer com que seu ministério refletisse "nada, senão Jesus Cristo, e este crucificado" pode nos impressionar não só como algo não factível, mas como algo não genuíno. Afinal de contas, podemos argumentar que Paulo tratou de padrões de adoração para a igreja, disciplina bíblica, mordomia, relações familiares, responsabilidades governamentais, a história de Israel, e até mesmo citou poetas gregos. Será que tudo isso não prova que Paulo fez mais que falar a respeito de Jesus e sua crucificação? Aparentemente, não para Paulo. Na sua mente, cada assunto, cada comunicação e cada epístola tinha um enfoque. Tudo quanto ele fazia centralizava-se em tornar evidentes a cruz e suas implicações. Embora o apóstolo tenha transmitido muitos assuntos e se valido de inúmeras fontes, o panorama só manifestou a obra do Redentor em mais ricos detalhes.

Essa ética apostólica refletia os princípios da exposição que o próprio Salvador havia revelado. Jesus declarou proposicionalmente o enfoque redentor de toda a Escritura ao caminhar na companhia dos dois discípulos na estrada de Emaús. Ali, "começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras" (Lc 24.27; cf. Jo 5.39, 46). Jesus lhes disse que todas as Escrituras referiam-se a ele, e o que ele verbalmente declarou na estrada de Emaús, visivelmente ele demonstrou no monte da transfiguração. Quando os representantes arquetípicos da lei e dos profetas do Antigo Testamento, Moisés e Elias, apareceram na companhia de Jesus, próximo do clímax do seu ministério terreno (Mt 17), eles testificam que toda a precedente Escritura direciona a atenção dos crentes para ele. Dessa forma, o círculo da Escritura se fecha em torno de Jesus.[9] A lei e os profetas que precedem e o ministério apostólico que se segue à obra de Cristo, fazem de Jesus seu centro. Profetas, apóstolos e o Salvador, todos, testificam que a totalidade das Escrituras se concentra no Redentor. Como podemos, pois, expô-las e não falar dele? Pregação expositiva é pregação cristocêntrica.

EXPONDO A MENSAGEM REDENTORA

Concordar com o enfoque redentor da Escritura é muitas vezes mais fácil que expô-la. O modo como extraímos a verdade redentiva do texto e a incorporamos ao sermão pode derrubar tanto nossas habilidades exegéticas quanto nossa prédica.

9. John Calvin, *Institutes of the Christian Religion* 2.6.3.

O compromisso com os critérios da teologia bíblica requer uma metodologia homilética que garanta aos pregadores e ouvintes acesso às verdades redentoras que cada passagem contém. O próximo capítulo trata desta metodologia de maneira mais pormenorizada, mas é conveniente neste contexto identificar algumas vias incorretas, e indicar as direções que conduzam a uma exposição fidedigna do texto.

ABORDAGENS TÓPICAS E TEXTUAIS

O sermão tópico pode anexar criativamente a verdade redentora à mensagem uma vez que o pregador não é compelido a expor o sentido preciso de um texto específico em tal mensagens. A caracterização muito repetida de Spurgeon de que "não importava onde ele começava na Escritura, ele sempre encontrava um atalho para a cruz", exemplifica um método que abre caminho às declarações diretas no texto. Isso não quer dizer que um sermão tópico necessariamente conduza a conclusões não-bíblicas ou a conexões redentoras inadequadas. Tal abordagem se desenvolve simplesmente sem uma clara autoridade bíblica.

A mesma ausência de autoridade ocorre aos sermões textuais que incluem a verdade redentora por meio de analogia, ilustração ou acréscimo. Numa analogia ou ilustração o pregador precisa encontrar material que traga à mente algum aspecto da obra redentora de Deus, que dê entrada a um enfoque redentor. Infelizmente, a focalização redentora resulta das palavras do pregador e não da Palavra. Incluir um enfoque redentor por acrescentar material que o pregador não desenvolveu do texto imediato, requer também mudanças de posições homiléticas que não tenham um claro fundamento bíblico. Anos atrás, ouvi um famoso pregador proferir um sermão sobre o assunto da procrastinação. Em cada fase da mensagem ele nos contava por que a Bíblia nos requeria "fazer o melhor uso do tempo do Senhor". Então, a mensagem terminou com um apelo. Nenhuma referência à obra redentora de Cristo, nenhuma explanação da necessidade da expiação, nenhum ensino da Escritura sobre a necessidade da salvação procedeu ao convite para ir à frente. Na própria chamada o pregador explicou a essência do evangelho, mas essa explicação não se originou do texto diante de nós. As verdades redentoras foram simplesmente aduzidas à mensagem – não desenvolvidas a partir do texto.

ABORDAGENS EXPOSITIVAS

A pregação expositiva não facultará ao pregador acrescentar material ao texto a fim de derivar um enfoque redentor. O expositor desenvolve a mensagem

do sermão do material contido no texto. Como, então, o expositor é capaz de descobrir sempre uma focalização redentiva que permaneça ao texto?

Revelação do Texto

O texto pode fazer referência direta a Cristo ou a um aspecto da sua obra messiânica. Menção específica de Jesus ou de sua atividade salvífica pode ocorrer no relato de um Evangelho, num salmo messiânico ou explicação de uma epístola, ou expressão profética. Em tais casos, a tarefa do expositor é evidente: explicar a referência em termos da atividade redentora que ela revela. O pregador que não vê o trabalho redentor de Cristo num relato de expulsão de demônio, uma cena da crucificação, ou profecia do domínio do Salvador sobre o mal, não pode expor o texto de maneira adequada. Quando aspectos do plano ou do poder de Deus para derrotar Satanás e restaurar a integralidade espiritual, ressaltam do texto, o pregador coloca a passagem no contexto próprio simplesmente ao apresentar seu conteúdo de maneira correta. Porém, ainda que inúmeras passagens bíblicas especificamente mencionem a pessoa e a obra de Cristo, muitas outras não fazem. Que outras alternativas o expositor pode escolher para permanecer centrado em Cristo?

Tipos de Revelação

A obra redentora de Deus em Cristo pode mostrar-se evidente, também, nos tipos do Antigo Testamento. A tipologia conforme se relaciona com a pessoa e a obra de Cristo, é o estudo das correspondências entre pessoas, eventos e coisas que primeiro aparecem no Antigo Testamento pela primeira vez para preparar ou expressar de modo mais completo as verdades de salvação do Novo Testamento.[10] Debates têm-se arrastado pelos séculos sobre o que constitui um tipo autêntico e o que meramente reflete uma imaginação demasiadamente ativa de um intérprete. Pesquisa recente sobre métodos e estruturas literárias prometem auxiliar nossa compreensão da tipologia bíblica, mas onde os escritores do Novo Testamento especificamente citam como um personagem ou característicos do Antigo Testamento prefiguram a pessoa e obra de Cristo – como ocorre com Adão, Melquisedeque, a Páscoa e o templo – o pregador já pode seguramente empregar a exposição tipológica.

10. David L. Larsen, *The Anatomy of Preaching: Identifying the Issue in Preaching Today* (Grand Rapids: Baker, 1989), 166.

Os tipos permitem ao pregador abordar passagens apropriadas do Antigo Testamento mediante uma pré-compreensão biblicamente segura de suas conotações redentoras. Essas conotações podem não ser evidentes, caso os textos sejam examinados sem a informação do Novo Testamento, porém, com base nessa informação inspirada, as explicações de tais passagens permanecem incompletas se o pregador não leva em conta os objetivos últimos do texto que a própria Bíblia revela. Naturalmente, isso não significa que a cada vez que uma passagem do Antigo Testamento mostre um tipo, o pregador precisa identificá-lo como tal. No entanto, onde a tipologia se manifesta, ela pode ser uma via proveitosa para a exposição redentora, particularmente quando outras alternativas pareçam ser remotas.

Revelação do Contexto

Textos que especificamente fazem referência a Jesus ou revelam-no tipologicamente, são poucos,[11] comparando-se às milhares de passagens em que não há referência a Cristo. De que maneira o pregador se mantém cristocêntrico e expositivo ao lidar com esses textos silenciosos a respeito de Cristo? Onde nem o texto nem o tipo desvendam a obra do Salvador, o pregador deve confiar no contexto para desenvolver a focalização redentora da mensagem.

Ao identificar onde a passagem se ajusta perfeitamente à revelação do plano redentor de Deus, o pregador relaciona o texto a Cristo, cumprindo a modelar e necessária tarefa exegética de estabelecer seu contexto. Os pregadores interessados na centralidade de Cristo reconhecem que seu método exegético apresenta indispensáveis implicações para suas conclusões teológicas, se eles quiserem lidar consistentemente com a Escritura.[12] No seu contexto, cada passagem possui uma ou mais das quatro focalizações redentoras. Cada texto revela seu caráter profético quanto à obra de Cristo, preparatório para a obra de Cristo, refletivo da obra de Cristo, e/ou resultante da obra de Cristo.

Profético. Algumas passagens profetizam a obra de Deus em Cristo ao fazerem menção específica de sua vinda pessoal ou da sua obra. Salmos messiânicos e passagens da literatura profética e apocalíptica proporcionam inúmeros exem-

11. Naturalmente, o número pode variar grandemente, dependendo de como se define um tipo. Cf. a implicação da discussão de Gerard Van Groningen sobre as noções amplas e restritas do conceito messiânico em *Messianic Revelation in the Old Testament* (Grand Rapids: Baker, 1990), 19-23.
12. Walter C. Kaiser, Jr., *Toward and Exegetical Theology: Biblical Exegesis for Preaching and Teaching* (Grand Rapids: Baker, 1981), 139-40.

plos. Um sermão sobre Isaías 40 que ofereça consolo ao povo de Deus, sem que se faça referência a Cristo, omite completamente a fonte futura de conforto que a passagem identifica no seu contexto.

Outros textos mostram o que Cristo fará ou será, sem fazer qualquer referência específica a ele. Os exemplos incluem aquelas passagens relativas aos sacramentos, ao êxodo, às regras de purificação, etc., do Antigo Testamento. A natureza profética dessas passagens podem tornar-se perfeitamente compreensíveis apenas à luz do Novo Testamento, e o expositor assume uma desnecessária e inadequada cegueira se tenta tratar esses textos sem essa iluminação.

Preparatório. A intenção inspirada dos outros textos é preparar o povo de Deus para compreender aspectos da pessoa e/ou obra de Cristo. Quando Paulo escreve aos Gálatas que o propósito da lei mosaica era o de conduzir o povo de Deus a Cristo, não aprendemos tão-somente a razão por que Deus providenciou os mandamentos (3.24); devemos compreender por que um sermão que apenas exorta os crentes a não roubar fica incompleto. O oitavo mandamento, à semelhança dos demais princípios da lei, era mais que um padrão moral. Era, também, uma lente teológica que retratava a fragilidade da alma.

Os crentes do Antigo Testamento tinham de compreender sua necessidade de fé num redentor, baseados na sua própria inabilidade de guardar perfeitamente qualquer imperativo divino. Exposição da lei que falha em preservar este ponto omite a explicação que a própria Bíblia oferece dos mandamentos de Deus, e avançam em direção de um legalismo implícito.[13] Nosso povo, também, precisa entender que nem uma compreensão sofisticada de um mandamento, nem as mais vigorosas tentativas de observá-lo fará jus à graça. Uma explicação abrangente do que Deus requer não alcança o objetivo de exposição adequada caso ela falhe em dizer por que Deus estabeleceu o modelo.

Deus não só preparou o trabalho para Cristo ao incutir a percepção da necessidade no coração dos santos do Antigo Testamento, ele os preparou (e a nós) de igual modo para compreenderem como a necessidade deveria ser satisfeita. Paulo escreve acerca de Abraão: "E não somente por causa dele está isto escrito [i.e., a justiça] que lhe foi levado em conta, mas também por nossa causa, posto que a nós igualmente nos será imputado, a saber, a nós que cremos naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus nosso Senhor; o qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e ressuscitou por causa da nossa justificação" (Rm 4.23-25). A declaração do apóstolo alerta-nos de que embutida em pelo menos

13. Calvin, *Institutes*, 2.7.1-3, 9.

algumas narrativas e proclamações do Antigo Testamento, encontra-se a teologia da graça. Por causa dos leitores primitivos, bem como dos atuais, Deus preparou um Testamento que estabelece o que Cristo deveria fazer e como sua obra se aplicaria a nós. Uma exposição clara desse majestoso propósito escava os textos do Antigo Testamento para evidenciar as preparações implícitas espirituais, psicológicas ou teológicas, que nos habilitam a acatar as verdades redentoras onde nenhuma declaração explícita acerca do Redentor pudesse existir.

Refletivo. Nosso caminho até os aspectos implícitos do evangelho da graça que estão embutidos em cada passagem bíblica, não requer os expedientes tortuosos dos safáris lógicos ou teológicos na direção de remotas montanhas da alta erudição. Onde o texto não profetiza claramente nem faz preparativos para a obra do Redentor, o expositor simplesmente deve explicar como o texto reflete facetas-chave da mensagem redentora. Esta é de longe a ferramenta mais comum para a elaboração de mensagens cristocêntricas, nas quais não existe referência direta à pessoa ou obra de Jesus. O pregador que faz estas perguntas básicas não assume liberdades indevidas para com o texto: O que este texto reflete quanto:

> À natureza de Deus que estabelece o ministério de Cristo; e/ou à natureza humana que necessita do ministério de Cristo?

Sem cometer violência ao texto, essas perguntas de fato colocam cada texto bíblico dentro do contexto redentor.

Ao indagar o que o texto reflete da natureza de Deus que motiva a obra de Cristo, o expositor reúne condições de pesquisar qualquer narrativa, genealogia, mandamento, provérbio, proposição ou parábola para observar o que ele revela acerca da justiça, santidade, bondade, amor compassivo, fidelidade, providência ou livramento de Deus. Esses atributos do caráter redentor de Deus emanam dos textos que podem não fazer referências a Cristo, mas que fazem sentido no julgamento criterioso de Paulo de que "Tudo quanto outrora foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência, e pela consolação das Escrituras tenhamos esperança" (Rm 15.4). Visto que tudo quanto foi escrito é da própria revelação de Deus, cuja misericórdia dura para sempre (Sl 136) e em quem não há sombra de mudança (Tg 1.17) toda a Escritura possui algum aspecto da nossa esperança redentora. Toda a Escritura revela Deus, seja em suas palavras ou em seus feitos. As verdades redentoras tornam evidentes por esses meios que elas podem manifestar-se em germe ou em forma madura, porém a Escritura, pela sua

natureza reveladora, expõe esses pontos essenciais àqueles que dispõem de olhos para ver.

Precisamos ser cautelosos, contudo, para que a natureza teocêntrica de toda a Escritura não nos leve a fazer pouco caso das lições redentoras de que Deus pode, também, manifestar-se por meio de personalidades humanas na Bíblia.[14] O Criador revela-se por meio de contrastes às suas criaturas. Não devemos nos surpreender com a pobreza de perfeição moral e ausência de grandiosidade nos patriarcas, apóstolos e pessoas que dominam os relatos bíblicos, porque suas fraquezas revelam a profunda necessidade humana mesmo pelos mais espiritualmente privilegiados santos. Há, por certo, aspectos elogiáveis de caráter em muitas figuras bíblicas, porém a Escritura parece tomar muito cuidado em demonstrar quão profundamente se deturpou toda a raça humana para que todos reconheçam a dependência de Cristo para a salvação, santificação e vitória espiritual.[15]

Pregadores que desconhecem as falhas humanas nos personagens bíblicos por respeito à reputação dos santos no passado, ou por desejo de manter um exemplo moral perante os crentes atuais, inconscientemente desviam a atenção da única esperança de verdadeira fidelidade.[16] Ao usar esses que eram vergonhosamente humanos, e por demonstrar amor por eles, Deus, ao longo da Escritura, revela-se como Salvador dos pecadores (1Tm 1.15) e o Libertador daqueles que a si mesmos não são capazes de ajudar (Sl 40.17).[17] Inqüestionavelmente, Deus usa pessoas na Escritura como modelos positivos e negativos das ações e dos compromissos que ele requer (cf. 1Co 10.5, 6), porém, ele jamais indica que as ações humanas isoladas pudessem causar ou garantir nossa relação com ele.[18] Houvesse Deus desejado comunicar-nos que nossa aceitação depende de nossa bondade, ele teria escolhido um outro tipo de pessoa em lugar daqueles que ele mais tipicamente usa na Bíblia para revelar a base para nossa fé, mas, então, ele teria se revelado uma espécie de Deus diferente. Pregação expositiva fiel ao intento da Escritura jamais se espanta dos defeitos nos santos da Bíblia, nem alardeiam suas forças à parte do socorro divino que torna Deus o supremo vitorioso de cada passagem.[19]

14. Sidney Greidanus, "Redemptive History and Preaching", *Pro Rege* 19,2 (dezembro de 1990): 14.
15. Calvin, *Institutes*, 2.6.1.
16. Edmund Clowney, *Preaching and Biblical Theology* (1961; reeditado, Grand Rapids: Eerdmans; Phillipsburg. NJ: Presbyterian and Reformed, s.d.), 80.
17. Kenneth J. Howell, "How to Preach Christ from the Old Testament", *Presbyterian Journal*, 16 de janeiro de 1985, 8.
18. Greidanus, "Redemptive History", 14.
19. Sidney Greidanus, *Sola Scriptura: Problems and Priciples in Preaching Historical Texts* (Toron

Aspectos desta natureza redentora que Deus apresenta na Escritura por sua própria ação, ou por meio das contradições humanas, podem estar especificamente declarados no texto ou implícitos pela posição da passagem na história da redenção. No entanto, colha o pregador essas conclusões do âmbito histórico ou de suas declarações diretas, os temas redentivos devem ser ceifados, para que a pregação não semeie mero comentário moral e colha farisaísmo como fruto inevitável.[20]

Resultante. A Escritura inclui inúmeras instruções que são freqüentemente pregadas como condição para aprovação divina. Essas pregações erram não por detalharem o que Deus exige, mas por deduzirem ou declararem diretamente que o favor de Deus é resultado de nossa obediência, em lugar de proclamarem que ela mesma é uma bênção que resulta do favor que Deus conquistou para nós em Cristo.[21] O amor divino que se torna condicional à obediência do homem não passa de mero legalismo, mesmo que as ações recomendadas tenham precedente bíblico. A única obediência aprovada por Deus é a que ele mesmo santificou por meio da obra de Cristo. Por exemplo, minhas orações não ganham as bênçãos de Deus. Com seu misto de motivos humanos e reflexos de minha própria frágil sabedoria e determinação, minhas orações não poderiam jamais, pelos seus próprios méritos, suscitar a bênção santa de Deus. Oro não sobre a base das minhas boas intenções que produzo rápido em larga escala, porém, como resultante da posição da bênção que Jesus me preparou pela sua morte e ressurreição. Assim, o escritor de Hebreus ordena: "Tenho, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus... acheguemo-nos, portanto, confiadamente ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (4.14-16). As bênçãos da oração resultam do ministério de Cristo, e prometê-las sem mencioná-lo é confiar a oração cristã a uma infeliz roda da fortuna de orações ou a encantamentos insensatos.

---

to: Wedge, 1970), 145; ver comentários semelhantes do mesmo autor em *The Modern Preacher and the Ancient Text*, 305-6.

20. Howell, "How to Preach Christ", 8-9.

21. É certo que algumas passagens *parecem* apresentar o amor condicional do caráter de Deus a seus filhos. Porém, em tais casos, o intérprete quase sempre adquirirá uma perspectiva da passagem biblicamente mais consistente e espiritualmente saudável ao identificar adequadamente os sujeitos do aparente amor condicional como pessoas não-regeneradas, cuja aceitação depende inteiramente das suas obras, antes que do trabalho consumado por Cristo (Jo 15.1-8; Mt 12.31); compreender a Escritura simplesmente por estar afirmando qual é (ou será) a situação daqueles *caracterizados* por tal comportamento em lugar de estabelecer a relação de causa-efeito entre uma ação individual e o amor de Deus – declaração do feito *versus* declaração da causa (Mt 7.1-2; 18.35; Hb 10.26); ou determinar o conceito doutrinal que o escritor bíblico deseja comunicar por meio de uma situação hipotética entendida pelo escritor como impossível (uma abordagem comum, não obstante debatida de Hb 6.4-6).

Pregar assuntos de fé e prática sem firmar seu fundamento ou fruto no que Deus pode fazer, tem feito, ou fará por meio do ministério de Cristo, gera uma fé centrada no humano (antropocêntrica) sem as prerrogativas cristãs. Na verdade, a pregação cristã tem de proclamar que "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, *porque* a lei do Espírito da vida te livrou da lei do pecado e da morte" (Rm 8.1,2, ênfase acrescentada). Sua obra liberta-nos da culpa e do poder da nossa condição decaída. Agora, o que fazemos na fé, como aqueles cujos passados ele santificou, cujas resoluções fortaleceu e cujos futuros *ele assegura, precisam ser vistos como o resultado que ele tem feito e está fazendo* por nosso intermédio (Fp 1.12,13; 1Co 15.16,17, 58; 1Pe 4.10,11). Cada aspecto, cada ato e esperança da vida cristã encontram seu motivo, força e causa em Cristo, ou, então, não são de Cristo. As verdades da Escritura que não antecipam ou não culminam no ministério de Cristo precisam, ao menos, ser pregadas como uma conseqüência da sua obra, ou nós as arrancamos do contexto que as identifica como a mensagem cristã.[22]

Ao reconhecer que toda a Escritura prediz, prepara para, reflete ou resulta do ministério de Cristo, os pregadores mostram o mapa do caminho que os mantêm trilhando rumo ao centro vital da Bíblia, não importa onde viajem em suas páginas. Tal mapa do caminho faz com que esta advertência aparentemente estranha de Spurgeon a um jovem pregador, agora vibre com profunda sabedoria espiritual:

> Não sabe, jovem, que de cada cidade, e de cada vilarejo da Inglaterra, por toda parte que seja, há uma estrada para Londres? ...Assim, de cada texto da Escritura há um caminho em direção da grande metrópole, Cristo. E, meu caro irmão, seu trabalho é, quando chegar ao texto, dizer: agora, qual é o caminho para Cristo?... Jamais encontrei um texto em que não contivesse um caminho para Cristo, e se alguma vez encontrar um... prosseguirei aos trancos e barrancos, mas chegarei ao meu Mestre, pois o sermão nada pode fazer de bom a menos que haja um perfume de Cristo nele.[23]

Mediante a identificação do conteúdo redentor, do caráter, ou do contexto da passagem, pode-se agora observar o ensino de Spurgeon a fim de discernir não só o perfume de Cristo em cada texto, mas também sua impregnante presença.

22. Jones, "Preaching the Cross of Christ", 1; Adams, *Preaching with Purpose*, 152.
23. Charles Haddon Spurgeon, "Christ Precious to Believers", em *The New Park Street Pulpit*, vol.5 (Londres: Passmore and Alabaster, 1860), 140.

IDENTIFICANDO MENSAGENS NÃO-REDENTIVAS

Mensagens que não são cristocêntricas (i.e., não focalizadas de maneira redentora) tornam-se inevitavelmente humanocêntricas, mesmo que a tendência mais forte muitas vezes ocorra de maneira não-intencional entre os pregadores evangélicos. Esses pregadores não excluem de bom grado do seu próprio ministério o ministério de Cristo, porém, pregando consistentemente mensagens na disposição dos "Cinco Passos para um Casamento Melhor", "Aperfeiçoando Sua Vida de Oração", e "Conquistando Santidade pelo Poder da Determinação", apresentam a piedade como produto do empenho humano. Não obstante sua boa intenção, este enfoque sobre estimular bênção divina por meio de obras humanas transmite a mensagem: praticar essas coisas o tornará justificado perante Deus e/ou seu próximo. Nenhuma mensagem é mais danosa para a verdadeira fé. Por fazer de nossos esforços a medida e a causa da piedade, os evangélicos caem vítimas do duplo assalto do legalismo e do liberalismo que tornam nossa relação com Deus dependente da bondade humana.

Os pregadores protestam: "Mas eu estou certo de que meu povo compreende que necessita firmar seus esforços sobre a fé e o arrependimento." Por que devemos admitir que nossos ouvintes compreendam o que raramente dizemos, o que a estrutura da nossa comunicação contradiz, e o que sua própria natureza nega? Não podemos, na condição de pregadores, confessar que nos sentimos mais santos quando nossas devoções são mais demoradas, quando aparentamos bem, quando pastoreamos sabiamente, ou quando as lágrimas correm nos momentos de arrependimento? Por certo, embora nada de errado haja com qualquer desses procedimentos, negamos o fundamento de nossa própria fé quando começamos a crer ou agir como se nossas ações, pelo seu próprio mérito, conquistam o favor de Deus. Fosse isso verdade, então as instruções para "erguer-se segurando-se nos cordões das próprias botas para que Deus o ame e o abençoe ainda mais" não deveriam estar erradas. Todavia, estão *muito* erradas, e os pregadores fiéis não deveriam meramente evitar esse erro que o coração humano tão prontamente acolhe, eles têm que advertir contra ele.

OS FATAIS "SEJA"

Mensagens que golpeiam o coração da fé em vez de sustentá-lo, freqüentemente apresentam um tema identificador. Exortam os crentes a "ser" alguma coisa para que sejam abençoados. Se essa situação é declarada ou implícita, inad-

vertida ou intencional, ostensiva ou sutil, o resultado é o mesmo: uma corrosão da fé bíblica. Tal dano é normalmente infligido pelos pregadores que se empenham em ser bíblicos, mas descuidados do mal que causam por verem que seus conceitos são sustentados por uma estreita faixa da Escritura que estão interpretando. São capazes de apontar no texto os cinco passos para um casamento melhor. Podem sustentar os padrões de santidade que defendem mediante impecável exegese. O que não conseguem perceber é a erosão da esperança que causam semanalmente pela pregação de mensagens bíblicas na origem, porém biblicamente incompletas. Reconhecemos tais mensagens pelas categorias em que freqüentemente elas caem.

Mensagens para "Ser Como"

Mensagens que exortam a "ser como", que concentram a atenção dos ouvintes sobre um personagem bíblico, à medida que o pregador os exorta a serem como aquela pessoa ou como algum aspecto da sua personalidade. No que é muitas vezes chamado de pregação biográfica, os pastores induzem os congregantes a ser como... Moisés, Gideão, Davi, Daniel ou Pedro diante de alguma provação, tentação ou desafio.[24] Uma dificuldade com esse tipo de pregação é que tipicamente ela não respeita o cuidado que a Bíblia assume em deslustrar quase que cada patriarca ou santo em suas páginas, de tal modo que não esperemos encontrar, dentro de qualquer condição decaída, o modelo para a aprovação divina. Se perguntássemos a Davi a quem deveríamos imitar, poderíamos imaginar que sua resposta fosse, "a mim"? Se nem mesmo as próprias personagens bíblicas nos exortam a moldar a totalidade de nossa vida conforme às deles, como podemos nos manter fiéis à sua mensagem, ignorando a própria percepção que tinham do seu lugar no registro bíblico? Nem poderíamos ajudar significativamente a outros, incentivando-os a ser como Jesus, se não os lembramos de que os padrões de Cristo estão sempre acima deles, à parte dele.

Pregadores atuais prontamente asseguram que ao animar uma pessoa a ser como algum personagem bíblico, não estão, na verdade, estimulando o ouvinte a ser exatamente como qualquer indivíduo, mas a imitar aspectos recomendáveis de pessoas a quem a própria Bíblia enaltece. Determinadas passagens inquestionavelmente nos animam a tomar pessoas na Bíblia como exemplos (por ex., 1Co 11.1; Hb 11.39). Contudo, antes que preguemos sobre essas passagens,

24. Greidanus, *Modern Preacher and the Ancient Text*, 162, e discussão das páginas 161-81.

precisamos estar certos de ter identificado a fonte da qualidade do caráter que a Escritura elogia. Desde que a fonte de qualquer característica santa que nós advogamos seja graça, então, não só devemos fazer eco ao aviso bíblico, "Onde, pois, a jactância?" Precisamos, também, tornar claro aos nossos ouvintes que a graça não pode ser auto-estimulada, nem auto-sustentada e, desde que é de Deus, ela não oferece mérito pessoal (cf. Rm 3.27; 1Co 3.5-23). Simplesmente dizer às pessoas que imitem a piedade de outros sem lembrá-los que qualquer coisa mais que conformidade exterior precisa vir de Deus, leva-as ou a desesperar-se da transformação espiritual ou a negar sua necessidade.

Mensagens para "Ser Bom"

Os pregadores podem também pregar mensagens não-redentoras quando focalizam comportamentos e não biografias. Da mesma forma, esses pregadores não notam o mal que fazem ao dedicar um sermão inteiro para dizer às pessoas que sejam boas ou santas. Deus espera santidade. Ele a ordena. Dedica inúmeras passagens da Escritura para dizer-nos o que fazer e o que não fazer. Assim, o que provavelmente estaria errado com a exortação às pessoas para serem boas? Uma vez mais, o problema não reside no que o pregador diz, mas no que o sermão deixa de apresentar.

Quando o foco do sermão torna-se moralístico – não fume, não masque fumo, não saia com moças (ou rapazes) que assim procedem – então, os ouvintes muito provavelmente vão admitir que podem consolidar seu relacionamento com Deus mediante um comportamento adequado. Mesmo quando os procedimentos defendidos são razoáveis, bíblicos e corretos, o sermão que nunca se desloca da exposição dos padrões de obediência para a explanação da fonte, dos motivos e resultados da obediência, coloca as esperanças das pessoas em suas próprias obras. Nessa situação, cada sermão que ocorre dominicalmente, transmite a mensagem implícita: "Desde que você não foi bom o bastante para Deus na semana que se passou, ajoelhe-se e empenhe-se mais esta semana."

Pregação desse tipo parece bíblica já que a Bíblia pode ser citada com minúcias a fim de sustentar as exortações. Ao final, porém, tal pregação destrói todos os característicos cristãos. Pregadores surpreendidos num modo de ensinar puramente moralístico, acabam se exprimindo por meio de tautologia: "Seja bom porque é bom ser bom, e é ruim ser ruim. Os garotos escoteiros são bons, as meninas escoteiras são boas, e os cristãos são bons. Então, seja bom!"

Vibrando claramente através de pregação desse tipo, encontra-se a promessa implícita: "Obedeça a Deus, porque ele o amará se você assim o fizer, caso con-

trário, ele o castigará." O sermão da próxima semana pode ser um apelo evangelístico para chegar-se à cruz pela graça livremente oferecida, mas o que a graça significa nesse contexto pouco tem a ver com o ensino bíblico. Pregação evangélica que infere que somos salvos pela graça, mas apoiada por nossa obediência, não apenas solapa a obra de Deus na santificação, mas ela, em última análise, lança dúvida sobre a natureza de Deus, tornando duvidosa a própria salvação.

Mensagens que Dizem às Pessoas para "Disciplinar-se"

Parente próximo das mensagens para "ser bom", são aqueles sermões que exortam os crentes a aperfeiçoarem sua relação com Deus por meio de um emprego mais diligente dos meios de graça. Tais mensagens não estão simplesmente advogando comportamento moral, mas estão de maneira característica incentivando os crentes a exercitar essas disciplinas de modo mais regular, sincero, amplo e metódico, o que pretensamente irá elevá-los a planos mais altos da aprovação divina (ou, se deixados inacabados, colherão o desagrado divino). Esses pregadores dizem solenemente: "Ore mais, leia mais a Bíblia, freqüente a igreja mais assiduamente, ou cultive melhores momentos de comunhão com Deus." Se pressionados a explicar teologicamente essas exortações, poucos, realmente, dirão que a prática dessas disciplinas cristãs consiga imaginárias recompensas de Deus. Entretanto, poucos argumentarão com o congregante que diz: "Tive um dia terrível hoje. Isso sempre parece acontecer quando me levanto muito tarde para minha hora de devoção tranqüila."

A razão de tão poucos pregadores objetarem a uma declaração dessas é que muitos de nós vivem como se nossos procedimentos nos tornassem aceitáveis a Deus. Pelo fato de nossa identidade estar tão ligada às observâncias de nossas próprias práticas religiosas, sentimo-nos indignos se negligenciamos as orações diárias, ou se damos pouca atenção à memorização bíblica. Algo dentro de nós também aceita como certo que o dia provavelmente teria sido melhor se tivéssemos sido mais diligentes. Há, naturalmente, conseqüências reais da falta de fé. Descaso na preparação do sermão tende a resultar em sermões mais pobres, e negligência metódica da oração tende a resultar num perceptível distanciamento da mão de Deus. A deformação de nossa fé e pregação ocorre, contudo, ao crermos que nossas observâncias das normas afastam a ira de Deus, ou garantem seu favor. Nesse caso, o problema não é a disciplina bíblica que praticamos, mas o tipo de Deus que nós discernimos. Ele se torna no bicho-papão do céu que precisa da satisfação diária do nosso labor para dispensar seu favor ou coibir seu desagrado.

Poucos pregadores intencionalmente retratam este quadro de um Deus tão prontamente irritado, porém, quando apresentam as disciplinas cristãs isoladas da graça que motiva, santifica, e protege, tal retrato necessariamente emerge. Se a devoção às nossas disciplinas determina nossa condição ou nossos privilégios para com Deus, então a graça perde o seu sentido. E, desde que nenhum grau de diligência humana é capaz de compensar nosso Senhor por tudo o que nós verdadeiramente lhe devemos, mera insistência sobre as disciplinas apenas torna aquelas mais honestas quanto aos seus méritos menos seguras de sua condição. Recompensas imaginárias valem muito pouco numa economia em que santidade absoluta permanece a única moeda corrente aceitável.

A PARTE ESSENCIAL

As mensagens para "ser", repletas apenas de instrução moral, sugerem que somos capazes de mudar nossa condição decaída pelos nossos próprios esforços. Tais sermões comunicam (embora habitualmente de modo não-intencional) que nós iluminamos a vereda da graça e que nossas obras tornam-se merecedoras e/ou consolidam nossa aceitação por Deus. Ainda que bem-intencionados, esses sermões apresentam uma fé que não se distingue das dos moralmente conscienciosos unitarianos, budistas ou hindus. Rompre Room cumpre um legítimo objetivo social em ensinar às crianças a diferença entre um "Seja" e um "Não seja" mas a Bíblia tem lições mais importantes para ensinar.

A verdade bíblica fundamental que diferencia o evangelho de uma lição sobre moralidade é a asserção de que nossas obras permanecem sempre contaminadas pela nossa humanidade. Por si mesmas nossas ações jamais são capazes de obter a bênção de Deus ou apossar-se do seu favor (Is 64.6; Lc 10.17). Embora haja abençoados resultados em observar os divinos mandamentos destinados ao nosso bem, mera conformidade aos mandamentos bíblicos não nos oferece méritos celestiais.[25] Se tivéssemos de merecer graça antes, ou depois, nossa salvação não seria graça que ganhamos.

Há muitas mensagens para "ser" nas Escrituras, mas elas residem sempre num contexto redentor. Desde que nada podemos ser que Deus aprovasse à parte do seu poder santificador, a fonte de graça tem que permear toda exortação para um comportamento bíblico. Mensagens para "ser" não são erradas em si mesmas; são erradas por si mesmas. As pessoas não são aptas a fazer ou ser o que

25. Adams, *Preaching with Purpose*, 146.

Deus exige, sem a obra de Cristo nelas, por elas, e por meio delas. Apenas recriminar o erro e martelar a devoção podem convencer os outros de sua impropriedade ou torná-los auto-suficientes, mas essas mensagens também conservam remota a verdadeira piedade. Assim, instrução no procedimento bíblico sem a verdade redentora, somente causa ferimentos, e ainda que seja oferecida como um antídoto do pecado, tal pregação ou promove farisaísmo ou leva ao desespero. Os pregadores cristocêntricos não aceitam nenhuma dessas alternativas. Entendem que se eles ferem, são obrigados a curar. Os padrões santos que penetram o coração sempre que as pessoas reconhecem a profundidade de suas obrigações divinas, tornam-se lenitivo para a alma, quando pregamos seu cumprimento em Cristo e sua capacitação por seu Espírito.

A pregação cristocêntrica não falha ao apresentar os imperativos morais que o seu senhorio requer, e nem lhe nega a posição de honra em tudo o que sua Palavra afirma, ou com tudo o que suas criaturas fazem.[26] Desafios à santidade precisam ser acompanhados por um enfoque em Cristo; caso contrário, promoverão apenas centralidade humana religião condenada ao fracasso. Quando exortamos as congregações a permanecerem firmes em Deus contra os assaltos de Satanás, não devemos esquecer-nos jamais do equilibrado imperativo paulino: "Quanto ao mais, irmãos, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder" (Ef 6.10). Em meio a sua mais altissonante mensagem para "ser", o apóstolo manteve o enfoque em Cristo. Não é menor a tarefa do pregador atual.

Pregação expositiva fiel mostra cada texto no contexto de sua importância redentora. O sucesso desse empenho pode ser avaliado pela pergunta essencial que todo pregador faz ao término de cada sermão: Quando meus ouvintes saírem deste santuário para cumprirem a vontade de Deus, com quem eles caminharão? Se marcharem para combater o mundo, a carne e o maligno com o eu somente, então cada qual marcha rumo ao desespero. Contudo, se o sermão guiou as pessoas para dentro do alcance da visão do Salvador, e agora elas caminham no seu mundo firmemente seguras de seu auxílio, então a esperança e a vitória clareiam o horizonte. Se as pessoas partem sozinhas, ou nas mãos do Salvador, isso fará a diferença entre futilidade e fé, legalismo e verdadeira obediência, o modismo do "ser bom" e a verdadeira bondade.

26. James A De Jong oferece uma excelente discussão desta equilibrada abordagem em "Principled Paraenesis: Reading and Preaching the Ethical Material of New Testament Letters", *Pro Rege* 10,4 (junho de 1982): 26-34.

PERGUNTAS PARA REVISÃO E DISCUSSÃO

1. De que maneira a clara identificação de um FCD prepara o pregador para elaborar uma mensagem redentora?

2. Como pode uma mensagem advogar procedimento bíblico e, ainda assim, permanecer não totalmente cristã?

3. De que modo a teologia bíblica age como lentes que revelam o panorama mais amplo em que um texto está inserido?

4. Quais são os quatro possíveis enfoques que caracterizam os textos bíblicos?

5. O método mais comum de identificar uma mensagem redentora num texto que não faz menção específica a Cristo, exige que o pregador faça perguntas: O que este texto reflete da natureza de Deus que _____; ou da natureza humana que _____?

6. Quais são os fatais "seja"? Explique por que não são errados *em* si mesmos, mas se tornam perigosos *por* si mesmos?

EXERCÍCIOS

1. Explique de que modo você pode apresentar mensagens redentoras em três das passagens seguintes:

Juízes 7	Esdras 2
Provérbios 5	Colossenses 3.18-4:1
Tiago 2.14-26	

2. Discuta como a confiança redentora de toda a Escritura pode afetar o modo de você instruir os ouvintes acerca de assuntos da obediência cristã.